

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE ESTUDOS DA TRADUÇÃO

ZSUZSANNA SPIRY

Escola de Tradutores, de Paulo Rónai, marco zero na história dos
Estudos da Tradução no Brasil - a genética de uma trajetória

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo
2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE ESTUDOS DA TRADUÇÃO

ZSUZSANNA SPIRY

Escola de Tradutores, de Paulo Rónai, marco zero na história dos
Estudos da Tradução no Brasil – a genética de uma trajetória

VERSÃO CORRIGIDA

Tese apresentada ao Programa de Estudos da
Tradução do Departamento de Letras Modernas
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo, para a
obtenção de título de doutora em Estudos da
Tradução.

Orientador: Prof. Dr. John Milton

São Paulo
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S386e Spiry, Zsuzsanna
Escola de Tradutores, de Paulo Rónai, marco zero
na história dos Estudos da Tradução no Brasil - a
genética de uma trajetória / Zsuzsanna Spiry ;
orientador John Milton. - São Paulo, 2016.
187 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Letras Modernas. Área de
concentração: Estudos da Tradução.

1. Paulo Rónai. 2. Estudos da Tradução. 3.
Historiografia da Tradução. I. Milton, John, orient.
II. Título.

SPIRY, Z. *Escola de Tradutores*, de Paulo Rónai, marco zero na história dos Estudos da Tradução no Brasil – a genética de uma trajetória.

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Estudos da Tradução.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof(a). Dr(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

*A Arthur McDermott, in memoriam,
cuja amizade generosa tornou
esta tese possível.¹*

¹ Ver nota de pé de página, Anexo III.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. John Milton, pela orientação e apoio aos meus voos individuais.

À Profa. Dra. Lenita Maria Rimoli Esteves, a primeira incentivadora do projeto Paulo Rónai, ainda no mestrado, e pela participação como membro da Banca de Defesa.

Ao Prof. Dr. João Azenha, pelas sugestões decorrentes do Exame de Qualificação e como membro da Banca de Defesa.

Ao Nelson Ascher, pela participação como membro da Banca de Defesa e pela generosidade com que compartilhou comigo seu vasto saber, desde o início.

À Profa. Dra. Cecília Salles por sua participação como membro da Banca de Defesa e pela orientação através de seus livros.

Ao Prof. Dr. José Pedro Antunes por sua participação na Banca de Qualificação e pelas trocas de ideias.

À Elisabete Ribas, por sua atuação tão efetiva no projeto do acervo Paulo Rónai e por ter me apresentado à Crítica Genética.

Ao Prof. Dr. Antonio Dimas, pelo apoio ao projeto do acervo Paulo Rónai.

À Profa. Dra. Maria Paula Frota por seu interesse e troca de ideias.

Às várias bibliotecárias que tanto me apoiaram ao longo das pesquisas, principalmente à equipe da Biblioteca Florestan Fernandes e à da Biblioteca Nacional OSZK, na Hungria.

Ao Dr. Drótos László, bibliotecário eletrônico do MEK (Hungria), que há anos apoia minhas pesquisas na Hungria. Não existe pesquisa difícil que ele não consiga resolver.

À Profa. Dra. Józsan Ildikó, especialista em historiografia da tradução húngara, que, mesmo à distância, discutiu comigo idéias centrais da “*escola húngara*”.

Devo agradecimento especial a algumas pessoas da Hungria que, pessoalmente ou por email, me apoiaram de diversas maneiras: Prof. Dr. Szegedy-Maszák, Prof. Dr. Kabdebo Loránt, um entusiasta, Prof. Dr. Pál Ferenc (ELTE) que me acolheu e apoiou durante o estágio no ELTE, Profa. Vásári Melinda que me acolheu em seus cursos no ELTE, Emőd Teréz, do PIM (Museu de Literatura Petőfi), que me ciceroneou pelos sítios dos *Meninos da Rua Paulo*, em Budapeste.

À família Rónai, Nora e as filhas Laura e Cora. Não teve apoio que estivesse ao seu alcance que não me oferecessem.

Às amigas do mestrado e do doutorado que de muitas maneiras tornaram a vida acadêmica mais divertida.

À Cristiane Negreiros Abbud Ayoub pelo apoio na revisão e comentários.

Ao Banco Santander, pela bolsa de mobilidade estudantil que me permitiu um estágio de três meses em Budapeste, em um momento crucial da pesquisa.

E um agradecimento especial à minha doce netinha e a toda família. À minha tia na Hungria cujo acolhimento foi o de uma verdadeira mãe.

RESUMO

SPIRY, Z. *Escola de Tradutores, de Paulo Rónai, marco zero na história dos Estudos da Tradução no Brasil – a genética de uma trajetória*. 2016. 187 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Considerado por muitos como o marco zero, o pioneiro entre os livros de Estudos da Tradução publicados no Brasil, a obra *Escola de Tradutores*, de Paulo Rónai, foi lançada em 1952 em 1ª edição, numa série especial do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde chamada *Os Cadernos de Cultura*. Até 1989, última edição em vida do autor, o livro teve mais cinco edições. Ao longo desse período e dessas edições, contudo, a obra foi passando por diversas revisões e ampliações. O que nasceu com sete capítulos, na 6ª edição havia se transformado em 21 capítulos mais um Apêndice e um Índice Remissivo. Suas 50 páginas iniciais transformaram-se em 172, evidenciando que a obra havia experimentado um processo de crescimento ao longo dos anos. Também a disciplina Estudos da Tradução se desenvolveu no Brasil, muitas obras foram lançadas a partir dos anos 1990. Contudo, até o presente momento, ninguém havia se debruçado sobre o marco zero da disciplina para avaliar as condições e as características de seu surgimento e evolução. O presente estudo tem por objetivo preencher esse lapso. Tomando emprestados conceitos de disciplinas afins como Historiografia da Tradução, Literatura Comparada e Crítica Genética, desenvolveu-se um modelo de avaliação e análise para determinar e caracterizar a trajetória pela qual a obra passou ao longo de seu processo de criação, depois de delineado o momento histórico em que ela havia sido concebida. A metodologia adotada permitiu localizar a motivação que Paulo Rónai teve para iniciar a escrever a série de artigos que depois viriam se transformar em livro. A partir daí elaborou-se a gênese do *Escola de Tradutores*. Uma vez estudada a evolução física da obra, passou-se à verificação e análise da evolução de seu conteúdo, buscando, principalmente, detectar e caracterizar as modificações realizadas pelo autor. À análise de cada modificação individual, segue uma análise do conjunto. Sua resultante é a tipificação da reflexão crítico-teórica de Paulo Rónai e a constatação de que o trabalho desenvolvido pelo autor do *Escola de Tradutores*, além de torná-lo precursor da própria disciplina dos Estudos da Tradução no Brasil, contribuiu para a formação de tradutores.

Palavras chave: *Escola de Tradutores*, Paulo Rónai, Estudos da Tradução, Historiografia da Tradução, Crítica Genética, Literatura Comparada

ABSTRACT

SPIRY, Z. *Escola de Tradutores, by Paulo Rónai, the starting point of Translation Studies' history in Brazil: the genetics of a trajectory*. 2016. 187 p. Thesis (Doctor in Translation Studies) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Considered by many as the starting point, the pioneering work in Translation Studies in Brazil, *Escola de Tradutores* by Paulo Rónai was first published in 1952 in a special series called *Os Cadernos de Tradução* by Serviço de Documentação of the Ministry of Education and Health. Until 1989, when the last edition was issued by the author, five more editions were published. Throughout them, the book went through various revisions and enlargements. By the 6th edition, the initial seven chapters had become 21 plus one Appendix, and an index had been included. The book's initial 50 pages had become 172, making it evident that a process of growth had taken place over the period. Translation Studies as a discipline has also experienced a development process in Brazil. Since the 1990s a large number of dissertations, theses and books in the area have been published in the country, but none has examined the evolution of *Escola de Tradutores* and the conditions under which it came into being. This thesis intends to fulfill this gap. Borrowing a number of concepts from allied disciplines such as Translation Historiography, Comparative Literature, and Genetic Criticism, an evaluation and assessment model has been developed in order to determine and describe the trajectory of the book's creative process. The methodology adopted allowed us to pinpoint Paulo Rónai's *leitmotiv* to create a series of articles that later would become the book and from that point onward trace the genesis of *Escola de Tradutores*. After examining the evolution of the book's physical form, a content analysis was performed in order to determine the characteristics of the modifications implemented by the author: each individual event was therefore analyzed and then the general results. This methodology allowed the understanding of the theoretical profile of Paulo Rónai to take place, the role performed by his strong European culture, how his thinking forerun the development of Translation Studies itself, and Rónai's contribution to train Brazilian translators.

Key words: Paulo Rónai, Translation Studies, Translation Historiography, Genetic Criticism, Comparative Literature

“As primeiras reflexões sobre o ofício de traduzir em nosso país foram feitas por um húngaro muito brasileiro, Paulo Rónai em Escola de Tradutores, fruto de seus estudos e experiência como tradutor.”

(Lia Wyler)

“... após o pioneiro Escola de Tradutores, de Paulo Rónai.”

(José Paulo Paes)

“Entretanto, para melhor caracterizar o campo de investigação, é delineado o seu contexto histórico, o qual tem como marco inicial a publicação, em 1952, do pioneiro Escola de tradutores de Paulo Rónai.”

(Maria Paula Frota)

“It was the pioneer work of Paulo Rónai (1907-92) that had a major impact on the study of translation in Brazil. Escola de Tradutores (School of Translators) was published in 1952. [...] At times when translation studies was still trying to find its feet, Rónai adopted a practical outlook, derived from his experience as a translator, but never ceased considering translation as an art.”

(Heloisa Gonçalves Barbosa & Lia Wyler)

“Além disso, escreveu e publicou o primeiro livro no Brasil dedicado inteiramente à tradução, Escola de Tradutores de 1952.”

(Carolina Paganine)

SUMÁRIO

	Lista de abreviaturas	11
	Lista de tabelas e gráfico	11
1.	Introdução	12
2.	<u>Notas sobre metodologia:</u>	20
	(1) historiografia	20
	(2) paratextual	23
	(3) crítica genética	24
	(4) literatura comparada	29
	(4.1) – literatura comparada no Brasil	33
	(4.2) – Paulo Rónai comparatista	37
	<u>Notas sobre contextualização:</u> (5) aspectos históricos	40
3.	Background: breve perfil biográfico – alguns aspectos relevantes	48
4.	Gênese do <i>Escola de Tradutores (EscTrad)</i> – a genética de uma trajetória Análise do mapeamento dos Capítulos x Edições	57
	4.1 - Mapeamento dos Capítulos x Edições – (tabela I)	57
	4.2 - Trajetória das Modificações dos Capítulos entre Edições – (tabela II)	63
	4.3 - Resumo das Alterações – (tabela III)	95
	4.4 - Observações e Comentários Conclusivos	97
5.	<i>Modus operandi</i>	108
6.	Recepção da obra de Paulo Rónai e influência irradiada	116
	6.a) medida através de jornais – no início na HU e no BR	117
	6.b) medida através de outros meios – atual	128
	6.b.1 – pesquisa direta	128
	6.b.1-A – teses com a temática Paulo Rónai	130
	6.b.1-B – influência irradiada na academia (banco de dados de teses)	131
	6.b.2 – influência irradiada, pesquisada por outros meios	136
7.	Conclusão	139
8.	Bibliografia	142
Anexos		149

LISTA DE ABREVIATURAS

art.	artigo
CadCult	<i>Os Cadernos de Cultura</i>
cap.	capítulo
CrtGen	Crítica Genética
ed.	edição
<i>EscTrad</i>	<i>Escola de Tradutores</i>
INL	Instituto Nacional do Livro
ServDoc	Serviço de Documentação
TradViv	<i>A Tradução Vivida</i>

LISTA DE TABELAS E GRÁFICO

Gráfico 1	Publicações por ano	15
Tabela I	Mapeamento dos Capítulos x Edições	59
Tabela II	Trajetória e Análise das Modificações entre Edições	63
Tabela III	Resumo das Alterações, por Capítulo	95

1. INTRODUÇÃO

Considerando que representa o marco zero das publicações teóricas na área de Estudos da Tradução no Brasil, o livro *Escola de Tradutores (EscTrad)* de Paulo Rónai, lançado em primeira edição (1ª ed.) em 1952, é o objeto de estudo desta tese, que visa determinar as condições em que tal lançamento ocorreu e as modificações que sofreu até alcançar seu formato definitivo em 1989 – sua 6ª ed. Com o intuito de caracterizar nosso objeto de estudo, faz-se necessário delinear o momento histórico em que a obra foi concebida, já que, como toda pesquisa pioneira, esta também acarreta certo grau de ineditismo.

Detalhes paralelos, aparentemente frugais, ou anedóticos, mesmo que pequenos, podem mudar os rumos e iluminar uma pesquisa. Foi o efeito que provocou um trecho da tese de Bernardina Oliveira (2009). Relata a autora sobre um incidente entre Clarice Lispector e o diretor do Serviço de Documentação (ServDoc), José Simeão Leal, que publicava *Os Cadernos de Cultura* (CadCult) onde o *EscTrad* foi editado pela primeira vez. Ao pedido de devolução dos originais que Clarice achava que estavam demorando demais para serem publicados², responde Simeão Leal com uma sugestão: os contos deveriam ser primeiro publicados em jornais e revistas, dispondo-se ele mesmo a tomar as providências necessárias para tal fim. Inconformada com a posição do editor, Clarice desabafa com o amigo Rubem Braga, que lhe responde, em carta datada de 7 de dezembro de 1956:

Quanto aos contos entregues ao Simeão, esperarei ele voltar da Índia e falarei com ele. Inclusive penso que seria interessante publicar os contos primeiro em suplementos e revistas, depois editar em livro, é mais normal. (B. OLIVEIRA, 2009, p.145)

“É mais normal!” Três palavrinhas casuais, mas que, juntamente com as instruções do editor, contextualizam e explicam o *modus operandi* do sistema literário daquele período e abrem uma nova janela de possibilidades para esta pesquisa, ajustando o zoom do seu foco.

Jorge Wanderley aponta como justificativa para a não inclusão, em sua tese, de um capítulo específico para Sérgio Milliet, entre outros, o fato de Milliet não ter “enfeixado em

² Segundo Bernardina Oliveira, os contos objetos deste caso viriam a se transformar em um dos livros mais famosos de Clarice Lispector, *Laços de Família*.

livro suas traduções de poesia” (WANDERLEY, 1988, p.3). Portanto, o que em 1956 é expresso com palavras casuais – “É mais normal!” –, em 1988, dentro de uma estrutura acadêmica formal, figura como procedimento padrão para a época. Esta parece ser uma das funcionalidades da historiografia e configura a diferença entre encarar uma situação pioneira ou um caminho já trilhado por outros pesquisadores.

O *modus operandi* do mercado editorial, na época em que o *EscTrad* foi lançado, além de explicar a motivação para se enfeixar em livro um conjunto de textos anteriormente já lidos e discutidos no formato de artigo de jornal, também responde a questionamentos basilares que nortearam a pesquisa que deu origem a este trabalho, qual seja: por que *EscTrad*, composto de artigos previamente publicados em jornais, depois de assumir o formato de livro, criou uma identidade própria, que os seus componentes isoladamente não detinham? Mesmo que sua aparência, na 1ª ed., só vagamente lembrasse a de um livro. Seguindo as normas editoriais dos CadCult, o formato do *EscTrad* é de um *booklet* de 50 páginas. Esgotado depois de duas semanas de seu lançamento, na 2ª ed., quatro anos mais tarde, seria aumentado para 94 páginas, chegando a 172 páginas na 6ª ed., a definitiva, três anos antes do falecimento do autor. Não é uma característica comum um livro levar seis edições e 37 anos para assumir seu formato definitivo.

Às vezes os detalhes também chamam atenção pela ausência. No capítulo sobre tradução no Brasil, diferente da maioria de outros países que constam da *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, em um artigo que ocupa sete páginas e detalha desde a questão das línguas indígenas quando da colonização do Brasil até as modernas instituições como ANPOLL, ABRATES e ABRAPT, Barbosa e Wyler (2001, p.326-333) publicam a biografia de um único tradutor brasileiro – Paulo Rónai. Mas o que chama atenção, principalmente, é a total ausência de informações sobre a formação e a vida profissional de Rónai antes do mesmo chegar ao Brasil. Como se aqueles 34 anos de vida não tivessem existido, como se sua titulação acadêmica e seu background profissional não tivessem nenhuma influência sobre sua futura performance no Brasil. Eis como se inicia a *Biography*:

RÓNAI, Paulo (1907-92). Paulo Rónai was born in Budapest, Hungary, on 13 April 1907.

In 1941, he emigrated to Brazil. His host country awarded him citizenship in recognition of his contribution to Brazilian literature. He was Head of French Literature at... (BARBOSA & WYLER, p.332-3) ³

³ **Biografia: RÓNAI, Paulo** (1907-92). Paulo Rónai nasceu em Budapeste, Hungria, em 13 de abril de 1907. Em 1941 ele emigrou para o Brasil. O país que o acolheu lhe deu a cidadania em reconhecimento à sua contribuição para a literatura brasileira. Ele foi catedrático de Literatura Francesa... [minha tradução].

Porém, como se verá neste estudo, o *momentum*⁴ e a ambientação em que esses 34 anos da vida aconteceram foram, em grande monta, responsáveis pela obra que Paulo Rónai viria a construir posteriormente no Brasil, um *continuum*⁵ daquela fase húngara e caracterizado por ela.

Quando se examinam documentos que lidam com historiografia da tradução, como por exemplo, o estudo de Maria Paula Frota sobre os Grupos de Trabalho de Tradução da ANPOLL (FROTA, 2006), na relação bibliográfica que ela apresenta, observa-se que depois que o *EscTrad* de Rónai foi lançado no Rio de Janeiro, capital da República, em 1952, e o livro de Brenno Silveira⁶ dois anos mais tarde, em São Paulo⁷, levou vinte anos para que alguma outra obra na área de tradução viesse a público: o livro de Onédia Barboza, lançado em 1974, em que a autora inventaria e analisa as traduções de Byron no Brasil⁸ e em seguida, em 1976, o lançamento de *A Tradução Vivida (TradViv)*, também de Paulo Rónai. Sem desmerecer o livro de Brenno Silveira – fruto de suas observações e convívio com um grupo de tradutores da editora para a qual trabalhava em São Paulo, contendo coletâneas de “falsos amigos”, expressões e frases feitas, inclusive do “Oeste dos Estados Unidos”, portanto voltado para o inglês americano, uma língua que na época ainda não era muito representativa, parece que a obra de Brenno Silveira se assemelha mais a um guia prático de tradução –, pode-se deduzir, pois, que entre o lançamento do *EscTrad*, considerado como o primeiro livro de teoria de tradução lançado no Brasil, e o próximo lançamento de autor nacional voltado exclusivamente para teoria da tradução, segundo a lista de Maria Paula Frota (ver Anexo I) existe um *gap*⁹ de mais de 20 anos, como ilustrado no gráfico a seguir. Nesse período praticamente o único livro sobre teoria de tradução disponível no mercado brasileiro era o *Escola de Tradutores* de Rónai.

O gráfico a seguir considera os diferentes formatos de publicação – livros, revista, etc. – em uma série única, conforme listados por Frota (Anexo I), apenas com o objetivo de demonstrar quando as coisas efetivamente aconteceram. Cada ponto do gráfico representa a

⁴ *Momentum* entendido como as condições e características que envolvem uma situação. Na frase, refere-se às condições históricas e espaciais em que Paulo Rónai nasceu, cresceu e foi educado, isto é, Hungria, 1º quarto do séc.XX, de origem judia, duas guerras mundiais, Tratado de Trianon, e assim por diante.

⁵ *Continuum* entendido como a passagem de uma situação à outra, sem sofrer nenhuma modificação abrupta.

⁶ (SILVEIRA, 2004) O copyright é de 1954. A 2ª ed., entretanto, veio a público somente 50 anos depois da 1ª ed.

⁷ Segundo a obra *Memória do Livro no Brasil*, ed. Ática (PAIXÃO, 1998, p.80), naquela época, cerca de 70% da produção editorial era realizada no Rio de Janeiro, apesar do parque gráfico de São Paulo representar metade do que se produzia no Brasil. Ou seja, fazia diferença onde um intelectual atuava. (Ver item 2.5 e o artigo *O Estado de São Paulo*, 15/09/1945 – “Um Curso Sobre Balzac”, de Edgard Cavalheiro, item 6.a)

⁸ A obra de Onédia Barboza (tese defendida em 1969 em Literatura Comparada, na USP e lançada em livro em 1974 quando ela já era professora de Literatura Comparada também na USP) veio a público em um período ainda não definitivo para os Estudos da Tradução. Sua tese foi defendida no Departamento de Letras e orientada por Antonio Cândido, que no prefácio da obra destaca a atividade acadêmica da autora, orientadora de várias outras teses voltadas para Literatura.

⁹ *Gap* – termo utilizado em análise de tendência para designar uma descontinuidade em uma curva qualquer.

soma dos itens publicados no respectivo ano. As novas edições do *EscTrad* não são consideradas na somatória. Pontos em vermelho indicam o valor zero, isto é, quando não houve nenhum lançamento na área de Estudos da Tradução.

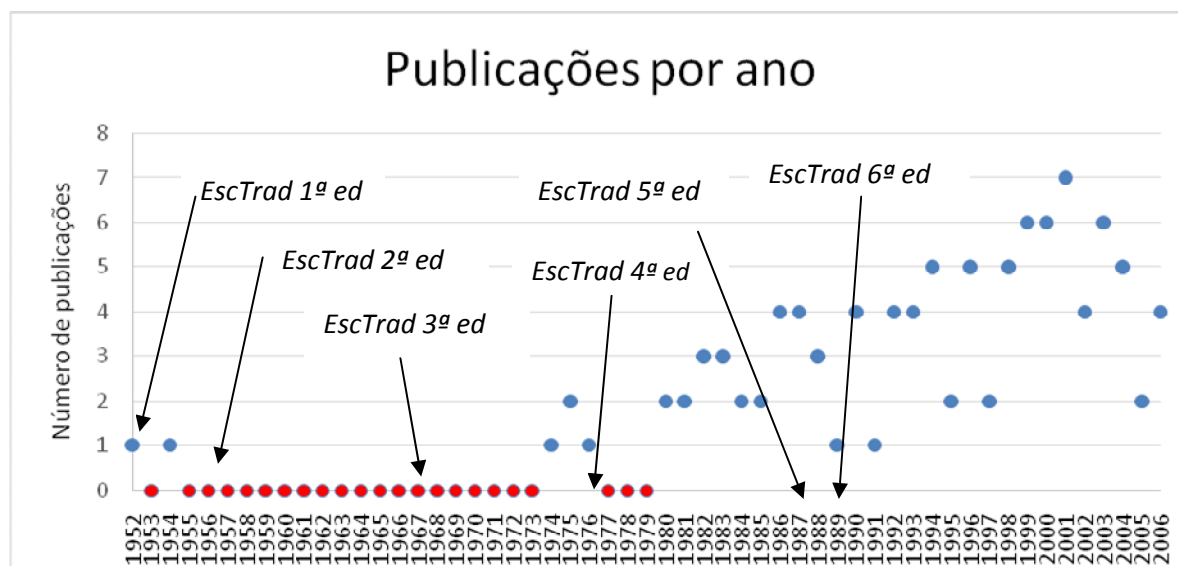


Gráfico 1 - Em publicações por ano, são considerados: livros, coletâneas, revistas e números temáticos de revistas, cada item recebendo um ponto. Para a relação completa, ver Anexo I.

A imagem deixa claro que as publicações na área de Estudos da Tradução, depois do *EscTrad*, começaram a acontecer de modo expressivo a partir dos anos 1980. E vinte e três anos também separam a 1ª ed. do *EscTrad* do I Encontro Nacional de Tradutores, organizado pelo Departamento de Letras e Artes da PUC/RJ em conjunto com a ABRATES fundada por Paulo Rónai, um evento que superou todas as expectativas imagináveis de público para a época. Em um artigo de página inteira que leva a assinatura da então jornalista Ana Maria Machado (ver Anexo II), o espanto pela afluência incomum de público interessado é notório. Ela descreve com detalhes os inúmeros painéis e debates e palestras que aconteceram ao longo de três dias e no final do artigo faz menção à participação de Paulo Rónai:

Em torno de problemas desse tipo¹⁰, debateram durante três dias estudantes, professores, tradutores, editores, representantes de órgãos de classe. Houve uma rica troca de experiências, com oportunidade de contato com gente como Paulo Rónai, que deixou um encantamento com sua pessoa como ser humano e, de quebra, um pequeno conselho prático: que os jovens não se limitem às línguas de maior divulgação mundial, pois há atualmente no mercado de trabalho uma procura muito grande e uma oferta muito pequena de quem seja capaz de traduzir idiomas como o alemão e o russo. (MACHADO, 1975)

¹⁰ Maior profissionalismo, regulamentação da profissão, e assim por diante.

Inicialmente abriram-se 150 vagas para o congresso, mas a grande afluência de inscritos – 300, segundo o artigo, também vindos de outros Estados – prova que já havia grande interesse por parte da comunidade não só de tradutores como também de atividades afins. E, de alguma forma, esclarece a razão de haver público suficiente para o ciclo de palestras sobre tradução que Rónai dera no ano anterior, a convite da Aliança Francesa, nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, palestras estas que no ano seguinte foram enfileiradas em seu livro *A Tradução Vivida (TradViv)*. O tipo de destaque que a jornalista dá à presença de Rónai no evento permite perceber o calibre da fama que ele tinha no mercado de tradução, na época.

Ainda sobre o I Encontro, Ana Maria Machado assinala mais um detalhe que, pode-se dizer, dá o tom do mercado de trabalho da classe dedicada à tradução. Ela destaca a frase inicial da escritora e tradutora Marina Colasanti, quando esta começa a sua intervenção:

O aspecto desta sala tão cheia de gente não deixa de ser surpreendente. Por que todos nós nos sentimos chamados a conversar sobre tradução? Não é uma profissão que atraia por suas recompensas financeiras. Não dá brilho, status, posição cultural. Eu acho que estamos aqui por outro motivo: é que sentimos o encantamento milenar da magia da palavra. (MACHADO, 1975)

Sabemos que Ana Maria Machado viria a se tornar uma grande autora de livros infantis, com um espírito interessado em ver e retratar a magia do mundo. Parece coerente, pois, que ela tenha destacado a fala da palestrante muito mais pelo “encantamento milenar da magia das palavras” do que pelo triste e hostil, mas verdadeiro retrato do mercado de tradução brasileiro da época. Melhor dizendo, até a época, pois aquele estado de coisas já vinha de há muito.

Como evidencia o levantamento historiográfico de Maria Paula Frota, claramente visível no gráfico acima, o início da maturação do mundo acadêmico em Estudos da Tradução vai ocorrer cerca de uma década depois do I Encontro de Tradutores, quando o número de publicações na área da tradução vai começar de fato a criar volume, em torno de meados dos anos 90¹¹. Também é nesta época que José Paulo Paes (1990) lança seu livro *Tradução: a Ponte Necessária*, saudado por Wyler como pioneiro na área de historiografia da tradução. (WYLER, 2003, p.25). Frota, assim como outros autores, aponta para as modificações e o fortalecimento que ocorrem no ambiente acadêmico na época da criação dos Grupos de Trabalho (GT) em Tradução da ANPOLL (1986).

¹¹ Além do estudo de Maria Paula Frota, existem diversos outros que tratam da mesma temática, cada um com um determinado enfoque. Por exemplo, no Dossiê 10 anos do *Cadernos de Tradução* da UFSC que saiu junto com o nº 19 (2007) do *Cadernos*, além de Frota, Márcia Amaral Peixoto Martins publica “A institucionalização da tradução no Brasil: o caso da PUC-Rio” (p.171-192) em que ela descreve a evolução dos cursos de tradução da PUC-Rio e também faz comentários relativos a outras instituições; Paulo Henriques Britto publica um artigo sobre “As condições de trabalho do tradutor” (p.193-204) enfatizando que os “Estudos da Tradução experimentaram um forte crescimento na academia” e conta como, por acaso, acabou se tornando membro fundador da ABRATES, aos 22 anos de idade; e Maurício Mendonça Cardozo (p. 205-234) em “Espaço versus prática da crítica de tradução literária no Brasil” aborda questões éticas e teóricas da tradução.

A construção de qualquer história implica, como sabemos, na consideração das circunstâncias em que surge o seu objeto. No caso do GT de Tradução, sem dúvida o seu surgimento vincula-se aos movimentos mais amplos que se deram no campo disciplinar dos Estudos da Tradução, tanto em âmbito nacional quanto internacional. (FROTA, 2006)

Ou seja, cerca de uma década após a criação da ABRATES (1974) e do período em que começaram a vicejar os cursos de tradução pelo país afora, também as publicações na área dos Estudos da Tradução começaram a surgir nas academias brasileiras conforme retratado no gráfico acima, sua consequência e prova natural. Neste sentido, Maria Paula Frota ainda faz mais uma observação relevante para a nossa análise:

Procurarei fazer essa contextualização de modo a trazer situações e eventos relevantes que tiveram lugar no universo brasileiro da tradução, enfocando prioritariamente o seu viés acadêmico, dada a vocação da ANPOLL, mas sem deixar de incluir, sempre que me for possível, o seu viés mais propriamente concernente ao mercado profissional, mesmo porque os trabalhos acadêmicos, ao refletirem sobre a atividade tradutória e a formação de tradutores, devem considerar os aspectos relacionados à atuação destes, os fatores determinantes de seu trabalho e sua recepção. (FROTA, 2006)

Frota deixa claro que existe, ou existia na época, uma linha divisória entre o universo acadêmico e o mercado profissional, e que seu trabalho, apesar de se concentrar no “viés acadêmico”, considera também os aspectos relacionados à atividade dos profissionais não associados à academia, já que eles e sua atividade são a matéria prima para os estudos acadêmicos.

Mesmo sendo identificado como marco zero dos Estudos da Tradução no Brasil, até hoje ninguém havia se debruçado sobre a história do *EscTrad*, sobre as condições em que ele passou a existir, ou conforme as palavras de Maria Paula Frota, já citadas, ninguém teceu considerações sobre as circunstâncias em que esse objeto histórico surgiu. Jamais foram respondidas algumas perguntas clássicas da historiografia – perguntas clássicas segundo a acepção de D’Hulst – no que diz respeito a esse marco zero, quais sejam: onde, por que, *quibus auxiliis*, de que modo e com que recepção (D’HULST, 2001). Ainda que estas perguntas tenham sido aventadas por D’Hulst para traduções e não para livros que reflitam teoricamente sobre traduções, pelos resultados obtidos no estudo da gênese do *EscTrad*, pode-se afirmar que o campo é passível de ser estendido também para esse tipo de obra, com proveito.

Assim, busca-se aqui determinar a gênese desta obra, com foco na sua primeira edição: por um lado examina-se a motivação que Paulo Rónai teve para enfeixar os artigos relativos à temática tradução, que antes havia publicado em jornais, passando-os para o formato de livro; e por outro, as transformações que a obra sofreu ao longo das sucessivas edições, até alcançar seu formato definitivo. Objetivando esta análise, recorre-se também aos elementos paratextuais

segundo Genette, e a alguns aspectos conceituais da Crítica Genética. Isto com relação ao livro em si.

Além desse exame físico da obra, o ambiente cultural em que *EscTrad* surgiu também será estudado, isto é, a série *Os Cadernos de Cultura*, lançados pelo Serviço de Documentação do Ministério de Educação e Saúde, do governo Getúlio Vargas, assim como as características dos textos que a compõem: por que artigos que nasceram da pena de um crítico literário passam a compor uma obra de reflexão sobre teoria da tradução? Busca-se entender o processo de criação, analisar as modificações que o autor foi impondo não somente na ampliação da obra, mas a motivação que teve para promover certas revisões em seus textos, ao longo do percurso. Com base conceitual na Crítica Genética, vamos verificar, tipificar e analisar essas modificações. Através delas iremos constatar que em sua obra Paulo Rónai vai incorporando as bibliografias relativas aos estudos da linguagem, da teoria da tradução e assim por diante. Em torno da criação da ABRATES e do *momentum* dos cursos acadêmicos de tradução, veremos que quando sua obra passa a ter um público alvo mais técnico, as revisões realizadas por Rónai no *EscTrad* também incluem alterações terminológicas mais técnicas.

As respostas às questões que serviram de motivação inicial para esta pesquisa, ou seja, “Como um crítico literário por excelência se transformou em um teórico da tradução?”, “Como se processou essa mudança? Houve mudança de fato?”; ou ainda, a constatação de que quando Rónai já vivia no Brasil, principalmente no início, uma parcela significativa de sua produção literária era voltada para a crítica literária e que esta realidade somente viria a ser modificada após determinada época, enfim, todo escopo da tese, o ferramental teórico que apoiou o seu desenvolvimento e o pioneirismo de que o próprio estudo sobre o *EscTrad* se reveste, demonstram que esta tese tem uma contribuição a fazer para a história da tradução no Brasil, e permitem concluir que Paulo Rónai se tornou um teórico no campo da tradução em decorrência, principalmente, de sua herança cultural que em grande monta, mas não somente, seguia os padrões do que aqui está sendo denominando referencialmente de “escola húngara”¹², que ele trouxe consigo para o Brasil em sua bagagem de imigrante.

Com o exame da gênese do *EscTrad* e a avaliação da genética de sua trajetória, pretende-se demonstrar que, a princípio, a reflexão abstrata sobre tradução não era um objetivo perseguido por Rónai, mas significava um fazer crítica literária nos moldes praticados na “escola húngara”, que, ao longo da pesquisa realizada para esta tese, se revelou pertencente ao campo da literatura comparada. Em um capítulo meio autobiográfico de seu livro *TradViv* – “Saldos de Balanço” –, Rónai declara que apesar da “prática intensa do ofício” de tradutor tê-lo

¹² O termo “escola húngara” é usado para se referir ao background cultural de Rónai.

levado “naturalmente a meditar sobre ela”, seu espírito era pouco afeito à “especulação abstrata e, por isso, em vez de indagar a filosofia e a metafísica da tradução” ele preferiu ater-se “a seus problemas concretos” (RÓNAI, 1976, p.176), uma prática que acabou resultando em uma contribuição sua com a formação de tradutores e de sua profissionalização. Como veremos mais adiante, em grande monta os Estudos da Tradução principalmente na Europa e nos Estados Unidos evoluíram a partir da Literatura Comparada. E a reflexão teórica de Paulo Rónai percorreu trajetória semelhante: advindo da “escola húngara”, que já tinha uma parcela significativa de Literatura Comparada, Rónai também recebeu influências da escola francesa, pois estudou na Sorbonne, entre 1928 e 1930, com os fundadores do curso de Literatura Comparada, como se verá mais adiante.

Por conter uma abordagem pioneira, por demandar pesquisa em um campo muito vasto, tanto temporal como espacial – Hungria, Brasil, virada do séc.XX, políticas públicas de incentivo à cultura, políticas editoriais, uma área profissional em que o normal era a informalidade (sem registros em carteira de trabalho ou assinatura de contratos) –, por muitas vezes contar mais com uma percepção intuitiva de pesquisador do que com elementos conhecidos ou caminhos já trilhados por pesquisadores anteriores, às vezes esta tese poderá parecer um cabedal de detalhes. Principalmente no Capítulo 2, onde se apresentam os elementos das diversas linhas teóricas utilizadas para elaborar a argumentação da tese e que com ela colaboraram. Porém, tudo leva a crer que o conjunto e o percurso irão revelar seu propósito e sentido pleno.

Devido ao volume de informações apresentadas na tabela II, com o objetivo de facilitar a leitura e não expor o leitor a constantes idas e vindas, ao longo dos comentários subsequentes várias vezes se fez necessário repetir dados anteriormente apresentados na tabela. Mesmo assim optou-se por esse procedimento com a intenção de facilitar a leitura, principalmente quando se fazem comentários sobre padrões de movimento que envolvem várias alterações localizadas em diferentes pontos da longa tabela.

2. NOTAS SOBRE METODOLOGIA E CONTEXTUALIZAÇÃO

A ordem dos comentários contidos neste Capítulo não obedece a nenhuma hierarquia espacial ou temporal. É esperado que a relevância de uma ou outra metodologia aplicada à pesquisa e à análise dos resultados fique clara ao longo dos capítulos. Todos, porém, tiveram papel essencial na elaboração desta tese. Sua contribuição pode representar um norte a perseguir, como por exemplo, as reflexões sobre Historiografia da Tradução; ou um modelo conceitual para avaliar o processo de criação do *EscTrad*; ou servir de base de dados, contendo informações de alta relevância para a contextualização desta pesquisa, como é o caso de algumas teses acadêmicas.

2.1 – Historiografia da Tradução

Assim como os Estudos da Tradução teve seus contornos disciplinares reunidos e delineados por James Holmes (2000) há apenas pouco mais de 40 anos, em 1972, pode-se dizer que a disciplina Historiografia da Tradução no Brasil passa por processo semelhante, mas com um lapso de tempo menor. Além dos aspectos historiográficos já abordados na Introdução, cabe lembrar que em 2001, John Milton, o editor convidado da revista CROP, assinala a característica emergente da disciplina quando chama aquela edição especial de “*Aspectos Emergentes da História da Tradução no Brasil*” (grifo nosso) e afirma que a publicação “demonstra a crescente popularidade da área de historiografia da tradução no Brasil” (MILTON, 2001, p.13). No final de seu texto, novamente Milton enfatiza o fato de aquela edição ser “apenas o começo” e espera que a publicação “possa sensibilizar e despertar o interesse para estas florestas, ou talvez selvas, quase virgens de pesquisa” (idem, p.20). O exame das datas das referências bibliográficas dos artigos publicados na CROP nº 6 revela que a grande maioria das obras voltadas para a teoria historiográfica foi publicada a partir dos anos 1990. A mesma coisa se nota na bibliografia das disciplinas voltadas para a Historiografia da Tradução em cursos acadêmicos: à exceção do Toury, Berman e alguns poucos autores que publicaram na década anterior, todos os demais textos – ou a maioria – examinados nestes cursos são lançamentos publicados a partir dos anos 1990. Da mesma forma Anthony Pym começa seu capítulo “A too-brief history of translation history” dizendo que uma pesquisa

generalista da história da tradução poderia “vagamente ser iniciada a partir dos anos 1960s” (Pym, 1998, p.9). Depois de citar Cary (1963) e Mounin (1965), e mais dois outros autores, diz que “a partir de então as publicações têm sido bastante regulares” e começa uma lista com George Steiner (1975) (idem). Diante desse quadro, é de se esperar que um campo de pesquisa “quase virgem”, como é o caso do livro pioneiro de Estudos da Tradução no Brasil, isto é, o *EscTrad*, lançado em 1952, demande alguma abordagem não clássica, pelo menos em um trabalho que se debruce sobre esse campo pela primeira vez.

Como diz Anthony Pym ao estudar a Escola de Toledo: “escrevo na busca por um método, não na defesa de um” (Pym, 1998, p.viii). O autor acha que os historiadores devem primeiro “abordar o material diretamente, sujando as mãos antes de elaborar quaisquer princípios relativos à metodologia de suas tarefas” (idem). No caso do estudo da genética da trajetória do *EscTrad*, foi o próprio ato de “sujar as mãos” com o material, isto é, ao lidar com seus elementos constitutivos, sua genética, e diante dos dados e fatos que envolveram seu lançamento, é que o tipo de necessidade metodológica foi se revelando, e não ao contrário, como se verá mais adiante.

Ao rever suas notas de pesquisa com o intuito de organizar os resultados de dois projetos que realiza simultaneamente, Pym percebe que as mesmas tinham características semelhantes a registros de diário de bordo, já que eram baseadas em seus questionamentos pessoais. Armado com sua experimentação empírica, e a partir delas, cria uma metodologia de trabalho para abordar questões de historiografia de traduções (PYM, 1998). Mesmo que seu foco seja traduções e não obras sobre teoria da tradução, os questionamentos que propõe ao definir uma arqueologia de traduções, “o complexo trabalho de detetive que envolve” (idem, p.5) parecem perfeitamente aplicáveis na determinação da gênese do *EscTrad*. Principalmente a pergunta que ele reputava como a mais importante: “*Por que?*” (idem, p.6) e a necessidade de buscar uma ferramenta que desse suporte para a compreensão do processo de criação do *EscTrad*, pois para Pym, aquela é a única pergunta que “aborda devidamente os processos de mudança” (idem). Assim, Pym abona os vários porquês levantados durante o presente estudo, como a questão basilar mencionada na Introdução sobre a identidade do *EscTrad*.

Da mesma forma, Lieven D’Hulst, também na revista CROP nº 6, discute o porquê e como se deve escrever história de traduções, depois de assinalar que “os Estudos da Tradução, entretanto, é uma disciplina que raramente, pelo menos até agora, teve interesse em sua própria história” (D’HULST, 2001, p.23), destarte confirmando a nossa posição com relação à necessidade de se debruçar sobre o livro considerado pelos próprios historiadores de tradução brasileiros como a nossa obra pioneira. Após discutir aspectos epistemológicos da

historiografia, D’Hulst complementa seu texto com uma lista de sugestões para “possíveis áreas de pesquisa histórica, simplesmente usando a mesma lista de itens (mas, evidentemente, alterando seu escopo)” (idem, p.24). Ao abrir o leque de possibilidades sem restrições, sugerindo então que o método é aplicável a quaisquer outras “áreas de pesquisa histórica”, D’Hulst também abona nossa decisão de aplicar seu esquema de questionamentos – como não poderia deixar de ser, em certo sentido semelhante ao de Pym em arqueologia da tradução (PYM, 1998, p.5) – para o estudo de uma obra com as características do *EscTrad*.

Talvez por ser uma espécie de língua franca da ciência, D’Hulst apresenta sua lista em latim, nesta ordem: *quis* (quem)? *quid* (o que)? *ubid* (onde)? *quibus auxiliis* (com a ajuda de quem)? *cur* (por que)? *quomodo* (de que modo)? *quando* (quando)? *cui bono* (para o benefício de quem)? [nossa tradução, do latim]. Bastante direto em sua argumentação sem floreios, talvez o maior mérito de D’Hulst ao apresentar suas breves explanações para cada item da lista, seja a de potencializar o diálogo do pesquisador com seu objeto de pesquisa. Por exemplo: ao apresentar o primeiro item da lista, “*Quis?*”, D’Hulst explicitamente tem em mente o tradutor e levanta alguns aspectos sócio-culturais que deveriam ser pesquisados a respeito dele (idem, p.25), ou seja, potencializa a importância do ambiente cultural em que o autor objeto do estudo viveu, se formou, trabalhou, e assim por diante. Em uma atitude tipicamente comparatista, sempre que analisa o trabalho de um autor, Paulo Rónai considera a maioria destes aspectos socioculturais, pois assume que o meio assim como a língua influenciam o pensamento do autor e, considerar tais aspectos, ajuda na interpretação da obra em análise.

As sugestões de D’Hulst, pois, reafirmam a necessidade de se examinar o ambiente cultural em que Paulo Rónai foi moldado como literato, isto é, Hungria, *fin-de-siècle*, (Ver Capítulo 3 – Background) e o ambiente cultural em que *EscTrad* foi lançado, ou seja, no Brasil, na série *Os Cadernos de Cultura*, publicados pelo ServDoc do Ministério de Educação e Saúde, do governo Getúlio Vargas, em 1952 (Ver item 2.5). Parece evidente que tudo isso não teria relevância caso a resposta à última pergunta de D’Hulst, *cui bono?* (Ver Capítulo 6, *Influência Irradiada*), não apresentasse uma recepção tão duradoura como é o caso do *EscTrad* – 64 anos desde seu lançamento até hoje – e não desempenhasse o papel de pioneiro dos Estudos da Tradução no Brasil.

Assim como John Milton, também D’Hulst toca na necessidade de haver um aprofundamento no campo da Historiografia da Tradução e dos Estudos da Tradução e abona a importância de se debruçar sobre a gênese do livro pioneiro da disciplina no Brasil:

This list of questions does not constitute a research program, neither does it want to be exhaustive; it wants to *show* what can / should be covered by a historiography of translation and translation studies. In practice, there are very few examples of in-depth

research projects capable of coping with many (or even several) of these questions applied to translation practice and / or translation reflection of the past (not to say modern translation research as such). (D’HULST, 2001, p.31) [grifo do autor]

Portanto, um programa de pesquisa deve cobrir senão todas, pelo menos uma boa parte das questões elencadas por D’Hulst que, para exemplificar, cita projetos que sejam capazes de dar conta das questões que elencou e que sejam relacionados com a prática ou a reflexão da tradução. Isso representa, nos parece, mais um abono para esta tese, se considerada a configuração do *EscTrad*, isto é, reflexão crítico-teórica sobre tradução. E em seguida o autor termina seu texto destacando os casos de pesquisas acadêmicas – individuais ou em pequenos grupos – que buscam respostas em “um corpus que com frequência é ainda inexplorado”.

2.2 – Paratextos Editoriais

Qualquer pessoa que já tenha tido um livro em mãos sabe, quase que instintivamente, o que são os paratextos editoriais, mesmo que lhes desconheça os nomes. Pois foram estes elementos tão “comuns” que ofereceram a primeira pista de que havia, nas sucessivas edições do *EscTrad*, uma história de evolução. Utilizando os paratextos de Genette como modelo, elaborou-se uma primeira avaliação que permitiu observar conscientemente a organicidade do processo de criação do *EscTrad*. (Ver item 4.1 – tabela I)

Para Gérard Genette, um certo número de elementos gravitam em torno do texto que “raramente se apresentam em estado nu”; eles servem “para *apresentá-lo*”, não somente “no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para *torná-lo presente*, para garantir sua presença no mundo, sua ‘recepção’ e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro” (GENETTE, 2009, p.9) (grifos do autor). O autor batiza o conjunto desses elementos de paratextos.

Em Genette também se encontra uma lista parecida com a lista de D’Hulst, porém desta vez com uma funcionalidade específica, isto é, a de “definir o estatuto de uma mensagem de paratexto” (idem, p.12), já que, segundo Genette, cada um desses elementos apresenta “certo número de traços”¹³ que “descrevem, essencialmente, suas características espaciais, temporais substanciais, pragmáticas e funcionais” (idem). De forma muito objetiva, Genette apresenta os

¹³ No texto original o termo usado para traços é *trait*, que tem subentendidas várias possibilidades semânticas: *fonctionnalité*, *caractéristique*, *fonction*, *caractère*. Portanto, estes “traits” se referem a características funcionais dos paratextos. Somos de opinião, porém, que o termo “traço” em português não cobre os mesmos aspectos semânticos de “trait”.

elementos característicos dos paratextos num “questionário um pouco simplório” segundo ele, “mas cujo bom uso define quase inteiramente o método do que segue” ao longo de sua obra:

...definir um elemento de paratexto consiste em determinar seu lugar (pergunta *onde?*), sua data de aparecimento e às vezes de desaparecimento (*quando?*), seu modo de existência, verbal ou outro (*como?*), as características de sua instância de comunicação, destinador e destinatário (*de quem? a quem?*) e as funções que animam sua mensagem: *para fazer o quê?* (GENETTE, 2009, p.12)

A recorrência de questionamentos semelhantes, apresentados por duas fontes tão distantes entre si – historiografia sendo a outra fonte –, deu um dimensionamento maior à sua significância durante o processo de pesquisa e análise da gênese do *EscTrad*. Além disso, o texto de Genette apresenta tamanha riqueza de detalhes e exemplos e discussões a respeito de cada elemento paratextual, com uma profundidade tal que, o que antes se julgava tão comum e simples, com esse olhar assim potencializado, ganha um novo patamar paradigmático a respeito das possibilidades e profusão de informações contidas nos paratextos e sua relevância na evolução orgânica do processo de criação de uma obra, inclusive o refinamento do olhar do pesquisador para a importância de informações ausentes. Foi o choque das ausências paratextuais da 1ª ed. do *EscTrad* em comparação com sua 7ª ed. que despertou a curiosidade de tentar entender o que aquilo significava. Como um livro como aquele (“livro?” me perguntava, revirando-o) pode ter criado a fama que criou? A resposta, como mais tarde ficou evidente, não estava em sua aparência.

2.3 – Crítica Genética

Antes mesmo de um aprofundamento maior, só com as conclusões iniciais alcançadas através de uma primeira avaliação de seus elementos paratextuais, ficou evidente que *EscTrad* havia passado por um processo de criação ao longo de suas diversas edições. E que era necessário encontrar uma maneira de entender este processo e, se possível, a partir daí, buscar a resposta para um dos questionamentos básicos deste estudo, derivado da análise dos elementos obtidos com a pesquisa da bibliografia ronaiana constante da dissertação que antecedeu este projeto (SPIRY, 2009): “Como um crítico literário por excelência se transformou em um teórico da tradução?”, “Como se processou essa mudança?” e “Houve mudança de fato?”. Esta necessidade metodológica foi preenchida pela Crítica Genética (CrtGen), cujo objeto de estudo é o processo de criação.

A primeira questão, “poderei aplicar CrtGen para um livro do qual não disponho de manuscrito?” foi rapidamente respondida por Cecília Salles (2008), na introdução de seu livro, já que ela mesma sugere o uso da CrtGen para avaliar a evolução de suas três edições. Depois

de comentar sobre a satisfação de ver surgir a 3ª ed. de um livro acadêmico, Salles afirma: “Ao comparar as três edições teremos um quadro bastante nítido da expansão de uma linha de pesquisa” (SALLES 2008, Introdução). Salles não só elimina qualquer dúvida que porventura existisse sobre a aplicabilidade de CrtGen para a análise do processo de criação do *EscTrad*, mas, com esta afirmação, ela também indica o caminho a ser seguido para a análise do processo de criação do *EscTrad*, ou seja, a comparação entre suas sucessivas edições e, principalmente, a comparação da primeira edição com os artigos tal como publicados nos jornais, já que esses artigos serviram de “manuscrito” para os capítulos do livro. Na verdade, se o conceito for tomado de forma estrita, o “manuscrito” de cada nova edição é, literalmente, sua edição anterior, aquela que está substituindo, uma vez que será a comparação entre a edição antiga e a nova que irá trazer à luz as modificações processuais pelas quais a nova edição passou. Seguramente este conceito cabe em um processo como o do *EscTrad* que passou por revisões e ampliações. Mais adiante, em *Arquivos de Criação*, Salles (2010) expande o termo manuscrito para “documentos de processo”, pois o desenvolvimento da disciplina foi tal que já não cabia restringi-la à criação literária. Assim, “documentos de processo designam todo e qualquer registro que nos ofereça informações sobre processos de criação”. (SALLES, 2010, p. 15)

Originalmente concebida para compreender o processo de criação artística a partir de manuscritos, esboços, croquis, notas à margem e assim por diante, rapidamente a própria CrtGen expandiu seus horizontes e abarcou diversas formas de fazer artístico. O movimento que se iniciou com Louise Hay, na França, em 1968, chegou ao Brasil através de Philippe Willemart que organizou o I Colóquio de Crítica Textual, na USP, em 1985. Depois da fundação da Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário, a revista *Manuscrita* foi lançada em 1990. Salles aponta que,

A Crítica Genética, que vinha se dedicando ao estudo dos manuscritos literários, já trazia consigo, desde seu surgimento, a possibilidade de explorar um campo mais extenso, que nos levaria a poder discutir o processo criador em outras manifestações artísticas. (SALLES, 2008, p.14).

No entanto, sabemos ser inevitável a necessidade de ampliar seus limites. Certamente, ouviremos falar, em muito pouco tempo¹⁴, sobre estudos de manuscritos em artes plásticas, música, teatro, arquitetura... até manuscritos científicos. Isso oferece novas perspectivas para pesquisas sobre as especificidades e as generalidades dos processos criativos artísticos. (idem, p.15)

Esta expansão foi tão ampla que em entrevista, Telê Lopez, pesquisadora e orientadora do IEB-USP, fala sobre a arqueologia do texto e a modernização do conceito de manuscrito e renovação literária, diante do advento da tecnologia e da internet. Questionada sobre o uso de

¹⁴ Salles está citando trecho da 1ª edição de seu próprio livro, publicada em 1992.

computadores para a criação artística e as dificuldades que isto acarreta à CrtGen, Lopez abre um enorme leque de possibilidades:

Haverá sempre aquela nota a lápis ou a tinta na folha amarrotada no bolso, o verso escrito no guardanapo, os planos rabiscados, testemunhando a premência, a ausência de hora e lugar no eclodir da criação. Haverá as versões digitadas, mas com emendas à mão, as versões na fita cassete gravada (também com status de manuscrito) ou no fax em que partiu um poema; a outra, em primeira mão (rascunho, redação inaugural) confiada ao amigo no meio de uma carta ou a ele ditada durante um telefonema; ou, ainda, as que viajam nas transmissões eletrônicas de textos (e-mail, no cc-mail, lotus notes). Planos, etapas, versões que divergem do manuscrito digitado entregue ao editor depois de muito deletar, copiar, colar... estarão nos arquivos. E – é claro! – as bibliotecas, a marginalia (textos desprezados pelo autor), não desaparecem; continuarão vinculadas aos arquivos de criação. Muitas outras feições tomará o manuscrito no século XXI. (LOPEZ, 2002, p.184)

Em suma, qualquer meio que de fato possibilite o rastreamento do processo de criação pode ser considerado como “manuscrito”. Mesmo que falar do processo de criação do *EscTrad* queira dizer falar de 1952, e seu entorno, esta abertura abonou claramente o critério adotado para a avaliação de seu processo de criação. Em outra resposta Telê Lopez aprofunda ainda mais as possibilidades de adotar CrtGen na análise do *EscTrad* quando afirma que “A crítica genética se detém em notas prévias, projetos, nas diversas versões de um texto, nas diversas etapas de redação” (idem). De onde concluímos que duas edições diferentes são duas versões diferentes do mesmo texto, ainda mais quando a primeira versão é um artigo de jornal e a segunda, um capítulo de livro, como é o caso dos capítulos do *EscTrad*.

Do ponto de vista da obra, Salles destaca que “a obra consiste na cadeia infinita de agregação de idéias, ou seja, na série infinita de aproximações para atingi-la” (SALLES, 2008, p.19). Salles não somente confirma que detectar estas agregações de idéias irá trazer à luz o processo de criação, como também faz despertar a curiosidade sobre o momento inicial desta cadeia de agregação de idéias. Passado o primeiro espanto depois de comparar a 1ª ed. com a 7ª ed., logo sobreveio a curiosidade de descobrir o *leitmotiv* do primeiro artigo do *EscTrad*, publicado em 1947, juntamente com a outra, já comentada, sobre a motivação de enfeixar em livro artigos de jornal que já foram lidos e discutidos. Cada curiosidade motivada por um momento diferente e específico do processo de criação da obra. Ou, como se verá também, a motivação de Rónai para se dedicar ao tema específico da tradução dentro do escopo da crítica literária, que era, até a época da publicação do 1º art. do *EscTrad*, a característica básica de sua produção literária¹⁵. A possibilidade deste questionamento foi incentivada pelo que Salles nos informa a respeito do surgimento da CrtGen: “a Crítica Genética surgiu com o desejo de melhor compreender o processo de criação artística, a partir dos registros desse percurso

¹⁵ Ver em SPIRY 2009, Anexo II, uma relação da bibliografia de Paulo Rónai, tanto na Hungria como no Brasil.

deixados pelos artistas” (idem, p.20). Então, as pegadas, os rastros – *les traits* mencionados por Genette –, as evidências, não somente da obra em si mas também de seu entorno, devem possibilitar localizar as respostas. No caso da 1ª ed. do *EscTrad*, o entorno refere-se aos CadCult, que é a série em que o livro foi lançado.

A próxima observação de Salles, “Como críticos genéticos não podemos negar o papel do tempo na maturação do texto” (idem, p.23), desperta a atenção para a importância de dois elementos: o tempo e o processo de maturação. Por um lado o processo de criação, como todo processo, implica na passagem de tempo e suas consequências, que têm que ser mantidas em perspectiva diacrônica; e por outro, seus elementos constitutivos têm que ser considerados dentro de uma perspectiva sincrônica. Ao observar o processo de maturação do *EscTrad* vamos perceber que a evolução do pensamento teórico no campo que viria a ser chamado de Estudos da Tradução, principalmente o europeu, paralelamente ao processo de criação do *EscTrad*, foi acompanhado de perto pelo autor: conforme ele ia tomando contato com a nova literatura publicada na área, Rónai incorporava esta literatura aos artigos que ia acrescentando ao livro em suas sucessivas edições. O Capítulo 4 visa exatamente demonstrar e caracterizar esse processo de maturação da obra objeto deste estudo.

Ainda segundo Salles, a pesquisa genética “se assemelha, por vezes, à atividade do arqueólogo, do geólogo ou do historiador” e, mais um ponto crucial para este projeto, ela diz que “a Crítica Genética analisa os documentos dos processos criativos para compreender, no próprio movimento da criação, os procedimentos da produção” (idem, p.28). O aspecto relativo à arqueologia mais uma vez coincide com a posição da historiografia da tradução, mas aqui observado a partir do percurso de seu movimento, de um processo em andamento. Se voltamos ao passado, para o momento da publicação da 1ª ed. do *EscTrad*, o fazemos para, a partir daí, lançarmos um olhar para o futuro, desde daquela perspectiva, já que, acrescenta Salles: “o crítico genético pretende tornar o percurso da criação mais claro” com o foco voltado para “a obra em seu vir-a-ser” (idem). A CrtGen não busca o passado para contar sua história, mas para lançar o seu vetor em direção ao futuro. Por isto examinamos cada nova edição do *EscTrad* com relação à edição anterior, porque queremos entender o novo que o futuro trouxe à obra e analisar seu significado. Ao perseguir os sinais, os rastros que as alterações permitem entrever, avaliamos sua contribuição com o processo de criação da obra e percebemos seu rumo. Como o *EscTrad* só chegou ao seu formato definitivo na 6ª edição, pode-se considerar que durante todo percurso até aquele momento, o livro estava em um dos estágios do “vir-a-ser”, de seu futuro, da mesma forma que os Estudos da Tradução, tanto no exterior como no Brasil.

Ao dizer que “Não se pode, de modo algum, fazer qualquer tipo de generalização quanto à existência e conseqüente uso desses diferentes suportes materiais¹⁶ nos diversos processos criativos.” (idem, p.41), Salles definitivamente abona a aplicação dos conceitos de CrtGen ao estudo da gênese do *EscTrad*, pois as pegadas e rastros não dependem da linguagem em que se apresentam, são questões individuais a cada processo criativo. Ou seja, podemos sim considerar as alterações que Rónai vai introduzindo nas sucessivas edições como sinais, rastros do seu processo de criação. Mas é necessário compreender esses rastros, por isso apresentamos sua análise no Capítulo 4, na coluna “ação” da Tabela II.

Processos e registros são independentes da materialidade na qual a obra se manifesta e independentes, também, das linguagens nas quais essas pegadas se apresentam. É possível, portanto, conhecer alguns procedimentos de criação, em qualquer manifestação artística, na compreensão dos rastros deixados pelo artista. (idem, p.30)

E quando se detecta determinado rastro no processo de criação do *EscTrad*, o fato material que Rónai preservou em seu acervo, principalmente sua correspondência, ou entrevistas e palestras, além de artigos de jornal assinados por ele ou com notícias sobre ele, tudo isso serve como subsídio para novas pesquisas e ulterior compreensão dos fatos.

O caminho que adotamos para detectar o processo de criação do *EscTrad*, isto é, a comparação das novas edições com as anteriores, com registro e análise das modificações encontradas (ver Capítulo 4), também encontrou seu fundamento na CrtGen, pois, como Salles explica “por trás de cada substituição, uma eliminação, uma adição, há, certamente, todo um complexo processo envolvendo diversos critérios e razões” (idem, p.48). Mais uma vez Salles nos indica o caminho a seguir para detectar o processo de criação do *EscTrad*. Foi tendo em mente esse objetivo, de detectar o que foi substituído, o que foi eliminado, o que foi adicionado, que montamos as tabelas do Capítulo 4. Mais uma vez a contribuição de CrtGen para a consecução desta tese foi bastante significativa, por indicar caminhos, modo de proceder, mesmo que indireta ou sugestivamente, e pela metodologia da abordagem, isto é, o caminho do diálogo com nosso objeto de estudo, uma metodologia que, aliás, parece ser uma via comum entre as disciplinas até aqui comentadas: o diálogo com nosso objeto de estudo, o diálogo que potencializa o olhar para perceber onde há algo a ser investigado, onde até uma ausência pode nos informar.

¹⁶ Ao mencionar “suportes materiais”, Salles está se referindo a traços de experimentação na literatura como roteiros, mapas, planos; aos instrumentos de trabalho redacional propriamente ditos, como esboços, primeiras redações e rascunhos; e aos instrumentos de publicação que aparecem sob a forma de originais, datilografia e provas de impressão. (SALLES, 2008, p.41)

2.4 – Literatura Comparada

Devido aos resultados obtidos com a aplicação da teoria implícita em CrtGen à trajetória do *EscTrad*, resultados esses que serão demonstrados e comentados no capítulo 4, tornou-se necessário incluir algumas notas sobre Literatura Comparada, que, a meio caminho desta pesquisa, revelou ter tido um papel preponderante nas reflexões crítico-teóricas de Paulo Rónai sobre tradução.

Assim como nenhuma ciência ou área do saber surge de repente, sem nenhuma influência anterior, também a disciplina Estudos da Tradução passou por um processo de evolução até alcançar identidade própria. James Holmes descreve este tipo de evento como fruto da “descoberta de novas áreas de ignorância” que faz com que, em um primeiro momento, grupos de pesquisadores de áreas adjacentes passem a pesquisar o novo campo, a partir de modelos e paradigmas que haviam sido úteis em seus próprios campos de pesquisa. Quando os resultados obtidos são satisfatórios, eles acabam anexando esse novo campo de saber ao seu próprio, ampliando os horizontes anteriores. Mas em situações em que a aplicação de seus modelos não produz resultados adequados, os pesquisadores se conscientizam de que é necessário desenvolver novos métodos para estudar os fenômenos vislumbrados naquela nova “área de ignorância”. (HOLMES, 2000, p.172) Partindo destes princípios, Holmes desenvolve a argumentação que culmina na definição de “Translation Studies”, ou Estudos da Tradução, como nome para o nosso campo de pesquisa. (idem, 172-185)

É senso comum que a disciplina dos Estudos da Tradução evoluiu como um ramo, um desdobramento da Literatura Comparada¹⁷, cujas origens, por sua vez, Susan Bassnett (1993) localiza em torno do início do séc.XIX, na França, e em meados do mesmo século na Alemanha e na Inglaterra. Bassnett dedica o primeiro capítulo de seu livro *Comparative Literature* (1993) a descrever aquele início quando, na França, o objetivo perseguido era estudar as influências mutuamente exercidas pelas diferentes culturas entre si, buscando identificar e diferenciar o “espírito” de uma nação ou de um povo, numa época em que diversas lutas pela afirmação da identidade nacional varreram a Europa. Devido ao senso de superioridade que os colonizadores tinham diante dos colonizados, destaca Bassnett, naquela

¹⁷ Só para citar alguns dos autores mais conhecidos da disciplina de Estudos da Tradução que migraram para a área a partir da Literatura Comparada, temos que: **Maria Tymoczko** é professora de Literatura Comparada na Universidade de Massachusetts; o belga **José Lambert**, também é professor de Literatura Comparada, melhor conhecido por seu trabalho em Estudos da Tradução; **Susan Bassnett** é uma teórica de Estudos da Tradução cuja publicação “Literatura Comparada” é usada neste capítulo 2.4; um outro belga, **André Lefevere**, autor prolífico e importante na transformação dos Estudos da Tradução em uma disciplina autônoma, entre outros títulos, publicou “*Translating Literature – Practice and Theory in a Comparative Literature Context*”; **Gideon Toury**, pioneiro no campo dos *Descriptive Translation Studies* (DTS) era um professor de Poética, Literatura Comparada e Estudos da Tradução na Universidade de Tel Aviv; **Theo Hermans**, também belga, apesar de ser mais conhecido por seu trabalho no campo dos Estudos da Tradução, fez seu PhD em Literatura Comparada.

fase inicial da Literatura Comparada os estudiosos tendiam a trabalhar somente com escritores europeus. Essa noção da superioridade das culturas europeias era tão difundida que seus efeitos podiam ser sentidos mesmo no Brasil, até recentemente. É o que se percebe quando Antonio Candido, em 1974, no prefácio que escreve para o livro de Onédia Barboza, depois de comentar que “o estado dos nossos conhecimentos não permite dispensar uma visão comparatista”, afirma que “a literatura brasileira tem uma ligação visceral com a europeia”. (A. CANDIDO, 1974, p. 9).

Para Bassnett a disciplina Literatura Comparada começou a ganhar status acadêmico na França no final do séc.XIX e nos EUA um pouco antes. Ela menciona que em torno da virada do séc.XX começaram a surgir as definições sobre os contornos da disciplina, com alemães e franceses assumindo pontos de vista diferentes. Enquanto os comparatistas alemães preocupavam-se mais com as “raízes” de uma nação, os franceses tendiam mais para o estudo do produto da mente humana (BASSNETT, 1993, p.25), isto é, a literatura.

Em meio às polêmicas, Bassnett apresenta as ideias de um professor de literatura, falante de alemão, por elas serem diferentes das ideias polêmicas dos demais. E salienta que este professor, chamado de Hugo Meltzl de Lomnitz, lançou a primeira revista acadêmica de Literatura Comparada do mundo, com periodicidade quinzenal, em 1879. Em seu editorial De Lomnitz argumentava que já que as bases disciplinares da Literatura Comparada ainda não haviam sido estabelecidas, a tarefa de sua publicação seria a de apoiar o processo. Com este objetivo em mente, De Lomnitz estabeleceu três propósitos principais: a) uma reavaliação da história da literatura, que ele descrevia como tendo sido relegada ao serviço da política e da filologia, de forma subserviente; b) uma reavaliação da tradução passando-a para o status de arte; c) e crença no multilinguismo. Bassnett afirma que

a visão de De Lomnitz nos impacta até hoje, tanto pela clareza como pelo seu alcance no futuro. Ele previu corretamente a importância da tradução no desenvolvimento da literatura comparada e argumentou, de forma convincente, a favor da necessidade da história da literatura ter uma existência própria, deixando de ser um *back-up* para alguma outra disciplina. (idem, p.26) [nossa tradução, do inglês]

Apesar de sua visão futurista, segundo Bassnett a revista de De Lomnitz teve pouco impacto no desenvolvimento da literatura comparada fora do Europa Oriental, em que o modelo francês continuou dominando. Mas faz um destaque importante da correlação existente entre tradução e literatura comparada. A autora menciona a importância da *Revue de Littérature Comparée*, criada na França em 1921, nomeando-a como responsável pelo delineamento dos primeiros contornos da disciplina, por exemplo, assumindo “a noção da língua como fator distintivo mais fundamental, que permite que a comparação seja feita” (idem, p.28). Apesar da

importância da *Revue* como marco para a disciplina, Bassnett discorda do modelo adotado pelos seus teóricos, argumentando que deixa de fora a noção de cultura; ela encerra o capítulo chamando atenção para os jovens comparatistas que abandonaram muitos conceitos antiquados e desnecessários, e passaram a considerar as obras como produtos de uma época, de um contexto cultural específico (idem, p.30). No final de seu livro, Bassnett também dedica um capítulo ao percurso entre Literatura Comparada e Tradução (idem, p. 138), mas ela salta direto para os anos 1980, fugindo, pois, ao escopo desta tese.

Esse relato, talvez um pouco longo, foi contudo necessário, pois ilumina um aspecto importante da carga cultural de Paulo Rónai, que aqui chamamos de “escola húngara”. A descrição dos propósitos que De Lomnitz tinha para a sua revista de Literatura Comparada chamou a atenção devido à semelhança que apresenta com as ideias húngaras a respeito dos mesmos temas. Sempre que se menciona tradução, na Hungria, se afirma o valor especial que ela tem naquele sistema literário (Ver capítulo 3). Diante da curiosidade causada por esse encontro de ideias entre De Lomnitz e as ideias húngaras, a pesquisa revelou que, na verdade, Hugo Meltzl de Lomnitz era um professor universitário húngaro, conhecido na Hungria como Dr. Meltzl Hugó; que ele lecionava literatura alemã na Faculdade Nacional em Kolozsvár, uma tradicional cidade húngara, mas que passou a pertencer à Romênia depois do Tratado de Trianon. A pesquisa também revelou que o nome da publicação de Meltzl Hugó lançada em 1877 em húngaro é *Összehasonlító Irodalomtörténelmi Lapok*, ou *Zeitschrift für Vergleichende Litteratur* em alemão, ou *Journal d'Histoire des Littératures Comparées* em francês (ver Anexo VIII-1 a VIII-5). Ou ainda, *Acta Comparationis Litterarum Universarum* em latim, título que recebeu dois anos depois, quando seu layout foi renovado (ver Anexo VIII-3), aliás, o mesmo nome em latim que Susan Bassnett usa para se referir à revista (Bassnett, 1993, p.22). Ela cita a publicação como sendo a primeira revista de Literatura Comparada lançada no mundo e menciona 1879 como sua data de lançamento, a mesma data em que a publicação recebeu o nome latino e o novo layout. É bem provável ter sido este o motivo de Bassnett não identificar sua origem húngara.

A revista durou 12 anos (1877 a 1888) e apresentou edições variadas de 8 até 64 páginas, em muitas línguas¹⁸. Na primeira página da 1ª ed. de janeiro/1877 (Anexo VIII-1), no espaço reservado a *Collaborateurs*, se lêem 12 nomes de professores universitários de vários lugares, inclusive do Japão. Na capa da edição de janeiro/1879, a da adoção de latim como língua franca, já são 79 nomes de sócios – inclusive da Austrália, de Zurique, Londres, Berlim,

¹⁸ O site da Biblioteca, na Romênia atualmente, que disponibiliza todos os números disponíveis da coleção online pode ser consultado neste link, <http://www.bcucuj.ro/> em romeno, húngaro ou inglês.

Índia, etc. –, sendo que alguns novos sócios não são professores universitários, mas simpatizantes; e na última edição (Anexo VIII-5), a lista contém 120 nomes. Considerando sua atividade profissional, a variedade de seus endereços, e considerando ainda a época e o tipo de publicação, a penetração da revista não parece tão insignificante. Mas a observação de Bassnett de que a influência da revista não ultrapassou as fronteiras da Europa Oriental é digna de nota, pois comprova as limitações que a barreira da língua impõe. Por mais que a revista publicasse textos em dez línguas e tivesse latim como língua franca, as informações ora vinham em latim, ora em alemão, ora em húngaro ou francês, o que devia dificultar o acesso dos leitores internacionais a informações básicas como preço, dados sobre a subscrição, etc., que eram todas dadas em húngaro. No editorial (ver Anexo VIII-4) em latim, as notas de pé de página (isto é, pé de coluna) estão em alemão.

Mas independente desses aspectos, a própria existência da revista é muito relevante quando pensamos em termos de formação e carga cultural de Paulo Rónai e dá maior significado ainda ao que se lê em uma carta que Rónai envia para Editions Payot, de Paris (ver Anexo VI), em 21/11/1948, em que ele se apresenta como “Professeur de langues et comparatiste” (professor de línguas e comparatista) e diz que “je me sers beaucoup de votre excellente ‘Collection des Deux Textes’” (uso bastante sua excelente publicação “Collection des Deux Textes”). Pelo que se pode verificar, sob esse selo, a Payot chegou a publicar 120 livros em edições bilíngue, no período entre 1929 e 1952.¹⁹ Portanto, ao se identificar como comparatista, Rónai também está nos informando que ele provavelmente conhecia a publicação de Meltzl, já que a mesma está disponível na Biblioteca Nacional ²⁰ na Hungria.²¹ E também caracteriza melhor o tipo de formação que recebeu.

¹⁹ Pesquisado no WordCat. Acessado em maio/2016.

https://www.worldcat.org/search?qt=worldcat_org_bks&q=Collection+des+Deux+Textes+Payot&fq=dt%3Abks

²⁰ Resultado da busca pelo nome da revista no catálogo da OSZK, Biblioteca Nacional da Hungria.

http://nektar2.oszk.hu/LVbin/LibriVision/lv_view_records.html Acessado em maio/2016

²¹ No capítulo “Saldos de Balanço”, em *TradViv* [RÓNAI, 1981, p.158], ao discorrer sobre a importância do latim na Hungria, Rónai menciona uma tarefa que recebera, cuja execução ele realiza na Biblioteca Nacional, o que confirma a impressão que tivemos, ao visitar esta biblioteca em 2014, de que é lá que todos fazem pesquisa. Diz Rónai: “Quando, no segundo milénário de Virgílio, uma revista de Budapeste me encomendara um artigo sobre a Eneida, uma pesquisa rápida na Biblioteca Nacional da Hungria revelou-me existirem lá nada menos de doze traduções do poema.” Na visita de 2014, vimos muitos jornalistas pesquisando na Biblioteca Nacional, que disponibiliza não somente livros, mas todas as publicações periódicas publicadas no país, seja em papel ou em microfilmes.

2.4.1 – Literatura Comparada no Brasil

Abonado pelo já citado comentário de Antonio Candido, de que não podemos “dispensar uma visão comparatista” devido ao “estado de nossos conhecimentos”, e relembrando também sua afirmação de que “a literatura brasileira tem uma ligação visceral com a europeia” (CANDIDO, 1974, p. 9), vamos rapidamente examinar algumas questões relativas ao desenvolvimento da disciplina aqui no Brasil.

No Anexo XXIII-1 a XXIII-3 vemos um artigo publicado em 27/04/1952 no jornal *Diário de Notícias* por Bernardo Gersen²² intitulado “A Literatura Comparada”. O artigo, enviado de Paris, começa assim:

A literatura comparada é uma ciência quase desconhecida no Brasil. E isso tanto no domínio universitário quanto na esfera da crítica e da história literária propriamente ditas. Salvo o Instituto Lafayette, estabelecimento privado no qual a matéria é ensinada pelo Sr. Tasso da Silveira, nenhuma das Faculdades oficiais de Filosofia e Letras do Brasil, ao que nos conste, possui uma cátedra da disciplina em questão. Desinteresse semelhante pela literatura comparada predomina entre os críticos em atividade. (ANEXO XXIII-1)

Como se verá adiante, apesar da veracidade com que um artigo de jornal pretende retratar um momento histórico, a visão de Gersen de que praticamente não existe interesse em praticar Literatura Comparada no Brasil, não é totalmente verdadeira. Mesmo que de maneira esparsa e difusa, a história mostra que pelo menos estudos comparados já haviam sido realizados por alguns estudiosos brasileiros. De fato não existiam cursos formais, a não ser o mencionado, mas como veremos no Capítulo 6, vários críticos além de Tasso da Silveira dominavam o assunto²³. Ainda assim considera-se sintomático que um crítico renomado faça tal afirmação e consideramos que seu artigo merece ser examinado.

Gersen cita somente duas exceções à “quase total inexistência” dos estudos comparados no Brasil da época:

Excetuados alguns estudos esporádicos, como por exemplo o excelente livro do Sr. Eugênio Gomes em torno das “Influências Inglesas em Machado de Assis”, ou a obra em preparo pelo Professor Paulo Rónai sobre as “Influências e Correntes Estrangeiras na Literatura Brasileira”, a literatura comparada não encontra ambiente favorável entre nós. E isto devido a múltiplas razões. Em primeiro lugar estão as condições pouco propícias do meio em si: certa densidade cultural seria necessária a tal gênero de

²² Bernardo Gersen é o pseudônimo literário de Berek Gerszenhut, um imigrante polonês radicado no Brasil, nascido em 1923. De acordo com os poucos dados biográficos disponíveis sobre ele, sabe-se que, depois de um período de cerca de sete anos de estudos na Europa, para onde retornou no pós-guerra, foi um crítico literário muito atuante nos anos 1960.

²³ Um exemplo: Gilda NS Bittencourt (UFRGS), em um artigo intitulado “A Literatura Comparada no Brasil”, faz referência à obra de Tobias Barreto, *Estudos Alemães*, lançada dois anos após sua morte, em 1892; segundo Bittencourt, vários anos antes, em 1886, Tobias Barreto havia aberto um curso de Literatura Comparada no Recife, mas que a morte do autor acabou descontinuando. Bittencourt conclui que “a história do comparatismo no Brasil, é uma prática difusa e espontânea”. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/28687/17370>

estudos, com tudo que isto implica conhecimento de línguas estrangeiras, em intercâmbios e em viagens de pesquisas. Outro fator indispensável, maior tradição de estudos universitários [...] Depois há a natureza mesma do intelectual brasileiro – o que decorre em parte do ambiente cultural – em geral um franco-atirador, um intuitivo que veio para a literatura através de atividades laterais, um individualista refratário às exigências de um trabalho modesto de equipe e às pesquisas pacientes e apagadas de biblioteca. (idem)

Incisivo, Gersen nos ajuda a ter uma visão do ambiente cultural da época do lançamento de *EscTrad*, 1952, mesma data do artigo, no que concerne à Literatura Comparada. À exceção do curso do Instituto Lafayette, segundo Gersen a disciplina era quase desconhecida devido a múltiplas razões, entre elas a ausência de recursos para que os intelectuais pudessem adquirir a “densidade” de recursos necessária para se capacitarem para este tipo de carga cultural. Partindo desta ótica, Paulo Rónai certamente tem a vantagem de ter trazido essa carga cultural em sua bagagem de imigrante. E, também interessante, a descrição que Gersen faz das características inerentes à atividade: entre outras, a pesquisa em biblioteca, prática à qual Rónai já se habituara desde a época em que vivia na Hungria e pesquisava na Biblioteca Nacional. Quanto à citação de que Rónai estaria preparando uma obra sobre as influências estrangeiras na literatura brasileira, não temos notícias de que uma obra com este teor tivesse sido publicada por Paulo Rónai²⁴ apesar da extensa bibliografia do autor publicada em Spiry 2009.

Gersen continua seu longo artigo trazendo a definição de Literatura Comparada na época: “A literatura comparada é sobretudo o estudo das influências e dos intercâmbios e, em se tratando do passado, ‘a história das relações literárias internacionais’”, segundo uma obra que havia acabado de ser lançada em Paris. Em meio a uma abordagem historicista, Gersen conclui que “principalmente na França e nos Estados Unidos”, foi necessário que a crítica, “tomasse um grande impulso, se expandisse até a criação da história literária, para que de seu flanco emergisse a nova disciplina”, e afirma que naqueles lugares “hoje em dia a literatura comparada é uma ciência solidamente estabelecida, em constante evolução”. Ou seja, praticamente inexistente no Brasil à época do lançamento do *EscTrad*, a Literatura Comparada já era uma disciplina em franca expansão em outros países.

Partindo de uma abordagem diferente da posição de Gersen, Antonio Candido, ao receber uma homenagem no 1º Congresso da ABRALIC²⁵, em 1988, faz um discurso em que dá um tom diferente à questão, dizendo:

²⁴ A última visita de pesquisa que fizemos ao acervo de Paulo Rónai, que fica na propriedade da família no Sítio Pois É, em Nova Friburgo (RJ), foi em Novembro/2012, quando esta tese estava no início e ainda desconhecíamos este detalhe. E até o momento do encerramento da tese não pudemos retornar ao local para verificação do fato.

²⁵ A ABRALIC – Associação Brasileira de Literatura Comparada, foi fundada dois anos antes do seu 1º congresso, isto é, em 1986.

Há mais de quarenta anos eu disse que “estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada”, porque a nossa produção foi sempre tão vinculada aos exemplos externos, que insensivelmente os estudiosos efetuavam as suas análises ou elaboravam os seus juízos tomando-os como critérios de validade. Daí ter havido uma espécie de comparativismo difuso e espontâneo na filigrana do trabalho crítico desde o tempo do Romantismo, quando os brasileiros afirmaram que sua literatura era diferente da de Portugal. (CANDIDO, 2004, p.229)

Ou seja, quarenta anos antes do pronunciamento do discurso em 1988 equivale a 1948, época em que defendeu sua tese de livre-docência, *Introdução ao Método Crítico de Sílvio Romero* (1945). Para justificar sua afirmação Antonio Candido evoca vários críticos, como por exemplo: Joaquim Norberto (1820-1891), Fernandes Pinheiro (1825-1876) e Franklin Távora (1842-1888), que em sua opinião faziam uso de ferramentas do comparativismo, mas concorda que aquele tipo de crítica “não ocorria em contextos formalmente comparatistas, mesmo porque na maioria dos momentos a que aludo não se falava ainda de literatura comparada”. Para ele aquele tipo de crítica comparatista era “não intencional, elementar e ingênito”. Antonio Candido via uma aproximação entre a atitude crítica com os próprios escritores “sempre inclinados a apoiar-se nos textos das literaturas matrizes”. O autor, inclusive, não se esquece da tradução e vai além: “Sem falar nas traduções, capítulo privilegiado nos estudos comparatistas, lembro, ainda no tempo do Romantismo, o jogo abundante das epígrafes de autores estrangeiros contemporâneos”. Cita diversos escritores que assim procederam, atendendo ao estilo de suas respectivas épocas (idem, p.231), acrescentando um elemento reforçador da importância de se ater ao espírito de uma época: “Tudo, é claro, sem alusão aos originais”. A justificativa era que “as pessoas cultas tinham sempre em mente um certo estoque de alusões eruditas”. No próximo período porém, “a tutela da epígrafe” é revelada, tanto por “homens de muita leitura” como por exemplo “Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo”, como por outros, “de equipamento mais modesto”. Vê-se que no quesito erudição, tanto Gersen como Antonio Candido concordam.

Depois de citar mais alguns casos, Antonio Candido é taxativo: mas “literatura comparada propriamente dita, só quando o século XX já estava chegando à metade” e traz à cena Eugênio Gomes, “que talvez possa ser considerado o primeiro comparatista propriamente dito na crítica brasileira” (idem, p.232). Mas Antonio Candido faz uma ressalva importante ao se referir a Eugênio Gomes: “Comparatista, entenda-se, sem vínculo universitário nem etiqueta profissional”. A partir daí passa a comentar os cursos existentes, mas diz ter poucas informações sobre aqueles fora de São Paulo, e apenas menciona vagamente o curso de Tasso da Silveira, “até onde sei, quando na Universidade do Estado da Guanabara”. Na USP, a história da Literatura Comparada começa nos anos 1950 com a elaboração de uma tese

orientada por “Fidelino de Figueiredo, que publicou naquela época estudos comparatistas”; após citar mais algumas teses, Antonio Candido informa que o curso de Literatura Comparada “casada com teoria literária” só deslanchou mesmo “a partir de 1971, em nível de pós-graduação”.

Vê-se que a consolidação da Literatura Comparada no país é condicionada aos cursos formais que só começam a vicejar depois da época do lançamento do *EscTrad*. E reforçando um dos pontos levantados por esta tese, que naquela época fazia diferença trabalhar em São Paulo ou no Rio de Janeiro, quando foi homenageado por ocasião do 1º Congresso da ABRALIC, Antonio Candido diz que somente mencionou “o caso paulista, por conhecer mal a situação em outros estados”.

Tania Franco Carvalho, 1ª presidente da ABRALIC no biênio 1986-1988,²⁶ afirma, nos Anais do 1º Congresso da Associação, que sua realização “significou a consolidação definitiva da área de Literatura Comparada no Brasil como disciplina de ensino e campo de investigação”. (ABRALIC, 1988, p.5) Em seu livro *Literatura Comparada* (2004), Carvalho apresenta uma visão panorâmica da história da disciplina no exterior, tanto em território francês como em outros países. Segundo a autora, “a primeira cátedra de literatura comparada surgiu na França, em Lyon, em 1887, seguida por outra, na Sorbonne, em 1910, onde atuaram grandes comparativistas, como Joseph Texte, Fernand Baldensperger e Jean-Marrie Carré”. Paulo Rónai, ao descrever a “Operação Balzac” em seu livro *TradViv*, nos informa que na 1ª edição brasileira de *A Comédia Humana*, “cada volume começava com um ensaio importante sobre Balzac, escolhido no que havia de mais significativo na crítica internacional” e entre os autores citados estão os seus “mestres Fernand Baldensperger e Marcel Bouteron”, com quem estudou na Sorbonne, exatamente as pessoas que Carvalho credits como as pessoas que lançaram a 1ª *Revue de Litterature Comparée*, em 1921 na França. Portanto, tem-se comprovado que o autor do *EscTrad* era de fato um comparatista, no sentido formal do termo, e que recebeu esta formação não somente da “escola húngara” como também da francesa.

Carvalho justifica o “caráter normativo da orientação francesa” devido à “existência de grande número de livros sobre literatura comparada” (2004, p.17), inclusive o clássico *La littérature comparée*, de Paul Van Tieghem, publicado em 1931, que ela passa a chamar de “a bíblia de Van Thieghem” informando que não foi só na França que ele teve seguidores. “No Brasil, seu discípulo mais fiel foi Tasso da Silveira” (idem, p.19). De fato, com raras exceções,

²⁶ Tania Franco Carvalho (1942-2011) era Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP e Professora Titular de Teoria e Crítica Literárias pela UFRGS.

todo conteúdo de *Literatura Comparada*, de Tasso da Silveira, (1964) é totalmente baseado no livro de Van Thieghem que ele cita à larga. Também Tasso da Silveira nos ajuda a compreender a situação da disciplina na época, quando se questiona:

[...] que há a fazer-se, no Brasil, no domínio da Literatura Comparada? Simplesmente, a pergunta seria irrisória. Deixemo-nos, contudo, de pessimismos. Se nada, ou quase nada, fizemos ainda em tal sentido, comecemos agora com denodo e entusiasmo, dispostos a recuperar tanto tempo perdido. (SILVEIRA, 1964, p. 97)

Nem seu curso na Universidade do Estado da Guanabara (antigo Instituto Lafayette) nem a publicação de seu livro permitem a Tasso da Silveira afirmar que algo fora feito na área. Em 1964 ele ainda lança um chamamento para que se comece a fazer algo a partir de então. De onde se conclui que Bernardo Gersen não estava tão equivocado assim quando começou seu artigo declarando o quase total desconhecimento da disciplina no Brasil. Pelo menos no “domínio universitário” ele estava certo. Já na esfera da crítica, Antonio Candido arrola casos espontâneos e informais, concluindo com isto que, apesar de tudo, havia uma “vocação comparatista” no Brasil (CANDIDO, 2004, p.231).

Portanto, da mesma forma que Estudos da Tradução se consolidou no Brasil a partir da criação da ABRATES em 1974 e da realização do 1  Encontro Nacional de Tradutores em 1975, e as publicações na área começaram a ser cada vez mais frequentes, a situação da Literatura Comparada passou por uma trajetória semelhante. O que nos autoriza a dizer que Paulo Rónai foi precursor em ambas áreas, tendo dado mostras de sua *expertise* em diversas instâncias, como se verá a seguir.

2.4.1 – **Paulo Rónai comparatista**

Terminado o levantamento – apresentado na Tabela II do capítulo 4 – das alterações processadas por Rónai ao longo da trajetória do *EscTrad* e elaboradas as análises, a relevância que Literatura Comparada teve em sua trajetória intelectual tornou-se evidente. Com o olhar potencializado com esta nova informação, chamou a atenção uma frase da carta que Leonel Vallandro escreveu para Rónai dia 26/08/1948 (Ver Anexo VII-1), provavelmente em resposta   conversa pessoal entre ambos, pois no mês anterior, em julho, Rónai fora visitar Porto Alegre. Na época ele estava negociando com a Ed. Globo sua eventual ida em definitivo para aquela cidade, para ocupar um cargo fixo na empresa, na coordenação do trabalho dos tradutores, em substituição a   rico Veríssimo. Pelo teor da carta de Vallandro vê-se que Rónai também buscou uma eventual colocação como professor de Literatura Comparada, naquela cidade. Depois de tecer comentários sobre prováveis posições que se adequariam ao perfil de Rónai na

Faculdade de Filosofia de Porto Alegre, nas últimas três linhas Vallandro menciona a sugestão de Rónai de criar uma cadeira de Literatura Comparada: “Por outro lado, a criação de uma cadeira de Literatura Comparada, a exemplo da que o amigo rege aí na Faculdade Nacional, podia ser muito interessante...”. A esse respeito, não existe registro oficial de atuação de Rónai na Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro, a não ser pela sequência de 12 palestras que dá sobre Balzac – entre maio e agosto de 1945. Mas o exame dos eventos registrados na Cronologia de Vida de Paulo Rónai (SPIRY 2009, Anexo I, p.131 *et seq*), principalmente as conferências a que é convidado na Europa e no Brasil a partir de 1945, confirma sua íntima relação com Literatura, seu trabalho de divulgação das letras brasileiras no exterior, e das estrangeiras no Brasil. Por exemplo, verifica-se que no 1º semestre de 1967,

como *visiting professor* na Universidade de Flórida, em Gainesville, EUA, de Jan/67 a 15/04/1967 ministra um curso sobre a literatura francesa dos dois últimos séculos, e um curso sobre Balzac. De maio a junho/67 ministra um curso intensivo de literatura brasileira, de cinco horas semanais, com base em Manuel Antonio de Almeida, Lima Barreto, Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo e Guimarães Rosa. Também apresenta palestras sobre: “O teatro de Martins Pena”, “A poesia de Carlos Drummond de Andrade”, “A crônica – um gênero brasileiro”, “A poesia de Cecília Meireles”. (SPIRY 2009, p.135)

Aliás, além dos 10 volumes de *Mar de Histórias – Antologia do Conto Mundial* (RÓNAI & HOLANDA, 2013), a temática literatura é constante em pelo menos dois livros de Paulo Rónai: em *Encontros com Brasil*, totalmente dedicado à literatura brasileira, e em *Pois É*, uma espécie de autobiografia literária, em que pelo menos dois terços da obra também são dedicados a temas literários nacionais e estrangeiros. E, sempre que pertinente, a questão tradução é discutida por Rónai, como por exemplo, no último ensaio de *Encontros com Brasil*, “O Soneto e a Emenda”, uma crítica ao livro de Mello Nóbrega sobre “O Soneto de Arvers” (RÓNAI, 2014, p. 233). Com a leveza e o bom humor que caracterizam seu estilo ensaístico, Rónai vai ponderando não o soneto, que tanto Mello Nóbrega como ele concordam ser quase medíocre, mas o trabalho do próprio Nóbrega, em que Rónai percebe um “senso de medida” ao encarar o que classifica como o ‘rei dos sonetos’ (destaque de Rónai), “como um fenômeno da vida literária, como um produto estético puro”. Rónai aprecia o estudo de Mello Nobrega que “no seu conjunto” classifica como “um modelo de monografia literária”. (idem). E depois de descrever brevemente a estrutura dos capítulos daquele “delicioso estudo”, Rónai chega ao último, em que Melo Nobrega se demora “no exame crítico das mais conhecidas de suas inúmeras traduções brasileiras” (idem, p. 234), concluindo que:

A fortuna extraordinária que teve o soneto no Brasil, onde sua tradução se tornou por assim dizer um teste obrigatório para poetas [...], sugere ao comentador observações agudas sobre a possibilidade de traduzir poesia em geral, assim como o grau de aproximação conseguido pelos diversos tradutores. É interessante notar que, pelo acaso

de suas rimas, essa poesia tantas vezes vertida deveria antes desencorajar a tradução para português, pois nenhuma das consoantes, vertida, continua rimando.

[...] há outras traduções não menos pitorescas e inesperadas. Um cotejo das melhores [...] leva-nos a supor que, pelo menos teoricamente, deve existir uma única tradução perfeita possível em português, que ainda não foi alcançada; não há, pois, motivo para os tradutores desanimarem: o “Soneto” de Arvers, de que andamos tão saturados, espera ainda, apesar das centenas de tentativas já empreendidas, a sua incorporação definitiva na lírica de língua portuguesa. (idem, p. 234)

Coerente com seu espírito didático, apesar das centenas de traduções catalogadas pelo trabalho metódico de Melo Nóbrega, Rónai vê nas futuras tentativas de tradução do *Soneto de Arvers* a possibilidade dos tradutores se exercitarem em sua arte, como parte de seu programa de aprendizagem e refinamento “especialmente para os futuros autores de teses de nossas Faculdades de Filosofia” (idem). Em 1955 – data de publicação deste ensaio sobre o *Soneto de Arvers* no jornal *Diário de Notícias* (RJ) –, ao recomendar “o cotejo das melhores traduções” Rónai tem em mente a recomendação que dera aos tradutores, em seu 4º capítulo do *EscTrad* (originalmente publicado como artigo em 1948), para fazerem um exercício de Literatura Comparada:

O melhor exercício para o tradutor é, naturalmente, a tradução. Mas não basta. Se ele se limitar a verter, embora com a maior honestidade, o que lhe houverem confiado, há de ficar confinado dentro do âmbito dos seus próprios recursos. Sobretudo no começo de sua carreira, ele tem de ler com atenção as traduções de colegas e, de vez em quando, escolher uma para cotejá-la linha por linha com o original. (RÓNAI, *EscTrad*, 2012, p.38)

Com este exemplo, parece, está demonstrado que Rónai não somente se identifica como comparatista mas também pratica a Literatura Comparada tanto em sua crítica literária como em suas reflexões crítico-teóricas sobre tradução. E adicione-se a isto o fato de ele ter publicado dois artigos na *Revue de Littérature Comparée*, em 1930 e 1931 (ver SPIRY 2009, Anexo II, item 1.3) – a mesma publicação mencionada por Bassnett – na época em que estudou na Sorbonne. Portanto, a consideração desses aspectos leva a crer que além da “escola húngara”, por si só permeada dos princípios de Literatura Comparada, Rónai também recebeu influência da linha francesa da disciplina, que conhecia e havia estudado.

2.5 – Contextualização: aspectos históricos relativos ao lançamento do *EscTrad*

Um dos aspectos relevantes para o delineamento da gênese do *EscTrad* é o *momentum* histórico, isto é, as condições e o contexto em que a obra veio a público, em 1952. Como isto aconteceu através de um órgão público – o Serviço de Documentação (ServDoc), subordinado ao Ministério da Educação e Saúde –, vamos rapidamente examinar as políticas públicas vigentes. Em *Momentos do Livro no Brasil* (PAIXÃO, 1998) obtém-se uma primeira “pincelada” deste panorama, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, no final de 1930 e a enumeração de algumas benfeitorias por ele promovidas, como, por exemplo, a modernização do Estado, fortalecendo-o com um “emaranhado de contradições, que foi transformando em ministérios, institutos, departamentos” (PAIXÃO, 1998, p.80).

Através do Ministério da Educação e Saúde, por exemplo, realizou uma ampla reforma do ensino, que acabou beneficiando a indústria do livro – imediatamente consolidando o mercado didático e, a médio prazo, ampliando o público leitor. Boa parte dele se situava nas camadas médias da população, cujo peso se tornava importante com a industrialização e a urbanização crescentes.

O setor livreiro vive um momento de grande expansão. Com a queda nas exportações do café, há uma desvalorização do nosso dinheiro, o mil-réis. A taxa de câmbio torna-se desfavorável às importações, inclusive de livros. O resultado é que, pela primeira vez, o livro produzido no Brasil pode custar mais barato que o trazido do exterior.

São Paulo já era o maior centro industrial da América Latina e um dos maiores parques gráficos do Ocidente. Ainda neste momento, 70% da produção editorial estava no Rio de Janeiro, mas grande parte dela era impressa em São Paulo. O número de editoras em atividade no país cresceu quase 50% entre os anos de 1936 e 1944. No meio do século, o Brasil já produzia 4 mil títulos e aproximadamente 20 milhões de exemplares por ano.

[...] Durante todo o seu governo, Vargas conseguiu reunir boa parte da intelectualidade brasileira em torno de si. Gustavo Capanema, secretariado por Carlos Drummond de Andrade, no Ministério da Educação e Saúde. Arquitetos e artistas como Lúcio Costa, Oscar Niemayer e Candido Portinari trabalhando para o governo. O poeta e crítico Augusto Meyer na chefia do Instituto Nacional do Livro.

[...] Para o Rio de Janeiro, onde ele (José Olympio) estabelece sua famosa livraria, migram todos os que têm a esperança de ver seus textos em letra de imprensa. O país parece estar sendo redescoberto, e a indústria do livro desempenha nisso um papel fundamental. (idem, p. 81)

Dentro de seu programa de desenvolvimento social, Getúlio Vargas cria o Instituto Nacional do Livro (INL) em 1937, por decreto. Este Instituto acabou cumprindo um papel importante na disseminação da leitura no Brasil:

Três objetivos básicos do INL: (1) enriquecer e atualizar as bibliotecas públicas do país, dotando-as de livros e mão de obra especializada; (2) reeditar obras raras e fundamentais para os estudos brasileiros; (3) estimular a publicação de outras, também voltadas a temas nacionais.

O INL também tinha a incumbência de listar as obras editadas no país. Começou com *Bibliografia Brasileira*, em 1938 (1º vol.) e foi até 1956 quando foi substituída pela *Revista do Livro*, publicada até 1972. Na década de 1970 o INL passou a coeditar livros

técnicos, didáticos e paradidáticos, além de literatura, financiando sua publicação por meio do compromisso de adquirir parte da tiragem – sempre de, no mínimo, 5 mil exemplares, o que garantia um preço de venda baixo. (idem, p.95)

Pelos comentários de Paixão, percebe-se que na época havia uma diferença entre publicar no Rio de Janeiro ou em outra parte do país. E que publicar através do INL ou algum outro órgão público, garantia uma tiragem que provavelmente em editoras privadas não seria possível.

Uma publicação acadêmica tida como referência por quem pesquisa políticas públicas de fomento à cultura, e que complementa o quadro de política social e cultural implementado pelo governo de Getúlio Vargas, é a de Zita de Oliveira, que, para descrever a política governamental para as bibliotecas públicas brasileiras entre 1937-1989, acaba elencando toda política cultural do governo de Getúlio, inclusive as relativas à criação do INL. A autora fornece detalhes sobre o período que antecedeu e a própria criação do INL.

A rigor, não foi possível identificar uma política para as bibliotecas públicas brasileiras até o final dos anos 20, pois inexistiram ações deliberadas e organizadas do Estado ou da sociedade, com o objetivo de desenvolvê-las. [Z. OLIVEIRA, 1994, p.26.]

A mudança de rumo aconteceu no final dos anos 1930, quando, apesar de todos os problemas advindos do Estado Novo, houve um movimento no sentido de profissionalização do aparelho estatal, a concessão de direitos sociais aos trabalhadores e a reforma editorial. Desejoso de se dissociar das velhas oligarquias que haviam dominado o cenário político durante a 1ª república, como já se viu

em 1937 foi criado o INL, um órgão governamental responsável pela propagação do livro e da biblioteca pública. Ele iniciou seu trabalho propondo a criação de 25 bibliotecas populares, em bairros do Rio de Janeiro e em 1989, 52 anos após a sua criação, computava a presença da biblioteca pública em 96% dos municípios brasileiros. (Idem, 27).

Em seguida Zita de Oliveira apresenta a definição de política pública e argumenta que ela tem dois níveis: a aparente, composta de documentos oficiais de diversos órgãos que definem os objetivos, a distribuição de responsabilidades e as regras; e um segundo nível, o implícito, que é identificável através das políticas gerais do Estado, das ideologias vigentes e estruturas permanentes do poder. É apoiando-se nesse segundo nível, que Simeão Leal, o chefe do Serviço de Documentação irá implementar suas modificações nos rumos do departamento e criar os meios que permitirão que a 1ª ed. do *EscTrad* venha a existir.

No período em que o INL foi criado, Zita de Oliveira enfatiza as mudanças econômicas, políticas e culturais no Brasil.

Dois acontecimentos marcaram o período: a Revolução de 30 e o Estado Novo, assinalando a transição do Brasil arcaico para o moderno, com a ascensão da burguesia em substituição à oligarquia agrária, o predomínio da industrialização sobre a produção

agrícola e da cidade sobre a área rural. [...] A legislação trabalhista e previdenciária, implantada após a Revolução de 30 foi um exemplo do controle estatal [...] onde os direitos do cidadão decorriam dos direitos da profissão, regulamentadas via legislação, carteira profissional e sindicato público. O indivíduo tornava-se cidadão não com base em um código de direitos e deveres civis e políticos estabelecidos pela sociedade, mas a partir da filiação a uma ocupação definida e reconhecida por ato legal. (idem, p. 40)

Não exatamente dentro do foco da criação do *EscTrad*, mas esse trecho do trabalho de Zita de Oliveira é muito apropriado para explicar, entre outros fatores, a importância do empenho de Rónai e do grupo que junto com ele fundou a ABRATES, pois sua existência poderia abrir o caminho para a oficialização da profissão do tradutor, e significaria um amparo legal à atividade tradutória, que afinal, são fatores importantes para a consolidação e desenvolvimento do mercado de tradução no Brasil.

As observações de Zita de Oliveira dão uma dimensão dos eventos relativos à indústria da cultura nacional e ao trabalho que Simeão Leal virá desenvolver no ServDoc. Ele empunhará a bandeira do desenvolvimento cultural do governo federal para fundamentar os serviços que o seu projeto cultural presta exatamente à mesma cultura. Em entrevista, ao ser questionado sobre “as iniciativas do Serviço de Documentação”, ele é enfático:

Antes de tudo – observa Simeão Leal – poderei dizer que essas iniciativas que venho levando a cabo, com o apoio e o estímulo do ministro Simões Filho, não têm pretendido outra coisa senão ajustar-se aos objetivos visados pela Mensagem do Presidente da República, quando, no capítulo referente à educação declara: “Constitui imperativo para o Governo realizar amplo esforço, no sentido de favorecer, por todos os meios e medidas do seu justo interesse, os processos do nosso desenvolvimento cultural e artístico”. (Ver artigo no Anexo XI)

Zita de Oliveira vê na criação do INL um empenho do governo para a criação de uma cultura nacional:

A criação do INL resultou de uma conjunção de necessidades político-ideológicas e econômicas do Estado. Visando contribuir para a criação de uma cultura nacional, o Instituto centrou seu trabalho no livro, como instrumento de estabilidade social e transmissão desta cultura. Na esfera econômica, através do incentivo à edição de obras de interesse para a cultura brasileira e da criação de bibliotecas públicas, estimulou a ampliação do mercado livreiro do país. (Z. OLIVEIRA, 1994, p.44)

Mais um parêntesis pelo apropriado do tema: os aspectos levantados por Simeão Leal e Zita de Oliveira – realizar amplo esforço, por todos os meios e medidas, criar uma cultura nacional – explicam, em certa medida, com base em que argumentos Ribeiro Couto e Octávio Fialho puderam ajudar Rónai a fugir do nazismo e vir para o Brasil, apesar de o governo Getúlio ser reconhecidamente antissemita.

Em várias ocasiões Rónai faz comentários sobre as dificuldades de se publicar naquela época. O próprio Simeão Leal, na citada entrevista, menciona a falta de editores. (Ver Anexo XI) Considerando pois a missão do INL de acordo com o exposto por Zita de Oliveira, fica

mais fácil entender por que várias das publicações de Rónai foram lançadas pelo INL, em 1ª edição.

Outro estudo acadêmico de relevância para o estudo da gênese do *EscTrad* é a tese de Bernardina Oliveira, que, em uma pesquisa abrangente, refaz o percurso histórico de Simeão Leal até chegar à chefia do Serviço de Documentação e detalha as iniciativas culturais que esse editor público irá promover, dentre elas a série Os Cadernos de Cultura (CadCult), na qual o *EscTrad* é lançado em 1ª edição.

Quando, em 1947, José Simeão Leal assume a chefia do ServDoc, órgão subordinado ao Ministério da Educação e Saúde, ele não fica nada satisfeito com as exíguas responsabilidades de seu cargo²⁷. Então, aproveitando as diretrizes gerais do governo central, ele começa a conquistar novos espaços e a ampliar as funções do ServDoc. Em 1956, quando o órgão é regulamentado pelo Decreto nº 38.725, diferente da situação original, ele apresentava a seguinte constituição:

divulgação, pesquisa, foto-documentação, administração e biblioteca, fundamentando sua finalidade e competência em: “reunir, catalogar, classificar todo elemento que interesse direta e indiretamente às questões educacionais e culturais ligadas a esse Ministério, com o objetivo de criar meios coligidos e ordenados que facilitem amplo serviço de informações, estudos, pesquisas e divulgação; promover exposições, conferências sobre temas culturais e artísticos, fazer publicações de interesse cultural, artístico, científico e educacional; estabelecer intercâmbio no país e no estrangeiro [...] documentar a história cultural e educacional do país”. (B.OLIVEIRA, 2009, p. 132)

Segundo a autora, o decreto só oficializou o que Simeão Leal já fazia no ServDoc, desde que assumiu o cargo, transformando

a antiga gráfica ministerial na editora oficial brasileira da política cultural em andamento, deixando para trás a mera função de guardião de papéis burocráticos, para se transformar em um próspero setor de circulação e distribuição das múltiplas vocações culturais. (idem).

Bernardina Oliveira frisa claramente que Simeão Leal

se aproveitou do procedimento operacional do setor para imprimir seu grande feito: transformar uma simples gráfica de documentos burocráticos numa das mais expressivas editoras da época, com um diferencial: uma editora que agisse com recursos públicos, (idem, p. 136)

²⁷ Segundo Bernardina de Oliveira, eram as seguintes as competências do ServDoc quando Simeão Leal assumiu a chefia do departamento: “(a) Coligir, ordenar e conservar os textos documentários, bem como dados descritivos e estatísticos e documentação fotográfica referentes a cada um dos órgãos, bem como às diferentes atividades do Ministério da Educação e Saúde; (b) Ministrar ao Departamento de Imprensa e Propaganda todos os elementos de que ele necessitar para o exercício de suas funções, no que disser respeito aos assuntos de que se ocupa o Ministério da Educação e Saúde; (c) organizar e editar os Anais do Ministério da Educação e Saúde.” Ao tomar posse, como Diretor do SD, José Simeão Leal faz um balanço das atividades efetivamente desempenhadas pelo setor, que se limitava a editar documentos oficiais e arquivá-los. (B. OLIVEIRA, 2009, p. 132)

assim colocando a serviço da intelectualidade brasileira os recursos do Estado a que muitos, de outra forma, não teriam acesso. E ele faz tudo isso aproveitando as diretrizes da própria política social e cultural de Getúlio Vargas.

Usando a escusa de estar implementando a política almejada por Getúlio, tomando suas palavras ao pé da letra, Simeão Leal realiza verdadeiros prodígios à frente do ServDoc ao longo dos anos que permanecerá no cargo. Sempre “lutando para conseguir aditamento de verba para atender aos inúmeros projetos” que vai implementando, Simeão Leal “não se cansa de apelar aos Ministros”, para poder sanar “pagamentos referentes a direitos autorais, serviços de revisão, apuração de textos, matéria-prima necessária à confecção de livros, além dos custos com campanhas educativas, que sempre foram solicitadas e bem vistas aos olhos do Ministério”. (idem, p.152) Em um desses recursos, ele relaciona as publicações para as quais precisa de verba, todas lançadas durante sua gestão, isto é: “Revista Cultura, Revista Arquivos, Coleções Cadernos de Cultura, Coleção Artistas Brasileiros, Vida Literária, Letras e Artes, os Novos, Aspectos, Documentos, Teatro e obras avulsas” e mais um sem fim de publicações ligadas à fotografia e ao folclore brasileiro. Na página 158 *et seq.*, Bernardina de Oliveira lista as diversas séries e coleções que Simeão Leal publicou, com suas respectivas temáticas. E para se ter uma amostra, anexamos um artigo (ver Anexo XXIV-1 e XXIV-2) que saiu por ocasião do cinquentenário de Simeão Leal, em 14/12/1958, em que algumas dessas publicações são descritas, além do autor retratar a personalidade e atuação do aniversariante.

Entender por que Rónai lançou alguns livros através desses órgãos governamentais²⁸, e principalmente por que o *EscTrad* saiu na série CadCult, do ServDoc, junto com grandes nomes da literatura brasileira (ver Anexo IV), tem um papel importante na gênese da obra. Como vimos, é Bernardina de Oliveira quem comenta o fato pitoresco envolvendo Clarice Lispector e com isto demonstra o tipo de papel que o editor Simeão Leal desempenhava à frente do ServDoc. Segundo Bernardina, Simeão Leal foi a primeira figura na cultura brasileira a desempenhar o papel de editor público e pelo impressionante network que desenvolveu na época, brevemente listado a seguir, é possível considerá-lo um verdadeiro mediador – de acordo com o conceito de *patronagem* (ver em MILTON, 2009).

Embora nunca estivesse só, pois vivia sempre rodeado em seu gabinete, Simeão atendia a pedidos e fazia de seu espaço a casa da Paraíba, recebendo todos os conterrâneos, amparando-os de alguma forma.

Esse mesmo gabinete, em que recebia os seus conterrâneos, esteve durante seus quase 19 anos, frequentado por intelectuais, artistas e literatos, como Maria da Saudade Cortesão, Murilo Mendes, Álvaro Lins, José Lins do Rêgo, Mauro Mota, João Condé,

²⁸ Tanto a 1ª ed. de *Como Aprendi Português e Outras Aventuras* (1956) com a de *Encontros com Brasil* (1958), de Paulo Rónai, saíram pelo INL.

Orris Soares, Adonias Filho, Ciro dos Anjos, Stefan Baciú, Gilberto Freyre, Cassiano Ricardo, Peregrino Júnior, Anísio Teixeira, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, João Neves Fontoura, Josué Montello, Hermana Lima, Dante Costa, Lígia Fagundes Teles, Geir Campos, Nelson Coelho, Fagundes Menezes, Bruno Giorgi, Di Cavalcanti, Cícero Dias, Herbert Read e outras expressões da cultura brasileira, transformando seu espaço no lugar de circulação das múltiplas vozes que compunham a diversidade literária e cultural do país. (B. OLIVEIRA, p.164)

E segundo a autora, Simeão Leal de fato realizou tudo isso e muito mais. Em pouco tempo, o ServDoc publicava revistas de Cultura, sobre artistas brasileiros, sobre vida literária, teatro, entre outros, além de obras avulsas. Fazendo uso da máquina do governo, Simeão Leal transformou-se em um grande editor público, incentivador da cultura nacional.

Um aspecto relacionado aos CadCult, que interessa para a gênese do *EscTrad*, é a motivação que Simeão Leal apresentou para a sua criação. Em uma entrevista, reproduzida por Bernardina, ele explica que

“[...] sua idéia visou contribuir para criar nos escritores brasileiros, a despeito de partidos políticos, religiões ou credos, uma mentalidade nova para o ensaio. Nesse sentido, acrescentou que, no Brasil, o ensaio era um gênero pouco desenvolvido, razão porque era difícil encontrar editores que se interessassem por ele, sobretudo se o processo editorial fosse pensado sob uma perspectiva econômica e de mercado, tornando difícil sua aceitação comercial, assim como a poesia e a história”.

“[...] foi assim que tive a idéia de editar, pelo serviço de documentação, uma série de pequenos livros tratando de temas artísticos, literários, sociológicos e culturais de atualidade”. Portanto, os Cadernos foram idealizados para “a publicação de um gênero específico, o ensaio literário”. (B.OLIVEIRA, 2009, p.201)

A diretriz da política editorial dos CadCult – o ensaio literário – mais a necessidade de se tratar de temática inédita, explica por que Rónai selecionou, entre os temas que já havia publicado em jornais até então, uma temática que ainda não tivesse sido enfeixada em livro, isto é, a tradução. É interessante observar que o estilo dos artigos de outros dois livros que viria a publicar depois pelo INL pode ser classificado na categoria crônica ensaística ou ensaio literário, mas não o *EscTrad*, pois para ele cabe somente a categoria ensaio.

Ao especificar o estilo literário de Rónai, Nelson Ascher explica que o gênero ensaio era a sua especialidade e que ele ajudou a desenvolver este gênero aqui no Brasil.

Junto com sua certeza fundamentada a respeito da centralidade da tradução [para a atividade literária], Rónai trouxe-nos também a visão humanista e cosmopolita implícita em sua atividade e compartilhada com o restante massacrado de sua geração. A essa visão pertence um gênero literário específico, que ele ajudou a desenvolver no país. Trata-se do ensaio. (ASCHER, 1996, p.56)

No capítulo 4 verificaremos que quando Rónai reúne os artigos de jornal para colocá-los no livro *EscTrad*, ele não precisa fazer nenhum tipo de adaptação ou revisão estilística. As modificações / alterações que fará serão de outra ordem. Portanto mesmo no jornal, seus textos

já tinham as características do gênero ensaio, ratificando assim as palavras de Ascher, também confirmadas pela política editorial do CadCult.²⁹

Bernardina de Oliveira informa que Simeão Leal manteve inalterado um dos critérios iniciais que balizaram a criação dos CadCult, isto é, o critério básico para a escolha dos autores: mérito da obra. Com isso, a nomes já consagrados juntaram-se estreantes da “geração de 22 a 45”. (B.OLIVEIRA, 2009, p.204) Quanto à temática dos CadCult, 78% das publicações é voltada para a literatura, englobando temas como cultura, crítica literária, ficção e poesia; 28% destina-se à arte, distribuídos entre teatro, cinema, pintura, escultura e arquitetura. Do restante, 18% coube à história e 16% à sociologia, incluindo temas econômicos.

Mais adiante Bernardina Oliveira ressalta o que chama de “projeto editorial gráfico adotado para toda a Série”:

dimensões físicas de “pequenos cadernos ou ‘pocket books’ medindo 14 x 19,5 cm; cor e conteúdo padrão da capa; número de páginas, que não podiam exceder 160; folha de rosto típica e padrão pra todos; “todos os exemplares traziam dedicatórias de seus autores”; início do texto sem prefácios ou apresentações; índice no final do texto, “como marca da editoração europeia”; presença da nota de imprensa (gráfica, seu endereço e a data); “em todos os Cadernos, a última capa trazia impresso o nome da Série, o Diretor e os números antecedentes e seus respectivos autores”; até mesmo uma observação sobre a fonte, “inspirada na moderna tipologia da arte gráfica alemã”. (idem, 209)

Na 1ª ed. do *EscTrad*, entretanto, muitos desses elementos editoriais da série ainda não estão presentes, o que nos faz concluir que, de alguma forma, os primeiros volumes dos CadCult eram experimentais. Ainda no campo das hipóteses, supomos também que a participação de Rónai na série CadCult pode ter acontecido para atender ao pedido e apoiar o projeto do amigo Simeão Leal. Em troca de correspondência entre Rónai e Herbert Caro³⁰ há menção a Simeão Leal mais de uma vez, e Rónai se refere a ele como “meu amigo Simeão Leal”, dizendo que verá o que pode fazer para apoiar a publicação de Caro na série. No prefácio do *Roteiro do Conto Húngaro*, lançado dois anos depois na mesma série, Rónai se refere à sua amizade com Simeão Leal. Um outro indício pode ser visto no Anexo XII: trata-se de uma carta do Rónai para Simeão Leal, intermediando o pedido de um amigo. Mas o indício mais forte, além de todos esses, é a sensação de ouvir a voz de Paulo Rónai por trás desta frase creditada por Bernardina de Oliveira a Simeão Leal: “Portanto, os Cadernos foram idealizados para a publicação de um gênero específico, o ensaio literário”.

No total, somos informados, foram publicados “mais de 120 autores com 140 títulos”: 91 autores com uma publicação, 19 com duas e 4 autores com três publicações cada, entre 1952

²⁹ Como em SPIRY 2009 dedicou-se um capítulo inteiro para a discussão do estilo literário de Paulo Rónai, aqui o tópico ensaio não está sendo abordado.

³⁰ Disponível no acervo particular de Paulo Rónai, no Sítio Pois É, em Nova Friburgo, RJ.

e 1965, sendo que praticamente a metade, 74 títulos, saíram nos três primeiros anos. Quando comenta sobre a recepção midiática, Bernardina diz que “a expressiva aceitação dos Cadernos se deve à direção de Simeão Leal, que transformou um serviço burocrático em um verdadeiro centro irradiador e também aglutinador de cultura” (idem, p.233).

O ano de 1952, com o lançamento dos CadCult, marca o campo editorial público como ano-chave para o reconhecimento do trabalho de Simeão Leal à frente do ServDoc. Isto se deve às inovações que introduz no setor desde 1947, quando toma posse, e também pelo grande número de novas criações. Bernardina Oliveira nos fala sobre o papel de destaque que os CadCult ocuparam desde o início, que tomaram as páginas dos principais jornais em nível nacional. Todo esse *frisson* em torno dos CadCult vai provocar uma corrida de autores já consagrados, desejando que seus textos sejam publicados neste novo formato, uma espécie de livro de bolso, não comum à época. Sugere Bernardina que o editor pode ter se inspirado nos princípios editoriais da *Biblioteca Blue*, criada no século XIX, na França. Segundo depoimentos colhidos pela pesquisadora, todos os que pretendem estudar a história do livro no Brasil, não podem deixar de fazer constar os CadCult, pois são merecedoras de registro, tanto pela qualidade gráfica quanto textual. Um fato curioso: Laurence Hallewell, em *O Livro no Brasil: sua História*, não faz nenhuma menção nem a Simeão Leal nem aos Cadernos de Cultura, muito menos ao Serviço de Documentação.

“Vie et Langage”, revista francesa consagrada a assuntos de linguagem e redigida com muito espírito, organizou em abril de 1952 um concurso entre os seus leitores para escolherem as dez palavras mais bonitas da língua francesa. O preparo do concurso e a apuração dos resultados tomaram exatamente um ano e constituem um milagre de meticulosidade. Um leitor estrangeiro, insuficientemente familiarizado com os amáveis caprichos do espírito francês, poderia até julgar frívola a seriedade com que os diretores da revista classificaram as respostas obtidas, para designarem os vencedores com a maior justiça possível. Há países em que a apuração de uma eleição parlamentar se efetua com menor cautela.

~ Paulo Rónai

3. BACKGROUND – BREVE PERFIL BIOGRÁFICO – ALGUNS ASPECTOS RELEVANTES

Ao apresentar a obra de Jean-Michel Massa sobre *A Juventude de Machado de Assis*, Paulo Rónai (Budapeste, Hungria, 1907 – Nova Friburgo, Brasil, 1992) comenta que o original francês daquele livro havia sido objeto de tese de doutoramento do autor, tese esta “preparada dentro de um regime universitário austero e exigente, que impõe ao candidato muitos anos, às vezes toda uma vida de pesquisa. Jean-Michel Massa transpôs essa barreira difícil com menos de 40 anos de idade, fato dos mais raros”. (RÓNAI, 1971, orelha) O detalhe do destaque ao rigoroso regime universitário francês talvez não chamasse atenção caso não houvesse interesse em se conhecer o sistema educacional em que quem fez o comentário foi educado. Devido à escassez de informações sobre a juventude de Rónai, é necessário buscar nos detalhes, nas sugestões de seus textos e em literatura paralela, respostas para perguntas que nos perseguem desde o início desta pesquisa, ainda na fase da dissertação que a precedeu (SPIRY 2009): “Como e quando Rónai aprendeu a traduzir?”. Uma das pistas, ele dá quando conta que na época em que frequentava o curso secundário, em Budapeste, “ainda se aprendia latim em seis aulas semanais durante oito anos” (RÓNAI, 1981, p.157). Considerando que na Hungria, a partir do curso secundário, depois de um exame de conclusão de curso, se entrava diretamente na faculdade, então esses oito anos de aulas de latim devem ter começado quando Rónai tinha entre nove e dez anos de idade. Não admira ele se assustar, de início, com a gramática, uma ferramenta que depois iria utilizar, com maestria, na elaboração inclusive de dicionários gramaticais, além de diversos livros didáticos (SPIRY 2009, Anexo II).

No começo, a gramática me assustou; mesmo depois, mais tarde, quando nos faziam ler César, Salústio, Tito Lívio e Cícero, eu partilhava ainda da ojeriza da maioria de meus companheiros de turma.

O deslumbramento veio com Virgílio no dia em que logrei escandir sozinho um hexâmetro. Comecei a encontrar prazer quase sensual naqueles versos que, aparentemente iguais, na verdade eram de extrema variedade musical; decorava-os, saboreava-os, recitava-os para mim mesmo. Transplantar poesia latina era, aliás, costume de longa tradição no país. (RÓNAI, 1981, p.158)

Normalmente não afeito a falar de si próprio, surpreende que confesse sua paixão adolescente com tanto entusiasmo. Mas ao mesmo tempo nos ajuda a confirmar a origem de seu eterno interesse pela tradução³¹. E Rónai, fiel a essa tradição de transplantar poesia latina na Hungria e ao seu gosto pessoal pelo latim, aos 18 anos de idade já publica profissionalmente traduções de poesia latina³². Juntando, pois, essas informações esparsas, parece plausível supor que ele aprendera a traduzir no ginásio.

Poucos anos depois, em 1928, quando já é estudante da faculdade Pázmány Péter (atualmente ELTE – Eötvös Loránd Tudományok Egyetem) Rónai faz a primeira das três viagens que fará para a França, com o objetivo de estudar na Sorbonne. Seu tema de pesquisa são as obras da mocidade de Balzac (RÓNAI 1930); em 1930, de volta a Budapeste, defende tese e recebe o título de doutor em filologia e línguas neolatinas. Compreende-se que ao se referir ao rigoroso sistema de ensino francês em que Jean Michel Massa defendeu sua tese, Rónai tem em mente tanto o sistema de educação francês, que conheceu pessoalmente, como o próprio sistema húngaro, onde se formou.

Existe ainda um outro detalhe que contribui com a constatação de que Rónai aprendera a traduzir no ginásio, enquanto aprendia sua língua materna e as demais línguas do currículo. Em um artigo publicado na Revista do Livro (RÓNAI 1969), ele relembra a função da tradução no processo de aprendizado de línguas, por meio de uma citação a Arrowsmith (1964, p. IX), da Universidade do Texas, que no prefácio de seu livro diz:

[Nenhum dos ensaios aqui incluídos toca em um aspecto da tradução que acreditamos ser de importância primordial: seu papel na educação.]³³ Tradicionalmente, o treino do espírito repousava, na Europa, no estudo de matemática, da história e das línguas. Essas últimas eram estudadas em conjunto e não isoladamente, e os exercícios básicos de tradução afinavam os olhos e os ouvidos para as sutilezas tanto da língua materna quanto da estrangeira. (apud RÓNAI, 1969, p.33)

³¹ O passar dos anos não arrefeceu essa paixão adolescente, como testemunha, por exemplo, o artigo *Uma Geração sem Palavras*, que Rónai publicou à página 65 de seu *Como Aprendi Português e Outras Aventuras*. (1958). Para desenvolver seu argumento, Rónai explica que latim é uma das matérias que ensina com mais frequência, apesar dessa língua parecer “a gata borralheira do currículo, de que todos falam mal”. Entretanto, continua, quando devidamente ensinada, essa língua “faz reviver o passado da nossa cultura e da nossa língua, constitui um centro de interesse sem igual, um esteio das demais matérias; desenvolve nos jovens cérebros em formação o senso histórico, ensina-lhes o amor ao esforço intelectual”. Ou seja, apesar dos anos transcorridos, vê-se o entusiasmo adolescente intacto, ainda acrescido do entusiasmo pelo magistério.

³² Ver em SPIRY 2009, Anexo II, p. 144, item 1.1 Tradução de poemas e epigramas para o húngaro, publicadas em jornais e revistas. Afora algumas poucas publicações autorais, a primeira data de tradução publicada como atividade remunerada, na bibliografia de Paulo Rónai, é 24/01/1926, ou seja, aos 18 anos de idade.

³³ Trecho não citado por Rónai, mas de relevância para o nosso argumento.

Portanto, os princípios básicos aplicados na época, via tradução, tinham a dupla função de apoiar tanto o aprendizado da língua estrangeira como da materna. Essa combinação de aprendizado de língua com “exercícios básicos de tradução” será uma técnica que o próprio Rónai aplicará em suas aulas e no material didático que produzirá ao longo da vida. Este é mais um dos componentes do que aqui chamamos de “escola húngara”.

Um detalhe adicional vem do trabalho historiográfico de John Lukács, um húngaro que emigrou para os Estados Unidos. Ao retratar a cultura húngara do *Fin-de-Siècle*, Lukács (2009) nos informa que dos doze Prêmios Nobel recebidos por húngaros³⁴, cinco pertenciam à geração que ele cunhou de “geração de 1900”, isto é, a geração que nasceu, estudou e começou a produzir em torno da virada do séc. XX³⁵. Ao examinar as prováveis causas desta concentração de gênios do período, Lukács verificou que no mínimo dois dos laureados que pertenciam à “geração de 1900” haviam estudado, em Budapeste, no Ginásio Fasori: Eugene Wigner (Nobel de Física de 1963) e Leo Szilard (Nobel de 1959, teve Albert Einstein como orientador); estudaram também no Ginásio Fasori o famoso matemático John von Neumann e o físico Edward Teller, conhecido como o “pai da bomba de hidrogênio”. Esse Ginásio Fasori, entre outras coisas, ficou mundialmente famoso, na época, em função da competição de matemática e física que promovia mensalmente.³⁶ Assim, Lukács localiza a origem dessa “explosão de talentos” no campo cultural, já que as escolas da Budapeste de 1900 “tinham alcançado um padrão comparável ao das melhores escolas da Europa” (LUKÁCS, 2009, p.174). E confirma a mesma informação que Rónai havia nos passado, de que o elevado padrão das escolas secundárias húngaras, inclusive as dedicadas às humanidades, demandava “entre outras matérias, latim e grego, com duração de oito anos, geralmente das idades de dez a 18 anos” (idem). Ele completa: “No fim dos oito anos, um exame final e rigoroso era o requisito para a admissão nos estudos universitários (e o requisito também para a maior parte das posições no clero e no serviço público)” (idem, p.175) (destaque do autor).³⁷

³⁴ A primeira edição americana de Lukács é de 1988, portanto não considera o 13º Prêmio Nobel húngaro, de Imre Kertész, 2002, categoria Literatura.

³⁵ Para não nos estendermos em demasia neste tópico, apesar de sua relevância, deixamos de detalhar outros autores que, tal qual Lukács, fizeram pesquisa profunda na área. William O. McCagg em *Jewish Nobles and Geniuses in Modern Hungary*, 1972, dedica um capítulo para explicar por que a Hungria produziu uma galáxia de gênios da ciência no início do séc.XX. Paul Lendvai em *The Hungarians – A Thousand Years of Victory in Defeat*, (1999), no último capítulo chamado “‘Everyone is Hungarian’: Geniuses and Artists”, escreve com detalhes sobre os cientistas húngaros da “geração de 1900” que se espalharam para todos os cantos do globo. R. Patai é o autor de *The Jews of Hungary – History, Culture, Psychology* (1996); seu 25º capítulo é dedicado ao famoso patriotismo húngaro e vários outros capítulos tratam do período em foco, o *Fin-de-Siècle*, inclusive da “geração de 1900”.

³⁶ O histórico da competição, que existe até hoje, pode ser consultado online (em húngaro):

<http://www.sulinet.hu/komal/reszlet.html>

³⁷ Durante as pesquisas para o mestrado, localizei um artigo em que um conceituado diretor de cinema húngaro conta como ele conheceu, no Ginásio, o trabalho de um dos grandes poetas húngaros do início do séc.XX, József Attila: reza o artigo que foi através de um jovem professor que, em 1938, viera substituir o catedrático em uma

Um nível de instrução mais elevado na Hungria já havia sido objeto de comentários mais antigos. Por exemplo, na revista de Literatura Comparada de Hugó Meltzl – citada no item 2.4 –, na edição de 31 de março de 1877, na coluna *Literary Notes*, vemos uma nota mencionando uma pesquisa sobre a população da Hungria, que afirma que no território do país habitavam 15 milhões de pessoas, dos quais somente 40% (isto é 6,2 milhões) eram húngaros. Mas que a população culta do país era praticamente toda formada por húngaros e alemães. Além disso, a nota menciona o número de jornais e revistas publicados por esses grupos étnicos: os húngaros tinham 268 publicações, isto é, 23,1 mil hab/jornal (HU); os alemães tinham 85 publicações, isto é, 23,5 mil hab/jornal (GR); os eslovacos tinham 42 publicações, que dá um total de 111,9 mil hab/jornal (SLAV); e os romenos somente 13 publicações, que dá um total de 200,0 mil hab/jornal (RO). Ou seja, húngaros e alemães praticamente no mesmo nível, enquanto que eslovacos e romenos muito distantes: enquanto cada publicação húngara equivalia a 23.100 habitantes, cada publicação romena equivalia a 200.000 habitantes.

There was a letter in the „Daily Telegraph” of Monday, February 26, from Francis Pulszky on the „German, Magyar and Slav” in which he says: „In Hungary the population amounts to 15,000,000, of whom 40 per cent are Magyars, 30 per cent Slavs, 16 per cent Romans, and 12 per cent Germans; but the educated classes belong almost exclusively to the Magyars and Germans. In 1876 the 6,200,000 Magyars published 268 newspapers and periodicals, the 2,000,000 Germans 85, the 4,700,000 Slavs only 42, and the 2,600,000 Romans 13. (edição 1877, nº 6) [Reprodução do texto original.]

Com esses dados, parece válido concluir que húngaros não somente consumiam publicações no mesmo nível que os alemães que habitavam em seu território, portanto tinham um nível de educação semelhante, mas também destacar as grandes diferenças que os índices indicam com relação aos eslovacos e romenos.

No diploma ginasial de Paulo Rónai estão listadas as matérias e as notas com que ele se formou. Das doze matérias, cinco são básicas: língua e literatura húngara, língua e literatura latina, história, matemática e física. Os resultados de Rónai são “excelente” para todas elas. Dentre as demais matérias do currículo: religião e ética, língua e literatura grega, língua e literatura alemã, filosofia, geografia, biologia e geometria, Rónai obteve um único “bom” (em geografia) e novamente “excelente” para as demais matérias. Ainda que sua aptidão natural fosse a área de humanidades, o desempenho escolar de Rónai nas matérias ditas exatas era do mesmo nível, o que lhe garantiu uma cultura geral robusta, dentro de padrões altamente exigentes e seguindo o padrão da “geração 1900”, de Lukács. Na produção bibliográfica de

determinada aula. Como em 1980 (data do artigo) o cineasta citou literalmente o nome de Rónai Pál (versão húngara do nome de Paulo Rónai), procurei seu telefone de Budapeste e o entrevistei. Confirmando as informações que Lukács nos dá em seu livro, quando perguntado sobre o por quê o Ginásio havia sido tão significativo em sua formação, resumidamente o cineasta me respondeu o seguinte: devido ao *numerus clausus*, que limitara muito o acesso dos judeus às universidades, havia se desenvolvido um fervilhante ambiente cultural de altíssimo nível dentro dos muros dos Ginásios. (ver cópia do artigo em anexo, em húngaro – Anexo X)

Rónai, não somente as quatro línguas do currículo estão presentes, como as outras que ele aprendeu fora da escola: francês, italiano, espanhol e português. E ele acreditava na máxima de que a prática leva à perfeição. Quando empreendeu sua primeira viagem de estudos para França, em 1928, segundo um hábito que irá manter para o resto da vida, diariamente ele vai registrando os fatos marcantes em uma caderneta de bolso. No dia em que pisa em solo francês pela primeira vez, passa a fazer as anotações nesta língua.

Também digno de reparo na grade curricular do ginásio que Rónai frequentou, o estudo das línguas está sempre associado à respectiva literatura, que deve ter proporcionado a Rónai o acesso a uma ampla cultura literária, alicerçando sua futura atividade de crítico literário humanista. Em vista desses fatores, e considerando que os assinantes da revista de Literatura Comparada de Meltzl Hugó também eram professores, é plausível associar a grade curricular também à Literatura Comparada.

A quantidade de línguas da grade curricular do Ginásio cursado por Rónai – húngaro, latim, grego e alemão –, se comparada com os padrões do séc.XXI, é surpreendente e comprova a constatação de Arrowsmith sobre o método de ensino das línguas na Europa, e a posição defendida por Lukács quanto à posição que o ensino húngaro daquele período ocupava com relação ao resto da Europa. Mesmo assim, não se bastando com as línguas obrigatórias, com seu pendor natural para humanidades, Rónai faz curso particular na Aliança Francesa de Budapeste e estuda a língua de cultura da época. Foi através deste instituto, e devido ao seu desempenho, que Rónai obteve as três bolsas de estudo que lhe permitiram intercalar os anos da faculdade com cerca de três viagens de pesquisa para a Sorbonne.

Levando tudo isso em consideração, podemos afirmar que esta formação sólida foi, em grande monta, responsável pela obra robusta que Rónai irá produzir ao longo de sua carreira. Nelson Ascher, convidado pelo SINTRA para homenagear Rónai no Dia Internacional do Tradutor, em 30/09/1994, sintetiza esse quadro:

Os judeus, por razões históricas e sociais, constituíam parcela substancial da classe média húngara e, portanto, de sua intelectualidade. Esta, nos anos 30, estava produzindo o que poderíamos chamar de sua fina flor. Eram os escritores, ensaístas, tradutores, poetas e críticos que, nascidos no começo do século, começavam a atingir a sua maturidade criativa. [...] A essa talentosa geração pertencia igualmente Paulo Rónai, que começava a publicar seus primeiros livros pouco antes da eclosão da guerra. (ASCHER, 1996, p.52)

Quando foge dos nazistas e vem para o Brasil, em 1941, Rónai está com 34 anos, e tem cerca de quinze anos de atividade produtiva. Seu apurado senso crítico desde cedo o fez perceber que sua vocação não estava voltada para a atividade criativa, mas para a crítica. Na Hungria desenvolveu intensa atividade tradutória e publicou suas primeiras obras (Ver SPIRY

2009, Anexo II). Entre elas, uma antologia de poetas brasileiros, *Brazília Űzen* (Mensagem do Brasil), depois que aprendeu português sozinho. Quando deixou sua terra natal para trás, também deixou na gráfica os manuscritos de uma antologia de poemas que traduziu do latim para o húngaro, e que será lançada em Budapeste, em edição bilíngue, quando ele já tiver chegado ao Brasil. O significativo desse feito, segundo Ascher, é que “no contexto de sua época e geração” publicar uma edição bilíngue “implicava em se submeter ao crivo de padrões exigentes” (idem). E como se verá no capítulo 6, que trata da recepção de Rónai, este seu trabalho é respeitado até hoje.

Ascher também reafirma a posição defendida por Meltzl no que diz respeito à função da tradução no sistema literário húngaro, e vai mais além: afirma que é a própria classe literária que assume a função de incorporar a literatura do resto do mundo ao seu próprio sistema literário, via tradução.

A intelectualidade húngara considerou sua tarefa aclimatar no país e na sua língua toda a literatura do planeta. [...] cada peça, cada poema [traduzido] leva a chancela de um poeta húngaro de primeira linha. Em outras palavras, os escritores húngaros, sobretudo os poetas, sempre consideraram a tradução uma atividade indissociavelmente ligada a seus afazeres criativos e também uma espécie de dever cívico para com sua comunidade nacional/idiomática. (ASCHER, 1996, p.54)

Vê-se que a posição da tradução na Hungria é o oposto do Brasil, onde, pelo menos na época da chegada de Rónai, em 1941, acreditava-se ainda que a tradução fosse uma atividade secundária. É compreensível, pois, que ele lute em prol da profissionalização da atividade de tradutor, que participe da fundação da ABRATES, que publique livros teóricos, enfim, que pratique a tradição cultural que corria em suas veias.

Outra característica própria da geração de 1900, à qual Rónai demonstrou pertencer não porque nasceu naquela época mas por causa sua formação sólida, segundo o historiador Miklós Szabolcsi, é a erudição de seus membros:

Um alto grau de erudição foi uma das características dos membros da ‘terceira geração’ (da revista *Nyugat*), uma qualidade que lhes rendeu, de parte dos críticos contemporâneos, o epíteto de ‘a geração dos ensaístas’ (SZABOLCSI, 1964, p. 190) .

Se somarmos à opinião de Szabolcsi a de Nelson Ascher, entendemos por que *EscTrad* não se encaixa em outro gênero que não o gênero ensaio. O fato de Ascher afirmar que Rónai ajudou a desenvolver o gênero literário ensaio aqui no Brasil, se considerado junto com a opinião de Simeão Leal de que “o ensaio era um gênero pouco desenvolvido”, de difícil “aceitação comercial” e considerando ainda sua política voltada para o desenvolvimento cultural do país, entendemos por que ele afirmou que “os Cadernos foram idealizados para a publicação de um gênero específico, o ensaio literário”. Portanto, ser ensaísta, no caso do

Rónai, também faz parte de sua carga cultural e, no caso da publicação do *EscTrad* é uma característica essencial, já que é uma exigência da política editorial do *CadCult*.

A questão do multilinguismo levantada por Meltzl quando do lançamento de sua revista de Literatura Comparada em 1877 é fruto do convívio de diferentes povos dentro das mesmas fronteiras, como é o caso da Hungria e vários povos da Europa Centro-Oriental. Antes do Tratado de Trianon³⁸, a Hungria abrigava em seu território um complexo grupo multiétnico, jamais assimilado ao longo de seus 1.100 anos de história. Os húngaros nativos representavam somente 51% do total da população nacional (atualmente esse índice é de cerca de 94%), sendo que os 49% restantes era distribuída entre: romenos (17%), eslovacos (12%), alemães (12%), croatas e sérvios (4%), rutenos e ucranianos (2%). Comparado com um país monolíngue como o Brasil do séc.XX, este convívio multiétnico propicia uma consciência linguística diferenciada. Meltzl, por exemplo, recusa qualquer rigidez com relação ao número de línguas que aceita publicar. Critica um artigo londrino que dizia que sua revista aceitava publicar originais em dez línguas diferentes, pois, argumentou Meltzl, o autor do artigo não levava em consideração a camisa de força que o termo decaglotismo impunha à sua publicação, já que ele lutava para que “uma língua não fosse considerada superior à outra, pois pelo menos na literatura todas elas têm a sua própria beleza e seu direito de ser, tal como cada flor no campo”.³⁹ Esse ambiente multilíngue é provavelmente responsável, ao menos em parte, pelo eterno interesse de Rónai pelas questões linguísticas⁴⁰ e culturais nela envolvidas. Se ele tivesse se bastado a estudar as quatro línguas obrigatórias do Ginásio, mas não, Rónai ainda buscou aprender mais quatro línguas por si mesmo, e ao longo de sua vida ainda incorporou o inglês e o russo – este último pelo menos ficou só no nível da leitura.

Em meio a esse ambiente multilíngue e na ausência de uma classe política que verdadeiramente abraçasse as causas nacionais, os intelectuais húngaros tomaram para si o importante papel de formadores de opinião, e, em 1908, um ano após o nascimento de Rónai, a elite literária da época fundou a revista *Nyugat* que passou a ser o veículo da cultura de

³⁸ Como consequência do Tratado de Trianon, em 1920 a Hungria perde 2/3 de seu território original e 1/2 de sua população, que antes totalizava cerca de 20 milhões de habitantes.

³⁹ A citação aparece na coluna 14, da edição de 15 de janeiro de 1879. [minha tradução, do húngaro]
http://documente.bcucluj.ro/web/bibdigit/periodice/osszehasonlitoirodalomtortenelmi/1879/BCUCLUJ_FP_10654_3_1879_003_041.pdf

⁴⁰ Esse eterno interesse de Rónai pelas questões relativas à língua em geral, perpassa toda sua obra. Só para citar um entre centenas de exemplos que se poderia dar a respeito, vamos ressaltar um comentário que ele faz na introdução de seu livro *Babel & Antibabel*, obra dedicada às línguas artificiais: “Espero que um pouco de convivência com as línguas artificiais o ajude, como ajudou a mim, a melhor compreender o mecanismo das naturais, entre elas a que falamos e escrevemos.” (RÓNAI, 1970, p.13)

vanguarda do país, representando um marco divisório na história de sua literatura⁴¹. Seu primeiro editor chefe, Ady Endre, inflamava as multidões com sua poesia. O próprio Rónai dizia que Ady havia sido seu ídolo na juventude (SPIRY, 2009, p.19-20). Dois anos antes do lançamento da revista *Nyugat*, em 1906, Ady havia publicado o livro *Új Versek* (Nova Poesia), no qual reunira poemas seus que anteriormente já haviam sido publicados em jornais e revistas. Porém, à visão do conjunto, quando reunidos em um volume único, o impacto da inovação se revelou plenamente, e a novidade da poesia moderna causou uma forte impressão principalmente devido à inovação na forma⁴². Tanto assim, que ao lançar sua antologia de traduções poéticas, *Modern Költök* (Poetas Modernos) em 1913, Kosztolányi Dezső, um dos grandes, senão o maior poeta-tradutor húngaro do séc.XX, faz referência ao impacto que a nova poesia provocou em seu fazer literário e tradutório:

E considerando que a nova poesia libertou o poeta da obrigação de reproduzir a realidade servilmente e lhe deu liberdade para que, de acordo com seu arbítrio, escolhesse e harmonizasse as passagens que achasse representativas, da mesma forma libertou o tradutor das amarras. (SPIRY, 2010, p.138)

Assim, ao vir para o Brasil, Rónai já tinha esta cultura bem arraigada, e sabia bem o impacto que artigos reunidos em livro têm. Este fato também explica por que todas as suas obras não didáticas vieram a público da mesma maneira: primeiro publicadas na imprensa em geral, no formato de artigos ou resenhas, para então, em um momento futuro, serem reunidas sob determinada temática e enfeixadas em um livro. Junto com seu pendor natural, o hábito de escrever primeiro para jornal, irá influenciar o estilo literário de Rónai, dando-lhe uma configuração estilística mais leve, ora tendendo para a crônica ensaística, ora para o ensaio propriamente dito.

Rónai sempre exerceu pelo menos duas atividades em paralelo. Tinha como profissão – e vocação, como contou em entrevista à revista *Aproximações* – ser professor. E por inclinação era tradutor. “Examinando minha bibliografia, poderá ver que quase todos os meus livros são didáticos ou têm algo de didático.” (SIEWIERSKI, 1988, p.113) Talvez esse traço de personalidade – ser didático – também marque o estilo literário de Rónai. Talvez não sem

⁴¹ Józán Ildikó, estudiosa da história da tradução húngara, justifica o ponto de partida de suas pesquisas exatamente nos escritores e poetas que criaram a revista *Nyugat*, pois foi desta geração que se originaram as atuais concepções da tradução literária e das teorias linguísticas húngaras, e sua recepção teve um papel central também na historiografia da literatura e da tradução literária na Hungria do séc.XX. (JÓZAN, 2009, p.11/12)

⁴² Este fato é destacado até mesmo em livros escolares, como por exemplo, no livro acessível neste link, <http://magyar-irodalom.elte.hu/sulinet/igyjo/setup/portrek/ady/aepaly5.htm>, publicado online em 1998 pelo Instituto de História da Literatura do ELTE. Na página sobre Ady Endre, o comentário é feito na abertura do artigo: “As peças que compõem a obra *Új Versek* já haviam visto a luz do dia anteriormente em jornais e revistas. [...] Mas quando organizadas em um livro, o grau de seu efeito cresceu exponencialmente.” “Az Új Versek kötet darabjai már korábban napvilágot láttak napilapban vagy folyóiratban. [...] Ám kötetbe rendezve hatásfokuk a sokszorosára növekedett.” [minha tradução] (consultado em março/2016)

razão, Aurélio Buarque de Holanda, seu parceiro em tantas jornadas literárias, ao prefaciар *TradViv* destaque esta mesma característica de Rónai, com outras palavras: “Tem a arte de ser profundo parecendo apenas deslizar sobre os assuntos. [...] vigilante, sempre a observar, a descobrir e apontar caminhos, a estabelecer ou sugerir soluções, a descer, não raro, ao leitor, primeiramente, para depois, aos poucos, levá-lo até a si.” (HOLANDA, 1976, p. 11). É a imagem do professor, que em vez de assustar o aluno com sua erudição, prefere antes ir até esse aluno, com a leveza de quem apenas desliza sobre os assuntos, e assume a tarefa de, depois, aos poucos, ir elevando o aluno “até a si.” Em suma, Rónai sempre mantém sua audiência, o seu leitor em perspectiva. Esta atitude será sua marca registrada, impingirá um estilo inconfundível aos seus textos, estejam eles no estágio de artigos de jornal ou figurando como capítulo de livro. Um estilo leve que, como uma cortina, mantém longe dos olhares, reservado, um *backstage* robusto e sólido.

4. GÊNESE DO *ESCOLA DE TRADUTORES* – A GENÉTICA DE UMA TRAJETÓRIA **ANÁLISE DO MAPEAMENTO DOS CAPÍTULOS X EDIÇÕES**

4.1 – MAPEAMENTO DOS CAPÍTULOS X EDIÇÕES

Quando visualmente comparadas, as sucessivas edições do *EscTrad* evidenciam que existe ali um processo de transformação. Parte delas é devida à aparência física: diferenças no formato e tamanho dos volumes, tipo de material da capa, ausência ou presença de elementos paratextuais e, principalmente, a quantidade de páginas que vão se modificando ao longo das edições.

Como o livro é composto por textos previamente publicados em jornal, cada um dos artigos assumiu o papel de um capítulo no livro; assim, a primeira coisa que foi verificada é quando cada um desses capítulos passou a fazer parte da obra. A tabela I – Mapeamento dos Capítulos x Edições – a seguir, mostra um raio-X do *EscTrad*, detalhando seus capítulos e a edição em que os mesmos foram incorporados.

Então, na tabela I, depois da relação dos capítulos – como no índice do livro as resenhas vêm entre aspas, segundo idealizado pelo próprio Rónai, aqui também foram mantidas entre aspas –, vê-se a data da publicação e a sigla do jornal onde o artigo foi originalmente publicado: CM = Correio da Manhã (RJ) e DN = Diário de Notícias (RJ), dois dos maiores jornais cariocas da época. Os artigos de Rónai em geral apareciam na primeira página do Suplemento / Caderno de Letras. O artigo do capítulo 10 foi publicado em três jornais: JC = Jornal do Comércio (RJ), CP = Correio do Povo (POA) e OESP = O Estado de São Paulo (SP), um procedimento comum por um certo período. Na tabela fica visível que além de novos capítulos, a 4ª ed. também recebeu um apêndice, isto é, a análise de três traduções do poema *José*, de Carlos Drummond de Andrade: alemão, francês e inglês. A única explicação para este acréscimo ter o nome de Apêndice é o fato de ele não ter sido publicado anteriormente como artigo de jornal. A 4ª ed. também recebeu um índice remissivo. Este fato é relevante para o presente estudo, pois, em geral, Rónai já lançava seus livros com índice remissivo, que ele mesmo elaborava. Portanto, em vista do número de capítulos adicionados à 4ª ed. e sua revisão detalhada, que será tema da próxima tabela, a inserção do índice, parece, reforçar a idéia de que foi por ocasião do lançamento da 4ª ed. que o *EscTrad* assumiu, para o autor, sua configuração praticamente definitiva.

O capítulo 21 também não saiu publicado em jornal. Trata-se da transcrição do discurso que Rónai proferiu no jantar de celebração promovido pela ABRATES, em 27/4/1981, pelo

prêmio internacional que recebeu naquele ano, o Nath Horst, cuja campanha partiu da ABRATES e teve a adesão da Associação de Tradutores da Hungria e da França. Este prêmio era distribuído a cada triênio pela Federação Internacional de Tradutores, a partir da avaliação da Academia Sueca, sendo, portanto, considerado como um Nobel na área da tradução. Rónai foi o único, fora da Europa, a ser laureado com o Nath Horst, que, atualmente, é outorgado através da UNESCO, com outro nome.

Na coluna edição, observa-se que Rónai deu uma ordenação especial aos capítulos, sem levar em conta nem a ordem cronológica dos artigos nem a ordem da inclusão no livro. Para dar maior visibilidade à dinâmica dessas informações, os capítulos inseridos em cada edição são destacados com uma cor; assim, nas colunas do lado direito, se vê, com clareza, quando cada capítulo passou a fazer parte do livro e o modo como os artigos foram intercalados entre si. Com a tabela I é possível visualmente perceber como o *EscTrad* foi “construído” paulatinamente.

Também é possível perceber na tabela I, que as datas de publicação dos artigos não sugerem nenhum tipo de concentração, a não ser os quatro primeiros que saíram em um período de dois meses, entre final de dez/1947 e meados de fev/1948, e que Rónai os manteve juntos, no início do livro, em ordem sequencial de publicação. O que se sabe do período, é que na época Rónai estava trabalhando na edição brasileira da *Comédia Humana*, de Balzac, orientando o trabalho de uma equipe de cerca de 20 tradutores. O fato desses artigos serem mantidos juntos sugere que têm uma finalidade coesa.

No lado direito da tabela I, nas linhas correspondentes a cada artigo, está indicado o ano de sua publicação no jornal e o ano da inclusão na respectiva edição. O valor entre parêntesis, depois das duas datas, diz respeito ao número de anos que levou para cada artigo ser incorporado ao livro. À exceção dos quatro primeiros capítulos, este item também não sugere nenhum tipo de padrão, ao contrário.

A 3ª ed. foi só uma reimpressão, assim não aparece nenhum capítulo novo em sua linha. E uma observação quanto à 6ª ed.: apesar de na capa e na página de rosto estar escrito 6ª ed. tudo leva a crer que se trata de uma reimpressão da 5ª ed. No prefácio, que é repetição do prefácio da 5ª ed., de acordo com as explicações de Rónai, a única adição é o capítulo 21. Como não foi possível localizar nenhum exemplar da 5ª ed., estamos assumindo que a 6ª ed. é a definitiva.

Não foi possível localizar nenhum documento ou anotação de Rónai que explicasse a ordenação intercalada que ele deu aos capítulos. Mas a tabela serve plenamente ao seu propósito, isto é, mostrar um mapeamento da estrutura do *EscTrad*. A seguir, a tabela.

TABELA I - ESCOLA DE TRADUTORES – MAPEAMENTO DOS CAPÍTULOS X EDIÇÕES

CAPÍTULOS				EDIÇÕES					
Capítulo - Artigo	Data publicação	Jornal	Edição	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª / 7ª
				1952	1956	1967	1976	1987	1989/2012
1. Traduzir o intraduzível	21/12/1947	CM	1ª	1947 / 1952 (5)					
2. Tradução literal e efeitos de estilo	04/01/1948	CM	1ª	1948 / 1952 (4)					
3. Traduções indiretas	18/01/1948	CM	1ª	1948 / 1952 (4)					
4. Escola de tradutores	15/02/1948	CM	1ª	1948 / 1952 (4)					
5. "A arte de traduzir"	14/11/1954	DN	2ª	1954 / 1956 (2)					
6. "As lindas infiéis"	11/03/1956	DN	2ª	1956 / 1956 (0)					
7. O papel do tradutor	18/10/1959	DN	4ª	1959 / 1976 (17)					
8. "Conveniências e Inconveniências da tradução"	25/10/1959	DN	4ª	1959 / 1976 (17)					
9. "A tradução no mundo moderno"	13/07/1958	DN	4ª	1958 / 1976 (18)					
10. As ciladas da tradução técnica	06/06/1971	JC/CP/OESP	4ª	1971 / 1976 (5)					
11. Confidências de tradutores	12/11/1950	DN	1ª	1950 / 1952 (2)					
12. Pascal para brasileiros	10/11/1957	DN	4ª	1957 / 1976 (21)					
13. Laclos quatro vezes, para quê?	08/06/1963	OESP	4ª	1963 / 1976 (13)					
14. O tradutor traduzido	11/12/1949	DN	1ª	1949 / 1952 (3)					
15. Um intérprete de Camões	28/11/1954	DN	2ª	1954 / 1956 (2)					
16. Alexander ille Lenardus	19/03/1961	DN	4ª	1961 / 1976 (15)					
17. A desforra do latim	23/11/1963	OESP	4ª	1963 / 1976 (13)					
18. Andanças e experiências de um tradutor técnico	20/03/1949	DN	1ª	1949 / 1952 (3)					
19. A máquina de traduzir	29/01/1956	DN	2ª	1956 / 1956 (0)					
20. Um pioneiro da tradução mecânica no Brasil	25/04/1961	DN	4ª	1961 / 1976 (15)					
21. A tradução mais difícil	27/04/1981	(*)	5ª	1981 / 1987 (6)					
Apêndice - José, de CDA	-	4ª ed.	4ª	[1976] / 1976 (0)					
Índice de assuntos e nomes	-	4ª ed.	4ª	[1976] / 1976 (0)					
(*) - Discurso pronunciado no jantar da ABRATES, 27/04/1981, em comemoração prêmio Nath Horst recebido por Rónai.				Obs.: ano publicação artigo/ano publicação livro (diferença em anos)					

4.2 - A TRAJETÓRIA DAS MODIFICAÇÕES DOS CAPÍTULOS ENTRE EDIÇÕES

Considerando que o foco deste estudo é o processo de criação do *EscTrad*, desde o nascedouro até chegar à sua forma definitiva, e também o exame das condições em que surgiu e foi paulatinamente sendo elaborado, neste segmento da análise vamos nos dedicar a examinar o conteúdo de cada capítulo do livro, desde seu formato original como artigo de jornal, e vamos acompanhá-lo até a versão final do livro. O objetivo é entender seu processo de criação. Então, tomando a 1ª ed. como ponto de partida, primeiro vamos dar um passo atrás e verificar se cada capítulo sofreu alguma alteração e/ou adaptação quando passou da fase artigo de jornal para o estágio de capítulo de livro. Em seguida, ao longo das diversas edições sucessivas, vamos acompanhar cada artigo-capítulo, para detectar o processo pelo qual cada um deles passou, e através dos rastros – considerando como rastro cada alteração realizada entre uma edição e outra –, caracterizar esse processo, e a partir daí, buscar entender o pensamento ronaiano por trás desse processo, do ponto de vista dos Estudos da Tradução.

Nesta etapa da análise vamos chegar até a 6ª ed. do *EscTrad*, última edição durante a vida do autor, na hipótese de que, qualquer modificação que a obra sofra a partir de então, não mais seria motivada por interferência de Rónai. Como os sete capítulos iniciais significam 30% do número total de capítulos da obra em seu formato final, e que são os capítulos que têm o ciclo de vida mais longo, consideramos ser esta uma amostragem suficiente para realizar o estudo.

Na tabela II a seguir, cada artigo-capítulo é verificado individualmente, isto é, analisa-se primeiro todo o processo de modificações pelo qual passou o primeiro artigo-capítulo do *EscTrad* desde a 1ª ed. até a 6ª ed., depois o segundo artigo-capítulo do começo ao fim, e assim por diante. Tendo em mente o princípio do “manuscrito”, isto é, aquilo que deu origem ao texto sendo analisado; assim, a primeira comparação é sempre entre o texto fonte, isto é, o artigo tal como saiu no jornal, contra a 1ª ed. do livro. Depois a 2ª ed. é comparada com a 1ª ed., que passa então a desempenhar a função de “manuscrito”, ou documento de processo, para a 2ª ed. Na sequência, a 4ª ed. é comparada com o seu “manuscrito”, isto é, a 2ª ed. e, finalmente, a 6ª ed. com relação à 4ª ed. Não foram consideradas: (a) a 3ª ed., por ser somente uma reimpressão da 2ª ed., e (b) a 5ª ed., pois, como já comentado, tudo leva a crer que a 6ª ed., é, na verdade, uma reimpressão da 5ª ed. Mas, por via das dúvidas, devido à indicação da capa e da página de rosto, em nossa análise ela é chamada de 6ª ed., de 1989. A edição disponível no mercado, atualmente, é a 7ª ed., de 2012, que não é considerada neste estudo, pois está fora do escopo de nossos objetivos.

No final de cada linha, na coluna AÇÃO, busca-se tipificar cada alteração, individualmente, já que cada linha representa um evento de alteração, alguma diferença entre o “manuscrito” e a edição em análise. Na fase da análise geral, apresentada nos comentários depois da tabela, busca-se detectar se existe algum padrão comum ao longo do conjunto das modificações, independentemente a qual artigo-capítulo cada evento pertença. Queremos entender que trecho de cada capítulo nasceu como artigo, na origem, e o que foi sendo modificado ao longo do processo. Uma vez categorizadas estas alterações, queremos entender se elas revelam alguma modificação na reflexão crítico-teórica ronaiana sobre tradução, ou somente na maneira de apresentar as questões que discute ao longo dos textos; compreender a classe de alterações que Rónai realiza durante o processo de criação do *EscTrad*, se os rastros vislumbrados nesse processo denotam algum movimento de desenvolvimento da reflexão crítico-teórica, se se pode perceber alguma curva de aprendizado, ou, se a evolução detectada pelas modificações é de outra ordem.

Na tabela II a seguir, o número da primeira coluna à esquerda é um identificador da alteração, em ordem sequencial. Sempre que quisermos nos referir àquele evento usaremos esse identificador. Por exemplo, Alt.99 se refere ao evento apresentado na linha 99. Em seguida, na mesma linha, do lado esquerdo da tabela, identificada como TEXTO ANTERIOR, está a edição que serve de “manuscrito” para a edição em análise, e na mesma linha, do lado direito, está o texto da edição em análise, identificado como TEXTO ALTERADO.

É necessário observar que nesta tabela II somente estão destacados os trechos do *EscTrad* que contêm alterações. Para facilitar a identificação do trecho alterado, usa-se o **negrito** em ambos os lados da tabela: do lado esquerdo para identificar o local tal como era originalmente antes da alteração, e do lado direito, o negrito serve para destacar a alteração tal como foi introduzida na nova edição. Na última coluna, denominada AÇÃO, tem um comentário sobre aquela alteração em especial. Por exemplo: a Alt.01 mostra que o local da referência bibliográfica foi deslocado do começo da frase para o final. Esta referência bibliográfica é identificada como (1) e se vê que na coluna TEXTO ANTERIOR ela aparece logo após a palavra “inteligente, (1)”, enquanto que do lado direito da tabela, na coluna TEXTO ALTERADO, ela aparece no final da frase, depois de “tradução. (1)”. Na célula da coluna AÇÃO, na mesma linha, é colocado um comentário sobre a diferença entre a posição das notas no artigo e no livro. Para facilitar a visualização das referências bibliográficas, elas estão escritas entre parêntesis, de ambos os lados da tabela, como no exemplo que acabamos de comentar.

No livro, Rónai tem muito mais liberdade para usar o recurso da nota de pé de página, que é o lugar natural para referências bibliográficas. Então, informações que no artigo ou vêm

diluídas no texto, ou simplesmente não se mencionam, no livro são colocadas em “Nota de pé de página”, por isso na tabela II esse movimento é mais claro.

No final da tabela II, foi inserida uma outra – Tabela III–Resumo das Alterações –, que contém uma contagem simples das alterações, por edição. O leitor poderá observar a utilidade dessa nova tabela nos comentários que se tecem sobre ela. Foi calculada a média ponderada simples no final de cada coluna para facilitar a percepção de quais capítulos ficam acima da média referencial e em que medida cada uma se afasta da média, para mais ou para menos. Veremos que nem sempre maiores quantidades de alterações significam modificações profundas no texto. Muitas ocorrem, por exemplo, na passagem de artigo para a 1ª ed. por conta da inserção das referências bibliográficas. Se antes elas não apareciam no texto era devido à política editorial dos jornais, não dependiam da vontade do autor.

Depois dos comentários da tabela III, encontram-se as OBSERVAÇÕES contendo comentários gerais sobre os resultados obtidos no processo de comparação das diversas edições do *EscTrad*. Quando, nas células AÇÃO quisermos nos referir a alguma OBSERVAÇÃO em especial, elas são identificadas com a sílaba “Obs.” mais o número correspondente; por exemplo, Obs.15 refere-se aos comentários da OBSERVAÇÃO nº 15, assim como Alt.48 refere-se ao evento apresentado na linha nº 48 da tabela.

TABELA II – TRAJETÓRIA E ANÁLISE DAS MODIFICAÇÕES ENTRE EDIÇÕES

1º ARTIGO: **TRADUZIR O INTRADUZÍVEL** – CORREIO DA MANHÃ – 21/12/1947

Nº	ed.	pág	texto anterior	ed	pág	texto alterado	ação
Alt 1	artigo		Num comentário inteligente, (1) que tem o mérito de focalizar a importância do assunto no Brasil, o crítico paulista Luís Washington resume uma curiosa página de Ortega y Gasset sobre os problemas da tradução.	1ª	3	Num comentário inteligente, que tem o mérito de focalizar a importância do assunto no Brasil, o crítico paulista Luís Washington resume uma curiosa página de Ortega y Gasset sobre os problemas da tradução. (1)	Desloca a indicação da referência bibliográfica para um local mais adequado, isto é, no final da frase. Denota aprimoramento de estilo.
Alt 2	artigo		Não quer com isso dizer Ortega y Gasset que não se deve traduzir, nem o seu comentador brasileiro tira conclusão semelhante de suas explorações : pelo contrário...	1ª	3	Não quer com isso dizer Ortega y Gasset que não se deve traduzir, nem o seu comentador brasileiro tira conclusão semelhante de suas explicações ; pelo contrário...	Provavelmente dois erros tipográficos, altera explorações para explicações , que faz mais sentido no texto. Altera pontuação de (:) para (;) Denota acurácia.
Alt 3	artigo		O objetivo de toda arte não é algo impossível ? O poeta exprime (ou quer exprimir) o inexprimível, o pintor reproduz o irreproduzível, o estatuário fixa o infixável. Não é surpreendente, pois, que o tradutor se empenhe em traduzir o intraduzível.	1ª	3	O objetivo de toda arte não é algo impossível? (2) O poeta exprime (ou quer exprimir) o inexprimível, o pintor reproduz o irreproduzível, o estatuário fixa o infixável. Não é surpreendente, pois, que o tradutor se empenhe em traduzir o intraduzível. Nota de pé de página (2). Tempos depois de publicado este estudo em jornal, encontrei o aludido ensaio de Ortega y Gasset sobre Miséria y esplendor de la traducción no volume El Libro de las Misiones, 4ª ed., Espasa-Calpo Argentina S.A., Buenos Aires, 1945 e verifico que a conclusão do ensaísta não é esta; ela fica, pois, por minha conta. Ortega y Gasset, no estudo em apreço, preocupa-se principalmente com as dificuldades da tradução não de uma língua para outra, mas do pensamento para a expressão em geral.	Inseri uma longa nota de pé de página (2), explicando que a conclusão não era de Ortega y Gasset, mas sua. Na verdade, ao questionar a possibilidade da arte, Rónai só estava reproduzindo o pensamento de um de seus mentores intelectuais da “escola húngara”, Kosztolányi Dezső. A <i>tradução literária nunca foi meu objetivo, só um instrumento. [...] acho engraçado sempre que ouço falar em fidelidade na tradução poética. Ser fiel a que? A quem? Ao dicionário ou ao espírito do poema? Não é possível traduzir, somente transplantar, re-criar.</i> Ver em TradTerm, online http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/46316

Alt 4	artigo		Em outras palavras: há certas idéias que só podem nascer na consciência de pessoas que falam determinada língua, ou mesmo que só nascem por certa pessoa falar determinada língua.	1 ^a	4	Em outras palavras: há certas idéias que só podem nascer na consciência de pessoas que falam determinada língua, ou mesmo que nascem unicamente por certa pessoa falar determinada língua.	Para não repetir “só”, que já aparece no início da frase, substitui por “unicamente”, deslocando para depois do verbo. Denota aprimoramento de estilo.
Alt 5	artigo		“traduttori-traditori”	1 ^a	4	<i>traduttori-traditori</i>	No livro, a norma editorial para palavra estrangeira passa a ser <i>itálico</i> . Este tipo de alteração independe da vontade do autor e não mais será destacado no presente estudo.
Alt 6	artigo		[...] em qualquer outra língua, em que duas palavras não têm forma semelhante, a idéia nasceria mais dificilmente e não teria a mesma “ chance ” de generalização.	1 ^a	4	[...] em qualquer outra língua, em que duas palavras não têm forma semelhante, a idéia nasceria mais dificilmente e não teria a mesma oportunidade de generalização.	No artigo o termo “chance” vem entre aspas, indicando que Rónai achava tratar-se de estrangeirismo. Substituição por sinonímia elimina dúvida.
Alt 7	artigo		Sem a existência dessa locução, o autor provavelmente nunca se teria lembrado do título, cujo sentido admiravelmente complexo, é restrito ao idioma em que foi pensado.	1 ^a	5	Sem a existência dessa locução, ao autor provavelmente nunca teria ocorrido o título, cujo sentido admiravelmente complexo, é restrito ao idioma em que foi pensado.	Alteração denota aprimoramento no estilo. Pode ser fruto de uma revisão técnica, ou de aumento da curva de aprendizado de Rónai, afinal os cinco anos que passaram entre a data original do texto (1947) e a data de lançamento do livro (1952) fazem diferença para o imigrante.
Alt 8	artigo		A inseparabilidade entre pensamento e expressão, embora nem sempre tão clara como nesses casos extremos, verifica-se a cada passo. O tradutor, ao procurar separá-los, atenta constantemente nessa lei psicológica da linguagem.	1 ^a	5	A inseparabilidade entre pensamento e expressão, embora nem sempre tão clara como nesses casos extremos, verifica-se a cada passo. O tradutor, ao procurar separá-los, atenta constantemente contra essa lei psicológica da linguagem.	Correção gramatical. É difícil detectar a origem do erro: se é erro tipográfico ou do autor. Revisão denota acurácia.
Alt 9	artigo		Na realidade, o tradutor aí nem tenta a tradução; sabendo de antemão que não existe equivalente perfeito, resigna-se a manter o termo primitivo, valendo-se das muletas do grifo ou das aspas .	1 ^a	5	Na realidade, o tradutor aí nem tenta a tradução; sabendo de antemão que não existe equivalente perfeito, resigna-se a manter o termo primitivo, valendo-se das muletas do grifo, das aspas ou das notas de pé de página .	Este acréscimo das “ notas de pé de página ” é um forte indício de que Rónai estava ativamente envolvido com o trabalho de revisão das traduções da Comédia Humana, em que incluiu 7.493 notas de pé de página. (ver Obs. 2)

Alt 10	artigo		Quer dizer que (pelo menos na tradução em prosa, e é desta que falamos, pois a outra constitui arte totalmente diversa) não são as palavras “intraduzíveis” que atrapalham o tradutor.	1ª	6	Quer dizer que (pelo menos na tradução em prosa, e é desta que falamos, pois a outra constitui arte totalmente diversa, ainda menos codificável) não são as palavras “intraduzíveis” que atrapalham o tradutor.	Acréscimo. Denota reflexão e diálogo com o próprio texto.
Alt 11	artigo		É evidente, no entanto, que, encontrando num romance francês com personagens francesas o modismo “ <i>filer à l’anglaise</i> ”, um bom tradutor evitará traduzi-lo pelo equivalente inglês, por mais perfeito que seja.	1ª	7	É evidente, no entanto, que, encontrando num romance francês com personagens francesas o modismo <i>filer à l’anglaise</i> , um bom tradutor britânico não poderá traduzi-lo pelo equivalente inglês, por mais perfeito que seja.	Acréscimo e alteração. Usar o termo evitar , como no artigo, admite ambas as possibilidades: fazer ou não fazer, sem negar nenhuma. Usar o termo não poderá admite que uma das possibilidades esteja errada. Ambas as modificações – inclusive o acréscimo do termo britânico , pois somente nesse caso o evento é admissível tal como descrito – denotam autocrítica.
Alt 12	artigo		Da mesma forma “ <i>Qui se fait brebis de loup le mange</i> ” pode bem significar “Quem se faz de mel as moscas o comem”, mas nem sempre admite essa tradução.	1ª	7	Da mesma forma “ <i>Qui se fait brebis de loup le mange</i> ” pode bem significar “Quem se faz de mel as moscas o comem”, mas nem sempre admitirá essa tradução.	Alteração do tempo verbal. Deixa de ser assertivo, passando a sugestivo. Denota autocrítica e aprofundamento na cultura brasileira.
Alt 13	artigo		(4) Ibidem, p.67	1ª	7	(5) Ibidem, p.47	Correção do número da página original da citação. Denota acurácia na revisão.
Alt 14	artigo		Procurei ilustrar esse conselho com dois exemplos escolhidos por mim.	1ª	8	Procurarei ilustrar esse conselho com dois exemplos escolhidos por mim.	Correção. O equívoco no texto do artigo é evidente, já que os exemplos virão a seguir. Não dá pra saber se o equívoco original é do próprio autor ou erro de tipografia.
Alt 15	1ª	4	(entre o § 3º e 4º)	2ª	11	Da mesma forma, se o nome alemão do travessão não fosse <i>Gedankenstrich</i>, provavelmente Schopenhauer, aborrecido com o abuso que certos escritores faziam desse sinal, não teria observado que o número de travessões estava na razão inversa do de pensamentos. (“<i>Je mehr Gedankenstriche in einem Buche, desto weniger Gedanken.</i>”)	Insere um novo exemplo sobre o tema tratado. Denota trabalho em processo. Confirma descrição que ABH faz de sua pessoa: “...vigilante, sempre a observar, a descobrir e apontar caminhos, a estabelecer ou sugerir soluções”

Alt 16	1 ^a	5	A inseparabilidade entre pensamento e expressão , embora nem sempre tão clara como nesses casos extremos, verifica-se a cada passo.	2 ^a	11	Há uma ligação intrínseca entre o pensamento e o seu meio de expressão; sua inseparabilidade , embora nem sempre tão clara como nesses casos extremos, verifica-se a cada passo.	Reformula a frase. Denota reflexão e evolução do próprio pensamento, típico de um trabalho em processo, e também curva de aprendizado da língua portuguesa em movimento ascendente.
Alt 17	1 ^a	6	Por outro lado, falando ao telefone, uma personagem francesa se anunciaria assim com a maior naturalidade: <i>C'est Monsieur Un Tel que parle</i> ; mas a tradução brasileira “É o Sr. Fulano que fala” transformá-lo-ia num indivíduo pretensioso ou cômico.	2 ^a	13	Por outro lado, falando ao telefone, uma personagem francesa se anunciaria assim com a maior naturalidade: <i>C'est Monsieur Un Tel que parle</i> ; mas a tradução brasileira “É o Sr. Fulano que fala” transformá-la-ia num indivíduo pretensioso ou cômico.	Revisão sintática. O referente é o termo “uma personagem” e não “o Sr. Fulano” como estava na 1 ^a ed. e no artigo. Denota autocrítica.
Alt 18	1 ^a	7	Essa observação concerne equivalentes de todos os modismos: eles só equivalem em determinadas circunstâncias.	2 ^a	13	Essa observação aplica-se aos equivalentes de todos os modismos: eles só equivalem em determinadas circunstâncias.	Substitui verbo concerne , que significa “diz respeito a” por aplica-se . Denota reflexão em processo.
Alt 19	2 ^a	10	Num comentário inteligente, que tem o mérito de focalizar a importância do assunto no Brasil, o crítico paulista Luís Washington resume uma curiosa página de Ortega y Gasset sobre os problemas da tradução. O pensador espanhol chega a negar a possibilidade, em princípio, da tradução. Salvo as obras científicas, escritas numa espécie de gíria artificial, nenhum livro poderia ser transportado para outro idioma. Não quer com isso dizer Ortega y Gasset que não se deve traduzir, nem o seu comentador brasileiro tira conclusão semelhante de suas explanações; pelo contrário, põe em destaque o papel importante das boas traduções na cultura nacional. Parece-me que Ortega y Gasset, ao demonstrar a impossibilidade teórica da tradução literária, afirma implicitamente que a tradução é arte.	4 ^a	1	Julgava-se outrora, sem maior exame, que todos os textos de literatura eram traduzíveis e que o sucesso da operação dependia exclusivamente da habilidade de quem a executava. Modernamente chegou-se à conclusão oposta, a de que todo texto literário é fundamentalmente intraduzível, por causa da própria natureza da linguagem. Os partidários desta teoria têm apontado com razão que as palavras isoladas não tem sentido em si mesmas: a sua significação é determinada, de cada vez, pelo respectivo contexto. Por contexto, entende-se a frase ou o trecho em que a palavra se encontra de momento, tornados entendíveis por um conjunto de centenas de outras frases lidas ou ouvidas anteriormente pelo ouvinte ou leitor, e que subsistem no fundo de sua consciência. Traduzidas as palavras, ou mesmo as frases, de determinado idioma para outro, elas ficam arrancadas ao contexto múltiplo da língua-fonte e recolocadas no contexto	Quase que com um bisturi, Rónai elimina todos os rastros da referência a Luís Washington e sua menção ao ensaio de Ortega y Gasset. Tema das Alt. 1 e Alt.2. Elimina inclusive a longa nota de pé de página que havia inserido na Alt.3, em que explicava o desencontro entre a sua conclusão e a de Luís Washington. A referência teórica passa a ser Georges Mounin e seu recém-lançado livro, <i>Les Problèmes Théoriques de la Traduction</i> , edição francesa. Insere uma nota de pé de página (2) que remete à 1 ^a edição do <i>EscTrad</i> para quem quiser consultar o histórico do caso. Denota conduta ética. Na nova redação do trecho, Rónai apresenta a mesma questão da traduzibilidade, ou sua impossibilidade, a partir do ponto de vista da linguagem, e envereda pela questão do contexto e sua relevância para a tradução. Substitui o material que, num primeiro instante havia sido seu <i>leitmotiv</i> para o primeiro artigo, e

						<p>completamente diverso da língua-alvo. E como num texto literário não é apenas a idéia que escolhe as palavras, mas são muitas vezes as palavras que fazem brotar idéias, toda obra literária transportada para outra língua constituiria caso de traição. Ou então, como afirma Georges Mounin, “se aceitarmos as teses correntes sobre a estrutura dos léxicos, das morfologias e das sintaxes, chegamos à conclusão de que a tradução deveria ser impossível. Mas os tradutores existem e produzem e suas produções prestam serviços úteis. Poder-se-ia dizer que a existência da tradução constitui o escândalo da Linguística contemporânea. Até agora o exame desse escândalo tem sido mais ou menos recusado”. (1) Esse exame, o próprio Mounin empreendeu-o de maneira notável em sua obra nunca assaz lembrada, colocando a questão da tradução como um aspecto da comunicação e resolvendo a antinomia em termos filosóficos.</p> <p>Alertado para a existência do problema, anos antes da publicação da notável tese de Mounin, sem me propor a tarefa árdua de resolvê-lo, admiti dialeticamente, no introito da primeira edição deste livrinho (2), a impossibilidade da tradução literária, para dali inferir que ela era uma arte.</p>	reescreve o trecho com uma abordagem mais moderna.
Alt 20	2 ^a	10	A idéia da impossibilidade da tradução não é nova . Heder – que era , ele mesmo, um grande tradutor – assinala que...	4 ^a	2	<p>A idéia da impossibilidade da tradução não é, aliás, tão moderna como parece. Heder – ele mesmo, um grande tradutor – já assinalava que...</p>	Substituição do termo novo por moderno : denota reflexão, pois o que poderia ser novo na época do lançamento do artigo, na 4 ^a ed. de 1976, pode não mais ser novo; moderno parece marcar a cronologia mais adequadamente.

Alt 21	2ª	10	<i>traduttori traditori</i>	4ª	3	traduttori traditori	Alteração da norma editorial, palavras estrangeiras passam a figurar em negrito em vez de itálico. Como já citado, este tipo de alteração não será mais considerado por independe da vontade do autor.
Alt 22	2ª	10	[...] em qualquer outra língua, em que duas palavras não têm forma semelhante, a idéia nasceria mais dificilmente e não teria a mesma oportunidade de generalização.	4ª	3	[...] em qualquer outra língua, em que duas palavras não têm forma semelhante, a idéia nasceria mais dificilmente e não teria a mesma oportunidade de generalização. “Se fossemos traduzir em inglês a formula tradicional traduttore, traditore por the translator is a betrayer, retirá-íamos ao epigrama rimado todo o seu valor paronomástico”, diz Roman Jakobson (4). Nota de pé de página (4) In On Translation, de Ruben A. Brower et alii, Oxford University Press, Nova York, 1966.	Observe-se que o trecho já sofrera alteração, na passagem de artigo para a 1ª ed. Vide Alt.6. Denota insatisfação com o mesmo trecho, já que insere um novo exemplo para reforçar seu argumento; exemplo tirado de uma nova referência bibliográfica. Denota constante atualização com relação à literatura especializada na área de linguística e tradução.
Alt 23	2ª	12	Em teoria, os maiores obstáculos da tradução seriam formados por conceitos que só têm designação dentro de um único idioma.	4ª	4	Em teoria, os maiores obstáculos da tradução seriam formados por holófrases , conceitos que só têm designação dentro de um único idioma. (5) Nota pé de página (5) Ver uma relação de holófrases de diversas línguas em Paulo Rónai – A Tradução Viva, EDUCOM, Rio de Janeiro, 1976, pp. 24-26.	Insere termo técnico – ver análise na Obs. 4. Insere referência cruzada com a obra correlata – <i>TradViv</i> – de sua autoria.
Alt 24	2ª	13	Numa obra preciosa, que todos os tradutores deveriam ler , J. G. Weightman dá provas bem claras dessa afirmação.	4ª	5	Numa obra preciosa de J. G. Weightman encontramos provas bem claras dessa afirmação.	Elimina a recomendação da leitura do livro de Weightman mas continua usando os exemplos tirados desta referência bibliográfica. Deixa de ser assertivo.
Alt 25	2ª	14	p. ex.,	4ª	5	por exemplo,	Abandona o hábito de abreviar, que vinha desde o artigo de jornal.
Alt 26	2ª	15	Cada palavra se apresenta, cada vez, num contexto diferente, que a embebe de sua atmosfera e lhe altera o conteúdo , às vezes quase imperceivelmente.	4ª	6	Cada palavra se apresenta, de cada vez, num contexto diferente, que a embebe de sua atmosfera e lhe altera o sentido , às vezes quase imperceivelmente.	Acréscimo de “de”, denota aprimoramento da língua portuguesa, assim como a substituição de conteúdo por sentido . Denota senso de autocritica.

Alt 27	4 ^a	2	Esse exame, o próprio Mounin empreendeu-o de maneira notável em sua obra nunca assaz lembrada...	6 ^a	14	Esse exame, o próprio Mounin empreendeu-o admiravelmente em sua obra nunca assaz lembrada...	Substituição vocabular, para evitar duplicação de uso: cinco linhas abaixo, o texto volta a se referir à tese de Mounin, “antes da publicação da notável tese de Mounin”, que foi mantido inalterado.
Alt 28	4 ^a	3	traduttori traditori	6 ^a	15	<i>traduttori traditori</i>	Palavras estrangeiras voltam a figurar em itálico e não mais em negrito. Política editorial da Nova Fronteira.
Alt 29	4 ^a	4	Nota de pé de página nº 5 faz referência cruzada com a 1 ^a edição de TradViv, 1976, pp 24-26,	6 ^a	16	Nota de pé de página nº 5 faz referência cruzada com a 2 ^a edição de TradViv, 1981, p. 45-48.	Atualização. Denota cuidado com detalhes.

2º ARTIGO: **TRADUÇÃO LITERAL E EFEITOS DE ESTILO** – CORREIO DA MANHÃ, 04/01/1948

Nº	ed.	pág	texto anterior	ed.	pág	texto alterado	ação
Alt 30	artigo		Cada um desses casos (e são milhares num só livro) é resolvido segundo as leis orgânicas do português: o original não fornece indicação alguma. Se existisse tradução literal, isto é, fidelidade unilateral, o problema nem se levantaria e deixaríamos de por o artigo ao longo de toda obra .	1 ^a	10	Cada um desses casos (e são milhares num só livro) é resolvido segundo as leis orgânicas do português: o original não fornece indicação alguma. Se existisse tradução literal, isto é, fidelidade unilateral, o problema nem se levantaria e deixaríamos de por o artigo ao longo de toda obra. (7) Nota de pé de página (7) Eis outro exemplo: em sua obra clássica sobre tradução, <i>On the Principles of Translation</i> (Everyman's Library nº 168, London, Dent, s.d.), Fraser Tytler assinala um erro frequente dos tradutores ingleses que, vertendo do grego ou do francês, mantém o presente lá onde esse tempo se refere a uma ação passada e vem intercalar-se entre uma série de pretéritos, recurso comum àqueles dois idiomas para avivar a narração, mas oposto à tradição da prosa inglesa.	Inserir nota de pé de página (7) com um novo exemplo, que não existia no artigo. Pelo conteúdo teórico da nota, que denota evolução do pensamento teórico do autor, observa-se que a curva de aprendizado de Rónai está em ascensão.
Alt 31	artigo		... “Somos mujiques ”.	1 ^a	11	... “Somos mujiques”. (8) Nota de pé de página (8) Poderíamos também lembrar aqui o curioso hábito	Inserir nota de pé de página (8) com um novo exemplo, que não existia no artigo. Denota reflexão continuada sobre o tema.

						espanhol de indicar a exclamação e a interrogação desde o início da frase, antepondo-lhe virados, os sinais com que ela se encerra em todas as línguas modernas. Apesar de tal uso ter a sua justificativa, adotá-lo em português (como já foi tentado) seria manifesta afetação.	
Alt 32	artigo		Sabemos que os escritores brasileiros e portugueses tiram variados efeitos da colocação do adjetivo qualificativo. Antes do substantivo, ele assume muitas vezes sentido figurado, exprime qualidade casual ou confere um matiz poético (assim em um grande romance, verdes anos, etc.); depois do substantivo, exprime qualidade permanente...	1 ^a	11	Sabemos que os escritores brasileiros e portugueses tiram variados efeitos da colocação do adjetivo qualificativo. Antes do substantivo, ele assume muitas vezes sentido figurado, exprime qualidade casual ou confere um matiz poético (assim em um grande romance, verdes anos, etc.); depois do substantivo, geralmente guarda o sentido próprio exprimindo qualidade permanente...	Acréscimo. Com a alteração da redação do trecho e mais a inserção da palavra geralmente , denota cuidado para não ser assertivo, como no artigo. O modo indireto de falar é tipicamente brasileiro. Em 1952 Rónai completa 11 anos de Brasil. Os quatro anos que separam o artigo do livro contribuem com o aprimoramento da língua.
Alt 33	artigo		Por melhor que maneje o seu próprio instrumento, não pode deixar de conhecer a fundo o instrumento do autor . Ele deverá saber que dois idiomas recorrem muitas vezes a expedientes totalmente diversos para produzir impressões semelhantes.	1 ^a	12	Por melhor que maneje o seu próprio instrumento, não pode deixar de conhecer a fundo o instrumento do autor . Ele deverá saber que dois idiomas recorrem muitas vezes a expedientes totalmente diversos para produzir impressões semelhantes.	Insere quebra de parágrafo. É difícil detectar a causa: se a ausência do parágrafo no artigo derivou de um erro tipográfico, ou se a alteração é fruto de autocrítica.
Alt 34	1 ^a	12	Ou melhor, ele se resignará a abandoná-las se for obsedado pelo ideal absurdo da tradução literal; mas, se esclarecido, visar a fidelidade bilateral, esforçar-se-ia a obter efeitos semelhantes...	2 ^a	20	Ou melhor, ele se resignará a abandoná-las se for obsedado pelo ideal absurdo da tradução literal; mas se , esclarecido, visar a fidelidade bilateral, esforçar-se-á por obter efeitos semelhantes...	Adequação do sentido com a correção da posição da vírgula. Passa o tempo verbal de futuro do pretérito para futuro simples. Com a alteração, parece, deixa de julgar uma provável ação passada, para simplesmente ser sugestivo para uma ação futura, caso o tradutor um dia venha a enfrentar tal situação. Deixa de ser crítico para ser educador.
Alt 35	2 ^a	18	Cada um desses casos (e são milhares num só livro) é resolvido segundo as leis orgânicas do português: o original não fornece indicação alguma . Se existisse tradução literal...	4 ^a	8	Cada um desses casos (e são milhares num só livro) é resolvido segundo as leis orgânicas do português: o original não fornece indicação alguma. (9) Se existisse tradução literal... Nota pé de página (9) Ver exemplos de	Insere nota de pé de página (9). Referência cruzada com <i>TradViv</i> .

						soluções diversas em A Tradução Viva, pp.49-50.	
Alt 36	2 ^a	19	Nota de pé de página (7) Eis outro exemplo: em sua obra clássica sobre tradução, <i>On the Principles of Translation</i> (Everyman's Library n° 168, London , Dent, s.d.), Fraser Tytler assinala um erro frequente dos tradutores ingleses que, vertendo do grego ou do francês, mantém o presente lá onde esse tempo se refere a uma ação passada e vem intercalar-se entre uma série de pretéritos, recurso comum àqueles dois idiomas para avivar a narração, mas oposto à tradição da prosa inglesa.	4 ^a	8	Por sua vez, Fraser Tytler assinala um erro frequente dos tradutores ingleses que, vertendo do grego ou do francês, mantém o presente lá onde esse tempo se refere a uma ação passada e vem intercalar-se entre uma série de pretéritos, recurso comum àqueles dois idiomas para avivar a narração, mas oposto à tradição da prosa inglesa. (10) Nota pé de página (10) Fraser Tytler - On the Principles of Translation . Everyman's Library, n° 168, Dent, Londres , s.d.	A nota de pé de página (7) que havia inserido na 1 ^a ed. (Alt. 30), agora na 4 ^a ed. é incorporada ao corpo do texto principal, deixando somente a referência bibliográfica em nota. Denota autocrítica e reflexão continuada. Altera a grafia da palavra Londres, passando do inglês para o português.
Alt 37	2 ^a	22	Infelizmente, bem cedo foi posta em dúvida a autenticidade da história , e o próprio tradutor da <i>Vulgata</i> , São Jerônimo, apontando no trabalho vários erros de interpretação , protestou contra a tentativa de impor um caráter sagrado a uma obra imperfeita, atribuindo-a a intervenção sobrenatural.	4 ^a	10	Infelizmente, bem cedo foi posta em dúvida a autenticidade da anedota , e o próprio tradutor da <i>Vulgata</i> , São Jerônimo, apontando erros de interpretação no trabalho , protestou contra a tentativa de impor um caráter sagrado a uma obra imperfeita, atribuindo-a a intervenção sobrenatural.	a) Reorganização da ordem das palavras no trecho alterado denota aprimoramento no uso da língua portuguesa. b) A substituição do termo história por anedota . No Brasil o termo anedota é mais usado na segunda acepção do dicionário Houaiss: uma “narrativa breve de um fato engraçado ou picante”, isto é, uma piada. Mas Rónai, parece, aplica ao termo a outra acepção apontada por Houaiss, isto é, uma “particularidade curiosa ou jocosa que acontece à margem dos eventos mais importantes, e por isso geralmente pouco divulgada, de uma determinada personagem ou passagem histórica”.
Alt 38	2 ^a	22	Nota-se de passagem que, mesmo na lenda, os setenta e dois tradutores são hebreus e traduzem para uma língua que não é a sua;	4 ^a	10	Nota-se de passagem que, mesmo na lenda, os referidos tradutores são hebreus e traduzem para uma língua que não é a sua;	Aprimoramento do texto. A substituição de setenta e dois por referidos elimina a repetição (a citação aos 72 tradutores já aparece no parágrafo anterior) e, assim, dá mais destaque ao fato de eles serem tradutores.

Alt 39	4 ^a	8	Nota de pé de página (9) Ver exemplos de soluções diversas em A Tradução Vivida, pp.49-50	6 ^a	21	Nota de pé de página (1) Ver exemplos de soluções diversas em A Tradução Vivida, p. 79.	Revisão de referência cruzada com outra obra de Rónai sobre tradução, na nota de pé de página.
--------	----------------	---	---	----------------	----	---	--

3º ARTIGO: **TRADUÇÕES INDIRETAS** – CORREIO DA MANHÃ, 18/01/1948

Alt 40	artigo		Mas uma colaboração dessas nunca pode ser imposta pelo próprio editor: deve nascer de uma decisão espontânea de dois colaboradores cujas habilidades e conhecimentos se completam.	1 ^a	16	Mas uma colaboração dessas nunca pode ser imposta pelo próprio editor: deve nascer de uma decisão espontânea de dois literatos cujas habilidades e conhecimentos se completam.	Alteração de termo. Denota refinamento de estilo para evitar repetição.
Alt 41	artigo		Se examinarmos a indústria do livro no estrangeiro, verificaremos, no entanto, que o sistema de traduções indiretas está sendo inteiramente eliminado não somente na França, na Inglaterra, na Itália, nos países de língua alemã, como ainda em áreas linguísticas bem menores, a Hungria por exemplo. Em todos esses países se observa a especialização dos tradutores. Assim, na França, há excelentes tradutores que...	1 ^a	16	Se examinarmos a indústria do livro no estrangeiro, verificaremos, no entanto, que o sistema de traduções indiretas está sendo inteiramente eliminado não somente na França, na Inglaterra, na Itália, nos países de língua alemã, como ainda em áreas linguísticas bem menores, a Hungria por exemplo. Assim , na França, há excelentes tradutores que...	Elimina uma frase inteira, que, pelo conteúdo, é de difícil comprovação, sendo provavelmente fruto de acompanhamento constante de Rónai, que, pelas inserções de referências bibliográficas ao longo de todo <i>EscTrad</i> , e diversos comentários que faz pelos capítulos do livro, demonstra seguir este segmento cultural, de perto.
Alt 42	artigo		Enquanto no Brasil, por falta de especialistas qualificados, persistir o sistema da “retradução”, seus inconvenientes poderiam pelo menos ser diminuídos. Muito depende da escolha da língua intermediária e, ainda mais, da escolha da tradução intermediária.	1 ^a	16	Enquanto no Brasil, por falta de especialistas qualificados, persistir o sistema da “retradução”, seus inconvenientes poderiam pelo menos ser diminuídos. Muito depende da escolha da tradução intermediária.	Elimina trecho que, aparentemente, era redundante, já que uma tradução intermediária naturalmente envolve uma língua intermediária. Denota autocrítica.
Alt 43	artigo		...sendo elas de estrutura e vocabulário menos ossificados, admitem as novas formações como atos naturais ao alcance de qualquer; o tradutor que as maneja tem maior escala de possibilidades.	1 ^a	17	...sendo elas de estrutura e vocabulário menos ossificados, admitem as novas formações como atos naturais ao alcance de qualquer um ; o tradutor que as maneja tem maior escala de possibilidades.	Correção de redação. Não dá para saber se o erro é tipográfico ou do autor. Denota acurácia.
Alt 44	artigo		...fenômeno tanto mais curioso quanto a versão de Turguenef fora feita durante a permanência do autor na França e autorizada por ele, de modo que seu intérprete podia facilmente consultá-lo.	1 ^a	19	...fenômeno tanto mais curioso quanto a versão de Turguenef fora feita durante a permanência do autor na França e autorizada por ele, de modo que seu intérprete, Xavier Marmier , podia facilmente consultá-lo.	Acréscimo do nome do tradutor. Não parece que teria sido um problema ter o nome do tradutor divulgado no artigo. É provável que antes Rónai desconhecisse. Ver Alt.54 adiante. (Ver Obs.20)

Alt 45	artigo		A solução ideal, evidentemente, consistiria em formar especialistas competentes para cada língua. Mas este problema já está ligado à profissionalização do ofício de tradutor, o que poderá consistir assunto de outra crônica.	1ª	20	A solução ideal, evidentemente, consistiria em formar especialistas competentes para cada língua. Mas este problema já está ligado à profissionalização do ofício de tradutor.	Na passagem do texto para o livro, elimina a observação final, principalmente a palavra “crônica”, visando atender à política editorial dos Cadernos de Cultura. (Ver Obs.9.)
Alt 46	1ª	16	Assim, na França, há excelentes tradutores que restringem sua atividade a um determinado idioma – Vladimir Posner ao russo, Frank L. Schoell ao polonês, Maurice-Edgar Coindreau ao inglês americano, Jean-Louis Perret ao finês – ou mesmo, às vezes, a um único escritor: Louis Fabulet traduz exclusivamente Rudyard Kipling, etc.	2ª	26	Assim, na França, há excelentes tradutores que restringem sua atividade a um determinado idioma – Vladimir Posner ao russo, Frank L. Schoell ao polonês, Maurice-Edgar Coindreau ao inglês americano, Jean-Louis Perret ao finês – ou mesmo, às vezes, a um único escritor: Louis Fabulet traduz exclusivamente Rudyard Kipling, Marc Logé se dedica a verter Lafcadio Hearn , etc.	Oito anos depois de publicar o artigo, na 2ª ed. do livro insere mais um exemplo de tradutor que se dedica a um único escritor. Provavelmente fruto de seu trabalho de acompanhamento constante das matérias relativas às temáticas tradução, linguística e literatura.
Alt 47	2ª	26	É claro que, à força de prática, eles chegam a ser verdadeiros peritos no ramo, acabando por conhecer as menores sutilezas das línguas estrangeiras que traduzem e as suas equivalências em francês.	4ª	13	É claro que, à força de prática, eles chegam a ser verdadeiros peritos no ramo, acabando por conhecer todas as sutilezas do estilo de seus autores e as suas equivalências em francês.	A substituição de as menores sutilezas por todas as sutilezas. A segunda alteração mudou o foco do texto da língua para o estilo do autor. Denota reflexão e autocrítica já que, um tradutor dedicado a um único autor pode se “viciar” na carga lexical e no estilo daquele escritor, o que não significa que ele irá dominar as menores sutilezas de toda a língua que traduz.
Alt 48	4ª	13	É claro que, à força de prática, eles chegam a ser verdadeiros peritos no ramo , acabando por conhecer todas as sutilezas do estilo de seus autores e as suas equivalências em francês. Quanto à qualidade do seu estilo, as altas exigências do leitor francês constituem fiscalização suficiente.	6ª	26	É claro que, à força de prática, eles chegam a ser verdadeiros peritos no assunto , acabando por conhecer todas as sutilezas do estilo de seus autores e as suas equivalências em francês. Quanto à qualidade do seu estilo, as altas exigências do leitor francês moderno constituem fiscalização suficiente.	O mesmo trecho da Alt.47 aqui passa por mais uma modificação. E o texto da Alt.47 já é continuação da Alt.46. Ou seja, alterações sutis em três edições seguidas, no mesmo trecho. A substituição de “ramo” por “assunto” denota um processo de conscientização lexical. A inserção do termo moderno denota reflexão, autocrítica e coerência com o que o texto vai afirmar duas páginas depois.

Alt 49	4 ^a	12	As obras-primas da literatura mundial são vertidas, geralmente, não por tradutores de profissão , mas por escritores de renome...	6 ^a	25	As obras-primas da literatura mundial são vertidas, geralmente, não por tradutores profissionais e sim por escritores de renome...	Atualização lexical e <i>timing</i> relevante para este estudo. Denota o desenvolvimento desse campo do saber e a incorporação de um jargão que não mais permitia o uso de um termo aproximado – “tradutor de profissão” – e reflete um jargão corrente na época da atualização. Sintoma indicativo da crescente profissionalização da classe, e da participação de Paulo Rónai no processo. (Ver Obs.23)
Alt 50	2 ^a	27	Atualmente nossos retradutores utilizam-se quase sempre do francês como língua intermediária. Pois ele não é, certamente, o idioma mais apropriado para traduções. O fato de ter ...	4 ^a	13	Atualmente nossos retradutores utilizam-se quase sempre do francês como língua intermediária. (11) Pois ele não é, certamente, o idioma mais apropriado para traduções. (12) O fato de ter ... Nota de pé de página (11) Ver opiniões a esse respeito em A Tradução Vivida, p. 60. (12) Desde a primeira edição deste livro, a situação está mudando: há cada vez mais exemplos de traduções em inglês que servem de texto intermediário.	Introduz duas novas notas de pé de página. (11) Referência cruzada com <i>TradViv</i> . (12) Atualiza na 4 ^a ed., em 1976, a informação contida no texto desde o artigo publicado em 1948. Mais uma vez Rónai demonstra estar a par e acompanhando a situação do mercado de traduções nacional.
Alt 51	2 ^a	27	...ora, o tradutor nunca revoluciona a língua para a qual traduz, atém-se mais do que um autor original às fórmulas e até aos clichês existentes, deixando o trabalho do desbravamento aos grandes escritores do idioma.	4 ^a	14	...ora, o tradutor em geral tem medo de revolucionar a língua para a qual traduz, atém-se mais do que um autor original às fórmulas e até aos clichês existentes, deixando o trabalho do desbravamento aos grandes escritores do idioma.	A nova redação da frase suaviza a assertiva, e, considerando as datas das 2 ^a e 4 ^a edições, sugere que Rónai está admitindo a possibilidade de pelo menos alguns tradutores promoverem verdadeiras “revoluções da língua”, por exemplo, o trabalho realizado pelos concretistas.
Alt 52	2 ^a	28	Um bom tradutor francês [...] reproduzirá fielmente a mensagem lógica de um texto estrangeiro até seus pormenores mais finos, mas a resistência de seu instrumento impedi-lo-á, forçosamente, de transportar grande parte dos valores formais, extralógicos, atmosféricos, desse texto. Traduzindo, por exemplo, um autor italiano ou russo de sabor algo popular – e a maioria deles o são	4 ^a	14	Um bom tradutor francês [...] reproduzirá fielmente a mensagem lógica de um texto estrangeiro até seus pormenores mais finos, mas a resistência de seu instrumento impedi-lo-á, forçosamente, de transportar grande parte dos valores formais, extralógicos, atmosféricos, desse texto.	Por alguma razão que não fica evidente, que exigiria uma pesquisa específica na gramática do italiano e do russo, elimina totalmente um exemplo de aplicação do comentário que faz no segmento. A alteração denota autocrítica.

			– ver-se-á na impossibilidade de verter os numerosos diminutivos de tão forte ressonância afetiva. Neste caso, o “retradutor” brasileiro, embora no seu idioma disponha do mesmo recurso, só raramente o poderá utilizar, pois a tradução intermediária poucas vezes lhe deixará entrever a existência de um desses diminutivos no verdadeiro “original”.				
Alt 53	4 ^a	14	Um bom tradutor francês [...] reproduzirá fielmente a mensagem lógica de um texto estrangeiro até seus pormenores mais finos , mas a resistência de seu instrumento impedilo-á, forçosamente, de transportar grande parte dos valores formais, extralógicos, atmosféricos , desse texto.	6 ^a	27	Um bom tradutor francês [...] reproduzirá fielmente a mensagem lógica de um texto estrangeiro até seus pormenores mais sutis , mas a resistência de seu instrumento impedilo-á, forçosamente, de transportar grande parte dos valores formais, extralógicos, desse texto.	Substituição do termo “finos” por “sutis”, contribui com a idiomaticidade do texto. A exclusão do termo “atmosféricos”, sem substituição, é curiosa, pois Rónai poderia ter usado uma fórmula brasileira relativa a contexto, que é o que sugere o termo “atmosférico” no texto em que está inserido. Ao mesmo tempo, esta alteração já poderia ter sido feita na Alt.52.
Alt 54	1 ^a	19	...fenômeno tanto mais curioso quanto a versão de Turguenef fora feita durante a permanência do autor na França e autorizada por ele, de modo que seu intérprete , Xavier Marmier, podia facilmente consultá-lo.	4 ^a	14	...fenômeno tanto mais curioso quanto a versão de Turgueniev fora feita durante a permanência do autor na França e autorizada por ele, de modo que seu intérprete e amigo Xavier Marmier podia facilmente consultá-lo.	Mais um caso de alteração sequencial do mesmo trecho, ao longo de diversas edições. (Ver alt.44) Depois de acrescentar o nome do tradutor, agora lhe acrescenta a qualidade de “amigo”. Curiosamente, o próprio nome do autor passa de Turguenef para Turguenief na 2 ^a ed. e aqui na 4 ^a ed. para Turgueniev . (Ver Obs.20)
Alt 55	2 ^a	29	Aurélio Buarque de Holanda	4 ^a	15	Aurélio Buarque de Holanda Ferreira	Apesar de Aurélio ter adotado o nome Ferreira, da família materna, em 1931, somente na 4 ^a ed. do <i>EscTrad</i> o fato é corrigido.
Alt 56	2 ^a	29	Aurélio Buarque de Holanda e eu, ao recorrermos a uma tradução francesa de Cervantes da mesma época , para ver como o tradutor se saía de uma bela e complicada blasfêmia castelhana de algumas linhas, observamos com surpresa que, envergonhado, ele se restringira a essas poucas palavras: “Aí	4 ^a	15	Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e eu, ao lidarmos com uma das Novelas Exemplares de Cervantes, destinada a figurar em nossa antologia do conto universal, Mar de Histórias , recorremos a uma tradução francesa, também do século passado , para ver como o tradutor se saía de	Ajuste do texto para incluir o título da obra de Cervantes, e também mencionar o lançamento de <i>Mar de Histórias</i> , uma antologia produzida por Rónai e Aurélio, que no total tem 10 volumes. Alteração de “essas” por “estas” é uma correção gramatical.

			Cortadillo soltou uma praga muito feia”.			uma bela e complicada blasfêmia castelhana de algumas linhas. Pois observamos com surpresa que, envergonhado, ele se restringira a estas poucas palavras: “Aí Cortadillo soltou uma praga muito feia”.	
Alt 57	2ª	29	Já nos últimos decênios, na França também, prevalece cada vez mais rigor nas traduções. Assim, quem traduzir algum grande autor anterior ao nosso século, deverá, em princípio, escolher uma tradução nova de preferência às do tempo do original.	4ª	15	Já nos últimos decênios, na França também, observa-se cada vez mais rigor nas traduções. Assim, quem traduzir algum grande autor anterior ao nosso século, deverá, em princípio, escolher uma tradução nova , de preferência às do tempo do original.	Alteração do termo prevalece por observa denota refinamento de estilo pois deixa de ser assertivo. A segunda alteração do trecho contribui muito para sua compreensão adequada. Trata-se da vírgula depois da palavra “nova”. Denota acurácia na revisão.

4º ARTIGO: A ESCOLA DOS TRADUTORES – CORREIO DA MANHÃ – 15/12/1948

Alt 58	artigo		Dizia um amigo meu, meio pilhérico, meio sério, que os tradutores eram a cauca de grande parte dos males da humanidade, ...	1ª	21	Dizia um amigo meu, meio pilhérico, meio sério, que os tradutores eram a causa de grande parte dos males da humanidade, ...	Correção de erro tipográfico.
Alt 59	artigo		Os críticos literários, ao analisarem alguma obra traduzida, reservam geralmente uma frase ou apenas um epíteto à tradução “digna do original”, e seu julgamento quase sempre resulta de uma simples impressão e não de um cotejo com o original .	1ª	22	Os críticos literários, ao analisarem alguma obra traduzida, reservam geralmente uma frase ou apenas um epíteto à tradução “digna do original”, e seu julgamento quase sempre resulta de uma simples impressão e não de um cotejo com este último .	Elimina repetição. Refinamento de estilo.
Alt 60	artigo		Uma crítica permanente das traduções deveria ficar a cargo de críticos especializados, como o era, por exemplo, o autor da excelente seção “Exame de Traduções”, que um jornal desta capital, manteve durante algum tempo.	1ª	22	Uma crítica permanente das traduções deveria ficar a cargo de críticos especializados, como o era, por exemplo, o autor da excelente seção “Exame de Traduções” que Agenor Soares de Moura manteve durante algum tempo no Diário de Notícias do Rio de Janeiro .	Na passagem de artigo para livro, com mais liberdade, identifica o autor e o veículo em que a seção era publicada. Talvez a omissão de tais informações, no artigo, se devesse ao fato de se tratar de jornal concorrente.
Alt 61	artigo		O melhoramento da qualidade das traduções não é problema local. Verifico em dois recentes estudos ingleses, ambos publicados este ano , considerações sobre o assunto, provocadas pela decadência do ofício (1).	1ª	22	O melhoramento da qualidade das traduções não é problema local. Verifico em dois recentes estudos ingleses, considerações sobre o assunto, provocadas pela decadência do ofício (9).	A eliminação da expressão ambos publicados este ano é mais do que correta por ocasião da transposição de artigo para o livro, que se supõe, em princípio, perdurará por um longo tempo, enquanto o artigo é perecível. Entretanto, no caso do

							artigo, a inserção da expressão era mais do que justificável e adequada, pois denotava atualidade. Denota reflexão.
Alt 62	artigo		Entre as leituras de cabeceira do tradutor eu incluiria [...] <i>The Loom of the Language</i> , de Hodgben , ou o volume...	1ª	23	Entre as leituras de cabeceira do tradutor eu incluiria [...] <i>The Loom of the Language</i> , (10) de Bodmer , ou o volume... Nota de pé de página (10) Cuja tradução brasileira está sendo preparada pela Editora Globo.	Corrige a referência de Bodmer. Insere uma nota de pé de página efêmera pois assim que o livro sair, a nota terá que ser eliminada ou alterada.
Alt 63	artigo		Os livros que seriam mais úteis para o tradutor são justamente aqueles quase inexistentes [...] Por aí se vê como, no mundo inteiro, a tradução é ainda uma arte puramente empírica, cujos segredos cada tradutor tem que redescobrir por conta própria (e à custa dos leitores).	1ª	25	Os livros que seriam mais úteis para o tradutor são justamente aqueles quase inexistentes [...] Por aí se vê como, no mundo inteiro, a tradução é ainda uma arte puramente empírica, cujos segredos cada tradutor tem que redescobrir por conta própria (e à custa dos leitores). (11) Nota de pé de página (11) Podem prestar bons serviços, e não apenas a tradutores de latim, dois modestos opúsculos editados na França com objetivos didáticos: M. Baelen, <i>Méthode de Version Latine à l'usage des classes supérieures</i>, Librairie Veuve Ch. Poussielgue, Paris, 1906, e H. Bornecque, <i>Comment Faire une Version Latine</i>, École Universelle par Correspondance, Paris, s.d. Note-se que na terminologia francesa, <i>version</i> corresponde à nossa “tradução”, por oposição à “thème” (em português “versão”).	Insere Nota de pé de página, com mais sugestões de livros que seriam úteis para o tradutor que, na ausência de cursos especializados, quisesse ser autodidata. Mais um evento que comprova que Rónai estava sempre atualizado em termos dos lançamentos mais modernos de teoria da tradução e áreas correlatas. O final da nota confirma o que vai dizer em entrevista à revista Aproximações, em 1988, sobre sua própria personalidade: “... verá que todos os meus livros são didáticos ou tem algo de didático.”
Alt 64	artigo		Na ausência delas, o tradutor há de organizar algumas para seu próprio uso. De posse de alguma tradução brasileira considerada modelar, arranja o original e vai anotando os achados...	1ª	25	Na ausência delas, o tradutor há de organizar algumas para seu próprio uso. De posse de alguma tradução brasileira considerada modelar (12), arranja o original e vai anotando os achados... Nota de pé de página (12) Por exemplo a tradução de <i>Pequenos Poemas em Prosa</i>, de Charles Baudelaire por Aurélio Buarque de	Insere uma nota de pé de página útil e que, ao mesmo tempo, faz propaganda de uma publicação de seu amigo e parceiro de trabalho, Aurélio Buarque de Holanda. Ver Alt.108 em que este assunto continua.

						Holanda (Coleção Rubáiyát, Livraria José Olympio, Rio de Janeiro, 1950), da qual trato mais adiante.	
Alt 65	1 ^a	21	Título do Capítulo: A Escola dos Tradutores	2 ^a	31	Título do Capítulo: Escola de Tradutores	Apesar do título do livro já na 1 ^a edição ser <i>Escola de Tradutores</i> , somente na 2 ^a ed. o capítulo passa a ter o nome grafado tal qual o livro. Ver Obs. 11.
Alt 66	1 ^a	22	Nota de pé de página (9) J.G.Weightman, o.c., p.96; E. Allison Peers, <i>Problems of Translation</i> , em <i>Britain To-Day</i> , ns. de agosto e de setembro, 1947	2 ^a	33	Nota de pé de página (10) J.G.Weightman, o.c., p.96; E. Allison Peers, <i>Problems of Translation</i> , em <i>Britain To-Day</i> , ns. de agosto e de setembro, 1974	Um típico erro tipográfico, já que a 2 ^a edição é de 1956, portanto a publicação não poderia ser de 1974. Este erro nunca mais será corrigido. Pelo menos na 7 ^a ed., de 2012, continua inalterado.
Alt 67	1 ^a	24	Contam-se pelos dedos livros como <i>Sous l'Invocation de Saint Jérôme</i> , de Valery Larbaud, ou o já clássico <i>Essay on the Principle of Translation</i> , de Fraser Tytler. Por aí se vê como, no mundo inteiro, a tradução é ainda uma arte puramente empírica...	2 ^a	35	Contam-se pelos dedos livros como <i>Sous l'Invocation de Saint Jérôme</i> , de Valery Larbaud, ou o já clássico <i>Essay on the Principle of Translation</i> , de Fraser Tytler; ou ainda <i>Les Belles Infidèles</i>, de Georges Mounin e <i>A Arte de Traduzir</i>, de Brenno Silveira, estas duas últimas obras recentes de que trataremos mais adiante. Por aí se vê como, no mundo inteiro, a tradução é ainda uma arte puramente empírica...	Mais uma prova de que acompanha de perto os lançamentos e a literatura da área da tradução, insere na 2 ^a edição do <i>EscTrad</i> novas e recentes referências bibliográficas: a resenha de <i>As Lindas Infidéis</i> , de Georges Mounin, e a do livro de Brenno Silveira, <i>A Arte de Traduzir</i> .
Alt 68	2 ^a	31	Sem exagerar até esse ponto as responsabilidades dos tradutores, temos de convir em que elas são consideráveis. É fácil calcular as consequências possíveis de um erro na versão de um manual de arquitetura ou de um tratado diplomático. Menos evidentes, mas muito mais frequentes, são os estragos dos maus tradutores na língua, patrimônio comum de todos que a falam.	4 ^a	16	Embora qualificando-a de anedota, Peter Farb relata um caso em que um erro de tradução teria tido consequências fatais. “No fim de julho, a Alemanha e a Itália renderam-se e os Aliados dirigiram um ultimato ao Japão pra que ele se rendesse também. O Primeiro-Ministro do Japão convocou uma conferência de imprensa na qual declarou que o seu país iria <i>mokusatsu</i> o ultimato aliado. A escolha desse verbo fora de extrema infelicidade. O Premier aparentemente entendia dizer com aquilo que o gabinete levaria o ultimato em consideração. Mas a palavra tinha também outro sentido, o de ‘não tomar	Insere o exemplo do erro de tradução que teoricamente foi o estopim da bomba atômica lançada sobre o Japão, que em 1976 já se tornara um caso clássico de falha de tradução e suas consequências. Outra demonstração de que acompanha de perto a literatura da área, já que o livro que usa de referência é de 1973.

						<p>conhecimento’, e foi este que os tradutores de inglês da Domei a Agência Radiofônica japonesa, empregaram. O mundo ficou ciente de que Japão rejeitara o ultimato – em vez de levá-lo em consideração. Essa interpretação errada da Domei levou os Estados Unidos a mandar seus B-29, carregados de bombas atômicas, sobre Hiroxima e Nagasáqui. Evidentemente, se <i>mokusatsu</i> tivesse sido traduzido corretamente, não teria havido a necessidade de lançar a bomba atômica”.(13)</p> <p>Ainda que o caso possa não ser <i>vero</i>, apenas <i>ben trovato</i>, temos de convir em que as responsabilidades dos tradutores são consideráveis. É fácil calcular as consequências possíveis de um erro na versão de um manual de arquitetura ou de um tratado diplomático. Menos evidentes, mas muito mais frequentes, são os estragos dos maus tradutores na língua, patrimônio comum de todos que a falam.</p> <p>Nota de pé de página (13) Peter Farb – <i>Word Play, What happens when people talk.</i> Jonathan Cape, Londres, 1973, p. 198.</p>	
Alt 69	2ª	32	O objetivo de um rodapé consagrado às traduções não se restringiria a apontar erros.	4ª	17	O objetivo de uma seção consagrada às traduções não se restringiria a apontar erros.	Aqueles artigos que ocupam as quatro colunas na largura, mas somente uma faixa na base da página do jornal, são chamados de “rodapé”. Correção um pouco tardia, mas necessária, pois em livro rodapé significa outra coisa.
Alt 70	2ª	32	O melhoramento da qualidade das traduções não é problema local. Verifico em dois recentes estudos ingleses...	4ª	17	O melhoramento da qualidade das traduções não é problema local. Verifico, entre outros , em dois estudos ingleses...	A adequação do texto à nova realidade, depois de 20 anos (2ª ed. é de 1954 e a 4ª ed. de 1976), mostra-se necessária. Com o acréscimo de entre outros amplia a abrangência.

Alt 71	2 ^a	33	Já um curso para proveito daqueles que a ele quisessem assistir poderia trazer benefícios. Mesmo, porém, que esse curso não se possa realizar , o tradutor desejoso de se aperfeiçoar tem sempre a possibilidade de organizá-lo em casa, para si mesmo, com um programa racional de leituras, estudos e exercícios.	4 ^a	18	Já um curso para proveito daqueles que a ele quisessem assistir poderia trazer benefícios. (15) Mesmo, porém, que não encontrasse um curso destes a seu alcance , o tradutor desejoso de se aperfeiçoar teria sempre a possibilidade de organizá-lo em casa, para si mesmo, com um programa racional de leituras, estudos e exercícios. Nota de pé de página (15) Desde a primeira edição deste livro surgiram no Brasil a ETIMIG (Escola de Tradutores e Intérpretes) de Belo Horizonte, diversos cursos de tradução de nível universitário (na Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humana de São Paulo; na PUC do Rio de Janeiro e na de Porto Alegre; na Universidade de Brasília, etc.) sem falar nos cursos profissionalizantes de tradutor e intérprete criados no ensino de 2º grau.	Ajusta a redação para torná-la mais condicional, que parece ser o registro adequado para o caso e para o <i>timing</i> da 4ª ed., e insere uma nota de pé de página que, do ponto de vista deste estudo, é de grande relevância. Confirma que o autor está atento e a par do movimento de formação e profissionalização da classe. E participa ativamente do processo como se vê principalmente na Obs.22.
Alt 72	2 ^a	33	Nota de pé de página (10) Cujas traduções brasileira está sendo preparada pela Editora Globo.	4 ^a	18	Nota de pé de página (16) Cujas traduções brasileira foi publicada em 1960 pela Editora Globo sob o título <i>O Homem e as Línguas. Guia para o estudioso de idiomas.</i>	Atualização de informação denota atenção na revisão.
Alt 73	2 ^a	34	Entre as leituras de cabeceira do tradutor, eu incluiria algumas obras de linguística geral acessíveis a qualquer pessoa, como <i>Le Français Langue Morte</i> , de Thérive, <i>ou L'Idioma Gentile</i> , de Amicis. E, naturalmente, livros sobre a língua para a qual se faz a tradução, o português do Brasil, como há vários de grande valor, de João Ribeiro a Gladstone Chaves de Mello.	4 ^a	18	Entre as leituras de cabeceira do tradutor, eu incluiria algumas obras de linguística geral acessíveis a qualquer pessoa, como <i>Le Français Langue Morte</i> , de André Thérive, <i>ou L'Idioma Gentile</i> , de Amicis, ou <i>The American Language</i>, de H.L. Mencken . E, naturalmente, livros sobre a língua para a qual se faz a tradução, o português do Brasil, como há vários de grande valor, de João Ribeiro (17) a Gladstone Chaves de Mello (18), Othon Moacyr Garcia (19) e Matoso Câmara (20). Notas de pé de página (17) Frases Feitas; Curiosidades Verbais. (18) A Língua do	Como um orientador, amplia as recomendações bibliográficas. Onde antes havia só duas indicações, agora tem mais dois títulos, além da inserção de novos autores e obras. Como estrangeiro, filólogo e tradutor, interessado nas questões relativas à língua, Rónai vê valor também nas publicações que destrincham as riquezas da língua nacional, por isso insere novas indicações também de autores brasileiros. Convém lembrar que esta 4ª ed. do <i>EscTrad</i> vem a público depois que Rónai já deu as palestras que deram origem ao seu segundo livro sobre

						<i>Brasil. (19) Comunicação em Prosa Moderna. (20) Manual de Expressão Oral e Escrita.</i>	tradução, <i>A Tradução Vivida</i> , portanto teve ainda mais contato com o público alvo do <i>EscTrad</i> e pode, assim, filtrar melhor suas necessidades. Tanto assim que pelo teor da carta para ETIMIG, fica claro que Rónai teve a iniciativa de enviar cópia de uma lista da bibliografia que tinha na área de tradução (Anexo V) e o comentário de que inseria as recomendações bibliográficas no <i>EscTrad</i> com este objetivo específico. Ver também Obs.22.
Alt 74	2 ^a	34	...mas sim aos unilíngues, esses a que Larbaud chama livros consulares, como o <i>Webster</i> , o <i>Larousse</i> , o <i>Zingarelli</i> , e, acrescente-se com justificado orgulho, o <i>Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa</i> .	4 ^a	19	...mas sim aos unilíngues, esses a que Larbaud chama livros consulares, como o <i>Webster</i> , o <i>Larousse</i> , o Robert , o <i>Zingarelli</i> , e, acrescente-se com justificado orgulho, o <i>Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira</i> .	Acrescenta o dicionário francês que fazia falta na lista das edições anteriores, e atualiza o nome do dicionário do Aurélio, inclusive lhe dando o crédito pela obra.
Alt 75	2 ^a	35	Os livros que seriam mais úteis para o tradutor são justamente aqueles quase inexistentes : obras técnicas sobre a tradução, com conselhos práticos, exemplos de soluções, etc.	4 ^a	19	Os livros que seriam mais úteis para o tradutor: obras técnicas sobre a tradução, com conselhos práticos, exemplos de soluções, etc., não são muito numerosos mesmo em línguas estrangeiras (21) . Nota de pé de página (21) Citarei duas das mais importantes, munidas de ampla bibliografia: <i>Scientific and Technical Translating and other aspects of the language problem</i>, Unesco, Paris, 1957, e Ruber A. Brower et alii, <i>On Translation</i>, Oxford University Press, Nova York, 1966.	Rónai sente claramente que o que afirmara em 1956 (quando saiu a 2 ^a ed.), deixou de ser totalmente verdadeiro já que, ele mesmo estava inserindo novas referências. Então substitui “ são justamente aqueles quase inexistentes ” por “ não são muito numerosos mesmo em línguas estrangeiras ”. Insere uma nova nota de pé de página, com mais duas referências bibliográficas internacionais recentes, e ainda destaca que são “ munidas de ampla bibliografia ”, o que reforça ainda mais a observação da Alt.72 acima, e vai continuar na próxima alteração, Alt.76.
Alt 76	2 ^a	35	Contam-se pelos dedos livros como <i>Sous l'Invocation de Saint Jérôme</i> , de Valery Larbaud, ou o já clássico <i>Essay on the Principle of Translation</i> , de Fraser Tytler; ou ainda <i>Les Belles Infidèles</i> , de Georges Mounin e <i>A Arte de Traduzir</i> , de Brenno Silveira, estas	4 ^a	20	Contam-se pelos dedos livros como <i>Sous l'Invocation de Saint Jérôme</i> , de Valery Larbaud, ou o já clássico <i>Essay on the Principle of Translation</i> , de Fraser Tytler; ou ainda <i>Les Belles Infidèles</i> , de Georges Mounin e <i>A Arte de Traduzir</i> , de Brenno Silveira, A	Mais uma vez torna disponível para os leitores, os lançamentos recentes na área dos Estudos da Tradução. Como Rónai acompanha, via jornais e revistas e, em vista do Anexo VI (carta Ed.Payot) talvez catálogos das casas editoras, os

			duas últimas obras recentes de que trataremos mais adiante. Por aí se vê como, no mundo inteiro , a tradução é ainda uma arte puramente empírica, cujos segredos cada tradutor tem de redescobrir por conta própria (e à custa dos leitores). (11)			Poética da Tradução (22), de Haroldo de Campos, e mais algumas obras recentes de que trataremos mais adiante. Apesar da existência de tais obras , a tradução, entre nós , é ainda uma arte puramente empírica, cujos segredos cada tradutor tem de redescobrir por conta própria (e à custa dos leitores). (23) Nota de pé de página (22) Em A Arte no Horizonte do Provável, Editora Perspectiva, São Paulo, 1969.	lançamentos inclusive internacionais, não consegue mais afirmar o que dissera em 1956 sobre a escassez de literatura na área da tradução, então ajusta o tom de sua frase. Ver Obs.22. Rónai acompanha o processo de evolução dos Estudos da Tradução <i>pari passu</i> .
Alt 77	2ª	35	Por aí se vê como, no mundo inteiro, a tradução é ainda uma arte puramente empírica, cujos segredos cada tradutor tem de redescobrir por conta própria (e à custa dos leitores). (11) Nota de pé de página (11) [...] Note-se que na terminologia francesa, <i>version</i> corresponde à nossa “tradução”, por oposição à “thème” (em português “versão”).	4ª	20	Apesar da existência de tais obras, a tradução, entre nós, é ainda uma arte puramente empírica, cujos segredos cada tradutor tem de redescobrir por conta própria (e à custa dos leitores). (23) Nota de pé de página (23) [...] Note-se que na terminologia francesa, <i>version</i> corresponde à nossa “tradução”, por oposição à “thème” (em português “versão”). Outro livro extremamente útil é: J. Marouzeau – La Traduction du Latin. Les Belles Lettres, Paris, 1951, 4ª ed.	Continua fazendo o movimento de acrescentar referências bibliográficas, que começou na Alt.63 acima, e continuou nas Alt.72-76.
Alt 78	2ª	35	...cujos segredos cada tradutor tem de redescobrir por conta própria (e à custa dos leitores). (11) Há um meio de suprir essa falta . O melhor exercício para o tradutor é, naturalmente, a tradução.	4ª	20	...cujos segredos cada tradutor tem de redescobrir por conta própria (e à custa dos leitores). (23) Há um meio de suprir a falta das obras especializadas, nem sempre acessíveis . O melhor exercício para o tradutor é, naturalmente, a tradução.	Agora o tom do discurso muda, passa de ausente (“essa falta”) para “nem sempre acessíveis”. Confirma que acompanha e percebe a evolução dos fatos.
Alt 79	2ª	37	Há também – dizem-me – os que se limitam a assinar o trabalho de colaboradores anônimos; eles lerão com proveito a história seguinte, rigorosamente autêntica . O nome de Frederico Karinthy , escritor morto há alguns anos, é conhecido de todos os leitores húngaros. Humorista...	4ª	21	Há também – dizem-me – os que se limitam a assinar o trabalho de colaboradores anônimos; eles lerão com proveito a história seguinte, contada na Hungria como realmente acontecida . O nome de Frigyes Karinthy , escritor morto há alguns anos, é conhecido de todos os	Contextualização da história através da identificação da origem, Hungria. A modificação na redação suaviza o discurso, tornando-a menos assertiva. Em seguida Rónai demonstra que segue as normas vigentes. Na 2ª edição (1956) ele cita o sobrenome original do autor –

						leitores húngaros. (25) Humorista... Nota de pé de página (25) Três de seus contos estão incluídos em minha Antologia do Conto Húngaro.	Karinthy – mas traduz o prenome, de Frigyes para Frederico. Já na 4ª edição, a grafia original é mantida, mas não a ordem húngara, que primeiro usa o sobrenome para depois colocar o nome, ou seja, Karinthy Frigyes. Para o falante nativo de húngaro, isto faz diferença. Atualização da bibliografia na Nota de pé de página nº 25.
Alt 80	4ª	17	O Primeiro-Ministro do Japão convocou uma conferência de imprensa na qual declarou que o seu país iria <i>mokusatsu</i> o ultimato aliado. A escolha desse verbo fora de extrema infelicidade. O <i>Premier</i> aparentemente entendia dizer com aquilo que o gabinete levaria o ultimato em consideração.	6ª	30	O Primeiro-Ministro do Japão convocou uma conferência de imprensa na qual declarou que o seu país iria <i>mokusatsu</i> o ultimato aliado. A escolha desse verbo fora de extrema infelicidade. O <i>Premier</i> aparentemente pretendia dizer com aquilo que o gabinete levaria o ultimato em consideração.	Correção do que parecer ser um erro de tipografia inserido na 4ª ed., quando o exemplo foi incorporado ao texto. Denota acurácia na revisão.
Alt 81	4ª	17	Uma crítica permanente das traduções deveria ficar a cargo de críticos especializados, como o era, por exemplo, o autor da excelente seção “Exame de Traduções” que Agenor Soares de Moura manteve durante algum tempo no <i>Diário de Notícias</i> do Rio de Janeiro.	6ª	32	Uma crítica permanente das traduções deveria ficar a cargo de críticos especializados, como o era, por exemplo, o autor da excelente seção “Exame de Traduções” que o saudoso Agenor Soares de Moura manteve durante algum tempo no <i>Diário de Notícias</i> do Rio de Janeiro.	Segundo a Alt.60, o artigo não identificava o autor da seção. Na 1ª ed. a identidade do autor é inserida. Entre o artigo, publicado em 15/02/1948 e a data da 6ª edição, 1989, se passaram 41 anos. Então Agenor Soares de Moura recebe o epíteto “o saudoso”.
Alt 82	4ª	19	E, naturalmente, livros sobre a língua para a qual se faz a tradução, o português do Brasil, como há vários de grande valor, de João Ribeiro (17) a Gladstone Chaves de Mello (18), Othon Moacyr Garcia (19) e Matoso Câmara (20). Notas de pé de página (17) <i>Frases Feitas; Curiosidades Verbais</i> . (18) <i>A Língua do Brasil</i> . (19) <i>Comunicação em Prosa Moderna</i> . (20) <i>Manual de Expressão Oral e Escrita</i> .	6ª	33	E, naturalmente, livros sobre a língua para a qual se faz a tradução, o português do Brasil, como há vários de grande valor, de João Ribeiro (5) a Gladstone Chaves de Mello (6), Othon Moacyr Garcia (7), Matoso Câmara (8) e Antenor Nascentes (9) . Notas de pé de página (5) <i>Frases Feitas; Curiosidades Verbais</i> . (6) <i>A Língua do Brasil</i> . (7) <i>Comunicação em Prosa Moderna</i> . (8) <i>Manual de Expressão Oral e Escrita</i> , (9) <i>Tesouro da Fraseologia Brasileira</i> .	Mais uma adição de referência bibliográfica nacional. Continuação das alterações constantes da Alt. 73.

5º ARTIGO: CONFIDÊNCIAS DE TRADUTORES – DIÁRIO DE NOTÍCIAS – 12/11/1950

Alt 83	artigo		Nasci num pequeno país colocado no âmago da Europa, no cruzamento das mais variadas correntes espirituais, mas de idioma completamente isolado. Preocupados com a sua integração espiritual na comunidade européia, os intelectuais húngaros de todas as épocas não somente estudavam línguas, mas se empenhavam em traduzir as obras-primas das literaturas estrangeiras.	1ª	29	Nasci num pequeno país colocado no âmago da Europa, no cruzamento das mais variadas correntes espirituais, mas de idioma completamente isolado. Preocupados com a sua integração espiritual na comunidade européia, os intelectuais de todas as épocas não somente estudavam línguas, mas se empenhavam em traduzir as obras-primas das literaturas estrangeiras.	Curiosamente, ao transplantar o texto do artigo de jornal para o livro, Rónai elimina o adjetivo húngaros , como se assim sua assertiva fosse aplicável não somente aos húngaros mas a qualquer intelectual de qualquer país da região, que fosse colocado “no âmago da Europa”. Isto dá uma dimensão maior ao fato, que no fundo, não deixa de ser verdadeiro.
Alt 84	artigo		“...Assim, pois, a tradução, que força uma língua a dobrar-se acompanhando as curvas de um pensamento estrangeiro, é, mais ou menos, o único meio de comunhão espiritual requintada entre as nações.”	1ª	30	“...Assim, pois, a tradução, que força uma língua a dobrar-se acompanhando as curvas de um pensamento estrangeiro, é, mais ou menos, o único meio de comunhão espiritual requintada entre as nações.” (13) Nota de pé de página (13) Michel Babits, En traduisant Dante in Nouvelle Revue de Hongrie, nº de mai 1939.	Como já mencionado, ao contrário do livro, o jornal aceita um mínimo de notas de pé de página. Na transposição de artigo para livro, insere a fonte da citação em nota de pé de página.
Alt 85	artigo		Devo a tais reminiscências o interesse que me faz voltar sempre a esse assunto tão pouco estudado e a juntar mais um artigo aos que lhe consagrei há algum tempo. Num deles divertia-me em imaginar um currículo de estudos para os candidatos a tradutor. Suas leituras deviam ser, de preferência, além das poucas obras especializadas que existem sobre o tema, obras fundamentais acerca de linguagem e estilo, dicionários e boas versões para serem cotejadas com as respectivas originais. Queria acrescentar agora a essa coleção uma pequena antologia, ainda inexistente, que se poderia compilar dos prefácios em que os tradutores...	1ª	30	Devo a tais reminiscências o interesse que me faz voltar sempre a esse assunto tão pouco estudado e que me faria crescer à biblioteca dos candidatos a tradutor uma pequena antologia, ainda inexistente, que se poderia compilar dos prefácios em que os tradutores...	Enquanto separados por quase três anos, e veiculados em jornais diferentes, o artigo <i>Escola de Tradutores</i> publicado no Correio da Manhã em 15/02/1948, e o artigo aqui analisado – <i>Confidências de Tradutores</i> –, publicado no Diário de Notícias em 12/11/1950, fazia sentido Rónai usar a oportunidade do artigo atual e fazer reminiscências ao artigo anterior. Mas quando ambos saem no mesmo livro, um capítulo após o outro, o trecho deixa de fazer sentido. Então é totalmente eliminado. Denota autocrítica.

Alt 86	artigo		“se ajoelhava diante de todos os literatos da Itália para implorar-lhes que lhe comunicassem, pública ou particularmente, o seu parecer” sobre aquela tentativa;	1ª	30	“se ajoelhava diante de todos os literatos da Itália para implorar-lhes que lhe comunicassem, pública ou particularmente, o seu parecer” (14) sobre aquela tentativa; Nota de pé de página (14) <i>Tutte le Opere di Giacomo Leopardi</i>, a cura de Francesco Flora. Casa Editrice Mondadori, Milano, 1945; vol. I, pág. 616.	Novamente insere notas de pé de página com a fonte da citação, no ato da transposição de jornal para livro.
Alt 87	artigo		(final de citação em espanhol)	1ª	31	(final da citação em espanhol) (15) Nota de pé de página (15) Fray Luís de Leon, <i>Poesias Completas</i>, tomo I. Editorial Sopena Argentina, Buenos Aires, 1942; prólogo.	idem comentário Alt.86.
Alt 88	artigo		“traduzir é a maneira mais atenta de ler”.	1ª	31	“traduzir é a maneira mais atenta de ler”. (16) Nota de pé de página (16) James Joyce, <i>Ulisses</i>. Trad. de J. Sales Subirat, Santiago Ruedas ed., Buenos Aires, 1945 ; prefácio.	idem comentário Alt.86.
Alt 89	artigo		...escreveu Árpád Toth, o poeta que recriou em húngaro a Balada da Prisão de Reading, de Oscar Wilde.	1ª	32	...escreveu Árpád Toth, o poeta que recriou em húngaro a <i>Balada da Prisão de Reading</i> . (17) Nota de pé de página (17) Oscar Wilde, <i>A Readingi Fegyház Balladája</i>. Fordította Tóth Árpád. Athenaeum, Budapest, 1921, prefácio.	Neste caso, o estratagema utilizado no artigo foi anotar a referência bibliográfica no próprio texto, e diferenciá-lo com o uso de negrito. No livro, Rónai corta o nome do autor do corpo do texto e o incorpora na nova nota de pé de página.
Alt 90	artigo		...as respectivas mulheres, escravos, namoradas e cortesãs”.	1ª	33	...as respectivas mulheres, escravos, namoradas e cortesãs”. (18) Nota de pé de página (18) Térence, <i>Comédies</i>. Trad. de Victor Bétolaud. Garnier Frères, Paris s.d.; prefácio.	idem comentário Alt.86.
Alt 91	artigo		...(pensar que na época de Homero havia clichês!) e repetições propositadas, cheias de intenções.	1ª	33	...(pensar que na época de Homero havia clichês!) e repetições propositadas, cheias de intenções. (19) Nota de pé de página (19) Homer, <i>The Odyssey</i>. Translated by E.V.Rieu. Penguin Books inc. New York, 1946; introdução.	idem comentário Alt.86.

Alt 92	artigo	<p>...(pensar que na época de Homero havia clichês!) e repetições propositadas, cheias de intenções.</p> <p>Robin Flower, tradutor das Memórias de Tomás Ó Crohan, um camponês da Irlanda, tropeça, por sua vez, na convenção literária de um dialeto inglês, artificial com elementos irlandeses, de que autores britânicos têm usado com frequência, e acaba por abrir mão desse recurso, que lhe parece pseudo-poético, preferindo traduzir do gaélico em inglês puro o livro do campônio irlandês, conhecedor de um único idioma.</p> <p>As revelações...</p>	1ª	33	<p>...(pensar que na época de Homero havia clichês!) e repetições propositadas, cheias de intenções.</p> <p>As revelações...</p>	<p>Na transposição do artigo para o livro, elimina o trecho com o exemplo do Robin Flower, provavelmente porque percebeu depois que a informação estava errada. Flower traduziu <i>The Islandman</i>, de Ó Crohan. Em separado escreveu as Memórias de Ó Crohan, que foi seu professor de irlandês. [Pesquisa feita no Wikipédia em mar/2016.] Mas também pode ser que por não conhecer irlandês Rónai não pudesse conferir as questões dialetais que comenta. Denota ética profissional.</p>
Alt 93	artigo	<p>...as personagens de categoria social elevada, deuses, reis e brâmanes, falam o sânscrito; os camponeses, o prácrito, e assim por diante. Dificuldade ainda...</p>	1ª	33	<p>...as personagens de categoria social elevada, deuses, reis e brâmanes, falam o sânscrito; os camponeses, o prácrito, e assim por diante. (20) Dificuldade ainda...</p> <p>Nota de pé de página (20) Kâlidasa, Çakuntalá. Texte traduit du sanscrit et annoté par Frans de Ville. Collection Lebègue 3^e série, n° 31. Office de Publicité, Bruxelles, 1943.</p>	<p>idem comentário Alt.86.</p> <p>Além disso, no começo do exemplo, no artigo, o nome do tradutor está escrito abreviado, Fr. de Ville, que na transposição Rónai altera para Frans. Curiosamente, porém, ao citar o nome do tradutor pela segunda vez ao longo do texto, Rónai se esquece de fazer a mesma alteração no livro. Esta correção somente vai acontecer na 4ª edição (vide Alt.101).</p>
Alt 94	artigo	<p>“...o idioma japonês é extremamente vago e autoriza frequentemente, para o mesmo trecho, grande número de interpretações”. A compreensão é ...”</p>	1ª	34	<p>“...o idioma japonês é extremamente vago e autoriza frequentemente, para o mesmo trecho, grande número de interpretações”. (21) A compreensão é ...”</p> <p>Nota de pé de página (21) Michel Revon, Anthologie de la Littérature Japonaise des origines au XX^e siècle. Librairie Delagrave, Paris, 1919 : introdução.</p>	<p>idem comentário Alt.86.</p>

Alt 95	artigo		“As palavras-travesseiro são palavras tradicionalmente aparentadas e que evocam, por conseguinte, a mesma idéia: assim, por exemplo, “ esposas ” e “ tenros ”, ou “ céus ” e “ eternos ”. Estamos...”	1ª	35	“As palavras-travesseiro são palavras tradicionalmente aparentadas e que evocam, por conseguinte, a mesma idéia: assim, por exemplo, “ esposa ” e “ tenro ”, ou “ céu ” e “ eterno ”. Estamos...”	Alteração de plural para singular. Curioso, pois se trata de uma citação. Mesmo que gramaticalmente o correto seja singular, em sendo uma citação a rigor tal alteração não poderia ter sido feita. Consultada a obra, constatou-se que os termos estão de fato no singular. O erro no artigo não deve ser erro tipográfico.
Alt 96	artigo		Em tais palavras encostam-se, como que num travesseiro, outras expressões refletindo idéias que se harmonizam com elas.”	1ª	35	Em tais palavras encostam-se, como que num travesseiro, outras expressões refletindo idéias que se harmonizam com elas.” (22) Nota de pé de página (22) <i>Chansons de Geishas</i>. Traduites pour le première fois du japonais par Steinilber-Oberlin et Hidetake-Iwamura. G.Crès, Paris, 1926 ; introdução.	idem comentário Alt.86.
Alt 97	artigo		E quando, nessa época, O Grande Testamento me veio cair nas mãos, essa alma nua entre terra e céu prendeu-me irresistivelmente e me fez pegar da pena”.	1ª	36	E quando, nessa época, <i>O Grande Testamento</i> me veio cair nas mãos, essa alma nua entre terra e céu prendeu-me irresistivelmente e me fez pegar da pena”. (23) Nota de pé de página (23) François Villon <i>Nagy Testamentuma</i>. Vas István fordította. Budapest, Officina, 1940, prefácio.	idem comentário Alt.86.
Alt 98	1ª	30	Devo a tais reminiscências o interesse que me faz voltar sempre a esse assunto tão pouco estudado e que me faria crescer à biblioteca dos candidatos a tradutor uma pequena antologia, ainda inexistente, que se poderia compilar dos prefácios em que os tradutores fazem confidências ao público, explicando os seus processos e os seus truques, confessando seus fracassos, queixando-se das dificuldades do ofício. Faz tempo, ando anotando o que há de aproveitável nessas advertências, prefácios, preâmbulos e notas de tradutor que tantas vezes nem sequer se lêem.	2ª	58	Devo a tais reminiscências o interesse que me leva a voltar a esse assunto tão pouco estudado e que me faria crescer à biblioteca dos candidatos a tradutor uma pequena antologia, ainda inexistente, que se poderia compilar dos prefácios em que os tradutores fazem confidências ao público, explicando os seus processos e os seus truques, confessando seus fracassos, queixando-se das dificuldades do ofício. Faz tempo, ando anotando o que há de aproveitável nessas advertências, prefácios, preâmbulos e notas de tradutor que tantas vezes nem sequer se lêem.	O verbo fazer aparecia quatro vezes no segmento. Ao alterar o primeiro, diminui o número de repetições. Denota consciência estilística. É o tipo de alteração que comprova que a curva de aprendizado da língua, para Rónai, estava em movimento ascendente. Obs.: Somente a consideração de um segmento um pouco maior permitiu detectar a motivação da ação. Questão relevante na apreciação da eficiência do modelo aqui adotado como técnica de avaliação do processo de criação.

Alt 99	2ª	61	E.V.Rieu, último tradutor inglês da <i>Odisséia</i> , como muitos de seus predecessores, considera indispensável entrar numa análise das frases estereotipadas e dos epítetos permanentes que caracterizam o estilo homérico, procurando distinguir entre clichês adaptados inconscientemente pelo poeta (pensar que já na época de Homero havia clichês!) e repetições propositadas, cheias de intenções.	4ª	62	E.V.Rieu, último tradutor inglês da <i>Odisséia</i> , como muitos de seus predecessores, considera indispensável entrar numa análise das frases estereotipadas e dos epítetos permanentes que caracterizam o estilo homérico, procurando distinguir entre clichês adotados inconscientemente pelo poeta (pensar que já na época de Homero havia clichês!) e repetições propositadas, cheias de intenções.	Alterou adaptados por adotados . Interessante notar um erro levar 4 edições (está presente desde o artigo) para ser localizado. Talvez pelo fato do texto ser curioso e distrair a atenção do leitor, até mesmo de um leitor tão atento como Paulo Rónai.
Alt 100	2ª	62	(26) Kâlidasa, <i>Çakuntalâ</i> . Texte traduit du sanscrit et annoté par Frans de Ville. Collection Lebègue, 3ª série, nº 31. Office de Publicité, Bruxelles, 1943.	4ª	62	(53) Kâlidasa, <i>Çakuntalâ</i> . Texto traduzido do sânscrito e anotado por Frans de Ville. Collection Lebègue, 3ª série, nº 31. Office de Publicité, Bruxelles, 1943.	Outra alteração curiosa. Se Rónai se achou no direito de traduzir dizeres da referência bibliográfica, isto sugere que tal alteração poderia ter sido feita desde que o texto entrou no livro, na 1ª edição. Ou, que as pessoas, na época da 4ª ed. (1976), já não conheciam francês o suficiente, motivando o autor a traduzir.
Alt 101	2ª	62	O exemplo dado por Fr. de Ville é mesmo de estarrecer: um desses compostos pode significar simultaneamente “as flores que tem delicadas pontas de estames” e “cachos de cabelos de lindos rapazes”...	4ª	63	O exemplo dado por Frans de Ville é mesmo de estarrecer: devido ao fenômeno de isometria linguística um desses compostos pode significar simultaneamente “as flores que tem delicadas pontas de estames” e “cachos de cabelos de lindos rapazes”...	Corrige um lapso de revisão esquecido (ver Alt.91), Fr. para Frans , e insere o nome técnico do fenômeno que está analisando - isometria linguística . (Ver análise na Obs.04).

6º ARTIGO: **O TRADUTOR TRADUZIDO** – DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 11/12/1949

Alt 102	artigo		A partir do momento em que o conheceu, Baudelaire apaixonou-se pela arte de Poe na qual descobriu afinidades estranhas com suas próprias teorias e tendências...	1ª	37	A partir do momento em que o conheceu, Baudelaire apaixonou-se pela arte de Poe na qual descobriu estranhas afinidades com suas próprias teorias e tendências...	Provavelmente lembrando-se de suas próprias recomendações no artigo <i>Tradução Literal e Efeito de Estilo</i> , 2º cap. do <i>EscTrad</i> , em que explica os efeitos da modificação da posição do adjetivo qualificativo quando colocado à frente ou após o substantivo, Rónai faz a alteração.
---------	--------	--	---	----	----	---	---

Alt 103	artigo		Mesmo que o centenário da morte de Poe possa conferir um mínimo de atualidade a estas notas , sua razão de ser encontra-se mais numa coincidência curiosa.	1ª	40	Mesmo que o centenário da morte de Poe possa conferir um mínimo de atualidade a estas notas, (24) sua razão de ser encontra-se mais numa coincidência curiosa. Nota de pé de página (24) Escritas em 1949.	Se a data tivesse sido vinculada ao centenário de Poe, ninguém saberia quando as notas haviam sido escritas, já que, como capítulo de livro, esta informação ficaria indisponível. Denota consciência profissional.
Alt 104	artigo		Quem tiver curiosidade de cotejar uma das traduções publicadas em jornal com a versão “definitiva” do volume de José Olímpico , poderá verificar não somente a mestria, mas também a conscienciosidade desse trabalho de contínuo polimento.	1ª	41	Quem tiver curiosidade de cotejar uma das traduções publicadas em jornal com a versão “definitiva” do volume de José Olímpio , poderá verificar não somente a mestria, mas também a escrupulosidade desse trabalho de contínuo polimento.	Para se entender esta substituição lexical, conscienciosidade por escrupulosidade , seria necessário ler todo parágrafo, que ocupa meia página do livro. Nele Rónai explica que Aurélio se dedicou à tradução de Baudelaire “com tanta paciência e cuidado” quanto Baudelaire havia dedicado à sua própria tradução de Poe. Em que pese a tentativa frustrada, o nome da editora José Olympio só será corrigida na 4ª edição. Ver Alt.110.
Alt 105	artigo		Os tradutores de Poe não constituíam exceção à regra: Lemonnier mostra como um acrescentava, outro cortava, terceiro interpretava em vez de simplesmente verter. Baudelaire, entretanto, mostrou-se intransigente, adotando o princípio da tradução literal ;	1ª	42	Os tradutores de Poe não constituíam exceção à regra: Lemonnier mostra como um acrescentava, outro cortava, terceiro interpretava em vez de simplesmente verter. Baudelaire, entretanto, mostrou-se intransigente, adotando o princípio da tradução fiel ;	Alteração de termo técnico, consistente com o artigo do próprio Rónai, <i>Tradução Literal e Efeito de Estilo</i> , capítulo 2 do <i>EscTrad</i> , em que discute os conceitos de literalidade e fidelidade na tradução. Parece que o próprio autor tira proveito do fato de reunir os artigos no ambiente único do livro. Denota autocrítica.
Alt 106	1ª	38	Outros que se correspondiam com Baudelaire, vieram a saber de Poe por meio de cartas, entre estes Sainte-Beuve, Taine, Vigny.	2ª	68	Outros que se correspondiam com Baudelaire, entre estes Sainte-Beuve, Taine, Vigny , vieram a saber de Poe por meio de cartas.	Realocação do aposto, tornou a sentença mais fluida. Denota aprimoramento de estilo, tal como Alt.01.
Alt 107	2ª	69	O primeiro conto traduzido por Baudelaire foi publicado em 1848; o segundo, somente quatro anos depois. Nesse ínterim, Poe, com quem seu admirador francês não estabelecera contato pessoal, morrera. Depois de 1852 sucediam -se as traduções.	4ª	80	O primeiro conto traduzido por Baudelaire foi publicado em 1848; o segundo, somente quatro anos depois. Nesse ínterim, Poe, com quem seu admirador francês não estabelecera contato pessoal, morrera. Depois de 1852 multiplicaram -se as traduções.	Substituição lexical bastante coerente, pois mesmo que as traduções fossem muitas, não necessariamente elas aconteciam uma após a outra. Curioso notar que somente na 4ª ed. esta alteração é feita. Denota aprimoramento de estilo, curva de aprendizado da língua portuguesa em ascensão e senso de autocrítica.

Alt 108	2ª	69	Foi precisamente aquela preocupação que o impediu de traduzir as poesias, que julgava intransponíveis para qualquer língua;...	4ª	81	Foi precisamente aquela preocupação que o impediu de traduzir as poesias, que julgava intransponíveis em qualquer língua;...	Aparentemente pequena, no caso do Rónai esta alteração de “ para ” por “ em ” também denota curva de aprendizado da língua portuguesa em ascensão. A diferença, a meu ver, está em quem realizaria a tal tradução. No primeiro caso, o texto sugere que Baudelaire seria o tradutor para qualquer língua. Na revisão, a informação passa a ser generalizada: a tradução passa a ser inviável em qualquer língua, independente de quem o faça.
Alt 109	2ª	70	O conhecimento de tais pormenores modifica sensivelmente o retrato de Baudelaire, orgulhoso, boêmio, cético irregular , <i>épateur de bourgeois</i> , e mostra como nele era profundo e humilde o respeito pela arte alheia.	4ª	81	O conhecimento de tais pormenores modifica sensivelmente o retrato de Baudelaire, orgulhoso, boêmio, cético incorrigível , <i>épateur de bourgeois</i> , e mostra como nele era profundo e humilde o respeito pela arte alheia.	A palavra irregular faria sentido se estivesse entre vírgulas, já que Baudelaire era reconhecidamente uma pessoa irregular. A alteração para cético incorrigível muda o significado. Mas, para ser devidamente avaliada, esta alteração dependeria de consultar o texto de Léon Lemonnier, que não foi possível.
Alt 110	1ª	40	Mesmo que o centenário da morte de Poe possa conferir um mínimo de atualidade a estas notas, (24) sua razão de ser encontra-se mais numa coincidência curiosa. Com efeito, teremos proximamente uma tradução dos <i>Poemas em Prosa</i> de Baudelaire, feita com entusiasmo e pertinácia iguais, caracterizado pelo mesmo esforço de perfeição. Depois de acompanhá-la de perto, vejo agora, ao ler as informações de Lemonnier acerca de Baudelaire tradutor, que o autor dos <i>Poemas em Prosa</i> terá uma versão portuguesa feita nos mesmos princípios que ele aplicava às suas traduções.	2ª	70	Mesmo que o centenário da morte de Poe possa conferir um mínimo de atualidade a estas notas, (24) sua razão de ser encontra-se mais numa coincidência curiosa: o acabamento de uma tradução dos <i>Poemas em Prosa</i> de Baudelaire, feita com entusiasmo e pertinácia iguais, caracterizado pelo mesmo esforço de perfeição. Depois de acompanhá-la de perto, vejo agora, ao ler as informações de Lemonnier acerca de Baudelaire tradutor, que o autor dos <i>Poemas em Prosa</i> acaba de obter uma versão portuguesa feita nos mesmos princípios que ele aplicava às suas traduções.	Mesmo tendo dado a referência da obra na página 26 da 1ª ed., em que dá sugestões de técnicas de aprimoramento ao tradutor aprendiz, neste capítulo em que trata da própria publicação <i>Poemas em Prosa</i> , Rónai só atualiza a informação da publicação na 4ª ed. (ver Alt.111 referente à nota de pé de página nº 60). Na redação do texto em si, entretanto, ele faz a alteração necessária, informando que o livro já havia saído.

Alt 111	2ª	70	Mesmo que o centenário da morte de Poe possa conferir um mínimo de atualidade a estas notas, (24) sua razão de ser encontra-se mais numa coincidência curiosa: o acabamento de uma tradução dos <i>Poemas em Prosa</i> de Baudelaire, feita com entusiasmo e pertinácia iguais, caracterizado pelo mesmo esforço de perfeição . Depois de acompanhá-la de perto, vejo agora, ao ler as informações de Lemonnier acerca de Baudelaire tradutor, que o autor dos <i>Poemas em Prosa</i> acaba de obter uma versão portuguesa feita nos mesmos princípios que ele aplicava às suas traduções.	4ª	81	Mesmo que o centenário da morte de Poe possa conferir um mínimo de atualidade a estas notas, (59) sua razão de ser encontra-se mais numa coincidência curiosa: o acabamento de uma tradução dos <i>Poemas em Prosa</i> de Baudelaire, feita com entusiasmo e pertinácia iguais, caracterizado pelo mesmo esforço de perfeição. (60) Depois de acompanhá-la de perto, vejo agora, ao ler as informações de Lemonnier acerca de Baudelaire tradutor, que o autor dos <i>Poemas em Prosa</i> acaba de obter uma versão portuguesa feita nos mesmos princípios que ele aplicava às suas traduções. Nota de pé de página (60) Publicada pela primeira vez em 1950 na Coleção Rubáyát pela Livraria José Olympio Editora.	Será que vale o velho ditado, <i>santo de casa não faz milagre</i> ? Que o artigo original não fizesse referência à publicação de Aurélio é compreensível. Ainda estava em elaboração. Mas se a nota de pé de página inserida somente na 4ª ed. estiver correta – e não tem por que duvidar de sua exatidão –, pela data em que o livro foi publicado, isto é, 1950, ela poderia ter sido inserida já na 1ª ed. do <i>EscTrad</i> , de 1952. E, digno de reparo, um revisor atento a detalhes tão precisos como Rónai, por que não reviu os dizeres do texto, já que entre 1950 e 1976 muitos anos se passaram e não fazia mais sentido, na edição de 1976, dizer que “ <i>Poemas em Prosa</i> acaba de obter uma versão portuguesa”. O trecho também não foi alterado nem na 6ª ed. A acurácia da revisão de Rónai é tamanha que, na 4ª edição chega a inserir um artigo masculino que fazia falta desde o estágio do artigo de jornal: “Lemonnier mostra como um acrescentava, outro cortava, “o” terceiro interpretava...”. Por que então não deu uma redação mais adequada ao trecho relativo ao amigo, companheiro de tantas parecerias?
Alt 112	1ª	41	Por mim, tive a satisfação de acompanhá-lo passo a passo em todas as minúcias da tarefa. Nunca tendo ido a França, Aurélio possui do francês aproximadamente o excelente conhecimento livresco que Baudelaire tinha do inglês.	2ª	71	Por mim, tive a satisfação de acompanhá-lo passo a passo em todas as minúcias da tarefa. Não tendo ido a França até o momento de acabar esta tradução , Aurélio possuía do francês aproximadamente o excelente conhecimento livresco que Baudelaire tinha do inglês.	Provavelmente depois que saiu a 1ª ed. do <i>EscTrad</i> , Aurélio Buarque de Holanda empreendeu alguma viagem à França, o que motivou a revisão na 2ª ed. Apesar de que, a crase que faz falta diante de “França” só veio a ser corrigida na 4ª ed.

7º ARTIGO: ANDANÇAS E EXPERIÊNCIAS DE UM TRADUTOR TÉCNICO – DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 20/03/1949

Alt 113	artigo		Já fui tradutor técnico. O ano em que tirei o diploma de professor coincidia com a fase mais aguda de um período de desemprego. Havia, para qualquer vaga, dezenas de candidatos. Cansado de procurar pistolões, resolvi tentar uma utilização imediata e prática dos meus conhecimentos, e fui oferecer meus serviços a um escritório de traduções comerciais e técnicas.	1ª	45	Já fui tradutor técnico. O ano em que, na Hungria , tirei o diploma de professor coincidia com a fase mais aguda de um período de desemprego. Havia, para qualquer vaga, dezenas de candidatos. Cansado de procurar pistolões, resolvi tentar uma utilização imediata e prática dos meus conhecimentos, e fui oferecer meus serviços a um escritório de traduções comerciais e técnicas.	Primeira frase do artigo, e por alguma razão Rónai deixa de identificar seu país de origem. Não que vá fazer segredo disso. Todo texto que se segue acontece na Hungria. Sem a referência espacial, pelo menos neste trecho inicial do artigo, torna o texto universal. Talvez uma estratégia retórica adequada para o artigo de jornal. As demandas estilísticas do livro são outras, que Rónai muda ao inserir a referência.
Alt 114	artigo		Daí em diante, folhee e colecionei catálogos, folhetos de propaganda, anúncios, fato curioso, eles me prestaram bons serviços, depois...	1ª	47	Daí em diante, folhee e colecionei catálogos, folhetos de propaganda, anúncios. Fato curioso, eles me prestaram bons serviços, depois...	Um pequeno, mas flagrante erro tipográfico, uma vírgula onde deveria vir um ponto final. Revisão denota acurácia.
Alt 115	artigo		Aos poucos tornei-me conhecido no ramo, e os fregueses vieram procurar-me diretamente. Foi assim que conheci alguns espécimes horríveis da cacetíssima raça dos que concebiam o mundo inteiro unicamente em função da sua especialidade e queriam que tudo lhes obedecesse, inclusive as línguas.	1ª	48	Aos poucos tornei-me conhecido no ramo, e os fregueses vieram procurar-me diretamente. Foi assim que conheci alguns espécimes horríveis da maçante raça dos especialistas . Esses concebiam o mundo inteiro unicamente em função da sua especialidade e queriam que tudo lhes obedecesse, inclusive as línguas.	Talvez quisesse evitar cacofonia no artigo e deixa de usar o termo especialista, com isto deixando a redação dúbia. A revisão eliminou a falta de objetividade. Também substitui um vocábulo excepcionalmente informal para o seu estilo costumeiro. Uso do termo “freguês” em vez de cliente apesar de poder denotar resquício de um estrangeirismo, na verdade é uma tentativa de evitar repetição pois ele usa cliente logo na primeira frase do parágrafo seguinte. Ver Alt. 122.
Alt 116	2ª	81	O meu primeiro serviço foi a versão de um extrato cadastral do húngaro para o francês. Era a primeira vez que me defrontava com semelhante documento. As palavras pareciam húngaras, mas não se ligavam e até as mais comuns eram usadas de maneira totalmente arbitrária.	4ª	103	O meu primeiro serviço foi a versão de um extrato cadastral do húngaro para o francês. Era a primeira vez que me defrontava com semelhante documento. As palavras pareciam húngaras, mas não davam sentido ; até as mais comuns eram usadas de maneira totalmente arbitrária.	Revisão lexical adequada pois colabora com a formação do sentido. A revisão da pontuação – inclusão de ponto-e-vírgula depois de sentido – ajuda a aprimorar o estilo.

Alt 117	2 ^a	82	... de maneira totalmente arbitrária. Não havia frases, e as noções habituais de análise não se aplicavam àquele conglomerado de sílabas . Voltei ao escritório de traduções para perguntar se não me deram, por acaso, uma cópia errada.	4 ^a	103	... de maneira totalmente arbitrária. Não havia frases, e as noções habituais de análise não se aplicavam àquele conglomerado de vocábulo s. Voltei ao escritório de traduções para perguntar se não me deram, por acaso, uma cópia errada.	Sabe-se que existe uma grande diferença entre uma sílab a e um vo cábulo. Por tudo que sabe de gramática, é de se supor que Rónai não faria o erro primário de tomar um pelo outro. Considerando as características da língua húngara, aglutinante, parece viável que ele quisesse mesmo dizer sílabas, só que em português isto não faz muito sentido. A substituição faz o texto coerente, em português.
Alt 118	2 ^a	82	Por fim, levei a tradução cheio de apreensões, insatisfeitíssimo do meu trabalho. O diretor do escritório achou-o ótimo e, para me demonstrar a sua satisfação, deu-me logo outro extrato cadastral para traduzir e uma importância equivalente a cinco cruzeiros, preço do primeiro trabalho. Não quis levar o segundo . Que me adiantaria uma renda mensal de cem cruzeiros?	4 ^a	104	Por fim, levei a tradução cheio de apreensões, insatisfeitíssimo do meu trabalho. O diretor do escritório achou-o ótimo e, para me demonstrar a sua satisfação, deu-me logo outro extrato cadastral para traduzir e uma importância equivalente a cinco cruzeiros, preço do primeiro trabalho. Não quis aceitar o serviço . Que me adiantaria uma renda mensal de cem cruzeiros?	Apesar de correta, parece que a alteração não foi muito feliz. Perdeu o tom jocoso que não só este trecho mas todo o artigo tem. Obs.: na 6 ^a ed. cruzeiros foi atualizado para cruzados, mantendo-se porém, o valor sem alteração.
Alt 119	2 ^a	83	...e tive que me iniciar em outra espécie de traduções. Eram pedidos de registro de invenções . Aí a rotina não ajudava.	4 ^a	104	...e tive que me iniciar em outra espécie de traduções. Eram pedidos de registro de patentes . Aí a rotina não ajudava.	Aprimoramento da língua portuguesa motiva a alteração lexical.
Alt 120	2 ^a	83	Foi quando verifiquei a insuficiência absoluta de todos os dicionários bilíngues. Cada profissão tinha a sua gíria , extremamente rica, e não havia dicionário no mundo que registrasse em duas línguas o nome de todas as partes integrantes de um par de suspensórios, mesmo não automáticos. Levei dias a procurar uma descrição exata, em francês, dessa humilde peça de vestuário.	4 ^a	104	Foi quando verifiquei a insuficiência absoluta de todos os dicionários bilíngues. Cada profissão tinha o seu jargão , extremamente rico, e não havia dicionário no mundo que registrasse em duas línguas o nome de todas as partes integrantes de um par de suspensórios, mesmo não automáticos. Levei dias a procurar uma descrição exata, em francês, dessa humilde peça de vestuário.	Tal como em situações anteriores – por exemplo, no caso das holófrases – altera um termo do léxico comum por um termo técnico, exatamente por ocasião da revisão para a 4 ^a ed. Ver Obs. 4.

Alt 121	2ª	83	Toda a literatura francesa, inclusive os naturalistas, era omissa a respeito do assunto. Encontrei-o, no entanto, explicado luminosa e pormenorizadamente num catálogo ilustrado da Manufacture d'Armes et de Cycles de Saint-Etienne. Daí em diante, folhee e coleionei catálogos, folhetos de propaganda, anúncios.	4ª	105	Toda a literatura francesa, inclusive os naturalistas, era omissa a respeito do assunto. Encontrei-o, no entanto, explicado luminosa e pormenorizadamente num catálogo ilustrado da Manufacture d'Armes et de Cycles de Saint-Etienne. Daí em diante, comecei a coleccionar catálogos, folhetos de propaganda, anúncios.	Deixa o registro da redação menos formal e com isto dá um tom mais natural ao texto. Denota compromisso com seu leitor.
Alt 122	2ª	85	Cada ramo, em geral, tinha o seu jargão hierático, e era preciso penetrá-lo para não cair no desagrado dos clientes.	4ª	106	Cada ramo, em geral, tinha o seu jargão hierático, que era preciso aprender a fundo para não cair no desagrado dos clientes.	A substituição de penetrar por aprender a fundo elimina um termo que em português pode ter um sentido dúbio. Ao usar o termo hierático , Rónai contraria sua própria índole e acaba deixando evidente seu domínio da terminologia técnica.

4.3 – RESUMO DAS ALTERAÇÕES

TABELA III - RESUMO DAS ALTERAÇÕES, POR CAPÍTULO

TÍTULO – JORNAL E DATA DE PUBLICAÇÃO	artigo/1ª	1ª/2ª	2ª/4ª	4ª/6ª	total
1º art.: Traduzir o intraduzível – CM – 21/12/1947	14	4	8	3	29
2º art.: Tradução Literal e Efeitos de Estilo – CM – 04/01/1948	4	1	4	1	10
3º art.: Traduções Indiretas – CM – 18/01/1948	6	2	7	3	18
4º art.: A Escola dos Tradutores – CM – 15/12/1948	7	3	12	3	25
5º art.: Confidências de tradutores – DN – 12/11/1950	15	1	3	-	19
6º art.: O Tradutor Traduzido – DN – 11/12/1949	4	3	4	-	11
7º art.: Andanças e Experiências de um Tradutor Técnico – DN – 20/03/1949	3	-	7	-	10
TOTAL	53	14	45	10	122
MÉDIA	7,6	2,0	6,4	1,4	17,4

Este pequeno quadro resumo permite visualizar quais artigos-capítulos sofrem o maior número de alterações na Tabela II, e em que momento elas ocorrem. Em amarelo, destacados os números que estão acima da média ponderada simples, indicada na última linha. Com estas informações em mãos, podemos focar nossas análises nos artigos-capítulos que apresentam os maiores desvios. Na passagem de artigo para capítulo do livro, o campeão é o 5º art. que tem 15 alterações, quase empatado com o 1º art. que tem 14 alterações, mais que o dobro da média de 7,6. O artigo-capítulo que sofre menos alterações na tabela II é o 7º art., só 10. O campeão das alterações é o 1º art., total de 29, e está bem acima da média, em todas as revisões⁴³; em segundo lugar está o 4º art., com um total de 25 alterações.⁴⁴ O 5º art.⁴⁵ apesar de sofrer muitas alterações na passagem de artigo para livro, depois praticamente não tem mais nada. A destacar também, os dois momentos em que se observam o maior número de alterações: na passagem de artigo para capítulo do livro, e no lançamento da 4ª ed. O menor número de alterações na passagem da 1ª para a 2ª ed. talvez se deva ao curto espaço de tempo que os separa. Em compensação, a distância entre a 2ª e a 4ª ed. é de 20 anos.

⁴³ Uma rápida olhada nas alterações indica que o motivo está na alteração do caso do Ortega y Gasset, substituindo a referência que Luis Washington fez a ele pelo exemplo do George Mounin.

⁴⁴ Esse artigo apresenta uma variedade de todos os tipos de alterações: várias são de referência bibliográfica, mas várias são de outros tipos.

⁴⁵ Campeão de inserção de referência bibliográfica na passagem de artigo para 1ª edição: 11 no total.

Examinando o tipo de alterações sofridas pelos dois campeões da primeira coluna, encontramos o seguinte quadro: 1º art. = das 14 alterações, 6 se referem ao aprimoramento de estilo, e isto significa que eles têm o efeito de melhorar a comunicação com o leitor, e 5 alterações são fruto de autocrítica, isto é, alterações que realmente melhoram a qualidade técnica do texto. O outro campeão da coluna, o 5º art., apresenta 11 alterações referentes à inserção de bibliografia em nota de pé de página! Mas este resultado já era esperado pela própria natureza desse texto, em que aparecem muitas referências bibliográficas introduzidas na passagem de artigo para 1ª ed.

Também examinamos o porquê do 4º art. apresentar 12 alterações na passagem da 2ª ed. para a 4ª ed.: desse total, 8 são de bibliografia. Não sem razão Rónai recomendou *EscTrad* para o diretor da escola de tradução em Belo Horizonte dizendo que buscava mantê-lo atualizado neste quesito. (Ver Anexo V).

4.4 - OBSERVAÇÕES E COMENTÁRIOS CONCLUSIVOS DA TABELA II

- Obs.1) O artigo *Traduzir o Intraduzível* (1º cap. do *EscTrad*) saiu no jornal dia 21/12/1947 e o livro de J.G. Weightman sobre o qual Rónai faz comentários na p.6 da 1ª ed., saiu na Inglaterra no mesmo ano de 1947. Este fato, mais todas as indicações bibliográficas que existem ao longo do *EscTrad* (ver Obs.22), confirmam que Rónai tinha acesso à literatura mais recente, ou através de livrarias, ou através das editoras para quem trabalhava, ou através de catálogos que recebia das editoras por correio, ou por ter uma coluna específica sobre Literatura Estrangeira na revista *Província de São Pedro* na qual comentava os últimos lançamentos. No 4º artigo do *EscTrad* ele voltará a se referir ao livro de Weightman, o que sugere que ele realmente tem acesso ao livro.
- Obs.2) Na Alt.9, ao inserir o termo “notas de pé de página” como exemplo de “muleta” que pode ser usada pelo tradutor, Rónai deixa um “rastro” importante, que permite concluir que na época, pelo fato de estar ativamente dirigindo a tradução brasileira da *Comédia Humana* para a Ed. Globo na qual insere 7.493 notas de pé de página, o tenha motivado a escrever não só o 1º art., mas também os próximos três. Como vimos nos comentários na tabela I, pelo fato de Rónai jamais ter separado os quatro primeiros artigos do *EscTrad*, nem quando lançou as próximas edições e inseriu novos capítulos intercalados, confirma-se a hipótese de que aqueles quatro artigos estavam diretamente relacionados com o trabalho que fazia com a *Comédia Humana*, coordenando e orientando o trabalho de 20 tradutores. E também permite concluir que esse trabalho com a *Comédia Humana* foi a motivação subjacente para Rónai escrever os artigos. No Anexo IX vemos uma carta de Rónai para Vidal de Oliveira, de 28/03/1945, em que ele comenta as revisões que fez nas traduções de Vidal de Oliveira e a motivação por trás das revisões. E em 1945 eles conversam sobre os primeiros volumes da *Comédia Humana*, que, se sabe, levou mais de dez anos para ser concluída. No artigo *Operação Balzac*, em *TradViv*, Rónai comenta os detalhes dessa produção. Fica claro que por melhores e mais competentes que os tradutores fossem, já que vários pertenciam ao primeiro escalão da classe literária, o trabalho deles carecia de coordenação, de orientações gerais. Considerando esses fatos junto com o diálogo que Rónai estabelece com seu personagem principal ao longo dos sete textos da 1ª ed. do *EscTrad*, isto é, “o tradutor”, julgamos ser plausível concluir que a motivação, o

impulso criador para escrever pelo menos os textos da 1ª ed. do *EscTrad*, tenha partido desse seu trabalho na orientação da tradução brasileira da *Comédia Humana*.

Obs.3) Levando em consideração que em 1947, quando escreveu o 1º art. do *EscTrad*, Rónai tinha seis anos de Brasil e por isso deveria ainda ter a língua húngara muito presente em seu subconsciente, em frases como esta: “Com efeito, quando se trata de imagem inventada pelo autor, o intérprete terá de conservá-la” (1ª ed. p.7), parece que ele usa o termo intérprete no sentido de tradutor. Essa afirmação é baseada no fato do termo original em húngaro – *tolmács* – admitir duas acepções claramente distintas: por um lado o tradutor juramentado que atua na corte, com remuneração, sob juramento; e por outro, a interpretação de idéias. Existe um outro termo húngaro – *fordító* – que também se refere ao tradutor mas somente a ele. Atualmente, a tradução para inglês do termo *tolmács* é *interpreter*, tal como em português. Na Hungria, em 2014, foi possível perceber que nas discussões sobre tradução era comum as pessoas usarem o termo *tolmács* para se referirem ao ato tradutório em geral, apesar de não estar dicionarizado desta forma, pelo menos nos dicionários modernos. Apesar disso o hábito foi mantido. O uso diferenciado do termo também chama atenção no artigo “Confidências de Tradutores”, 5º art., em que Rónai diz que “Arany não julgara perder tempo levando anos a **interpretar** Aristófanes.” Quando se lê esta frase sem a devida atenção, dá a impressão que Rónai está se referindo à interpretação teatral. É necessária uma segunda leitura mais atenta, e também considerar o contexto – Arany era escritor e não ator –, para perceber que interpretar, também nesse caso, se refere à tradução escrita. E que provavelmente Rónai usa o termo interpretar tendo em mente a palavra húngara *tolmács*. É provável que faça isso para evitar muitas repetições da palavra *fordító*, tradutor, que ele tente usar a variante *tolmács*, intérprete, apesar de às vezes isto criar confusão para o leitor do séc.XXI, tendo em vista a especialização que o termo interprete adquiriu com o passar do tempo. Esta hipótese é plausível se considerarmos o número de vezes em que se percebe, na tabela II, que ele faz alterações lexicais para evitar repetição.

Obs.4) Alt.23, na qual Rónai insere referência cruzada com o seu segundo livro dedicado à tradução, o *Tradução Vivida*. Como a 4ª edição do *EscTrad* sai junto com o lançamento do *TradViv* (1976), no prefácio Rónai menciona a referência cruzada entre os dois livros. Devido à existência de um novo público alvo, mais técnico e especializado, fruto do desenvolvimento do mercado de tradutores profissionais, que

possibilitou inclusive a criação da ABRATES em 1974, Rónai muda sua postura e começa a inserir termos técnicos no texto, que no artigo de jornal original não faria sentido. Como, porém, não se fez necessário alterar mais nada na frase, isto sugere que o conceito de **holófrase** já estava na mente do autor quando redigiu o texto original. Essa atitude de Rónai confirma a existência de um público alvo mais especializado que o estimula a mudar o registro de seu discurso. O mesmo fenômeno acontece na Alt.101, em que Rónai insere, também na 4ª ed., a denominação técnica do que ele já havia explicitado em termos mais simples, desde o artigo, isto é, **isometria linguística**.

Obs.5) Curioso é o conteúdo da alteração Alt.24. Antes Rónai dizia que “todos os tradutores deveriam ler” o livro de J.G.Weightman, mas na Alt.24 vemos que ele elimina esta recomendação, apesar de não deixar de continuar abonando o valor do livro, com a manutenção do adjetivo “obra preciosa”. Então, a motivação para a eliminação da recomendação da leitura deve ser de outra ordem. Mas não foi possível determinar qual foi exatamente essa motivação.

Obs.6) Alt.37. O uso do termo *anedota*, em substituição ao termo *história*, nesse contexto, sugere que está sendo usado de acordo com o léxico inglês, já que, vale lembrar, em 1967 Rónai passou seis meses na Universidade de Gainesville, na Califórnia, como **visiting professor**. Ávido aprendiz de línguas, tendo em mente as datas das edições (a 2ª ed. é de 1956 e a 4ª ed. de 1976), supõe-se que seu inglês tenha melhorado no período.

Obs.7) Enquanto até a 4ª ed. as notas de pé de página são enumeradas em uma sequência única ao longo de todo volume, na 6ª ed. elas passam a receber enumeração por capítulo. No *TradViv*, apesar de ambos livros terem sido lançados pela mesma editora, a Nova Fronteira, isto não acontece. Na edição mais recente do *EscTrad*, a 7ª ed., de 2012, lançada pela José Olympio Ed., a numeração das notas de pé de página volta a ser uma sequência única.

Obs.8) No artigo *Tradução Literal e Efeitos de Estilo* (2º cap. do *EscTrad*), Rónai discute a questão da fidelidade durante o ato tradutório e questiona a viabilidade da tradução literal. Fala da estrutura das línguas com muita intimidade. Por exemplo: “As inúmeras divergências estruturais, existentes entre a língua do original e a tradução, obrigam o tradutor a escolher, cada vez, entre duas ou mais soluções, e em sua escolha ele é inspirado constantemente pelo espírito da língua para a qual traduz.” Em seguida Rónai tira um exemplo do latim, língua em que não existe artigo, e compara com o

português, desta forma expondo as diferentes escolhas que o tradutor terá de enfrentar. Neste tipo de texto percebe-se que Rónai tem uma grande consciência da estrutura das línguas e respectivas diferenças, seja devido ao ambiente multiétnico em que viveu na Hungria, ou devido às línguas que aprendeu na escola e fora dela (ver capítulo 3) e também o método com que aprendeu – estamos novamente pensando na afirmação de Arrowsmith (p.44) –, seja em função dos anos em que estudou na França, ou ainda, em função de sua aptidão natural de humanista. De qualquer maneira, parece lícito concluir que a motivação de um bom número de alterações listadas na tabela II, se deva ao somatório de dois fatores: a evolução da competência do português de Rónai, em combinação com sua competência em questões que envolvam estrutura das línguas.

Obs.9) Alt.45 - Eliminação da observação “o que poderá consistir assunto de outra **crônica**”. Esta alteração é significativa para a tese, pois ela é feita exatamente no momento da passagem de artigo para o formato livro que seria lançado pelos CadCult. Como se viu no capítulo 2, na política editorial do CadCult havia a exigência de ser composta por ensaios inéditos. A eliminação da referência “crônica”, que talvez tenha sido um termo apropriado para o artigo de jornal, demonstra que Rónai conhecia bem as normas editoriais do CadCult, e reforça a hipótese que levantamos de que ele e Simeão Leal eram amigos antes do lançamento do *EscTrad* em 1952 e que, talvez, Rónai até tenha participado da concepção ainda na fase do projeto. Também é interessante refletir sobre o porquê Rónai escolheu um tema menos literário, mais técnico, para compor a sua primeira publicação no CadCult. Numa entrevista (ver Anexo XI), Simeão Leal comenta que o ServDoc “tem editado precisamente obras de mérito indiscutível, que, pelas suas proporções e sua natureza, não ofereciam margem de lucro comercial aos editores. Contribuindo para o nosso desenvolvimento cultural, procuramos, assim, não concorrer com os editores particulares mas colaborar com eles no interesse comum da cultura.” Talvez em uma editora particular, em 1952, Rónai não teria conseguido lançar o *EscTrad*, pelo fato de ser um livro voltado para um campo mais teórico do saber.

Obs.10) O trecho a que se refere a Alt. 51 – “o tradutor nunca revoluciona a língua para a qual traduz” ou, a nova versão, “o tradutor em geral tem medo de revolucionar a língua para a qual traduz” – remete à metáfora da floresta da linguagem, de Walter Benjamin, no qual ao tradutor é vedado penetrar na floresta da linguagem, portanto revolucioná-la é um direito reservado ao autor (BENJAMIN, 1992). Considerando que

os mentores de Rónai, tal como Walter Benjamin, também traduziram Baudelaire, notadamente Kosztolányi Dezső, e considerando o que informa Józsan Ildikó (2009, p. 130) que “a linha de pensamento de Kosztolányi e Benjamin mostra paralelismos” (*Kosztolányi és Benjamin gondolatmenete rokonságot mutat*), mais uma vez se observa que, em boa medida, Rónai trouxe consigo uma carga cultural europeia que perpassa seus textos.

Obs.11) Alt.65 - A revisão “tardia” do título do capítulo sugere que nem Rónai esperava a repercussão que o lançamento da 1ª ed. do *EscTrad* teria. Segundo comenta na entrevista à revista Aproximações, a 1ª ed. se esgotou em duas semanas. Se o sucesso se deveu à novidade do lançamento dos CadCult, ou especificamente ao *EscTrad* de Paulo Rónai, fica difícil de saber. Não foi possível localizar outros títulos publicados pelo CadCult por ocasião do lançamento da série, mas pelos comentários de um artigo de jornal da época⁴⁶, a impressão que se tem é que o *EscTrad* fazia parte do pacote de lançamento dos *CadCult*. Consultando a lista dos títulos publicados na tese de Bernardina Oliveira (2009, p. 211), e considerando as diferenças entre os elementos paratextuais do *EscTrad*, de 1952, e do *Roteiro do Conto Húngaro*, de 1954, também publicado por Rónai na série CadCult, a impressão que se tem é que o *EscTrad* foi lançado em uma fase ainda experimental do CadCult.

Obs.12) Na 4ª ed. do *EscTrad*, na página de rosto, abaixo do nome de Rónai, aparecem os dizeres: Secretário-Geral da Associação Brasileira de Tradutores [mais comumente conhecida como ABRATES], pois a Associação havia sido fundada em 1974, após a 3ª ed. do *EscTrad*. Rónai é lembrado até hoje como um dos sócios fundadores. A ABRATES será quem irá lançar a candidatura de Rónai ao prêmio internacional mais importante na categoria tradução, Prix Nath Horst, já comentado.

Obs.13) No cômputo geral, as alterações que se observam na tabela II poucas vezes dizem respeito a algum aspecto teórico. O caso, praticamente único, é o da substituição do *leitmotiv* do primeiro artigo, em que Rónai foi induzido a uma conclusão equivocada por, na época, desconhecer o original de Ortega y Gasset. Várias alterações são motivadas pelo aprimoramento de seu domínio da língua portuguesa e dos hábitos culturais brasileiros – por exemplo, quando deixa de ser assertivo para ser sugestivo –, e nesses casos seu senso de autocritica o impele a revisar. Outras alterações podem ser

⁴⁶ O Jornal, 30/01/1952, CADERNOS DE CULTURA, por José Lins do Rego.

motivadas por uma reflexão mais amadurecida sobre a redação de algum trecho, que associamos ao aprimoramento do estilo.

Obs.14) A veia comparatista de Rónai, que o presente estudo revelou, uma vez detectada, começa a deixar transparecer seus rastros também em diversos segmentos do *EscTrad*. É o caso de um trecho do 4º artigo. Depois de sugerir que, para melhorar sua técnica tradutória, o tradutor aprendiz poderia cotejar boas traduções com seus respectivos originais, Rónai acrescenta: “Edições bilíngues, se houvessem entre nós, seriam excelentes pra tal fim.” (1ª ed. p.25). Agora que sabemos que originalmente Rónai pertencia ao eixo comparatista, que trouxe esta carga cultural da Hungria e da França, que sabemos de seu interesse pelas publicações das Edições Payot (Anexo VI) as duas palavrinhas “edições bilíngues” saltam aos olhos. Apurar o olhar do analista, pela técnica utilizada para detectar as alterações nas sucessivas edições do *EscTrad*, parece ser um contribuição de fato da Crítica Genética para este estudo.

Obs.15) Ao comparar cada edição com seu “manuscrito”, o analista que realiza esta tarefa lê atentamente o texto, duas vezes, na busca de eventuais modificações. No processo, a atenção fica tão potencializada que o analista é capaz de perceber uma nova vírgula, ou a alteração de um artigo indefinido, como vimos em alguns eventos. Apesar da tabela II somente mostrar os trechos onde as modificações aparecem, durante o processo o analista tem contato com todo conteúdo do *EscTrad*. Daí decorre um nível diferenciado de percepção do texto, potencializado pelos objetivos da pesquisa e pelo olhar mais atento. Mesmo que na primeira fase do processo, representado na tabela II, o foco seja direcionado apenas ao escaneamento paralelo dos dois textos, na segunda fase, isto é, o da análise apresentada na última coluna da tabela – “ação” –, o analista tem que levar em consideração todo arcabouço da pesquisa. As questões apresentadas na coluna “ação”, por diversas vezes, são fruto de pesquisa motivada pelos próprios achados apresentados nas alterações, ou de pesquisa ulterior derivada das próprias análises, ou ainda do cruzamento dos questionamentos aventados ao longo da tese com os aspectos revelados pelas alterações. Por exemplo: no artigo *A Escola dos Tradutores* (4º cap.), publicado no jornal em 15/02/1948, isto é, quatro anos antes do lançamento do *EscTrad*, Rónai se lamenta da falta de críticas de tradução nos jornais e sugere que poderia haver uma coluna “consagrada às traduções”, mas que não se restringisse apenas a apontar erros. Ao contrário, “ela poderia, a propósito de casos concretos, discutir os problemas teóricos da tradução”. Mesmo conhecendo o texto de Rónai há

muito tempo, somente ao longo deste processo é que nos damos conta de que em 1948 Paulo Rónai já se propunha a discutir os problemas teóricos da tradução. Curiosamente, quando nos deparamos com questões naturais para nós, dificilmente nos damos conta de que ali pode haver algo “não” natural. No caso, o que era “não” natural era o fato de Rónai estar fazendo aquela afirmação em 1948. Quando estamos lendo um texto, dificilmente mantemos em perspectiva a data em que foi escrito. A não ser que tenhamos o olhar potencializado para a questão, como foi o caso desta pesquisa. Ao procurar pelas alterações, pelos rastros, como proposto pela CrtGen e combinar esta ação com sua respectiva análise, nenhum objetivo é esquecido. É isto que chamamos de olhar potencializado. E as novas informações que são colhidas ao longo do processo, também passam a enriquecer este olhar. Tanto assim que somente depois de nos conscientizarmos da importância da Literatura Comparada na trajetória teórica de Paulo Rónai é que fomos perceber a importância da frase seguinte àquela em que ele faz menção aos problemas teóricos da tradução. Nela, Rónai enfatiza que a coluna consagrada às traduções poderia, inclusive, ir além da discussão dos problemas teóricos. “No caso da existência de duas traduções da mesma obra”, comenta ele, “poderia estender-se ao exame de como a personalidade dos tradutores vem a colorir de matizes pessoais o trabalho de cada um” (1ª ed. p.22). Ou seja, Rónai fala de teoria de tradução e literatura comparada, em 1948, no espaço de meio parágrafo. Também concluímos que a maneira do autor produzir seus rastros ajusta o foco do analista genético. Quando começamos a localizar modificações tão finas como a alteração de dois pontos por ponto e vírgula (Alt.02), ou uma simples quebra de parágrafo (Alt.33), nosso olhar forçosamente se ajustou ao mesmo *modus operandi* do autor. Ou seja, é o autor que estamos estudando que dita as regras de nossos estudos.

Obs.16) O segmento a que se refere a Alt.98 – em que somos informados sobre o hábito de Rónai de colecionar prefácios de tradutores – pertence ao artigo publicado em 1950, “Confidências de Tradutores” (5º cap.). No trecho, além de confirmar a sua agenda, relatada na Obs.15, Rónai nos faz ir além. Ele conta como acompanha a literatura que surge no campo da tradução, lendo e colecionando as reflexões que os tradutores publicam junto às suas traduções. Portanto, como um autodidata, sua carga cultural está sempre sendo atualizada e em curva ascendente. Sua reflexão teórica sobre tradução não é restrita a um passado fixo.

Obs.17) A Alt.101 se refere a uma revisão que ficou esquecida desde a 1ª ed. O nome de Frans de Ville, que vinha abreviado, como Fr. de Ville, passou a figurar corretamente em uma das instâncias em que aparece no texto, mas não na outra; nela ficou esquecida, e veio a ser lembrada somente na 4ª ed. A relevância desta alteração não reside em seu conteúdo, mas em sua existência. Ela confirma o que concluímos ao analisar o quadro resumo, tabela III, isto é, que a razão de ocorrer uma revisão mais atenta por ocasião da 4ª ed. se deveu à conjunção de vários fatores: o lançamento conjunto da 1ª ed. de *TradViv* com a 4ª ed. do *EscTrad*, e tudo que antecedeu o lançamento do *TradViv* – as palestras que Rónai deu sobre tradução em quatro grandes capitais do Brasil, por exemplo; e também a todos os demais fatores amplamente discutidos no campo dos Estudos da Tradução, qual seja: fundação da ABRATES, o I Encontro Nacional de Tradução, a atuação de Rónai como Secretário Geral da ABRATES, e assim por diante, tudo isso junto, depois de cerca de 18 anos que separam a 2ª ed. e a 4ª ed. – relembrando que a 3ª ed. de 1967, não passou de uma reimpressão da 2ª ed. Mais significativo ainda, é a existência de um público alvo mais exigente, melhor embasado e qualificado, mais profissional, um estado de coisas que refletia a evolução que os Estudos da Tradução experimentava tanto nacional como internacionalmente.

Obs.18) Paulo Rónai fala várias vezes sobre a questão da profissionalização do ofício do tradutor. Como no trecho da Alt. 45 – “A solução ideal, evidentemente, consistiria em formar especialistas competentes para cada língua. Mas este problema já está ligado à profissionalização do ofício de tradutor.” No que concerne este estudo, considerando a data do artigo – janeiro de 1948 –, observa-se mais uma vez que ao escrever seu texto, ainda na origem ele já tinha em mente discutir os problemas da classe, já era o futuro fundador da ABRATES trabalhando em prol da categoria.

Obs.19) A Alt.22 especificamente (em que Rónai insere referência a Roman Jakobson), mas também várias outras alterações que implicam no mesmo tipo de movimento – isto é, inserção de nova bibliografia moderna na área de Estudos da Tradução, Linguística e Literatura Comparada –, contribui para a comprovação de nossa hipótese de que Rónai acompanhava a literatura que ia surgindo nos diversos centros de saber europeus e americanos, e como autodidata, incorporava essa carga cultural e depois a irradiava através dos artigos que escrevia sobre tradução. Como no

trecho destacado na Alt.61, onde Rónai literalmente declara que acompanha a evolução dos fatos e das publicações. Da mesma forma a Alt.98 que comentamos na Obs.16.

Obs.20) Fazendo uso de um dos princípios da CrtGen, a dos sinais, ou rastros que o autor vai deixando pelo caminho, o presente estudo permite comprovar uma característica de Rónai, isto é, um modo de ser persistentemente atento, uma atitude que caracteriza sua personalidade profissional, a responsabilidade, o comprometimento com relação à sua própria produção literária. As várias modificações sequenciais do mesmo trecho comprovam esta sua característica. Por exemplo, o caso descrito nas Alt.44 e Alt.54 em que o texto fala sobre a versão de um autor russo para francês. Quando passa do artigo para o livro, em vez de só citar “seu intérprete”, Rónai acrescenta o nome do tradutor, Xavier Marmier. Na próxima alteração, já na 4ª ed., Xavier Marmier recebe um adjetivo: “seu intérprete e amigo”. Um caso de alteração sequencial do mesmo trecho, ao longo de diversas edições, como se Rónai estivesse atento, como se não parasse de prestar atenção e de cuidar do caso, ao longo dos anos. Curiosamente, o próprio nome do autor passa pelo mesmo processo: o Turguenef do artigo passa para Turguenief na 2ª ed. e na 4ª ed. o “f” é alterado para “v”, Turgueniev, que depois não se altera mais. Esta sequência de alterações levou quase 30 anos para acontecer, de 1948 a 1976. Apesar de não ter o mesmo grau de relevância como o caso da Alt.19 – eliminação do *leitmotiv* do primeiro artigo (o caso de Ortega y Gasset) e inserção de outra referência teórica em seu lugar –, este caso das Alt.44 e Alt.54 permite entrever o mesmo perfil profissional de Paulo Rónai.

Obs.21) Nem todos os exemplos de modificações sequenciais ficam imediatamente evidentes. Às vezes é necessário também se ater a detalhes como nº da edição e nº da página. A sequência Alt.41, Alt.42, Alt.46, Alt.47 e Alt.48 diz respeito a segmentos do mesmo trecho, que também foram sendo paulatinamente alterados ao longo de várias edições. Para que as células da tabela não ficassem desproporcionalmente longas, optou-se por tratar o trecho de forma segmentada, que acabou acarretando prejuízo para o leitor da tabela que não tem intimidade com o texto do Rónai. A percepção das modificações sequenciais, e sua análise, neste caso, depende da memória do analista que elabora a tabela, o que indica que o modelo aqui adotado tem espaço para aprimoramento. Apesar disso, vê-se que o tema abordado na Obs.20 com relação a um modo de ser persistentemente atento de Rónai, a responsabilidade com relação à sua própria produção literária, também se faz presente aqui, na Obs.21. Rónai começa a

aprimorar o trecho na 1ª ed. e a cada nova revisão, inclusive na 6ª ed. – Alt.48 –, ele ainda encontra coisas para melhorar, coisas que estavam presentes desde a fase artigo. Provavelmente diversos fatores influem neste processo. Por exemplo, a constante atualização teórica de Rónai ao consumir a literatura que vai sendo lançada na área, que é o caso da Alt.68 (a palavra japonesa mal traduzida que motivou o lançamento das bombas atômicas sobre o Japão) que foi extraída de um livro lançado em 1973; também a característica pessoal de Rónai, de ser um profissional atento à vida moderna e comprometido com o resultado de seu trabalho; seu senso de autocritica combinado com sua curva de aprendizado sempre em alta, como se vê em várias análises da coluna AÇÃO, apontadas na tabela II, entre outros.

Obs.22) Todos aqueles casos em que Rónai comenta a situação da literatura dos Estudos da Tradução, tanto no mercado nacional quanto internacional (as Alt. 51, Alt. 63, Alt. 68, Alt.71, Alt.73, Alt.74, Alt.75 e Alt.76), ele resume na carta que envia para Belo Horizonte depois de ter sido paraninfo da primeira turma de tradutores e interpretes formada pela ETIMIG (Alt.71) (ver Anexo V). Rónai comenta que enviou de presente seu livro *EscTrad* “que talvez, devido à pobreza de bibliografia em português, possa servir de texto a seus candidatos a tradutor”. Se observarmos novamente o gráfico que apresentamos no início deste texto (ver p.15), que mostra o número de publicações na área de Estudos da Tradução no Brasil, sabemos que em 1969, data da carta, Rónai fala com conhecimento de causa. Ao mesmo tempo, o capítulo 7 do *EscTrad* (2012, p.57) denominado “O Papel do Tradutor” (não analisado neste estudo pois é um artigo de jan/1959 incorporado ao *EscTrad* na 4ª ed. em 1979), começa com a seguinte frase: “Paralelamente à intensificação das diversas formas de comunicação internacional, multiplicam-se a olhos vistos as obras consagradas aos problemas da tradução. A última que me chega às mãos, de autoria do austríaco Julius Wirl...”⁴⁷. Ou seja, não é só a nível nacional que Rónai conhece a bibliografia da área. Também acompanha a literatura internacional.

Obs.23) Uma alteração que precisa ser comentada, a Alt.49, em que, na 6ª ed., Rónai revisa “tradutores de profissão” por “tradutores profissionais”. Gostaríamos de nos deter um pouco mais em seu significado, lembrando que a expressão “tradutores de

⁴⁷ WIRL, Julius, *Grundsätzliches zur Problematik des Dolmetschens und des Übersetzens*. Viena-Stuttgart, Wilhelm Braumüller, 1958.

profissão” estava presente no texto desde o artigo de jornal. Em 1976, data da 4^a ed. do *EscTrad* e lançamento do *TradViv*, época da fundação da ABRATES (1973), etc., usar a expressão “tradutor de profissão” ainda não incomodou a ponto de Rónai querer modificá-lo. Mas nos próximos 10 anos o campo evoluiu tanto, que em 1989 (ou 1987, data da 5^a ed.) o termo passou a soar tão estranho que a alteração aconteceu. Este *timing* parece indicar que o campo dos Estudos da Tradução no Brasil havia superado o processo de amadurecimento e chegado à fase adulta. É quando novas publicações começam a ser lançadas no Brasil e Paulo Rónai, declaradamente, deixa de ser o único teórico da tradução no mercado nacional.

5. MODUS OPERANDI

Na dissertação que deu início à pesquisa desta tese (ver SPIRY 2009), depois de disposto em um ambiente único, organizado cronológica e tematicamente, o exame da produção bibliográfica de Paulo Rónai levou à conclusão de que sua vinda para o Brasil não gerou nenhuma solução de continuidade em sua produção intelectual, ao contrário. Houve uma certa aclimação, é verdade, mas à exceção de tradução poética que ficou restrita à Hungria – onde traduziu poesia para o húngaro a partir do latim, francês, grego, italiano, espanhol e português, além de verter poemas do húngaro para o francês –, todos os outros elementos são observáveis em ambas as fases de sua vida. Como atividade básica, para garantir sua subsistência, Rónai dá aulas de línguas – na Hungria, de latim e italiano; no Brasil, de francês e latim –, atividade que apoia com a publicação de seus próprios livros didáticos: dois livros na Hungria e quinze no Brasil⁴⁸, entre eles quatro títulos dedicados ao latim, e onze ao francês (ver item 2.4 em SPIRY 2009). Em carta a um amigo, comenta que cerca de 50% de sua renda mensal provinha dos direitos autorais desses livros didáticos de francês e latim, adotados em muitas escolas no Brasil. Pelo menos dois deles são vendidos até hoje – *Gradus Primus* e *Gradus Secundos*, curso básico de latim, comercializado pela Cultrix.

No campo da literatura, além do item tradução que será comentado em seguida, sua atividade é principalmente voltada para a crítica literária. Na Hungria, entre artigos e resenhas, Rónai publicou 71 textos próprios, tanto em húngaro como em francês. Por exemplo, na revista mensal chamada *Nouvelle Revue de Hongrie* que, apesar de publicada em Budapeste, era totalmente redigida em francês e distribuída pelo mundo inteiro para divulgar a cultura magiar no exterior (ver SPIRY 2009, Anexo II). O conteúdo da revista abrange diversos campos do saber, desde política, economia, sociologia, etc., até literatura. Além de textos próprios, publicados nessa revista e também em muitos jornais e revistas de Budapeste, Rónai também publica diversas vezes na França. Mesmo depois de sua vinda para o Brasil ele continua publicando na Hungria. Só que os temas mudam e passam a ser temas brasileiros divulgados naquele país (ver SPIRY 2009, item 2.8). No Brasil, o total de artigos e resenhas que Rónai publica em jornais de grande circulação chega a 584 itens, segundo o levantamento até 2009, mas de lá para cá, foram localizadas mais 160 textos,

⁴⁸ Levar em conta o número de anos que trabalhou na Hungria e no Brasil: 15 contra cerca de 50, considerando que as oportunidades não são as mesmas para um jovem profissional iniciante.

totalizando cerca de 850 títulos. Foi essa produção fecunda que serviu de banco de dados para os livros de ensaios de Paulo Rónai publicados no Brasil. Como já comentado, seu único livro que não foi elaborado a partir desta fórmula foi o *Tradução Vivida*, preparado a partir do ciclo de conferências que deu em 1975 por todo o Brasil, sobre a temática tradução. Também digno de nota, a quantidade de livros prefaciados por Paulo Rónai: até 2009 haviam sido contabilizados 68 livros, mas posteriormente mais itens foram localizados.⁴⁹

É necessário destacar, porém, que a atividade literária de maior significância na produção bibliográfica de Paulo Rónai é relacionada ao gênero conto. Na Hungria, para a já mencionada *Nouvelle Revue de Hongrie*, mensalmente Rónai selecionava um conto dentro de um vastíssimo repertório, que depois ele traduzia do húngaro para o francês. Esta atividade Rónai realizou ao longo dos dez anos que trabalhou para a *Revue* (10 edições anuais), num total de 94 contos publicados em francês. Para a seleção mensal desses contos, relata Rónai, ele acabou entrando em contato com todo o enorme repertório do gênero publicado na Hungria e, acreditamos, esta tarefa o preparou para a atividade de antologista que viria a desenvolver depois. Já no Brasil, junto com seu parceiro Aurélio Buarque de Holanda, Rónai publica *Mar de Histórias*, uma Antologia do Conto Mundial que cobre 2.000 anos de literatura neste gênero: os 10 volumes da coleção tem cerca de 3.300 páginas, 242 contos selecionados a partir da obra de 197 autores do mundo inteiro. Todavia, uma observação relevante: não mais do que uma meia dúzia desses contos também apareceu na coluna semanal mantida por Aurélio e Rónai no jornal *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, ao longo de 14 anos. Na Hemeroteca da Biblioteca Nacional,⁵⁰ foram localizados 711 contos publicados na coluna, cerca de 50% de autores nacionais e 50% de autores estrangeiros (ver SPIRY 2009, Anexo II-c). Sendo que todos os contos, tanto os de *Mar de Histórias* como os da Coluna *Conto da Semana*, são acompanhados de notas críticas e biográficas de seus autores, em uma evidente atividade comparatista (ver exemplo no Anexo XVI). Se os contos da Coluna também fossem enfeixados em livro, à razão de 25 contos em média por volume, Rónai e Aurélio teriam material para mais 28 volumes de antologia. Esses números demonstram a grande participação que o gênero conto tem na atividade literária, crítica e tradutória de Paulo Rónai. Mais ainda, se for considerado que todas as traduções, com

⁴⁹ Este é um item de difícil localização já que depende de catalogação correta nas bibliotecas pesquisadas. Vários itens foram localizados a partir da leitura fortuita de artigos de jornais, ou pesquisa Google por palavra chave, ou até mesmo em sites de sebo online. Muito itens, mas não todos, também se encontram no acervo particular de Paulo Rónai.

⁵⁰ Importante base de dados para pesquisa em jornais e periódicos no Brasil que fica disponível online no seguinte endereço: <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>

raríssimas exceções, também foram realizadas pelos autores, seja traduzindo propriamente, seja revisando a tradução do parceiro ou eventualmente de um terceiro tradutor – da mesma forma como Rónai cotejou a tradução de todos os 17 volumes da *Comédia Humana*, inserindo suas 7.493 notas de pé de página –, fica claro que a tradução literária foi a mais intensamente praticada por Rónai ao longo de sua carreira.

Outrossim, vale lembrar que, da mesma forma que cada conto de *Mar de Histórias* ou da Coluna *Conto da Semana* é acompanhado de uma nota crítica e biográfica elaborada pelos críticos, também os 89 romances que compõem a *Comédia Humana* receberam uma introdução crítica de Rónai, em média de duas ou mais páginas, além das 125 páginas de introdução geral, no primeiro volume. Como se vê, em Paulo Rónai a atividade tradutória é sempre acompanhada da crítica literária, dentro dos moldes da literatura comparada, com a contextualização da obra ou de alguma característica de vida de seus autores, além de indicação das influências recebidas e irradiadas pelos mesmos.

Por exemplo, em *Mar de Histórias*, aberto ao acaso na página 115 do volume V (5ª edição de 2013), lemos, nas quatro páginas introdutórias à obra de Anton Tchekov, sobre suas dificuldades no convívio com um pai tirânico, sobre as condições em que se sucedeu sua iniciação na vida literária, a obra que produziu, seu estilo – “A técnica original de Tchekov é, em parte, resultado de contingências alheias à literatura. Desde sua estreia, principiava ele as narrativas a pinceladas largas e terminava-as antes do tempo, apertado pelo jornal impaciente e pela família faminta.” (*Mar de Histórias*, Vol.5, p. 117) –, ou observações sobre seu papel no gênero conto – “Na história do conto ocupa Tchekov lugar importantíssimo, por haver renovado o gênero” (idem, p.116) – e com indicações da fortuna crítica do autor, já que “frequentemente comparam Tchekov com Maupassant para determinarem-lhe os traços por oposição” (idem). E, tornando *Mar de Histórias* uma obra dinâmica, lemos no pé da página uma nota fazendo referência cruzada com Maupassant, no volume IV. Além disso, na última página da introdução a Tchekov (Anexo XV) vemos que existem quatro notas com referências cruzadas a outros autores presentes no *Mar de Histórias*, uma referência à sua fortuna crítica e finalmente o texto usado como original para a tradução do conto (ou contos) apresentado nas páginas seguintes. Assim, em função de suas características formais, *Mar de Histórias* deixa de ser apenas uma coletânea de traduções e passa a ser uma antologia crítica de Literatura Comparada, cujos objetivos, entre outros, busca detectar influências recebidas e irradiadas pelas obras e autores.

Mesmo na Coluna *Conto da Semana*, apesar do jornal não ter espaço para uma crítica muito contundente, ela está presente nas notas introdutórias que acompanham cada conto. (Anexo XVI).

Portanto, considerando a *expertise* necessária para realizar toda essa produção literária⁵¹, parece plausível afirmar que foi a partir da mesma que Rónai se capacitou para se tornar o premiado editor da *Comédia Humana* brasileira, e de todas as outras que coordenou como editor, por exemplo, os 64 volumes da *Coleção Prêmios Nobel de Literatura*, publicados pela editora Delta, ou os 27 volumes da *Coleção Brasil Moço – literatura viva comentada*, publicados pela José Olympio entre 1971 e 1975, uma coleção composta de amostras de textos originais acompanhadas de notas, perfil, bibliografia e estudo crítico, dos escritores mais representativos da moderna literatura brasileira. Somente nesta coleção, Rónai coordenou o trabalho de 18 professores universitários de literatura.

Novamente, observando a produção literária de Paulo Rónai a partir da perspectiva do todo, além de sua *expertise*, notam-se características de ordem pessoal que, parece, também devem ter contribuído para a realização dessa produção. Em primeiro lugar o veículo através do qual se comunica com o público: o jornal. Rónai aprendeu o valor de trabalhar em associação com o jornal desde a Hungria. Além de representar uma fonte de renda, é publicando no jornal que ele divulga seu trabalho, que lhe dá uma visibilidade ímpar. Colabora com o jornal através de seus textos – como vimos, considerando seus artigos próprios mais a Coluna *Conto da Semana*, Rónai assinou artigos nos jornais brasileiros mais de 1.500 vezes –, que assim passam pelo prisma crítico do público, e esta associação lhe permite divulgar seu trabalho sem custo e ainda testar sua recepção. Quando enfeixa seus textos em um livro, eles já não sofrerão o ônus da incerteza da reação pública. Será também através desse veículo de comunicação que iremos medir no item 6.a) a seguir, a recepção de sua obra.

Os artigos de Paulo Rónai em geral apareciam na 1ª página dos suplementos culturais dos grandes jornais, o que lhes aumentava ainda mais a visibilidade. Parece bastante significativo que todos os artigos que compõem o *EscTrad* tenham vindo a público desta maneira. Pelo menos esta é a opinião de John Milton em sua análise da função que o *Folhetim*, o Suplemento Cultural do jornal *Folha de São Paulo*, desempenhou na evolução

⁵¹ Em SPIRY 2009, página 95, ver discussão sobre a “operação Balzac”, em que também se conclui que “Todavia, as traduções de Rónai, assim como de seus mestres, apesar de suas evidentes bases filológicas, têm, ao contrário do que afirma Berman, um cunho literário”, em contraposição à posição de Antoine Berman em BERMAN, A. *A Tradução e a Letra ou o albergue do longínquo*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007, p.110.

dos Estudos da Tradução no Brasil, nos anos 1980 e início dos anos 1990, ao divulgar em suas páginas o trabalho de tradução literária que os irmãos Haroldo e Augusto de Campos realizaram naquela época (MILTON, 2015). Milton acha que essas publicações, por alcançarem diretamente o público e não ficarem restritas à academia, tiveram como consequência uma maior visibilidade da tradução literária no Brasil. Pode ser que isto fosse verdadeiro para as décadas de 1980 e 1990. Mas quando falamos da época em que os artigos do *EscTrad* foram publicados o *timing* é outro, o público é outro, o acesso da população brasileira à imprensa é outro. Por isso, talvez os dois casos não sejam comparáveis. Neste sentido, vamos examinar a resposta de Rónai em uma entrevista para o jornal *O Metropolitano*⁵² quando indagado sobre as dificuldades enfrentadas pela classe literária brasileira. Rónai responde ao repórter Rubem Rocha Fº:

A língua talvez nos prejudique um pouco por causa do número de pessoas que fala o português. Assim, as tiragens dos livros estão limitadas a um público reduzido. Mas isto não é só no Brasil; pouquíssimos países (talvez só França, União Soviética, Estados Unidos e Alemanha) conseguem dar uma renda considerável ao escritor pela venda de seus livros. Por outro lado, nenhuma vida literária está de braços abertos à espera de novos escritores. Os que moram nas capitais podem ser mais felizes pela proximidade dos Suplementos Literários que hoje em dia representam parte da cultura brasileira. (*O Metropolitano*, RJ, 20/12/1959)

Ou seja, os quase trinta anos que separam a entrevista de Rónai da pesquisa de John Milton dão indícios de que eram dois mundos completamente diferentes. Apesar de Rónai ver aspectos positivos no papel desempenhado pelo suplemento, o que confirma nossa hipótese sobre a função do jornal em seu *modus operandi*, nota-se que no geral o seu tom de voz é pessimista no que diz respeito às possibilidades do público leitor ter acesso à cultura.

Um pouco mais adiante, na mesma entrevista, ao ser perguntado sobre as “possíveis medidas governamentais para uma maior estabilidade da condição do intelectual”, a resposta de Rónai é totalmente voltada para o estímulo à alfabetização, à criação de escolas públicas, de bibliotecas por todo o país, e assim por diante. Ou seja, antes mesmo de falar em vida intelectual, de tradução literária, o que Rónai reivindica está voltado para a base, para a alfabetização da população. Não é difícil entender sua posição se consultarmos as estatísticas de índice de analfabetismo do Brasil. Segundo o Censo Demográfico 1940/2010 do IBGE,⁵³ na faixa de pessoas com 15 anos ou mais, a taxa de analfabetismo no Brasil apresenta a seguinte evolução: 56% (1940), 50,5% (1950), 39,6% (1960), 33,6% (1970),

⁵² *O Metropolitano*, órgão oficial da União Metropolitana dos Estudantes (UME), publicado como encarte dominical no jornal *Diário de Notícias* (RJ).

⁵³ Artigo publicado em 16/11/2011. Fonte: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/11/ibge-indica-que-analfabetismo-cai-menos-entre-maiores-de-15-anos.html> (consultado em maio/2016).

25,5% (1980), 20,1% (1991), 13,6% (2000) e 9,6% (2010). Quer dizer, a época que Rónai tem em perspectiva é uma época em que a taxa de analfabetismo no país beira a casa dos 50%. Grosso modo, no período que separa a afirmação de Rónai da de Milton, o índice de analfabetismo no país baixou de cerca de 50% para 20%. Na época que Rónai chegou ao Brasil, 1941, este índice estava na casa dos 56%. Ou seja, os universos eram muito diferentes, e os parâmetros de análise não podem ignorar estas diferenças. Em um dos artigos que veremos mais adiante é mencionado que a população brasileira, na época em que Rónai deu essa entrevista, era de cerca de 40 milhões. E isto quer dizer que desses 40 milhões de brasileiros, cerca de 16 milhões eram analfabetos.

A outra característica que se quer ressaltar no *modus operandi* de Paulo Rónai é a sua atuação no campo da tradução, solidamente fundamentada na práxis, como já foi fartamente visto até aqui. Será com base nessa práxis, e não em “especulações” abstratas, que Rónai irá elaborar as reflexões crítico-teóricas que compõem a fundamentação teórica do *EscTrad*.

A prática intensa do ofício havia de levar-me naturalmente a meditar sobre ele. Daí os trabalhos que consagrei a problemas de tradução [...] Por inclinação natural do meu espírito, a especulação abstrata pouco me atrai e, por isso, em vez de indagar a filosofia e a metafísica da tradução, recém-abordadas por grandes linguistas, preferi ater-me a seus problemas concretos, com exemplificação abundante, tal como no volume presente. (RÓNAI, *TradViv*, 2012, p.210)

Como vimos na análise dos resultados da Tabela II, o pensamento ronaiano foi precursor à trajetória de evolução da disciplina dos Estudos da Tradução. E pelo número de edições do *EscTrad* consumidas pelo público ao longo do processo, com base nas questões discutidas até aqui, podemos afirmar que ele contribuiu efetivamente para a formação dos tradutores que participaram da evolução da disciplina, até que novos autores nacionais surgissem no mercado.⁵⁴

⁵⁴ Na carta do Anexo V Rónai faz menção a uma lista “da bibliografia mais ampla que conheço”. Não tivemos acesso a tal lista, mas certamente foram surgindo outras publicações no mercado brasileiro. Quando afirmamos que o *EscTrad* era o único livro disponível no mercado nacional, estamos nos referindo a livro de teoria de tradução escrito em português. Por exemplo, Albert Audubert, do Centro de Estudos Franceses da FFLCH/USP, publicou pela Difusão Europeia do Livro, em 1967, “Do Português para o Francês”. Audubert selecionou 60 pequenos trechos de autores tipicamente brasileiros, como Lima Barreto, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Machado de Assis, etc., e apresenta, lado a lado, o texto em português e sua respectiva tradução para o francês. Em longas notas de rodapé, que ocupam mais espaço nas páginas do que os textos discutidos, com base em exemplos tirados de suas traduções para o francês, o autor vai apresentando e discutindo as questões lexicais específicas da língua e da gramática francesa. Tudo em francês. Nem o prefácio é em português. Por melhor que seja o livro de Audubert, ele atende muito mais a alunos que já sabem francês o suficiente para se arriscarem a verter textos brasileiros para o francês. Ou a alunos franceses aprendendo português. Ou seja, um uso restrito a um grupo específico. Que não parece ser o público comercialmente ideal para um texto teórico.

Do ponto de vista literário, a característica marcante do *modus operandi* de Paulo Rónai é seu conhecimento sólido. Como se viu no capítulo 3, o fato de ele pertencer à “geração de 1900”, de ter nascido e ser formado na Hungria naquele momento histórico, foi responsável por muni-lo com uma carga cultural sem a qual, por exemplo, as características essencialmente dinâmicas de *Mar de Histórias* que acabamos de examinar provavelmente não existiriam. Não por acaso o editor da Revista *Serrote* faz menção a isto ao apresentar um ensaio inédito de Rónai publicado na revista em 2013. Diz Paulo Roberto Pires:

Muito antes de Roland Barthes lembrar a origem comum de saber e sabor, Paulo Rónai fazia desta proximidade etimológica um método de trabalho. É o que atesta o ensaio, até hoje inédito, que publicamos não apenas pela originalidade com que lê Balzac, mas também, ou sobretudo, pela síntese nada menos que perfeita entre erudição, bom humor e uma hipótese original. (PIRES, 2013, p. 3)

Apesar da distância entre a provável data do texto original – supõe-se que foi escrito em torno de 1945/47, na época em que Rónai preparou os demais textos sobre Balzac⁵⁵ – e sua publicação na revista *Serrote*, a opinião emitida pelo editor demonstra que o tempo não desbotou nem o conteúdo nem o estilo do texto. Como apresentado anteriormente, Aurélio Buarque de Holanda fez uma observação semelhante sobre o estilo de Rónai ao prefaciar o *TradViv*. No próximo capítulo, sobre a recepção de Paulo Rónai, veremos que é esse mesmo conhecimento sólido que será ressaltado por diversos críticos de sua época, através de artigos de jornal. Também Nelson Ascher, no artigo em que resenha o lançamento do último livro de ensaios publicado por Rónai, *Pois É*, em 1990, caracteriza o estilo ronaiano de forma semelhante:

Criticar, para muitos, é sinônimo de atacar, desqualificar, reduzir a nada. Talvez, no caso de inúmeros críticos, seja assim mesmo, mas o bom crítico só realiza essas operações a contragosto; seu verdadeiro prazer, aquilo que o move a escrever, deve ser, antes de mais nada, o prazer de compartilhar com outros uma boa obra, iniciando um diálogo potencialmente infinito. É a essa rara categoria que pertence Paulo Rónai. (ASCHER, 1990)

Sempre que a ocasião lhe permite, Rónai deixa transparecer esse prazer com bom humor, e pode-se dizer que esta é mais uma das características pessoais que perpassa sua obra. Também esta característica será observada nos artigos arrolados no próximo capítulo.

Mais adiante, no mesmo artigo, novamente em consonância com as observações de Aurélio, Ascher continua confirmando as características do estilo ronaiano:

⁵⁵ Um dos cinco originais inéditos localizados no acervo particular de Paulo Rónai, no Sítio Pois É (Nova Friburgo, RJ), em novembro de 2012.

Cada artigo, por seu equilíbrio entre certezas e indagações, entre erudição e humor, pela curiosidade intelectual sempre manifesta, é um exemplo da possibilidade de um estilo que contém autoridade sem perder a leveza, capaz de abordar temas complexos ou estranhos sem se tornar afetado. (ASCHER, 1990)

Mesmo uma opinião abalizada como a do crítico Nelson Ascher não deve ficar isolada. Por isso, a seguir vamos examinar através de artigos de jornal publicados na época da chegada de Rónai ao Brasil, que efeitos essas suas características idiossincráticas têm sobre sua recepção junto à intelectualidade brasileira, e sobre seu ciclo de amizades e relacionamentos profissionais, ou, em termos mais atuais, sobre seu *networking*.

6. RECEPÇÃO DA OBRA DE PAULO RÓNAI E INFLUÊNCIA IRRADIADA

Para Gideon Toury, “um pré-requisito para se tornar um tradutor dentro de um ambiente cultural é alcançar o *reconhecimento* de sua capacitação para tal. *Translatorship is not merely taken, then; it is granted.*” (TOURY, 1995, p.241) Ou, em outras palavras, um tradutor tem que conquistar esta posição através do reconhecimento de sua capacitação, pelo grupo para quem ele traduz. *Translatorship*⁵⁶ engloba estes dois sentidos: de “posto, ofício, profissão” e de “dignidade, decoro”. Assim, para fazer jus ao reconhecimento, o tradutor tem que ser merecedor, no sentido de conquistar aquela posição, estar em conformidade com as normas do grupo social que lhe atribui esse reconhecimento. Consequentemente, esta posição não é assumida unicamente por vontade própria. Ela tem que ser conquistada através do reconhecimento daqueles para quem o trabalho é elaborado. Fazendo um paralelo com este princípio, pode-se afirmar que a competência de um teórico da tradução pode ser mensurada a partir do reconhecimento ou recepção de sua obra, a partir da influência que irradia.

O objetivo deste capítulo é examinar a recepção da obra de Paulo Rónai, da maneira mais abrangente possível, considerando que entre o lançamento da 1ª edição do *EscTrad* até hoje existe um lapso de tempo de cerca de 64 anos. Vamos lembrar também, que o fruto colhido hoje, foi plantado muito antes.

Quando na Hungria Rónai “descobre” o Brasil, seguindo sua tendência natural, ele começa a se corresponder com alguns intelectuais brasileiros, inclusive enviará exemplares de sua antologia *Brazilia Űzen (Mensagem do Brasil)* depois de publicada. (Ver relação de poetas traduzidos no Anexo XVII). Algumas dessas pessoas passarão a fazer amizade com ele, como por exemplo, o poeta Ribeiro Couto. Anos mais tarde, em um discurso, Rónai comenta que lera em um jornal que havia uma pessoa na embaixada brasileira da Holanda com o mesmo nome de um dos poetas que ele traduzira. Perguntou por carta se a pessoa conhecia o poeta e descobriu que o poeta e o embaixador eram um só e o mesmo. A partir de então, 1937, Ribeiro Couto transformou-se no primeiro amigo brasileiro de Rónai.

Entre as características pessoais desse brasileiro nascido na Hungria, destaca-se pois, sua capacidade de se relacionar e de cultivar amizades. Na primeira parte deste capítulo

⁵⁶ Translatorship, segundo o dicionário Webster, se refere a: the office or dignity of a translator. <http://www.webster-dictionary.org/definition/Translatorship>

vamos examinar de que forma o trabalho de Rónai foi recebido no Brasil. Isto será feito através de artigos de jornal em que, de alguma forma, seu nome está presente.

6.a Hungria e Brasil – artigos publicados sobre Paulo Rónai - pesquisa em jornais

Por sorte, Paulo Rónai era um colecionador nato e por isso foi possível localizar, em seu acervo particular, um grande volume de recortes de artigos em que seu nome é citado. Estamos, pois, usando esse material para apresentar as notas a seguir.

Como Rónai veio para o Brasil como convidado oficial do governo, sua chegada foi pública e aguardada.⁵⁷

Correio da Manhã, 14/03/1941 – **ESTÁ NO RIO O PHILOLOGO PAULO RONAI – Veiu estudar a literatura brasileira e introduzir em nosso paiz os escriptores húngaros.**

Encontra-se no Rio... que veio a este paiz attendendo ao convite que lhe foi dirigido pelo Ministério das Relações Exteriores... O Sr. Paulo Ronai, filólogo diplomado pelas Universidades de Paris e de Budapest, em cujo Lyceu lecciona francez, latim e italiano...

Observe-se o presente do indicativo: “em cujo liceu leciona”.

Além disso, ele já se correspondia com vários intelectuais brasileiros, como por exemplo, com Jorge de Lima. No artigo “Uma Velha Amizade” (ver Anexo XVIII), Léo Ivo relata que um amigo desconhecido da Hungria havia enviado a Jorge de Lima seu livro *Brazilia Úzen...* Para Jorge de Lima esse amigo desconhecido representava uma das primeiras amizades literárias. Léo Ivo destaca o efeito que um deslocamento promove em um exilado, principalmente quando este é um intelectual.

Correio da Manhã, 11/01/1948 – UMA VELHA AMIZADE, por Léo Ivo [...] Um problema realmente complexo é o do desentranhamento do artista ao seu meio nativo, e os perigos que ele corre fora de sua terra e de sua gente, insulado de suas verdades nacionais e da atmosfera que rege suas forças criadoras e os atos de sua inteligência. No caso de Paul Rónai, sua aclimação ao Brasil não nos parece ter mutilado uma personalidade que admiramos pela sua generosidade, pelo sentido fraterno que a anima, pela confiança e doçura que o envolvem, tornando-se um exemplo feliz do chamado “homem cordial” do Brasil... Naturalizando-se brasileiro, Paulo Rónai começou a executar sua verdadeira finalidade entre nós – a de professor. Aprendendo a manejar o nosso idioma, terminou ensinando português a centenas de brasileiros. É um dos poucos homens, entre quarenta milhões de habitantes, que conhecem a nova ortografia...

Usando outros termos, Léo Ivo chega à mesma conclusão que chegamos, em nossa análise sobre a produção bibliográfica de Paulo Rónai: salvo pequenas adaptações, sua vinda para o Brasil não impôs nenhuma solução de continuidade à sua atividade literária.

Logo que chega Rónai é entrevistado – À *Noite*, edição final, 21/03/1941: “ESPLENDORES DA LITERATURA MAGIAR – O Brasil irá conhecer a poesia e a prosa

⁵⁷ A ortografia reproduzida nos trechos é a original dos artigos.

dos grandes escritores húngaros – Uma hora de palestra com o homem que revelou à Hungria, em versos primorosos, os poetas brasileiros”. Visita à Academia Brasileira de Letras:

Jornal do Comércio, 22/04/1941 – “Achando se de visita à Academia o escriptor húngaro Sr. Paul Ronai, estudioso de nossa literatura e traductor de vários autores brasileiros, foi convidado a assistir a sessão e saudado pelo Sr. Presidente e pelo Sr. Ribeiro Couto [...] O Sr. Paul Ronai agradeceu em portuguez as palavras do Sr. Presidente e do Sr. Ribeiro Couto e o acolhimento que acabava de fazer a Academia Brasileira”.

Com quatro meses de Brasil, Rónai dá palestra na Academia Brasileira de Letras, no dia 22/07/1941, em português, dentro da série de conferências promovida pela Presidência da casa, e é apresentado como “um velho amigo do Brasil: o Sr. Paul Ronai”. O tema: a literatura da Hungria. E começa a consolidar o seu *networking*.

Jornal do Comércio, 23/07/1941 - Viam-se no salão nobre da Academia, ao lado da assistência escolhida e numerosa que ouve, habitualmente, as conferencias, escritores e poetas que representavam as tendências mais diversas da inteligência brasileira e que deixaram, assim, bem assinalada a simpatia que cerca o nome do Sr. Ronai em nossos meios literários. Entre outros estavam presentes os academicos Srs. Levi Carneiro, Claudio de Souza, Miguel Osório de Almeida, Fernando Magalhães, Manuel Bandeira e Ribeiro Couto; e os Srs. Carlos Drummond de Andrade, Augusto Frederico Schmidt, Jorge de Lima, Astrogildo Pereira, Dante Costa, Francisco de Assis Barbosa e Mello Leitão.

Antes mesmo de chegar ao Brasil, quando lançou sua antologia na Hungria em 1939, a notícia chegou ao Brasil. E suas atividades foram noticiadas nos jornais brasileiros:

A Gazeta, 16/06/1939 – CONFERENCIA SOBRE POETAS BRASILEIROS EM BUDAPESTE – Um telegrama da Havas nos informa que o escritor húngaro Paul Ronai, de quem publicámos recentemente uma carta relatando suas atividades no sentido de divulgar a literatura brasileira na Hungria, realizou terça feira última, perante seletos e numeroso auditório, uma conferencia sobre os poetas modernos do Brasil. O prof. Ronai, após indicar os fatores raciais, étnicos e históricos da poesia brasileira, traçou o quadro de nossa poesia moderna a partir de Olavo Bilac, que ele qualificou de “grande figura do Parnaso”, e Cruz e Sousa, chefe da escola simbolista, até os nomes mais representativos das novas tendências, tais como Ribeiro Couto, Jorge de Lima e Ronald de Carvalho. Essa conferencia obteve o maior sucesso.

Touring, agosto de 1939 – A POESIA E OS POETAS MODERNOS BRASILEIROS, APRECIADOS NA HUNGRIA – **Budapest** – Os jornaes “Gazette de Hongrie”, “Pester Lloyd” e “Ujsag” publicaram detalhadas noticias de uma soirée de arte inteiramente dedicada à poesia moderna brasileira, ultimamente realizada nesta Capital. Em presença do Ministro do Brasil, dr. Octavio Fialho, [...] foram declamadas, em traduções do professor Paul Rónai, diversas... [Nota: na época Embaixador era denominado Ministro]

Diário de Notícias, 26/11/1939 – “MENSAGEM DO BRASIL”, por Tasso da Silveira – Notícia gratíssima, sem duvida, o do aparecimento de uma anthologia de poesia moderna do Brasil em versão húngara. Acaba de dar-nos esta alegria o poeta e pensador húngaro Paul Rónai que, do material que pôde ter em mão, compoz o volume intitulado “Brazilia Uzen” – Mensagem do Brasil – publicado agora por uma editora de Budapest. [Nota: A notícia é longa, ocupa as seis colunas do rodapé e dá detalhes sobre os capítulos do livro]

Digno de nota, o autor desse último artigo de 1939, Tasso da Silveira, é a primeira pessoa a dar um curso de Literatura Comparada no Brasil, conforme mencionado por Bernardo Gersen no artigo do ANEXO XXIII, de 1952, também citado por Antonio Candido e, principalmente por Tania Carvalhal, a 1ª presidente da ABRALIC. Sendo um comparatista, é compreensível pois entender a alegria com que Tasso da Silveira dá a notícia

e que considere o lançamento da antologia de poetas brasileiros de Rónai, na Hungria em 1939, um “notícia gratíssima”.

Não demora muito para Rónai conquistar um lugar na comunidade literária brasileira. Faz isso trabalhando. Com três anos e meio de Brasil, já é conhecido pelo perfil que irá caracterizá-lo sempre. Francisco de Assis Barbosa batiza seu artigo de “Esse Admirável e Modesto Paulo Rónai” (ver Anexo XIX). Informa que a admiração advém da capacidade de trabalho de Rónai, e o adjetivo modesto faz parte da personalidade ronaiana, atestada por todos que convivem com ele. Pela primeira linha do artigo, vê-se que a chegada de Rónai foi assunto comentado no meio literário.

Revista do Globo, 30/12/1944 – (coluna) INFORMAÇÕES LITERÁRIAS DO RIO – ESSE ADMIRÁVEL E MODESTO PAULO RÓNAI, por Francisco de Assis Barbosa – Conheci Paulo Rónai logo depois de sua chegada ao Brasil. Amigos comuns já me haviam falado nêle: um professor húngaro que, ainda em seu país, tivera a paciência [...] Estudioso das línguas neo-latina, Rónai um dia descobriu um romance de Machado de Assis, traduzido para o francês. Daí por diante êsse universitário de rara cultura clássica, dotado além disso de singular inteligência, procurou ler e estudar a literatura brasileira. Há entre o húngaro e o brasileiro um traço comum, que ressalta ainda mais quanto maiores são as nossas diferenças. Êste traço está no “sense of humour” tão bem representado no livro de Manuel Antonio de Almeida, as famosas **Memórias de um sargento de milícias**. Pois foi justamente êste livro que Paulo Rónai foi traduzir para o francês [...] Abrindo o volume, num prefácio que é um modelo de concisão e de clareza, Paul Rónai passa em revista o que de melhor já se escreveu sobre a obra de Manuel Antonio [...] É admirável o cuidado com que foi feita a tradução, que passou para o francês conservando o mesmo frescor, o mesmo colorido, a mesma nota brasileira (seria talvez melhor dizer carioca) do original. A honestidade do tradutor está refletida nas linhas em que agradece a colaboração [...] Paulo Rónai é um homem raro. Sua atividade intelectual tem sido das mais produtivas [...] Tudo leva a crer que essa edição da “Comédia Humana” [...] constituirá uma afirmação do nosso progresso editorial. E isso se deverá, em grande parte, a êsse admirável e modesto Paulo Rónai. [grifos do autor]

A grande maioria dos artigos que falarão do trabalho que Rónai faz na edição da *Comédia Humana* brasileira terá o mesmo tom profético de Francisco de Assis Barbosa. Diferente de alguns outros imigrantes famosos, Paulo Rónai entrou pela porta da frente, e imediatamente começou a fazer contato com pessoas que ele já se correspondia desde a Hungria. Quando Barbosa o conhece logo depois de sua chegada, seus amigos já tinham comentado sobre o então “visitante”.

Não é raro encontrar artigos que irão agradecer que devido aos horrores da guerra na Europa o Brasil recebeu intelectuais do quilate de Rónai. É como Valdemar Cavalcanti começa seu artigo na Folha Carioca de 30/11/1944. Depois conclui: “Uma vez entre nós, Paulo Rónai dispôs-se a prestar serviços à inteligência brasileira, mas sem chamar a atenção de ninguém, com alguma humildade até”. E ele dá notícias sobre a evolução das atividades de Rónai: “... não tem feito outra coisa sinão ensinar: a princípio, ensinou línguas, hoje ensina literatura”. Depois de comentar as diversas empreitadas em que Rónai estava envolvido, conclui: “esse homem tímido, que tem o ar de seminarista, vem fazendo pela

literatura brasileira, em silêncio, alguma coisa de extraordinário. E a sua atitude discreta pode ser considerada um exemplo de dignidade e pudor da inteligência.”

Talvez pelo seu interesse comum pela Literatura Comparada, Brito Broca é um dos amigos que Rónai faz desde cedo. Em um artigo de janeiro de 1945, sobre a tradução que Rónai fez de Manuel Antonio de Almeida para o francês, o escritor classifica abertamente o trabalho de Rónai como sendo de um “apaixonado cultor da literatura comparada”.

A *Gazeta*, 10/01/1945 – BRASILEIROS EM FRANCÊS – por ALCESTE [pseudônimo de Brito Broca] – Paulo Ronai é um escritor húngaro, de formação literária francesa, que se encontra entre nós, perfeitamente aclimatado em nosso ambiente intelectual e trabalhando conosco, como o mais inteligente e o mais cordial dos confrades. Especialista em estudos balzaqueanos, tendo mesmo defendido uma tese de doutorado em letras sobre os romances de Balzac pré-“Comédia Humana”, Paulo Ronai deve ser visto entretanto, como um apaixonado cultor da literatura comparada, matéria, infelizmente tão pouco professada entre nós. A literatura comparada é assunto de grande importância e significado cultural, pois ela esclarece extraordinariamente as origens da criação artística, levando-nos a ver a obra no quadro geral de influências, em que ela foi gerada. [...] Rónai estudou o romance sob todos os aspectos, como verdadeiro apaixonado de literatura comparada e só depois de uma acurada pesquisa e de inteiramente senhor do seu assunto, entregou-se ao trabalho, realizado com pleno êxito. Um prefácio excelente pela concentração das idéias nele emitidas, mostra-nos o quanto Paulo Ronai se apurou no conhecimento da obra. [...] Manuel Antonio de Almeida lera, por certo, Balzac, mas a verdadeira fonte de sua inspiração devia ter sido o “Gil Blas”, de Le Sage, como agudamente observa Paulo Ronai. E esse cotejo com Le Sage, feito, de certo, pela primeira vez, elucida-nos muito sobre o famoso romance, hoje acessível ao público de idioma francês.

A reprodução um pouco mais longa do artigo de Brito Broca deve-se ao interesse de sua abordagem para esta tese, já que contextualiza a visão da literatura comparada para a época que nos interessa focar e reconhece em Rónai um comparatista completo. Brito Broca também adjetiva Rónai da mesma forma que Lêdo Ivo e Francisco Barbosa, destacando sua aclimação ao meio brasileiro. E dá ênfase ao fato do cotejo entre Manuel Antonio de Almeida e Le Sage ter sido feito pela primeira vez no Brasil. Como veremos adiante, esse tipo de constatação se repetirá, com outros críticos. O Brasil dos anos 1950 é um país em formação. Não surpreende, pois, que Brito Broca dê tanta importância ao fato de Rónai ser um comparatista, uma especialidade rara no Brasil de então. Compreende-se pois, a “alegria” com que Tasso da Silveira havia saudado o inédito trabalho de Rónai, ainda em Budapeste.

Entre outubro de 1945 e março de 1946 (ver em SPIRY 2009, Anexo II), Rónai publica, primeiro no jornal *O Estado de São Paulo* e depois no *Correio da Manhã* (RJ), uma série de 16 artigos que irão compor o seu livro *Balzac e a Comédia Humana*. Ao mesmo tempo, ele está em pela coordenação da edição brasileira da *Comédia Humana*. Então, o Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo o convida para dar uma série de palestras sobre Balzac, a “Semana de Balzac”, na Biblioteca Municipal de São Paulo. Edgard Cavalheiro, dois dias antes das conferências começarem, publica um longo artigo no

jornal *O Estado de São Paulo*, provavelmente encarregado de divulgar o evento, em que apresenta a programação do Departamento de Cultura, e introduz as conferências que Rónai irá proferir. Confirmando uma observação que fizemos sobre a diferença que significava naquela época atuar no mercado carioca ou paulista⁵⁸, Edgard Cavalheiro escreve: “O Professor Paulo Ronai não será um nome muito conhecido entre os leitores e ouvintes de S. Paulo, razão pela qual não me furto ao prazer de dizer alguma coisa sobre o homem e suas atividades intelectuais.” Depois de apresentar a biografia de Rónai, de comentar seus trabalhos, Edgard Cavalheiro chega ao tema Balzac, comenta o que Rónai está fazendo neste sentido e termina com a seguinte ressalva:

O Estado de São Paulo, 15/09/1945 – UM CURSO SOBRE BALZAC, por Edgard Cavalheiro – [...] Na França um curso como este seria acontecimento banal. [...] No Brasil, que eu saiba, é a primeira vez que se estuda um autor tão minuciosamente. Não temos ainda o hábito de nos aprofundarmos nas obras dos grandes mestres de ontem, daqui ou de fora. Com exceção de Machado de Assis, analisado através de alguns excelentes trabalhos, os escritores brasileiros ainda estão à espera dos seus exegetas. Que o curso do Professor Ronai sobre Balzac desperte em nossos críticos, ensaístas e historiadores o gosto por esses trabalhos de longo folego.

Pela segunda vez no mesmo ano de 1945, um crítico destaca o quão inédito é entre nós o tipo de saber que Rónai detém e irá transmitir ao público paulista. O que na França seria banal, no Brasil iria acontecer pela primeira vez.

Tudo que Rónai publica, cada viagem que faz, tudo começa a virar assunto para notícia de jornal. Seus amigos já se sentem tão amigos que começam a brincar. Por exemplo:

Diário Popular, Pelotas, 21/07/1948 – ESTEVE EM PELOTAS O PROF. PAULO RONAI – O grande escritor húngaro visitou o Diário Popular – O notável literato húngaro que está supervisionando a publicação da “Comédia Humana” de Balzac, e tem diversas obras publicadas em português, esteve em visita à redação desta fôlha, aqui demorando-se em agradável palestra com os nossos redatores [...]

A Manhã, 09/01/1949 – PARABENS, RAQUEL DE QUEIROZ E PAULO RONAI – Estão de parabéns a escritora Raquel de Queiroz e o escritor Paulo Ronai. A inauguração da ponte, ligando Governador ao continente, vai facilitar muito a vida de ambos, moradores daquela ilha. Raquel de Queiroz passará então a ser vista com mais frequência pelos escritórios da editora José Olímpio, e Ronai não precisará preocupar-se tanto com a última barca que o leva a atravessar as ruas da cidade, muitas vezes, aos pulos, não dando atenção ao chamado dos amigos, êle que é o mais atencioso dos amigos.

Tribuna de Petrópolis – 10/09/1950 – BRILHANTE PALESTRA DO PROFESSOR PAULO RÓNAI NO ROTARY CLUBE – Mais uma vitória conquistou o Rotary Club, na última quarta-feira, durante o seu jantar semanal. Continuando na série de boas iniciativas a tradicional entidade trouxe ao seu convívio o Professor de fama internacional, PAULO RÓNAI que discorreu com muita propriedade, sob o tema escolhido “O Brasil na Obra de Balzac” [...] agradando sobremaneira ao seletor auditório que o aplaudiu demoradamente.

⁵⁸ Mais uma prova dessa diferença, naquela época, na introdução de seu livro *Tradução – Ofício e Arte*, lançado em 1ª ed. em 1976, Erwin Theodor diz que apesar de centenas de milhões de pessoas ouvirem e lerem matérias traduzidas, são poucas as pessoas que se “ocupam dos fenômenos teóricos da tradução ou que examinam com detença os seus problemas práticos”. A seguir ele cita dois “trabalhos precursores”: Breno Silveira, *A Arte de Traduzir*, e de Paulo Rónai a *Escola de Tradutores* e *A Tradução Vivida*, “que precisam ser destacadamente citados”. Examinando sua bibliografia, descobrimos que ele está se referindo à 1ª ed. do livro de Breno Silveira, de 1954, e do Rónai, à 2ª ed. do *EscTrad* (1956) e à 1ª ed. do *TradViv* (1976). (THEODOR, 1986, p.11). Ou seja, Erwin Theodor não tinha tido acesso à 1ª ed. do *EscTrad* por ele morar em São Paulo

Jornal de Notícias, São Paulo, 10/05/1951 – BALZAC E SEUS COMENTADORES – Perante seleta assistência, da qual se destacavam professores da Universidade de São Paulo e alguns raros intelectuais paulistas, o escritor Paulo Rónai proferiu, ontem, no Museu de Arte Moderna, uma palestra sobre “Balzac e seus Comentadores”, como parte do programa cultural [...] O Sr. Paulo Rónai tem o segredo da simplicidade, do humor, da exposição clara e brilhante, o que deu à sua conferência, sem prejuízo de seu caráter erudito, a possibilidade de uma comunicação imediata com o auditório. Ao fim de sua “aula” – chamemos assim, e com propriedade, à palestra de ontem – o escritor húngaro, que se exprime em excelente português, foi vivamente aplaudido e felicitado.

O fato de tudo em torno de Rónai virar notícia se deveu, em parte, à fama que ele conquistou, confirmada pelas inúmeras palestras que é convidado a dar, mas também à dinâmica do mercado daquela época, em que o livro e os fatos culturais em si eram notícia.

Em termos do *EscTrad*, o número de artigos localizados no acervo de Rónai que comentavam o seu lançamento, em 1952, resume-se a três. Em compensação, 17 artigos comentam a 2ª edição. Esta grande diferença pode ser verdadeira ou devida à qualidade do banco de dados do Rónai, que, acreditamos dependia em boa parte do acaso, dos amigos localizarem e enviarem os artigos para ele. De qualquer forma ele assinava um serviço chamado LUX que lhe remetia o material localizado nos jornais – no Anexo XVIII vê-se o número “165” escrito à mão sobre o artigo; é o código de cliente de Rónai, e tudo que ele recebia da LUX tem esta marca. Mas não temos conhecimento adequado sobre esse serviço e que garanta que ele conseguia ter acesso a tudo que saía publicado. Mesmo com essas ressalvas, a razão de 3 artigos em 1952 contra 17 em 1957 parece demonstrar que o terreno na época do lançamento da 1ª ed. era muito mais árido, infértil⁵⁹. Uma hipótese que talvez possa ser aventada para a época é que pouquíssimas pessoas se aventuraram a dialogar com a reflexão crítico-teórica reunida no *EscTrad*. Afinal, de acordo com o que temos demonstrado ao longo desta tese, como precursor, Paulo Rónai estava há mais de 20 anos à frente das outras publicações na área de Estudos da Tradução. O mesmo já não aconteceu com o próximo livro de ensaios que ele lançou em 1957, *Como Aprendi Português e Outras Aventuras*. Sua temática é muito mais amena, mais acessível, e serve de *leitmotiv* para diversos artigos, dos mais variados.

Alguns críticos renomados da época enchem várias colunas com longos artigos motivados por lançamentos de Paulo Rónai. Por exemplo, Wilson Martins publica “O Homem e as Línguas” no *Estado de São Paulo*, dia 29/06/1957, sobre o lançamento de *Como Aprendi Português e Outras Aventuras*, e com autoridade faz comentários abrangentes sobre a biografia de Rónai e também sobre o *EscTrad* – ver artigo completo no

⁵⁹ Esta hipótese é reforçada pela argumentação onde comparamos o papel do *Folhetim* estudado por John Milton nos anos 1980 e 1990, em confronto com a taxa de analfabetismo do país durante os anos 1950.

Anexo XX. Na semana seguinte, ocupando o mesmo espaço de jornal, o tema que Wilson Martins discute é o livro *Balzac e a Comédia Humana*, de Paulo Rónai. Em um comentário parecido com o de Edgard Cavalheiro, Wilson Martins encerra seu artigo ressaltando a contribuição de Rónai nas questões balzaquistas no Brasil, “onde são tão poucos os balzaquianos *enragés*, mais um exemplo dessa expansão de uma obra onde menos a esperaríamos encontrar”, mas que “graças ao sr. Paulo Rónai começa a dizer a sua palavra”. Outra vez um crítico ressalta o aspecto inédito do trabalho de Rónai, aqui no Brasil. Importante frisar que estamos examinando um quadro dos anos 1940 e 1950.

Franklin de Oliveira também publica vários artigos sobre os livros de Rónai. Neste que se vê no Anexo XXI, ele chama atenção para o famoso prefácio de João Guimarães Rosa, “Pequena Palavra”, que abre o livro *Antologia do Conto Húngaro*, e faz uma digressão sobre o “delicado problema de ‘como escrever’ crítica literária”; passa por questões estilísticas, chega a grandes compositores húngaros e através deles conclui que o prefácio de Guimarães Rosa “constitui verdadeira Teoria do Estilo”; em seguida faz um paralelo entre a fala dos jagunços na obra de Rosa e dos guerreiros húngaros que corriam pelas suas estepes, volta a focar no ensaio, desta vez no ensaio latino americano, e afirma que “A forma artística do ensaio não pode ser senão coroamento de um alto processo de pensar. A função da crítica é **pensar** a obra de arte; mas ela só se completa ao **recriar** a obra de arte. Por via deste fato, transforma-se ela mesma em obra de arte.” [grifos do autor] Quase no final do texto, Franklin de Oliveira volta a mencionar o objeto de sua resenha, desta vez para falar sobre o estilo literário de Rónai:

Correio da Manhã, 24/08/1957, (coluna) LIVROS NA MESA – OS HÚNGAROS, por Franklin de Oliveira. [...] No autor desta Antologia do Conto Húngaro, numa página do volume **Como aprendi português e outras aventuras** – capítulo sobre Nicolau Radnóti – encontro o mais pungente e forte exemplo da atmosfera dramática do ensaio. Desta atmosfera participa, aliás, quase toda a antologia. Se aqui temos “um retrato poético da Hungria”, dado nos contos, outro retrato a esse se sobrepõe, nas notas sobre os escritores húngaros sacrificados pela insânia nazista. Belo e doloroso livro este, livro de inteligência e delicadeza, pranto, riso e piedade. Estimo-o tanto que o desejo ver mais completo numa reedição que permita ao leitor brasileiro encontrar nas suas páginas autores que hoje delas estão ausentes [...] A um húngaro – Pál Kelemen – devem a América Latina e o Brasil os melhores estudos sobre nossa arte medieval e barroca. A Paulo Rónai ficamos agora devendo a restauração da verdade artística sobre a literatura húngara, até então vítima de estrupadores de textos, nas traduções de puro mercenarismo editorial. [grifo do autor]

No capítulo III – O Crítico Literário, da dissertação que deu origem à presente pesquisa (ver SPIRY 2009, “*Paulo Rónai, um brasileiro made in Hungary*”, página 50 em diante), apresentamos uma análise mais detalhada sobre o estilo ensaístico de Paulo Rónai, discutindo inclusive as características do ensaio jornalístico; depois de discutir as origens do ensaio como gênero literário, concluimos sobre a semelhança de seu estilo com o de

Montaigne. Mesmo que o *humour* mude, como é o caso do ensaio dramático sobre Nicolau Radnóti destacado por Franklin de Oliveira, a leveza do estilo montaigniano é uma constante em todas as publicações de Rónai, até mesmo em obras de reflexão crítico-teórica como o *EscTrad*.

Mas artigos do quilate deste de Franklin de Oliveira não são muito frequentes, a não ser os dele mesmo. Em outro artigo seu, desta vez sobre o *Encontros com o Brasil* de Rónai, – jornal *Correio da Manhã*, 14/02/1959 – Franklin de Oliveira identifica o crítico literário Paulo Rónai com o método crítico da Estética da Leitura⁶⁰ lançada pelos russos Roubakine e Potbenia no final do século XIX e comentada no Brasil por Augusto Meyer. Segundo Franklin de Oliveira “É a esta arte e a esta ciência que serve Paulo Rónai, quando escreve sobre Guimarães Rosa, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Otto Maria Carpeaux, alguns dos raros que procuram dar à literatura brasileira aquilo de que ela mais carece: sentido de permanência”. Voltamos a nos referir ao Capítulo III da dissertação mencionada (SPIRY 2009), que se inicia analisando a profícua produção de Rónai como crítico de Guimarães Rosa, uma associação que também será destacada no próximo capítulo 6.b. Confirmando nossa hipótese de que da temática da obra dependia o volume da crítica, este mesmo livro de Rónai, *Encontros com o Brasil*, estimulou críticas assinadas por nomes como Bernardo Gersen – *Diário de Notícias*, 29/03/1959 e 31/05/1959 –, Temístocles Linhares – *O Estado de São Paulo*, 19/07/1959 – e Christiano Fraga – *A Gazeta*, de Vitória, do Espírito Santo, 31/12/1958.⁶¹

Um brasileiro criado na Europa, Roberto Alvin Corrêa, conhece bem o trabalho de Paulo Rónai, pois foi quem fez a revisão de sua tradução do *Memórias de Um Sargento de Milícias* para o francês. Na *Revista do Globo*, de 08/09/1945 sai a transcrição da palestra com que Alvin Corrêa saudou Paulo Rónai quando este proferiu a aula inaugural da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil (RJ), dia 9/05/1945, discursando sobre *Comédia Humana*. Também Alvin Corrêa destacou que Rónai incluiu os estudos brasileiros em sua especialidade, isto é, “os estudos de língua e literatura comparada”.

Confirmando o que foi dito sobre a provável incompletude do acervo de recortes de Paulo Rónai, Serio Milliet abre seu artigo de 9/03/1948, no jornal *O Estado de São Paulo*, “A propósito de Balzac”, afirmando que já fizera duas ou três referências aos estudos de Paulo Rónai sobre Balzac. Mas no acervo só localizamos um único artigo de Milliet.

⁶⁰ Estudo da relação entre texto e leitor.

⁶¹ A grande maioria das referências citadas são localizáveis no site de pesquisa da Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional - <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>

Mar de Histórias é constantemente comentado na imprensa, pois, a não ser pela edição atual que foi lançada inteira com todos os dez volumes de uma só vez, ao longo de muito tempo seus volumes foram saindo um a um, em separado. Com isso, cada vez que um volume era lançado, fosse 1ª ed. ou relançamento, o fato motivava a aparição de artigos. É o caso de “Tradução e Autodidatismo” de João Alexandre Barbosa (ver Anexo XXII-1 e XXII-2). Depois de mencionar o lançamento do 4º volume do *Mar de Histórias*, e inspirado pelo mesmo a fazer uma ampla digressão sobre o estado da arte da tradução no Brasil à época, o autor comenta:

Correio da Manhã, 15/02/1964 – TRADUÇÃO E AUTODIDATISMO, por João Alexandre Barbosa.
Diante da publicação do quarto volume do **Mar de Histórias** [...] não pude resistir à tentação de repassar algumas das admiráveis páginas que Rónai escreveu sobre os problemas da tradução na sua excelente **Escola de Tradutores**. E foi relendo alguns trechos que cheguei a pensar na organização de certas idéias ligadas ao problema básico da arte de traduzir e que é o fundamento desta obra a que os dois – Holanda e Rónai – vêm emprestando uma dedicação rara. E estas idéias me pareceram ainda mais procedentes quando, quase ao mesmo tempo, relia a obra-prima de tradução realizada por Carlos Drummond de Andrade sobre o texto de Laclos e lia uma nova tradução em língua portuguesa [...] da peça **Calígula** de Albert Camus feita, para a “Editora Civilização Brasileira”, por Maria da Saudade Cortesão, dando continuação a uma “Coleção Universitária de Teatro” onde já se publicou **Mistérios da Missa**, de Calderón de la Barca, em tradução de João Cabral. Se a este inusitado movimento de tradução, acrescentarmos ainda o trabalho de Alexandre Eulálio sobre o texto de Brancati e dos irmãos Campos sobre o de Joyce ou o de Haroldo de Campos sobre Maiakóvski, em tradução precedida de lúcidos esclarecimentos teóricos que apareceu no número de dezembro de 1961 da “Revista do Livro”, teremos que concordar em que a tradução no país, já é uma realidade e que isto importa ou, mais cedo ou mais tarde, importará em uma mudança das nossas acanhadas perspectivas literárias. Sem chegar à pretensão de querer tocar aqui em alguns dos aspectos técnicos da questão (para os quais remeto o leitor quer para o livro essencial de Paulo Rónai, quer para a tradução-estudo de Haroldo de Campos) aquelas idéias que me surgiram dizem respeito ao problema menos ambicioso – mas tão importante quanto – das relações entre o trabalho da tradução e algumas linhas principais de nosso desenvolvimento intelectual. [...] Como se explica, portanto, que somente agora começemos a assumir uma atitude mais séria diante da atividade de tradução? [...] lembro a tradução de uma peça de Molière – **Fourbeires de Scapin** – realizada por Drummond em que a linguagem coloquial utilizada pelo francês recebeu um tratamento de tal ordem na língua portuguesa-brasileira, que nós saímos da leitura enriquecidos não somente esteticamente mais linguisticamente. Quer dizer, então, que o trabalho de Drummond passa a existir, com todo o direito, como um trabalho de fertilização literária, estética e linguística.
[...] um trabalho como este realizado por Paulo Rónai e Aurélio Buarque de Holanda, traduzindo mais de trinta contistas universais, como por todos aqueles que vêm traduzindo no país – traduzindo e não parafraseando – é uma tarefa a que não falta o seu lado patriótico, além de ser uma forma das mais eficazes de pôr o país na corrente de cultura universal. [grifos do autor]

Várias questões relativas à recepção de Rónai ficam evidentes no texto de João Alexandre Barbosa: um retrato do mercado de tradução da época, a consideração pelo papel que Rónai tem no meio literário e no da tradução, com destaque ao *EscTrad*, que qualifica de “essencial”, e ao próprio *Mar de Histórias* que coloca “o país na corrente de cultura universal”. E enfatiza que “somente agora” – 1964, data de seu artigo – a atividade tradutória começa a ser encarada de forma “mais séria” no Brasil. Este aspecto representa mais uma confirmação do pioneirismo do lançamento do *EscTrad*, em 1952, e de Rónai como precursor dos Estudos da Tradução entre nós.

Também chama atenção o exercício de literatura comparada que o autor faz ao descrever como o lançamento do *Mar de Histórias* o influenciou a rever o *EscTrad* e a refletir sobre as questões básicas da arte de traduzir, que afirma ser “o fundamento da obra” a que os dois autores de *Mar de Histórias* “vêm emprestando uma dedicação rara”. E suas sucessivas reminiscências ulteriores o fazem concluir pela importância da tradução para o “nosso desenvolvimento intelectual”. Sua opinião sobre o feito de Drummond ao traduzir *Laclos* é semelhante ao de Rónai que, um ano antes, em 08/06/1963, havia publicado uma crítica no jornal *O Estado de São Paulo*, exatamente sobre quatro traduções da mesma obra. Mas o artigo “*Laclos* quatro vezes, para quê?” será incorporado ao *EscTrad* somente na 4ª ed., em 1976, o que leva a crer que João Alexandre Barbosa leu a crítica de Rónai no jornal.

Ao buscarmos o estado da arte através de artigos de jornal da época, temos dois objetivos: por um lado conhecer a opinião de quem estava vivendo aqueles momentos no próprio calor da hora, o que contribui para uma avaliação mais próxima da realidade; e de outro, o quadro pintado pelo autor nos permite obter uma dimensão mais concreta do próprio mercado de traduções que, pelo que se vê, ainda era incipiente e leva João Alexandre Barbosa a indagar: “Como se explica, portanto, que somente agora começemos a assumir uma atitude mais séria diante da atividade de tradução?” O mercado de tradução começava a se estruturar, tanto assim que, como já foi visto, dez anos após esse artigo, ocorreu o I Encontro de Tradutores e a fundação da ABRATES.

Ainda sobre o *Mar de Histórias*, por ocasião do lançamento da 2ª ed. do volume IX, em 28/01/1989, é Nelson Ascher quem assina a crítica na *Folha de São Paulo*. Além de destacar os critérios de seleção dos contos, da organização dos volumes e da apresentação dos autores, Ascher é da mesma opinião que João Alexandre Barbosa pois diz que “o ponto alto da série, contudo, é a qualidade das traduções. O objetivo declarado dos organizadores era apresentar contos escritos originalmente em línguas como francês, [...] etc., respeitando o espírito da língua e da época originais e o estilo particular dos autores.” Ascher acredita que ao realizarem tal empreitada com sucesso, os autores “enriqueceram o português de uma maneira original, com inúmeras vozes e modos de narrar que não existiam anteriormente na língua.” Aqui se percebe um paralelismo entre as opiniões de Ascher e Barbosa, já que o “enriquecimento do português” de Ascher nos parece próximo do “desenvolvimento intelectual” apontado por Barbosa.

A explicação que Rónai dá para a pergunta “Por que o gênero conto?”, na entrevista que acompanha o artigo de Ascher, nos parece confirmar sua visada comparatista: “Porque é

um dos mais antigos e difíceis. O contista tem de apresentar uma história completa em duas ou três páginas. Além disso, o gênero permite uma grande variedade, tornando-se uma porta para o conhecimento das culturas e dos países”. Retomando a crítica que Bassnett faz ao modelo francês de Literatura Comparada, (ver item 2.4), que, ao contrário dos comparatistas jovens, só considerava a língua como fator distintivo, vemos pela resposta de Rónai – o gênero conto como “uma porta para o conhecimento das culturas e dos países” – que ele se enquadra na geração de comparatistas que Bassnett chama de “geração jovem”.

A publicação do 10º volume de *Mar de Histórias*, em 1990 acontece um ano após a morte de Aurélio, e dois anos antes do passamento do próprio Rónai. Seis dias antes dessa data, o jornal Tribuna, do Rio de Janeiro, publica artigo de página inteira, “O Indiana Jones das letras”, 25/11/1992, sobre o lançamento de uma nova edição do *Como Aprendi Português e Outras Aventuras*. O artigo assinado por Paulo França, diz, de forma profética: “Quanto ao português, a aventura parece ter terminado. De aprendiz, o “Indiana Jones” húngaro das letras passou a mestre, respeitado e reverenciado. Pena que uma doença na garganta o esteja emudecendo”.

6.b – MOMENTO ATUAL DA RECEPÇÃO DA OBRA DE PAULO RÓNAI – INFLUÊNCIA IRRADIADA

Uma outra maneira de testar a recepção de uma obra é verificar se atualmente a comunidade acadêmica faz uso dela, se o nome do autor é citado. Para alcançar este fim, foram aplicadas algumas estratégias de pesquisa. Primeiro, fazendo uso das facilidades que o mundo virtual oferece, foram realizadas pesquisas em variados bancos de dados online. Além disso, anotados os livros que de alguma forma lidam com a obra de Paulo Rónai; este item, provavelmente com ausências. Também pesquisados, por amostragem, os programas de alguns congressos recentes, usando a facilidade da divulgação online, em um ambiente que permite pesquisa por palavra chave.

6.b.1 Pesquisa direta

Com o objetivo da recepção e influência irradiada em mente, foi feita uma pesquisa simples no Google, com a palavra chave “Paulo Rónai”, em diversas etapas. Primeiro o nome isolado, sozinho; em seguida junto com algum de seus temas permanentes – Guimarães Rosa, Balzac, *Escola de Tradutores*, e assim por diante. Em geral o retorno desse tipo de pesquisa é alto, principalmente quando as obras de Rónai são relançadas. Alguns exemplos: com a reedição de *A Comédia Humana*, de Balzac, que a Ed. Globo está promovendo desde 2012 – atualmente já publicados 9 dos 17 volumes – e a concomitante incorporação à coleção do livro de Rónai, *Balzac e a Comédia Humana*, ao se realizar a pesquisa no Google localizam-se diversos artigos e comentários na imprensa, como por exemplo, *O Dilema do Mandarim*, de Maria Célia Martirani (2016) que faz uma análise da obra balzaquiana totalmente baseada nesse livro de Rónai, a quem cita mais de 10 vezes ao longo do artigo. Outro texto recente, que teve grande repercussão, foi o de Caetano Veloso, quando do relançamento de *Como Apreendi Português e Outras Aventuras* em 2014. Disse Caetano em sua coluna dominical no jornal O Globo:

A leitura surpreendente desse livro pequeno e despretenhoso me deu uma lição inesperada de senso de medida, de elegância eficaz, de amor respeitoso e ponderado. Paulo Rónai não saberia o quão grato um semidesorientado menino de 14 anos de Guadalupe se sente, aos 71, à sua inteligência, sua serenidade e sua confiança. Sim, a confiança natural que emana das páginas de seu livro, confiança em nós, é o que mais me marcou nessa leitura. Rónai exala uma confiança instintiva no Brasil. Tentemos viver à altura. (VELOSO, 2014)

Estes são exemplos entre vários. Também não é raro encontrar textos, artigos, palestras publicadas por instituições em que Rónai participou. Por exemplo: Rosalvo do Valle, da Academia Brasileira de Filologia, em 14 de abril de 2007 proferiu uma palestra com o título “Paulo Rónai, o latinista”, visando celebrar o “Centenário de Paulo Rónai”. O artigo da revista *Confluência*, reproduzindo a palestra, foi localizado na internet, através de uma pesquisa simples (VALLE 2006). Uma vez que o homenageado é Rónai, seu nome é citado 55 vezes no artigo.

Uma outra maneira de testar a influência irradiada por Paulo Rónai, desta vez na academia, é fazer uma pesquisa nos bancos de dados de teses das grandes instituições públicas que disponibilizam seus documentos e dão acesso online – estes sistemas, infelizmente, são recentes e não foram alimentados com as teses publicadas em períodos anteriores à era digital, portanto os resultados só dão uma panorâmica da realidade recente. Mesmo assim, a amostragem que se obtém é bem significativa para o objetivo pretendido.

O resultado está distribuído por duas categorias: (a) teses ou dissertações que tem Paulo Rónai como tema principal e (b) aquelas teses e dissertações que citam o nome de Rónai, portanto usam sua bibliografia. A seguir o resultado da primeira categoria, com todos os casos localizados, em ordem cronológica. Uma amostra do segundo tipo é apresentada na sequência.

6.b.1-A - Teses com a temática Paulo Rónai

Data	2000	Local	UNICAMP	nível	mestrado
título	<i>Rónai Pál: conflitos entre a profissionalização do tradutor e a teoria e prática da tradução</i>				
aluno	Marileide Esqueda		orientador	Prof. Dr. Paulo Ottoni	

Data	2004	Local	UNICAMP	nível	doutorado
título	<i>O tradutor Paulo Rónai: o desejo da tradução e do traduzir</i>				
aluno	Marileide Esqueda		orientador	Prof. Dr. Paulo Ottoni	

Data	2007	Local	UNESP/ASSIS/LETRAS	nível	mestrado
título	<i>Um estrangeiro entre nós: a produção crítica de Paulo Rónai (1907-1992) no “Suplemento Literário” d’O Estado de São Paulo</i>				
aluno	Andréia Carla Lopes Aredes		orientador	Dr. Alvaro Santos Simões Jr	

Data	2009	Local	USP	nível	mestrado
título	<i>Paulo Rónai, um brasileiro made in Hungary</i>				
aluno	Zsuzsanna Spiry		orientador	Profa. Dra. Lenita Rimoli Esteves	

Data	2012	Local	UFMG/ Juiz de Fora	nível	doutorado
título	<i>Paulo Rónai e o Mar de histórias: a prática crítico-tradutória de um intelectual húngaro no exílio</i>				
aluno	Adauto Lúcio Caetano Villela		orientador	Prof ^ª . Dr ^ª . Maria Clara Castellões	

Vê-se que poucas pessoas até hoje se debruçaram sobre a obra de Paulo Rónai, seja com abrangência total ou parcial. A primeira, Marileide Esqueda, defendeu mestrado e doutorado estudando Rónai do ponto de vista da desconstrução. Na tese, focou suas análises nas notas de pé de página da edição brasileira da *Comédia Humana*, de Balzac, um total de 7.493 notas. Andréia Aredes estudou os 115 artigos que Rónai publicou no Suplemento Literário d’O Estado de São Paulo, sob o enfoque da literatura. Adauto Villela buscou discutir questões políticas na já mencionada antologia de contos mundiais, *Mar de Histórias*. A minha dissertação também consta dos resultados, “Paulo Rónai, um brasileiro *made in Hungary*”, em que faço uma panorâmica de sua obra, tanto na Hungria como no Brasil, discuto sua atuação como crítico literário e tradutor, e apresento um levantamento de toda sua produção bibliográfica em ambas fases, a húngara e a brasileira.

6.b.1-B – Influência irradiada por Paulo Rónai na academia – pesquisa em bancos de tese

A segunda categoria, de pesquisa de teses e dissertações que usam Rónai como referência bibliográfica, deu cerca de 200 resultados. Os registros a seguir são uma amostra e visam dar uma idéia do tipo de resultado que se encontrou. Muitas ocorrências localizadas são na área de Letras, dentro da temática Guimarães Rosa, aqui apresentando somente uma amostra. Utiliza-se o mesmo formato de registros, acrescidos de uma célula “obs.:" onde, entre outros comentários, está registrado o número de vezes que o nome de Rónai (PR) é citado ao longo da tese ou dissertação, quando é possível verificar este dado. Algumas vezes o tipo de sistema que faz a busca fornece uma resposta segundo a sua leitura do documento, mas o texto que ele disponibiliza para o consulente não permite a busca por palavra chave; nestes casos só se consegue consultar através da bibliografia.

A seleção da amostra apresentada visa muito mais a variedade do que a quantidade, pois a intenção é dar uma ideia, a mais abrangente possível, do tipo de influência irradiada por Paulo Rónai. É comum que os autores que discutem tradução usem *EscTrad* e/ou *TradViv*, mas referências a outros livros de Rónai também são encontradas. Quem estuda Balzac dificilmente deixa de citar Rónai.

Registro 1

Data	2009	Local	PUC-RJ	nível	mestrado
título	A crítica de traduções na teoria e na prática: o caso da “Versão Brasileira”				
aluno	Regysane Botelho Cutrim Alves		orientador	Profa. Dra. Maria Paula Frota	
obs:	cita PR 25 vezes. Usa <i>EscTrad</i> .				

Registro 2

Data	2011	Local	UFSC – Literatura	nível	doutorado
título	Villiers de L’Isle-Adam: Tradução e Exorcismo, ou, A Propósito das palavras pesadas em balanças de teias de aranha e do fantástico em Claire Lenoir				
aluno	Davi de Souza		orientador	Profa. Dra. Marie-Hélène Catherine Torres	
obs:	Cita PR 9 vezes. Usa bibliografia de PR mais ampla: Contos Alemães, Contos de Prosper Mérimée, que tem introdução e prólogo de Rónai, Não Perca seu Latim.				

Registro 3

Data	2010	Local	UFSC – Programa de Pós em Estudos da	nível	mestrado
------	------	-------	--------------------------------------	-------	----------

			Tradução		
título	A tradução e o ensino de latim				
aluno	Thaís Fernandes		orientador	Prof. Dr. Mauri Furlan	
obs:	Cita PR 36 vezes. Analisa 18 “manuais didáticos de língua latina”, entre eles <i>Gradus Primus</i> e <i>Não Perca o seu Latim</i> , de Rónai.				

Registro 4

Data	2012	Local	UFRJ	nível	doutorado
título	<i>Três livros distintos e um só verdadeiro: a unidade de Corpo de Baile, de João Guimarães Rosa.</i>				
aluno	Tereza Paula Alves Calzolari		orientador	Prof. Dr. Wellington de Almeida Santos	
obs:	Cita PR 8 vezes, usa o artigo <i>Rondando os Segredos de Guimarães Rosa</i> de Rónai.				

Registro 5

Data	2010	Local	UFES – Espírito Santo	nível	doutorado
título	Drummond, A Crítica e a Escola: a invenção de um poeta nacional pelo livro didático de ensino médio				
aluno	Maria Amélia Dalvi			orientador	Profa.Dra. Cleonara Maria Schwartz
obs:	Cita PR 14 vezes. Usa <i>Pois É</i> , o último livro de ensaios de Rónai. A autora é professora de literatura.				

Registro 6

Data	2007	Local	USP	nível	mestrado
título	Camilo Pessanha: travessias entre poesia e tradução				
aluno	Fernanda Maria Romano		orientador	Profa. Dra. Mônica Muniz de Souza Simas	
obs:	Cita PR 8 vezes.				

Registro 7

Data	2006	Local	USP-Língua e Literatura Espanhola e Hispano-Americana	nível	mestrado
título	<i>Sob o olhar transcriativo da tradução: Outras leituras de Platero Y Yo</i>				
aluno	Maria Cecília Pereira		orientador	n.d.	
obs:	Cita PR 23 vezes, desde a epígrafe, resumo, ao longo de todo trabalho.				

Registro 8

Data	2007	Local	USP	nível	doutorado
título	Risada e Meia: comicidade em Tutaméia				
aluno	Jacqueline Ramos			orientador	n.d.
obs:	Cita PR 13 vezes. PR sobre Guimarães Rosa, Os Prefácios de Tutaméia.				

Registro 9

Data	2013	Local	USP	nível	doutorado
título	<i>Plástico e contraditório rascunho: a autor representação de João Guimarães</i>				

	<i>Rosa</i>		
aluno	Mônica Fernanda Rodrigues Gama	orientador	n.d.
obs:	Cita PR 16 vezes		

Registro 10

Data	1999	Local	USP	nível	mestrado
título	<i>O sertão no universo poético de João Guimarães Rosa – o recado cifrado da canção</i>				
aluno	Hélio Rosa de Miranda			orientador	n.d.
obs:	Cita PR 20 vezes. Usa o texto <i>Vastos Espaços</i> e o livro <i>Encontros com Brasil</i> . Cita pioneirismo de Rónai na fortuna crítica de Guimarães Rosa: “O grande mérito de Paulo Rónai é ter sabido colher, no calor da primeira leitura, no espaço exíguo de uma coluna de jornal, o grão sutil de uma imagem altamente poética”				

Registro 11

Data	2012	Local	USP	nível	mestrado
título	Práticas de leitura nos manuais escolares de Frances (1930-1960)				
aluno	Sahsha Kiyoko Watanabe Dellatorre		orientador	n.d.	
obs:	Estuda os manuais e livros escolares de francês produzidos na época de Rónai. Cita os 4 volumes da série <i>Mon Premier Livre</i> de Rónai.				

Registro 12

Data	2009	Local	USP/FFLCH/DLCV	nível	doutorado
título	A formação de um enfant terrible – poetização e resistência em A idade do serrote (Murilo Mendes)				
aluno	Jayme Eduardo Loureiro		orientador	n.d.	
obs:	Cita PR 12 vezes. Recepção crítica de Murilo Mendes; cita diversos críticos, inclusive Rónai; termina tese com uma citação tirada de Rónai.				

Registro 13

Data	2012	Local	USP	nível	doutorado
título	Humor e alegria em Tutaméia				
aluno	Giselle Madureira Bueno			orientador	n.d.
obs:	Cita PR 9 vezes. Usa o texto Os Prefácios de Tutaméia, de Rónai.				

Registro 14

Data	2001	Local	USP/FFLCH/ Hist. Social	nível	n.d.
título	Cultura em Comentário – uma revista de Cultura e resistência (1960-1973)				
aluno	Taciana Wiazovski		orientador	n.d.	
obs:	Rónai foi secretário desta revista <i>Comentário</i> . Colaborou com 10 publicações, além da seção Bibliografia, e foi secretário da Redação.				

Registro 15

Data	2013	Local	USP / FFLCH / Literatura Comparada	nível	doutorado
título	<i>Entre Literatura, Cinema e Filosofia: Miguilim nas Telas</i>				

aluno	Davina Marques	orientador	n.d.
obs:	Trabalha com dois textos de Rónai: “ <i>Rondando os segredos de Guimarães Rosa</i> ” e artigo da revista Matraga, nº 14.		

Registro 16

Data	2006	Local	USP/ Depto Psicologia	nível	doutorado
título	Da Mãe a Mulher				
aluno	Glaucineia Gomes de Lima		orientador	n.d.	
obs:	Cita PR 5 vezes. Utiliza os textos de Rónai sobre Balzac.				

Registro 17

Registro 17					
Data	2010	Local	UNICAMP Sociologia	nível	doutorado
título	Significado do dinheiro em Balzac				
aluno	Sara Regina Ramos Cordeiro		orientador		
obs:	Cita PR 34 vezes. Com a emergência da burguesia no século XIX o dinheiro passou a desempenhar um papel fundamental na nova configuração social. Analisa o papel do dinheiro em romances como os de Balzac.				

Registro 18

Registro 10

Data	2012	Local	UNICAMP	nível	doutorado
título	<i>Benedito Nunes e a moderna crítica literária brasileira (1946-1969)</i>				
aluno	Maria de Fátima do Nascimento		orientador	Profa. Dra. Suzi Franki Sperber	
obs:	A autora catalogou as publicações de Benedito Nunes e também tudo que foi publicado no Suplemento Literatura da <i>Folha do Norte</i> , de Belém. Nesta tese foi possível localizar 5 artigos de Paulo Rónai que não estavam catalogados em Spiry 2009.				

Registro 19

Data	1993	Local	UNICAMP	nível	doutorado
título	Traçando os Rumos da Nota do Tradutor: O Caso de O mundo Se Despedaça				
aluno	Dawn Alexis Duke			orientador	Prof. Dr. Paulo Ottoni
obs:	Analisa tradutores como Nida e Rónai. Mais um trabalho orientado por Ottoni que estuda as Notas do Tradutor, como Marileide Esqueda.				

Registro 20

Data	2012	Local	UNICAMP	nível	doutorado
título	Tradução e Língua Materna na Aula de Língua Inglesa				
aluno	Flavia Cristina de Souza Camargo		orientador	n.d.	
obs:	Cita PR via Solange Mittmann: <i>Notas do tradutor e processo tradutório: análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva</i> . Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.				

Registro 21

Data	1996	Local	UNICAMP	nível	doutorado
título	<i>Intertextualidade e Plágio: questões de linguagem e autoria</i>				

aluno	Lilian Christofe	orientador	n.d.
obs:	Usa a crítica de Rónai aos plágios de Gregório de Matos.		

Registro 22

Data	1996	Local	UNICAMP	nível	doutorado
título	<i>Poesia de Cecília Meirelles</i>				
aluno	Paola Maria Felipe dos Anjos	orientador	n.d.		
obs:	Cita 7 artigos que Rónai escreveu sobre a poesia de Cecília Meirelles.				

Registro 23

Data	2013	Local	USP/FFLCH/DLCV	nível	mestrado
título	Eça de Queirós e o Extremo Oriente				
aluno	José Carvalho Vanzelli		orientador	Profa.Dra. Aparecida de Fátima Bueno	
obs:	Faz referência ao Paradoxo do Mandarin, uma polêmica envolvendo Balzac, e ao fato de Rónai tê-lo desvendado em 1930 em artigo publicado na <i>Revue de Littérature Comparée</i> .				

Registro 24

Data	2006	Local	PUC/RJ	nível	doutorado
título	<i>Permanência e Mutações: o desafio de escrever adaptações escolares baseadas em clássicos da literatura</i>				
aluno	Mário Feijó Borges Monteiro		orientador	Profa.Dra. Marília Rothier Cardoso / Co-orientador: Prof.Dr. Antonio L. Furtado	
obs:	Cita Rónai 27 vezes e discute seus conceitos de tradução e adaptação. Cita <i>Os Meninos da Rua Paulo</i> , <i>A Tradução Vivida</i> e o <i>Escola de Tradutores</i> .				

Na época em que esta pesquisa foi elaborada, entre 2013/2014, os resultados evidenciaram que os estudantes seguem determinados padrões, caminhos já trilhados por outros. Isto aconteceu um número de vezes com os textos voltados para os Estudos da Tradução. Vários estudantes fazendo referência praticamente aos mesmos trechos do *EscTrad*, por exemplo. Por isso buscou-se apresentar uma amostra que fugisse um pouco deste padrão e pudesse delinear a variedade temática, marca registrada da obra de Paulo Rónai, como os Registros 23 e 24, por exemplo, estes sim, totalmente dentro do foco desta tese, ou o Registro 17, que analisou questões relativas à história do dinheiro através dos romances de Balzac. Ou mesmo o Registro 11, que analisa manuais de francês utilizados no ensino médio entre 1930-1960 – a atividade profissional que Rónai exerceu ao longo de toda sua vida, não somente ensinando como também produzindo material de apoio. Em entrevista à revista Aproximações (SIEWRIESKI 1988), Rónai comenta que cerca de 50% de sua receita mensal provinha dos direitos de seus livros didáticos (Ver SPIRY 2009, item 2.4,

p.160) e como a exclusão do francês e do latim dos currículos escolares o prejudicou também neste sentido.

6.b.2 - Influência irradiada por Paulo Rónai, pesquisada por outros meios

Outra forma de se verificar a influência irradiada é a frequência com que se apresentam trabalhos com citação ao nosso objeto de estudo em eventos acadêmicos, congressos, etc. Por exemplo, no congresso da ABRAPT 2013, no caderno de resumos, a pesquisa pelo nome de Paulo Rónai retornou cinco respostas. Considerando que a pesquisa somente apresenta respostas para a palavra chave quando ela está ou no título ou no resumo, obter 5 como número de respostas parece ser bem significativo, considerando se tratar de um único congresso: verificou-se que quatro respostas se referiam a comunicações apresentadas no Congresso e uma, a um Simpósio, conforme detalhado a seguir.

Em sua comunicação, Carolina Paganine (2013), professora de tradução na Universidade Federal Fluminense, se propõe a comparar tradutores que categoriza de experientes e que, no Brasil, além da prática da tradução, também se dedicaram a refletir sobre ela. E faz um estudo comparativo entre: Paulo Rónai, *A tradução vivida* (2012); José Paulo Paes, *Tradução: a ponte necessária* (1990); e Paulo Henriques Britto, *A tradução literária* (2012). Depois de destacar pontos que considera relevantes em cada obra, no final a autora conclui que:

Renomados em suas carreiras, os três tradutores contribuíram para o pensamento sobre a tradução no Brasil, fazendo parte de um percurso histórico brasileiro em que a reflexão teórica está intrinsecamente ligada à prática tradutória. Escrevendo em décadas diferentes, Rónai, Paes e Britto promovem um debate sobre a tradução literária que parte de recomendações sobre o bem traduzir (Rónai), passa pelo levantamento histórico e o texto ensaístico (Paes) e se aproxima da discussão acadêmica (Britto). Apesar das diferenças, a escrita teórica desses tradutores demonstra a relação próxima entre a teoria e a prática da tradução literária. Mesmo quando eles se propõem a abordar a tradução exclusivamente sob as lentes da prática, vê-se que essa sempre propõe um ponto para a reflexão, um ponto para exame em que, a partir daí, o tradutor toma suas decisões textuais. (PAGANINE, 2013)

Outras comunicações apresentadas na ABRAPT-2013⁶², segundo esse mesmo caderno de resumos e que deram retorno para a palavra-chave Rónai:

⁶² Caderno de resumos ABRAPT-2013, <https://abrap.files.wordpress.com/2013/11/abrap-2013-resumos.pdf> acessado online março/2016

- *O tradutor e sua formação profissional: que papel desempenham os Cursos de Letras?* Talita de Assis Barreto (UERJ/UFRJ/PUC-Rio) [Caderno de Resumos ABRAPT-2013, p. 77]
- *Influências Recebidas e Irradiadas – Caracterização das influências recebidas pelo tradutor Paulo Rónai durante sua formação na Europa e a maneira como, posteriormente, irradiou essa carga cultural no Brasil.* Zsuzsanna Spiry (USP) [Caderno de Resumos ABRAPT-2013, p. 87]
- *As Notas do Tradutor em traduções para o espanhol de textos machadianos: elementos para a análise.* Pablo Cardellino Soto (UFSC) [Caderno de Resumos ABRAPT-2013, p. 380]
- Simpósio 19: *Formação de Tradutores: Abordagens Teóricas e Prática.* Coordenadoras: Marileide Esqueda (UFU) e Leila Darin (PUC-SP). Na apresentação do simpósio, as autoras mencionam Paulo Rónai: “Nos últimos 50 anos, os estudos da tradução têm avançado grandemente, à medida que os cursos de graduação e pós-graduação fomentam a reflexão e expandem as fronteiras das teorias e práticas da tradução literária ou técnica, iniciadas com as contribuições de Paulo Rónai, em meados de 1940.” [Caderno de Resumos ABRAPT-2013, p. 218]

A recepção de Rónai, mesmo na Hungria, é confirmada pela republicação de suas traduções latinas, até hoje, e em comentários como o da revista mensal *Holmi*, edição de novembro de 2004, que só traz artigos sobre poesia e literatura clássica. O autor comenta que a tradução de Rónai, publicada em 1941, até hoje foi a que melhor resolveu a questão *dispeream nisi amat / amo*.⁶³

Também publicados na Hungria, seis dos sete capítulos da 1ª ed. do *EscTrad* juntamente com alguns capítulos de outros livros de Paulo Rónai: *Encontros com o Brasil* (ensaios literários) e *Como Aprendi Português e Outras Aventuras* (crônicas e ensaios) em um livro chamado *Latin és Mosoly – Válogatott tanulmányok* (Latim e sorriso. Seleção de ensaios) 1981. O autor húngaro Albert Sándor (2011), em “A fűvényre épített ház...” – *A fordításelméletek tudományfilozófiai alapjai*. (“Casa construída sobre areia...” – *Reflexões sobre os fundamentos teóricos da ciência da tradução*), além de apresentar vários autores conhecidos entre nós como Laurence Venuti, Gideon Toury, George Steiner, Snell-Hornby, Eugene Nida, Newmark, George Mounin, Walter Benjamin, Julia Kristeva, Roman Jakobson, Humboldt, James Holmes, Umberto Eco, Lieven D’Hulst, Susan Bassnett, só para

⁶³ http://epa.oszk.hu/01000/01050/00011/pdf/holmi_2004_11_1327-1338.pdf artigo acessado em julho/2014.

citar alguns de sua extensa bibliografia, também cita a obra *Latin és Mosoly*, de Rónai, e ao longo de todo seu texto, vai entremeando sua reflexão crítico-teórica com os outros pensadores, confrontando as diferentes abordagens sobre os mesmos temas.

Reginaldo Francisco e Cláudia Zavaglia (2008), em seu livro sobre as armadilhas da tradução do italiano para o português, fazem um uso consistente de vários textos de Rónai sobre tradução, juntamente com outros teóricos brasileiros como Francis Aubert e Heloísa Barbosa. Os autores dedicam um capítulo para discutir problemas e armadilhas relacionadas à polissemia, homonímia e paronímia. Outro capítulo é dedicado aos falsos cognatos da língua italiana. Quando discutem os problemas relacionados à estilística, fazem uso dos estudos de Heloísa Barbosa e das reflexões de Rónai principalmente em *EscTrad*. As características culturais que podem causar entraves à tradução são tratadas a partir de *TradViv*, e de Francis Aubert. Em sua bibliografia também está presente o *Guia Prático da Tradução Francesa*, o que comprova nosso comentário, de que as questões apontadas por Rónai neste livro não se referem exclusivamente ao francês. Já no primeiro parágrafo do prefácio, assinado por Alvaro Hattnher, encontra-se uma citação a Rónai:

Em texto de 1981, “Decálogo do Tradutor”, Paulo Rónai afirmava que o aprendizado constante, exigência fundamental da atividade dos tradutores profissionais, é um excelente antídoto contra a paralisação e a esclerose intelectuais. Essa afirmação eu a tenho reproduzido aos meus alunos em todas as oportunidades, na esperança de lhes mostrar a importância do estudo e da curiosidade científica na atividade de tradução. A pertinência dessa proposição mostra porque Paulo Rónai é um dos referenciais teóricos de *Parece mas não é: as armadilhas na tradução do italiano para o português*. (FRANCISCO & ZAVAGLIA, 2008, p.7)

Este capítulo não esgota o tema da influência irradiada por Rónai. Evidentemente, se existe recepção da obra atualmente, isto também se deve à disponibilidade de seus livros no mercado. Ciente disto, a família está, desde 2011, mais ou menos, republicando a maioria de suas obras.

7. Conclusão

O propósito desta tese – “A construção de qualquer história implica, como sabemos, na consideração das circunstâncias em que surge o seu objeto” (FROTA, 2006) (ver p.16) – baseou-se na constatação de um vácuo que existia na história dos Estudos da Tradução no Brasil. Fazia falta conhecer as circunstâncias em que seu marco zero veio a público, quais condições possibilitaram seu surgimento, e, principalmente, observar o objeto que representa esse marco zero e que reconhecidamente mereceu o epíteto dos membros deste campo do saber. A Historiografia da Tradução no Brasil não tinha ainda penetrado na sua própria selva virgem (MILTON, 2001) e buscado as respostas para as questões levantadas por D’Hulst (D’HULST, 2001). Sem contar com o apoio de nenhuma pesquisa anterior, acatamos a sugestão de Pym (ver p.21) – “escrevo na busca por um método, não na defesa de um” – e buscamos por uma metodologia. Como desvendar caminhos nunca dantes trilhados? Como desvendar caminhos, enfim.

Observando nosso objeto de estudo – *Escola de Tradutores*, lançado por Paulo Rónai em 1952 – não encontrávamos nenhum indício. Desprovido de elementos paratextuais, parecia um objeto nu, mal dava para chamá-lo de livro, diferente de suas futuras edições que paulatinamente foram tomando corpo. Aparentemente não observávamos um objeto pronto, acabado. Comparando-o com suas futuras edições, ficou evidente que passaria por um processo de evolução bem diante das vistas do público. Genette (ver p.23) foi quem nos deu as primeiras diretrizes. Mas faltava algo. Era necessário olhar o livro por dentro, esmiuçar seu conteúdo, entender se o crescimento físico também implicava em algum tipo de evolução textual. Haveria ali alguma evolução da reflexão teórica ou não passava de uma ampliação de conteúdo?

Foi da Crítica Genética (p.24) que veio o socorro. Aprendemos que deveríamos desenvolver um olhar diferenciado, potencializado pelos nossos objetivos, que fosse capaz de detectar os indícios que revelariam o processo criativo pelo qual a obra havia passado. Mas tal como Anthony Pym, não dispúnhamos de um método pronto. Às nossas dúvidas sobre o procedimento a seguir, a Crítica Genética foi mostrando caminhos, até mesmo quando só descrevia o seu próprio objeto, ao apresentar ao público a sua 3ª edição. Satisfeita, Salles (2008) sugere: “Ao comparar as três edições teremos um quadro bastante nítido da expansão de uma linha de pesquisa” (ver p.25). Foi necessário fazer algumas adaptações conceituais, que mais uma vez a própria Crítica Genética abonaria, e o que no

início se chamaria de manuscrito, neste projeto passou a ser considerado como “manuscrito”, ou seja, a edição que no processo da análise serviria de base de comparação para a nova edição do *EscTrad*.

Nosso livro, entretanto, nem sempre foi livro. Antes, como era normal para a época, seus capítulos tinham sido publicados na forma de artigos de jornal, que, aliás, tiveram a função de servir como nossos primeiros “manuscritos”. No modelo de análise que desenvolvemos (ver tabela II), cada nova edição do *EscTrad* foi sendo comparada com seu “manuscrito”, isto é, com sua edição anterior, e assim pudemos mapear toda evolução do conteúdo do livro. Se se puder considerar a tabela I, que detalha o formato físico da obra, como um raio-X, a tabela II pode ser descrita como uma verdadeira tomografia do *EscTrad*, tamanho é o nível de detalhamento e o volume de informações que o método permitiu extrair da sucessão de eventos, isto é, alterações que a tabela mostra. Não somente a quantidade – 122 alterações no total – mas a qualidade das análises que os eventos permitem realizar é digno de nota. Cada uma delas traz uma contribuição significativa tanto a nível individual como no conjunto – ver, por exemplo, Alt.22 em que descobrimos que Paulo Rónai teve contato com a teoria de Roman Jakobson, num primeiro momento através do americano Ruben Brower.

Além do nosso propósito básico de entender o contexto em que *EscTrad* fora lançado precisávamos também descobrir qual teria sido o *leitmotiv* para que Paulo Rónai, até então um crítico não afeito à reflexão teórica, posição declarada por ele mesmo, começasse a publicar textos que são claramente de reflexão crítico-teórica de Estudos da Tradução. Analisamos pois os *Cadernos de Cultura*, onde o seu livro fora lançado em 1ª ed.

A escola da qual Rónai é incontestavelmente um representante, que neste estudo chamamos referencialmente de “escola húngara”, tem tradução em alta conta e reflete sobre ela criticamente não como texto traduzido, mas como literatura. Porém, com o novo olhar que a CrtGen nos emprestou, por trás da leveza do estilo ronaiano, observamos indícios de que ele não pensava apenas em literatura, mas tinha sim teoria da tradução em mente. Mesmo que sua motivação inicial não tivesse ficado muito evidente no primeiro artigo que escreveu e que viria a ser o primeiro capítulo do livro *EscTrad*, o que se apresenta na Obs.15 referente a um outro artigo, *A Escola dos Tradutores*, não deixa margem a dúvidas: em 1948 Rónai já queria discutir “os problemas teóricos da tradução”. Curiosamente, a expressão viria a ser o título de um dos futuros lançamentos do teórico francês, Georges Mounin, em 1963. Mas talvez essa coincidência não seja tão fortuita. No contato íntimo que teve com a

cultura francesa ao longo dos três anos que estudou em Paris, Rónai agregou à sua carga cultural também a escola francesa da Literatura Comparada (ver item 2.4). Sua linha teórica, portanto, já não é mais puramente húngara. E já não é mais possível continuar afirmando que ele fazia crítica de tradução como se estivesse fazendo crítica literária, que seria o caso, se ele tivesse ficado restrito ao padrão da “escola húngara”.

Mais ainda, a genética da trajetória do *EscTrad* nos revela que Rónai também recebe uma terceira influência: a nova literatura que vai surgindo nas áreas que virão formar a disciplina Estudos da Tradução e que é acompanhada de perto pelo autor do *EscTrad*. As inúmeras alterações da tabela II que se referem à inserção de nova bibliografia são comentadas nas Observações Conclusivas. Pode-se assim demonstrar que a reflexão crítico-teórica de Paulo Rónai foi precursora da, e contribuiu com a evolução da própria disciplina dos Estudos da Tradução no Brasil, que sua carga cultural recebeu a contribuição da Literatura Comparada de duas escolas – a húngara e a francesa – e foi sendo enriquecida com a nova bibliografia que ia surgindo na área, que Rónai acompanhava de perto e irradiava para o público brasileiro através dos textos críticos publicados em jornais e depois incorporados ao *EscTrad*. E um importante rastro desse movimento está no Apêndice do livro, incluído por ocasião da 4ª edição. Um típico exercício de Literatura Comparada, o poema *José*, de Carlos Drummond de Andrade, comparado e discutido com três traduções: alemão, francês e inglês.

No final, fizemos uma viagem no tempo e examinamos a recepção de Rónai em dois momentos importantes: a primeira, na época em que chegou ao Brasil, através dos artigos de jornal que comentaram a sua presença e o impacto que sua colaboração provocou na cultura brasileira; a segunda, no momento atual, em que examinamos a influência irradiada pelo seu legado.

Mesmo não tendo criado teoria *per se*, a reflexão crítico-teórica de Rónai parece ter contribuído efetivamente para a formação de tradutores e de sua profissionalização, a considerar a influência irradiada por sua obra até os dias de hoje.

8. Bibliografia

8.1 Das epígrafes

BARBOSA, H G & WYLER, L. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, edited by Mona Baker, 2001 (p.326-333)

CANDIDO, A. *Prefácio*. IN: *Byron no Brasil: traduções*. Onédia C. C. Barboza. São Paulo: Ed. Ática, 1974, p.9.

FRANCISCO, R & ZAVAGLIA, C. *Parece mas não é: as armadilhas na tradução do italiano para o português*. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FROTA, M P. *O GT de Tradução da ANPOLL: história e perspectivas*. Palestra apresentada na XXI Encontro Nacional da ANPOLL, 19 a 21/07/2006. Acessado em Março/2016 http://www.anpoll.org.br/encontro/cad_prog/programacao.pdf

PAES, J P. *Tradução: a Ponte Necessária*. São Paulo: Ed. Ática, 1990.

PAGANINE, C. *Traduzir e Pensar o Traduzir: Paulo Rónai, José Paulo Paes e Paulo Henriques Britto*. ABRAPT 2013, Universidade Federal Fluminense.

RÓNAI, P. *As dez mais bonitas*. IN: Paulo Rónai, *Como Aprendi Português e outras Aventuras*. Rio de Janeiro: Min.Educ.Cultura, INL, 1956. p.62.

PAZ, O. *Translation: Literature and Letters*. IN: *Theories of Translation – An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*. Rainer Schulte & John Biguenet. Chicago and London: The Univ. Chicago Press, 1992, p.152-162, (p.157).

WYLER, L. *Línguas, Poetas e Bacharéis, Uma Crônica da Tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

8.2 Bibliografia geral

ABRALIC. *Anais do 1º Congresso Abralic*. Porto Alegre: UFRGS, 1988.

ALBERT, S. “A fővényre épített ház...” – *A fordításelméletek tudományfilozófiai alapjai*. Budapest: Áron Kiadó, 2011.

ARROWSMITH & SHATTUCK (editors). *The Craft and Context of Translation: a critical symposium*, de. USA: Anchor Books, 1964, p.IX.

ASCHER, N. *Rónai dá uma lição de rigor crítico na coletânea de ensaios “Pois É”*. In: *Folha de São Paulo*, 21/07/1990.

_____. *Paulo Rónai – Tradução e Universalidade*. In: *Pomos da Discórdia*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

AUDUBERT, A. *Do Português para o Francês*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BARBOSA, H G & WYLER, L. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, edited by Mona Baker, 2001 (p.326-333)

BARBOZA, O C C. *Byron no Brasil: traduções*. São Paulo: Ed. Ática, 1974.

BASSNETT, S. *Comparative Literature: A Critical Introduction*. Oxford (UK) & Cambridge (USA): Blackwell, 1993.

BENJAMIN, W. *The Task of the Translator*. Translated by Harry Zone. In: Rainer Schulte & John Biguenet, *Theories of Translation – An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*. Chicago-London: Univ. Chicago Press, 1992, p. 71-82.

BITTENCOURT, G N S. *A Literatura Comparada no Brasil*. Organon (UFRGS), Porto Alegre, v. 10, n. 24, 1996. <http://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/28687/17370>

BRITTO, P H. *As condições de trabalho do tradutor*. IN: *Dossiê 10 anos Cadernos de Tradução*. Cadernos de Tradução, (DLLE). Florianópolis: UFSC, 2007, v. 1, n. 19 (Acessado em Março/2016)
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/442/showToc>

CANDIDO, A. *Prefácio*. IN: *Byron no Brasil: traduções*, de Onédia C. C. Barboza. São Paulo: Ed. Ática, 1974.

CANDIDO, A. *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, 3º ed.

CARDOZO, M M. *Espaços versus prática da crítica de tradução literária no Brasil*. IN: *Dossiê 10 anos Cadernos de Tradução*. Cadernos de Tradução, (DLLE). Florianópolis: UFSC, 2007, v. 1, n. 19 (Acessado em Março/2016)
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/442/showToc>

CARVALHAL, T F. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ed. Ática, 2006, 4ª ed., 5ª impr. Série Princípios, nº 58. (1ª ed. é de 1986)

D'HULST, L. *Why and How to Write Translation Histories?* In: *CROP nº 6*, John Milton (editor) *Emerging Views on Translation History in Brazil*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 2001, p. 21-32.

Dossiê 10 anos Cadernos de Tradução. Cadernos de Tradução, (DLLE). Florianópolis: UFSC, 2007, v. 1, n. 19 (Acessado em Março/2016)
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/442/showToc>

FROTA, M P. *O GT de Tradução da ANPOLL: história e perspectivas*. Palestra apresentada na XXI Encontro Nacional da ANPOLL, 19 a 21/07/2006. (Acessado em Março/2016)
http://www.anpoll.org.br/encontro/cad_prog/programacao.pdf

GENETTE, G. *Paratextos Editoriais*. Tradução Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

HALLEWELL, L. *O Livro no Brasil: sua História*. São Paulo: EDUSP, 2012, 3ª ed.

HOLANDA, A.B. *O Brasileiro Paulo Rónai*. IN: Paulo Rónai, *A Tradução Vivida*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1981, 2ª ed., ampliada.

HOLMES, J. *The Name and Nature of Translation Studies*. In: Laurence Venutti (ed.), *The Translation Studies Reader*. London and New York: Routledge, 2000, p.172-185

JÓZAN, I. *Mű, Fordítás, Történet – Elmélkedések*. (Arte, Tradução, História – Reflexões). Budapest: Balassi Kiadó, 2009

LEAL, J. Simeão. *Uma Grande Obra Cultural*, Suplemento de Letras e Artes, A Manhã, RJ, 07/09/1952. Entrevista.

LENDVAI, P. *The Hungarians – A Thousand Years of Victory in Defeat*. New Jersey: Princeton Univ. Press, 2003.

LEFEVERE, A. *Translating Literature – Practice and Theory in a Comparative Literature Context*. New York: The Modern Language Association of America, 2011.

LOPEZ, Telê P A. *A Arqueologia dos manuscritos*. In: Eduardo Maretti (org.) *Escritores*. São Paulo: Limiar, 2002. Entrevista, p. 183-186.

LUKÁCS, J. *Budapeste 1900-Um Retrato Histórico de uma Cidade e sua Cultura*. Tradução do inglês: Ana Luiza Dantas. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. Capítulo 5: *A Geração de 1900* (p.169-220).

MACHADO, A M. *Jornal do Brasil*. Um Encontro sobre o Encanto e os Desencontros da Palavra. Rio de Janeiro: 5 de maio de 1975. Caderno B

MARTINS, M A P. *A institucionalização da tradução no Brasil: o caso da PUC-Rio*. IN: *Dossiê 10 anos Cadernos de Tradução*. Cadernos de Tradução, (DLLE). Florianópolis: UFSC, 2007, v. 1, n. 19 (Acessado em Março/2016)
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/442/showToc>

MARTIRANI, M C. *O Dilema do Mandarin*, <http://rascunho.com.br/o-dilema-do-mandarin/> consultado online em março/2016.

McCAGG, W O. Jr. *Jewish Nobles and Geniuses in Modern Hungary*. New York: Columbia Univ. Press, 1972.

MELTZL, H. *Összehasonlító Irodalomtörténelmi Lapok*. (Páginas de Literatura Comparada). 1877. Acessado em maio/2016.
<http://documente.bcucluj.ro/web/bibdgit/periodice/osszehasonlitoirodalomtortenelmi/>

MILTON, J. (editor) *Emerging Views of Translation History in Brazil*. CROP n° 6. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

MILTON, J & BANDIA, P (editors). *Agents of Translation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009, (p.1-18).

MILTON, J. *Bringing Translation into the Canon: The Importance of the Folhetim in Translation Studies in Brazil*. Via Panorâmica: Revista de Estudos Anglo-Americanos, série 3, n° 4, 2015 <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13531.pdf> Consultado online em maio/2016.

OLIVEIRA, B M J F. *José Simeão Leal: escritos de uma trajetória*. Tese de doutorado em Letras, Universidade Federal da Paraíba, 2009. Acessado em Abril/2015. http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/6264?locale=pt_BR

OLIVEIRA, Z C P. *A Biblioteca 'Fora do Tempo': Políticas Governamentais de Bibliotecas Públicas no Brasil, 1937 – 1989*. Tese de doutorado em Comunicação, USP, 1994. Disponível na biblioteca da ECA/USP

PAES, J P. *Tradução: a Ponte Necessária*. São Paulo: Ed. Ática, 1990.

PAIXÃO, F. (proj/coor) *Memória do Livro no Brasil*. São Paulo: Ed. Ática, 1998.

PAGANINE, C. (UFF). *Traduzir e Pensar o Traduzir: Paulo Rónai, José Paulo Paes e Paulo Henriques Britto*. Caderno de Resumos, ABRAPT-2013, p. 70. Acessado em maio/2016. Cópia da comunicação cedida pela autora. <https://abrapt.files.wordpress.com/2013/11/abrapt-2013-resumos.pdf>

PATAI, R. *The Jews of Hungary – History, Culture, Psychology*. Detroit: Wayne State Univ. Press, 1996.

PIRES, P R. *Editorial*. Revista *Serrote*. N° 13. São Paulo: Instituto Moreira Salles, março, 2013.

PYM, A. *Method in Translation History*. Manchester, UK: St. Jerome Publishing, 1998.

RÓNAI, P. *Brazília Űzen: mai brazil költők*. (Mensagem do Brasil: os poetas brasileiros da atualidade). Budapeste: Vajda János, 1939. Também introdução. _____. (reimpressão da 1ª edição). Budapeste: Íbis, 2001. Coleção Flora Mundi.

_____. *Jegyzetek Honoré de Balzac fiataalkori regényeihez*. (À margem dos romances de mocidade de Honoré de Balzac) Budapeste: Rónai Miksa könyvkiadó, 1930. (tese de doutoramento)

RÓNAI, P & HOLANDA, A B. *Mar de Histórias – Antologia do conto mundial*. 10 volumes. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945-1963. _____. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986-1994. _____. 4ª ed. _____. 1998. 5ª ed. _____. 2013.

RÓNAI, P. *Escola de Tradutores*. Cadernos de Cultura. Rio de Janeiro: Ministério da

Educação e Saúde, 1952. (50 p.) _____. 2ª ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956. (93 p.) _____. 3ª ed. Rio de Janeiro: Edições de Ouro Culturais, 1967. (99 p.) _____. 4ª ed. rev. aum. Rio de Janeiro: EDUCOM, 1976. (131 p.) _____. 5ª ed. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. (171 p.) _____. 6ª ed., 1989. (171 p.) _____. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 2012, (189 p.)⁶⁴

_____. *Como aprendi o português, e outras aventuras*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1956. (270 p.) _____. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Artenova, 1975. (156 p.) _____. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1992 (177 p.) _____. 4ª ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Biblioteca Nacional, 2013. (263 p.) _____. 5ª ed. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014. (263 p.)

_____. *Encontros com o Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1958. (251 p.) _____. 2ª ed. São Paulo: Secretaria da Educação do Governo de SP, Fundação para o Desenvolvimento da Educação. Rio de Janeiro: Editora Batel, 2011. (220 p.) _____. 3ª ed. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014 (239 p.)

_____. *Subsídio para Tradutores*. In: Revista do Livro, ano XII, nº 36, 1º trim. 1969, p.33.

_____. *Machado de Assis na visão de um estudioso francês*. In: Jean Michel MASSA, *A Juventude de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1971 (orelha)

_____. *A Tradução Vivida*. Rio de Janeiro: EDUCOM, 1976. (156 p.) _____. 2ª ed. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. (210 p.) _____. 3ª ed. _____. 1990. (210 p.), _____. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012, (255 p.)

_____. *Latin és Mosoly – Válogatott tanulmányok* (Latim e sorriso. Seleção de ensaios). Trad. e sel. Benyhe János. Budapeste: Europa Könyvkiadó, 1981, 2ª ed.

_____. *Babel & Antibabel, ou o problema das línguas universais*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1970.

_____. *Pois É: ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, (300 p.) _____. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012, (430 p.)

SZABOLCSI, M. (org.). *History of Hungarian Literature*. Budapest: Athenaeum, 1964. (p.187-228)

SALLES, C A. *Crítica Genética. Fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística*. São Paulo: EDUC, 2008, 3ª edição – revisada.

_____. *Gesto Inacabado. Processo de Criação Artística*. São Paulo: Annablume, 2004. 3ª edição.

_____. *Redes da Criação. Construção da obra de arte*. Vinhedo, SP: Ed. Horizonte, 2006.

⁶⁴ O conteúdo das edições dos livros de Paulo Rónai, após 1992, data do falecimento do autor, é exatamente o mesmo. Diferenças em número de páginas são devidas a edições de formatos e composições tipográficas diferentes.

_____. *Arquivos de criação: arte e curadoria*. Vinhedo, SP: Ed. Horizonte, 2010.

SIEWIERSKI, H. *A Tradução Vivida. Conversa com Paulo Rónai*. Entrevista. IN: *APROXIMAÇÕES – Europa do Leste em Língua Portuguesa*. Suplemento 2. Brasília: Lisboa: Henryk Siewierski., 1988, p.111-115.

SILVEIRA, B. *A Arte de Traduzir*. São Paulo: Melhoramentos, Ed. UNESP, 2004.

SILVEIRA, T. *Literatura Comparada*. Rio de Janeiro: GRD, 1964.

SPIRY, Z. *Paulo Rónai, um brasileiro made in Hungary*. Dissertação de mestrado. DLM/FFLCH/USP, 2009. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-18112009-154021/pt-br.php> Acessado em março/2016.

_____. *É possível traduzir poesia? O poeta húngaro Kosztolányi, na virada do século XX*. In: *TradTerm*, 16, 2010, p.129-147. Acessado online em março/2016 <http://www.revistas.usp.br/tradterm/issue/view/3789>

THEODOR, E. *Tradução – Ofício e Arte*. São Paulo: Cultrix, 1986, 3ª ed. revista.

TOURY, G. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. USA, Philadelphia: John Benjamins North America, 1995.

VALLE, R. *Paulo Rónai, o latinista*. IN: revista *Confluência*, 2006, nº 32 – ISSN 1415-7403

VELOSO, C. <http://oglobo.globo.com/cultura/ronai-9596523> acessado em julho/2014.

WANDERLEY, J. *A Tradução do Poema entre Poetas do Modernismo: Bandeira, Guilherme de Almeida, Abgar Renault*. Tese de doutorado. PUC/RJ, 1988.

WILLEMART, P. *Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2009

WYLER, L. *Línguas, Poetas e Bacharéis, Uma Crônica da Tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

8.3 Sites de pesquisa

- Biblioteca “Lucian Blaga” Central University Library (Cluj, Romênia) <http://www.bcucuj.ro/en/>
- Revista de Literatura Comparada húngara, de 1877 – a série completa pode ser consultada online <http://documente.bcucuj.ro/web/bibdigit/periodice/osszehasonlitoirodalomtortenelmi/> (completo) http://documente.bcucuj.ro/web/bibdigit/periodice/osszehasonlitoirodalomtortenelmi/1877/BCUCLUJ_FP_106543_1877_001_006.pdf (edição nº 6)
- Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional - <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>
- Biblioteca Digital USP – Teses e Dissertações - <http://www.teses.usp.br/?&lang=pt-br>

- Sistema de Bibliotecas da UNICAMP – Biblioteca Digital da UNICAMP - <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/list.php?tid=7>
- Sistema de Bibliotecas e Informações da UFRJ - <http://www.sibi.ufrj.br/servicos-pesquisa.htm>
- UNESP - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - <http://unesp.br/portal#!/cgb/bibliotecas-digitais/cthedra-biblioteca-digital-teses/>

Publicações brasileiras sobre tradução – livros, coletâneas e revistas

[fonte: FROTA, Maria Paula. *O GT de Tradução da ANPOLL: história e perspectivas*¹]

Livros:

1. 1952: *Escola de tradutores*, de Paulo Rónai (essa primeira edição foi depois revisada e ampliada)
2. 1954: *A arte de traduzir*, de Brenno Silveira (nova edição publicada em 2004)
3. 1974: *Byron no Brasil: traduções*, de Onédia Barboza
4. 1976: *A tradução vivida*, também de Rónai
5. 1976: *Tradução: ofício e arte*, de Erwin Theodor
6. 1980: *A formação do tradutor em nível universitário*, de Delton de Mattos
7. 1980: *Tartufo 81*, Guilherme Figueiredo
8. 1982: *Tradução e ruído na comunicação teatral*, de Geir Campos
9. 1986: *O que é tradução*, também de Geir Campos
10. 1986: *Oficina de tradução: a teoria na prática*, de Rosemary Arrojo
11. 1987: *Tradução intersemiótica*, de Julio Plaza
12. 1988: *A presença de Oscar Wilde na “belle époque” literária brasileira*, de Gentil de Faria
13. 1990: *Tradução: a ponte necessária*, de José Paulo Paes
14. 1990: *Procedimentos técnicos da tradução*, de Heloisa Barbosa
15. 1993: *As (in)fidelidades da tradução*, de Francis Aubert
16. 1993: *O poder da tradução*, de John Milton
17. 1993: *Poética da tradução*, de Mário Laranjeira
18. 1993: *Tradução, desconstrução e psicanálise*, de Rosemary Arrojo
19. 1998: *Tradução: teoria e prática*, de John Milton (republicação do livro anterior do autor, de 1993)
20. 1999: *Tradução e diferença*, de Cristina Carneiro Rodrigues
21. 1999: *Ossian no Brasil*, de Ofir B. de Aguiar
22. 1999: *Tradução técnica e condicionantes culturais. Primeiros passos para um estudo integrado*, de João Azenha Junior.
23. 1999: *Literatura e cinema: da semiótica à tradução cultural*, de Thaís F. N. Diniz (2ª. edição de 2003)
24. 2000: *Abordagens teóricas da tradução*, de Ofir B. de Aguiar
25. 2000: *A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na lingüística e na psicanálise*, de Maria Paula Frota
26. 2002: *Walter Benjamin: tradução e melancolia*, de Susana K. Lages

¹ Fonte: <http://letra.letras.ufmg.br/gttrad/anpoll.html> Consultado em mar/2016

27. 2002: *O Clube do Livro e a tradução*, de John Milton
28. 2002: *Tradução de humor: transcribando piadas*, de Marta Rosas
29. 2003: *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*, de Lia Wyler
30. 2003: *Tradução retextualização: a tradução numa perspectiva textual*, de Neuza G. Travaglia
31. 2003: *Notas do tradutor e processo tradutório*, de Solange Mittmann
32. 2006: *Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade*, de Lauro M. Amorim

Coletâneas:

1. 1981: *Estudos de tradutologia*, organização de Delton de Mattos (UnB)
2. 1982: *A tradução da grande obra literária*, org. de Waldivia Portinho (Abrates)
3. 1983: *Cultura e tradutologia*, org. de Delton de Mattos (UnB)
4. 1983/4: *A tradução técnica e seus problemas*, org. de Waldivia Portinho (Abrates)
5. 1991: *Tradução: teoria e prática*, org. de Malcolm Coulthard e Carmen Rosa Coulthard (UFSC)
6. 1992: *O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*, org. de Rosemary Arrojo (Unicamp)
7. 1994: *Letras em tradução*, org. de Ana B. Ferreira e outros alunos da PUC-Rio
8. 1996: *Teorizando e contextualizando a tradução*, org. de Else R. P. Vieira (UFMG)
9. 1996: *Limites da traduzibilidade*, org. de Luiz Angélico da Costa (UFBA)
10. 1998: *Tradução: a prática da diferença*, org. de Paulo Ottoni (Unicamp)
11. 1999: *Tradução e multidisciplinaridade*, org. de Marcia A. P. Martins (PUC-Rio)
12. 2000: *Práticas discursivas: instituição, tradução & literatura*, org. de Maria José P. Monteiro (UFRJ)
13. 2000: *Traduzir com autonomia*, org. de Fábio Alves, Célia Magalhães e Adriana Pagano (UFMG)
14. 2001: *Clássicos da teoria da tradução* v. 1 (alemão-português), org. de Werner Heidermann (UFSC) (como nos demais volumes da série, traduções de textos teóricos estrangeiros)
15. 2001: *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*, org. de Célia Magalhães (UFMG)
16. 2001: *Metodologias de pesquisa em tradução*, org. de Adriana Pagano (UFMG)
17. 2003: *Conversas com tradutores*, org. de Ivone Benedetti e Adail Sobral (USP)
18. 2003: *À margem das traduções*, org. de Ivo Barroso (todos os textos são de autoria de Agenor S. de Moura)
19. 2003: *Tradução: fragmentos de um diálogo*, org. de Ofir B. de Aguiar (UFG)
20. 2004: *Clássicos da teoria da tradução* v. 2 (francês-português), org. de Cláudia Faveri e Marie- Hélène Torres (UFSC)
21. 2004: *Visões e identidades brasileiras de Shakespeare*, org. de Marcia A. P. Martins (PUC-Rio)

22. 2005: *Competência em tradução: cognição e discurso*, org. de Adriana Pagano, Célia Magalhães e Fábio Alves (UFMG)
23. 2005: *Clássicos da teoria da tradução* v. 3 (italiano-português), org. de Andréia Guerini e Maria Teresa Arrigoni (UFSC)
24. 2006: *Clássicos da teoria da tradução* v. 4 (Renascimento), org. de Mauri Furlan (UFSC)
25. 2006: *Relevância em tradução: perspectivas teóricas e aplicadas*, org. de Fábio Alves e José Luiz Gonçalves (UFMG)

Revistas:

1. 1981 a 1986: *Tradução & Comunicação*, 9 números coordenados por Erwin Theodor e Julio Garcia Morejón, Faculdade Ibero-Americana de São Paulo
2. 1994: *TradTerm*, Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia (CITRAT), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP
3. 1996: *Cadernos de Tradução*, Núcleo de Estudos da Tradução (NET) da UFSC
4. 1997: *Cadernos de Literatura em Tradução*, ABRAPT e CITRAT/USP
5. 2001: *Tradução & Comunicação*, retomada pela UNIBERO, que lança o n. 10
6. 2004: *Tradução em Revista*, da área de Tradução do Departamento de Letras da PUC-Rio

Números temáticos de revistas de letras em geral:

1. 1984: *Remate de Males*, n. 4, IEL/UNICAMP
2. 1987: *Ilha do Desterro*, n.17 , UFSC
3. 1988: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, n. 11, IEL/UNICAMP
4. 1992: *Ilha do Desterro*, n. 28, UFSC
5. 1992: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, n. 19, IEL/UNICAMP
6. 1994: *Letras*, n. 8, UFSM
7. 1995: *Range Rede* - Revista de Literatura, n. 1, UFRJ
8. 1995: *Com Textos* - Revista do Departamento de Letras da UFOP, n. 6
9. 1997: *Ilha do Desterro*, n. 33, UFSC
10. 1999: *Ilha do Desterro*, n. 36, UFSC
11. 2000: *Alfa*, n. especial, UNESP
12. 2001: *Crop*, n. 6, USP
13. 2002: *Gragoatá*, n. 13, UFF
14. 2002: *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v.2/n. 2, ALAB
15. 2003: *D.E.L.T.A.*, n. especial

Reuniões do GT de Tradução nos Encontros Nacionais da ANPOLL:

1. 1986: sugerida a sua criação no I Encontro Nacional da Anpoll, UFRJ
2. 1987: primeira reunião, no II Encontro Nacional da Anpoll, UFRJ

3. 1988: segunda reunião, no III Encontro Nacional da Anpoll, UFRJ
4. 1989: terceira reunião, no IV Encontro Nacional da Anpoll, PUC-SP
5. 1990: quarta reunião, no V Encontro Nacional da Anpoll, UFPE
6. 1992: quinta reunião, no VII Encontro Nacional da Anpoll, Porto Alegre
7. 1994: sexta reunião, no IX Encontro Nacional da Anpoll, Caxambu
8. 1996: sétima reunião, no XI Encontro Nacional da Anpoll, João Pessoa
9. 1998: oitava reunião, no XIII Encontro Nacional da Anpoll, UNICAMP
10. 2000: nona reunião, no XV Encontro Nacional da Anpoll, UFF
11. 2002: décima reunião, no XVII Encontro Nacional da Anpoll, Gramado
12. 2004: décima primeira reunião, no XIX Encontro Nacional da Anpoll, Maceió
13. 2006: décima segunda reunião, no XXI Encontro Nacional da Anpoll, PUC-SP

Encontros Nacionais / Internacionais de Tradutores:

Encontro	Ano	Local
I	1975	PUC/RJ
II	1985	PUC/RJ
III	1987	UFRGS
IV	1990	USP
V	1994	UFBA
VI	1996	UFCE
VII/I	1998	USP
VIII/II	2001	UFMG
IX/III	2004	UECE

Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação (CIATI), promovido pela Unibero:

I	1998
II	2001
III	2004

Artigo assinado por Ana Maria Machado², sobre o I Encontro Nacional de Tradutores, no Rio de Janeiro, em 5/05/1975.

JORNAL DO BRASIL ☐ Rio de Janeiro, segunda-feira, 5 de maio de 1975

UM ENCONTRO SOBRE O ENCANTO E OS DESENCONTROS DA PALAVRA

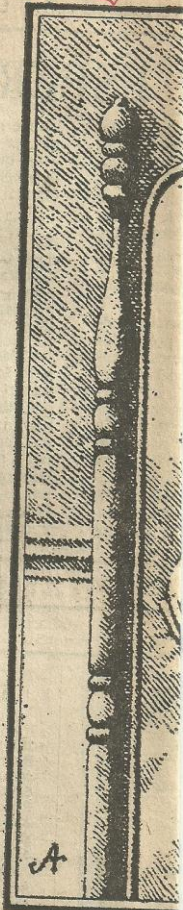
ANA MARIA MACHADO

Não há nenhuma relação direta entre o I Ciclo de Debates sobre Cultura Contemporânea que se está processando às segundas-feiras no Teatro Casa Grande e o I Encontro Nacional de Tradutores, que o Departamento de Letras e Artes da PUC promoveu há poucos dias. Mas os dois acontecimentos têm aspectos em comum — uma afluência de público muito acima do previsto, um interesse por discutir cultura, uma participação intensa de pessoas de idades e interesses diversos. O fenômeno, por si só, está merecendo uma análise mais detalhada, a cargo de especialistas em comportamento do homem em sociedade. De qualquer modo, uma coisa é certa: as palestras do Casa Grande estão na moda, são o assunto do dia, atraem as atenções. Cinema, teatro, artes plásticas, música popular, televisão, literatura são assuntos capazes de exercer um certo fascínio sobre uma larga parcela do público da Zona Sul. Todo mundo acha que entende um pouco do tema e não quer perder a chance de poder dizer alguma coisa. Mas tradução? Pois é, tradução...

QUANDO o Departamento de Letras e Artes da PUC resolveu promover três dias de conferências e debates em um Encontro Nacional de Tradutores, convidou algumas das personalidades mais representativas do setor para fazer parte da mesa. Paralelamente, procurando agir como uma verdadeira universidade, que deve trazer para fermentação a cultura viva da sociedade, abriu 150 vagas para que os alunos e demais interessados pudessem participar do plenário e acompanhar as palestras e discussões. Mas era impossível prever que a iniciativa fosse atrair tanta gente. Na véspera do início do Encontro, de manhã cedo, já não havia mais vagas, e as inscrições, teórica-

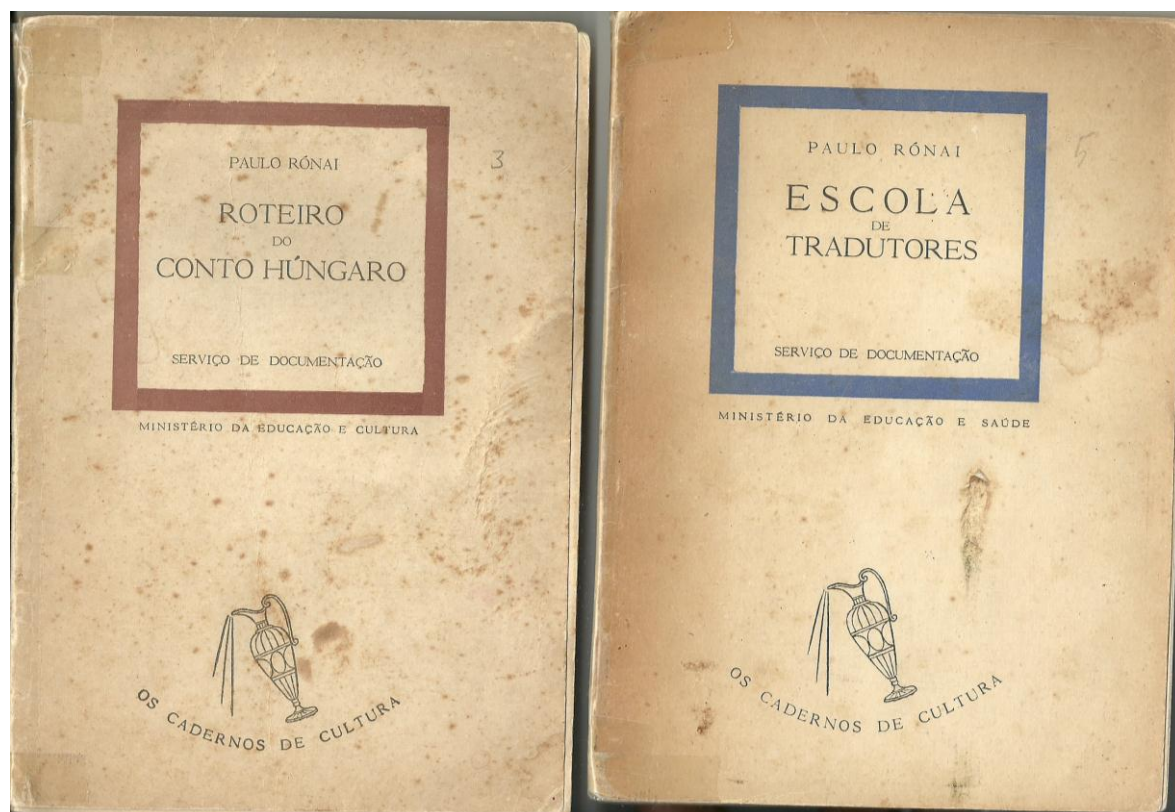
para outra, em sua parte fônica. Só repertórios extensos, grandes dicionários podem suprir o tradutor com recursos para evitar esse tipo de interferência. Mas, geralmente, segundo Antônio Houaiss, os repertórios da língua de origem dão uma apreensão do significado. Com um bom conhecimento da língua e da cultura de origem do texto, não há uma traição fundamental a ele, já que se conhece o substrato do conteúdo. Isso reforça a tese de que é indispensável o domínio da língua de destino.

CONTESTAÇÃO DAS NORMAS ☐ Lembrou ainda Antônio Houaiss que o momento



² Fonte: acervo particular de Paulo Rónai.

1ª ed. de *Escola de Tradutores* (1952) e de *Roteiro Conto Húngaro* (1954), de Paulo Rónai.³
Coleção *Os Cadernos de Cultura*, Serviço de Documentação, Ministério da Educação e Saúde



³ Livros recebidos de presente de um amigo de Paulo Rónai que vivia na Austrália, com quem a família Rónai me colocou em contato e que também virou amigo meu, querido. Arthur McDermott, aos 94 anos, cerca de seis meses antes de falecer, teve a genial idéia de me enviar, da Austrália, os livros em português que ainda tinha em seu poder, já que “over here nobody will use them anymore”. Os livros eram as 1ªs ed. autografadas por Paulo Rónai de *EscTrad*, *Roteiro do Conto Húngaro* (foto acima), *Encontros com Brasil* (que até então eu só tinha ouvido falar) e *Como Aprendi Português e Outras Aventuras*. Sem o presente generoso de Arthur McDermott, provavelmente esta tese não existiria. Foi o contato físico com a 1ª ed. a 6ª ed. do *EscTrad* juntos, a estranheza do contraste gritante, que despertou a motivação para a pesquisa aqui apresentada.

1ª contracapa do Roteiro Conto Húngaro, (nº 73), 1954. Relação de obras publicadas, até a data, nos Cadernos de Cultura – Serviço de Documentação, dirigida por J. Simeão Leal. Segue na próxima página.

OS CADERNOS DE CULTURA	
Direção de José Simeão Leal	
1 — JOSÉ JANSEN	A Máscara no Culto, no Teatro e na Tradição
2 — ÁLVARO LINS, CARPEAUX e THOMPSON	José Lins do Rego
3 — PAULO RONAI	Escola de Tradutores
4 — CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE	Viola de Bólso
5 — LÚCIO COSTA	Arquitetura Brasileira
6 — LÚCIO COSTA	Considerações Sobre a Arte Contemporânea
7 — PAULO MENDES CAMPOS	Forma e Expressão do Soneto
8 — DJACIR MENESES	Formação Profissional do Advogado
9 — H. VON KLEIST	Teatro de Marionetes
10 — ANTÔNIO CÂNDIDO	Monte Cristo, ou da Vingança
11 — LUÍS COSME	Música e Tempo
12 — JOÃO CABRAL DE MELO	Miró
13 — OTÁVIO DE FÁRIA	Significação do Far-West
14 — SANTA ROSA	Roteiro de Arte
15 — SANTA ROSA	Teatro, Realidade Mágica
16 — JOSÉ CARLOS LISBOA	Teatro de Cervantes
17 — JOSÉ CARLOS LISBOA	Isabel, a do Bom Gosto
18 — GILBERTO FREYRE	José de Alencar
19 — CLARISSE LISPECTOR	Alguns Contos
20 — MÁRIO PEDROSA	Panorama da Pintura Moderna
21 — ROSÁRIO FUSCO	Introdução à Experiência Estética
22 — CARLOS DANTE DE MORAIS	Realidade e Ficção
23 — DANTE COSTA	O Sensualismo Alimentar
24 — LÊDO IVO	Lição de Mário de Andrade
25 — EUGÊNIO GOMES	O Romancista e o Ventrilóquo
26 — JOSÉ LINS DO REGO	Homens, Séres e Coisas
27 — OTÁVIO TARQUÍNIO DE SOUSA	De Várias Províncias
28 — LÚCIA MIGUEL PEREIRA	Cinquenta Anos de Literatura
29 — ALEXANDRE PASSOS	A Imprensa no Período Colonial
30 — MANOEL DIÉGUES JÚNIOR	Etnias e Culturas no Brasil
31 — CYRO DOS ANJOS	Explorações no Tempo
32 — OSWALDINO MARQUES	O Poliedro e a Rosa
33 — FERNANDO SABINO	Lugares Comuns
34 — PERICLES MADUREIRA DE PINHO	Notas à Margem do Problema Agrário
35 — VITORINO NEMÉSIO	Portugal e o Brasil na História
36 — WILLY LEWIN	Ensaio de Circunstâncias

2ª contracapa do Roteiro Conto Húngaro (nº 73), 1954. Continuação da relação de obras publicadas, até a data, nos Cadernos de Cultura – Serviço de Documentação, dirigida por J. Simeão Leal.

37 — HERMAN LIMA	Variações Sobre o Conto
38 — HERMAN LIMA	Roteiro da Bahia
39 — FLÁVIO DE AQUINO	Três Fases do Movimento Moderno
40 — RIMBAUD	Uma Estação no Inferno
41 — SÍLVIO NEVES	Postais Inglêses
42 — JOÃO NEVES DA FOUNTOURA	Poeira de Palavras
43 — JOSÚE MONTELO	Fontes Tradicionais de Antônio Nobre
44 — ÁLVARO LINS	No Mundo do Romance Policial
45 — STEFAN BACIU	Servindo à Poesia
46 — LUÍS SANTA CRUZ	Poética Menor
47 — MIGUEL PARANHOS DE RIO BRANCO	Alexandre de Gusmão e o Tratado de 1750
48 — SÉRGIO PÔRTO	Pequena História do Jazz
49 — WILSON LOUSADA	O Caçador e as Raposas
50 — ALFREDO MARGARIDO e C. E. COSTA	Doze Jovens Poetas Portugueses
51 — OTTO MARIA CARPEAUX	Respostas e Perguntas
52 — ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS	Portugueses e Brasileiros na Guiana Francesa
53 — THEODORE HARNPERCER	Os Estados Unidos Através de sua Literatura
54 — EURICO NOGUEIRA FRANÇA	A Música no Brasil
55 — DANTE ALICHIERI	Três Cantos do Inferno
56 — EVARISTO DE MORAIS FILHO	Francisco Sanches na Renascença Portuguesa
57 — LOURIVAL GOMES MACHADO	Teorias do Barroco
58 — ALMEIDA FISCHER	A Ilha e Outros Contos
59 — CASSIANO RICARDO	A Poesia na Técnica do Romance
60 — ROBERTO ALVIM CORRÊA	Hebe ou da Educação
61 — LUIZ COSME	Horizontes de Música
62 — CELSO KELLY	Três Gênios Rebeldes
63 — RUBEM ERAGA	Três Primitivos
64 — MANUEL BANDEIRA	De Poetas e de Poesia
65 — ADONIAS FILHO	Jornal de um Escritor
66 — JOSÉ FERNANDO CARNEIRO	Apresentação de Jorge de Lima
67 — FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA	Testamento de Mário de Andrade
68 — ANÍSIO TEIXEIRA	A Universidade e a Liberdade Humana
69 — PEREGRINO JUNIOR	O Movimento Modernista
70 — AFRÂNIO COUTINHO	Por uma Crítica Estética
71 — PEDRO DE BOTELHO	3 Fragmentos
72 — OLÍVIO MONTENECRO	Ensaio

Carta de Paulo Rónai para o diretor da ETIMIG – Escola de Tradutores e Intérpretes de Belo Horizonte. Rónai foi o paraninfo da 1ª turma formada pela escola, em 11/12/1969.⁴

Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1969.

Prezado Amigo Prof. Elecy Expedito de Assis,

Como vai o Senhor? Nora e eu fazemos votos para que o esperado acontecimento familiar se tenha realizado e que tudo tenha corrido bem.

O objetivo especial destas linhas é agradecer-lhes, à Escola e ao Senhor, as inúmeras atenções de que fomos alvo e que nos farão sempre guardar da nossa excursão a Belo Horizonte uma lembrança indelével.

Remeti-lhe, logo depois de chegar, o meu livrinho Escola de Tradutores, que espero já tenha recebido. Livrinho profético no sentido de prever o nascimento da sua Escola já em 1952, e que talvez, devido à pobreza da bibliografia em Português, possa servir de texto a seus candidatos a tradutor.

Nas notas de pé de página o Amigo encontrará alguma bibliografia sobre o assunto Tradução. Mas para dar-lhe satisfação mais completa, mandei tirar uma cópia Xerox da bibliografia mais ampla que conheço: vai anexo à presente, como minha primeira colaboração a distância.

Pedi ao mesmo tempo a alguns dos meus editores que lhe remetam outros livros meus que os poderão interessar: Guia Prático da Tradução Francesa (Difusão Européia do Livro), Gramática Completa do Francês Moderno e Lectures, Langage, Litterature (J. Ozon); espero que os recebam em ordem.

Desejando-lhe assim como aos nossos amigos comuns, especialmente ao casal Ilchenko e ao Prof. Elmar, feliz Natal e Ano Bom, subscrevo-me seu grato amigo e colega

Minha esposa junta os seus agradecimentos mais sinceros aos meus, igualmente comovida pela sua gentileza.

⁴ Fonte: acervo particular de Paulo Rónai.

Carta de Paulo Rónai⁵ para Editions Payot, de Paris, em 21/11/1948.

Editions Payot
106 Boulevards Saint-Germain,
Paris. Rio de Janeiro, le 21 novembre 1948.

Messieurs,

Professeur de langues et comparatiste, je me sers beaucoup de votre excellente "Collection des Deux Textes".

En parcourant la liste dans un des derniers volumes, j'en suis arrivé à la conclusion que vous cherchez à la rendre aussi variée que possible, en y incluant des ouvrages même de littératures peu connues en France.

Si cette conclusion est exacte, je me permets de vous faire une suggestion: celle d'y insérer un texte hongrois avec la traduction française en regard.

Je pense notamment à une nouvelle de Désiré Kosztolányi, Le Mauvais Lédecin que j'ai traduite moi-même.

Kosztolányi, mort il y a une dizaine d'années, est considéré dans son pays comme un des plus grands ou peut-être le plus grand des prosateurs hongrois. Un de ses romans a paru dans Le Temps. La traduction en allemand d'un autre de ses romans, Le Poète Sanglant, fut préfacée par Thomas Mann. Plusieurs écrivains français l'ont connu personnellement: M. Georges Duhamel l'a visité à Budapest peu de temps avant sa mort. La nouvelle dont je vous parle est un petit chef-d'œuvre. Ma traduction (non signée) a paru dans la Nouvelle Revue de Hongrie de août 1941 dont vous trouverez facilement un exemplaire à la Bibliothèque Nationale ou à la Société d'Édition Les Belles Lettres, 95 boulevard Raspail, l'ancien dépositaire de cette revue à Paris. Ainsi donc si ma suggestion vous intéresse en principe, vous pourrez examiner le texte français.

Je possède ici texte et traduction et pourrai vous établir une édition soignée et annotée, en me chargeant, bien entendu, de la collection des épreuves.

Peut-être serez-vous surpris de recevoir une telle suggestion du Brésil. Vous la comprendrez quand je vous aurai dit que je suis hongrois d'origine, docteur ès lettres par l'Université de Budapest, ancien boursier du Gouvernement Français; fuyant le nazisme, je suis venu au Brésil en 1941 et depuis ce moment suis professeur au Lycée Français de Rio. Pour tous renseignements à mon sujet, vous pourrez vous adresser à M. Marcel Bouteron, et Fernand Baldensperger, à Paris, et à M. Raymond Warnier, attaché culturel près l'Ambassade de France à Budapest.

Je serais bien content que ma traduction d'un chef-d'œuvre de la littérature hongroise ne restât pas enfouie dans un fascicule de cule de revue; et je pense que même au point de vue commercial la publication pourrait avoir de l'intérêt, eu égard au grand nombre d'étudiants hongrois qui apprennent le français à Paris et, surtout, aux Facultés hongroises.

Le volume aurait à peu près le même nombre de pages que la Tchertopkanev de Tourguenev, édité dans la même collection.

Dans l'attente de vous lire, je vous prie, Messieurs, de croire à l'assurance de mes sentiments les meilleurs

Professeur au Lycée Français
Caixa Postal 3116
Rio de Janeiro

P.S. Veuillez-me renvoyer par retour du courrier un catalogue complet de vos éditions.

⁵ Fonte: acervo particular de Paulo Rónai.

Carta de Leonel Vallandro para Paulo Rónai⁶, 26/08/1948, pág. 1.

P. Alegre, 26/8/48.

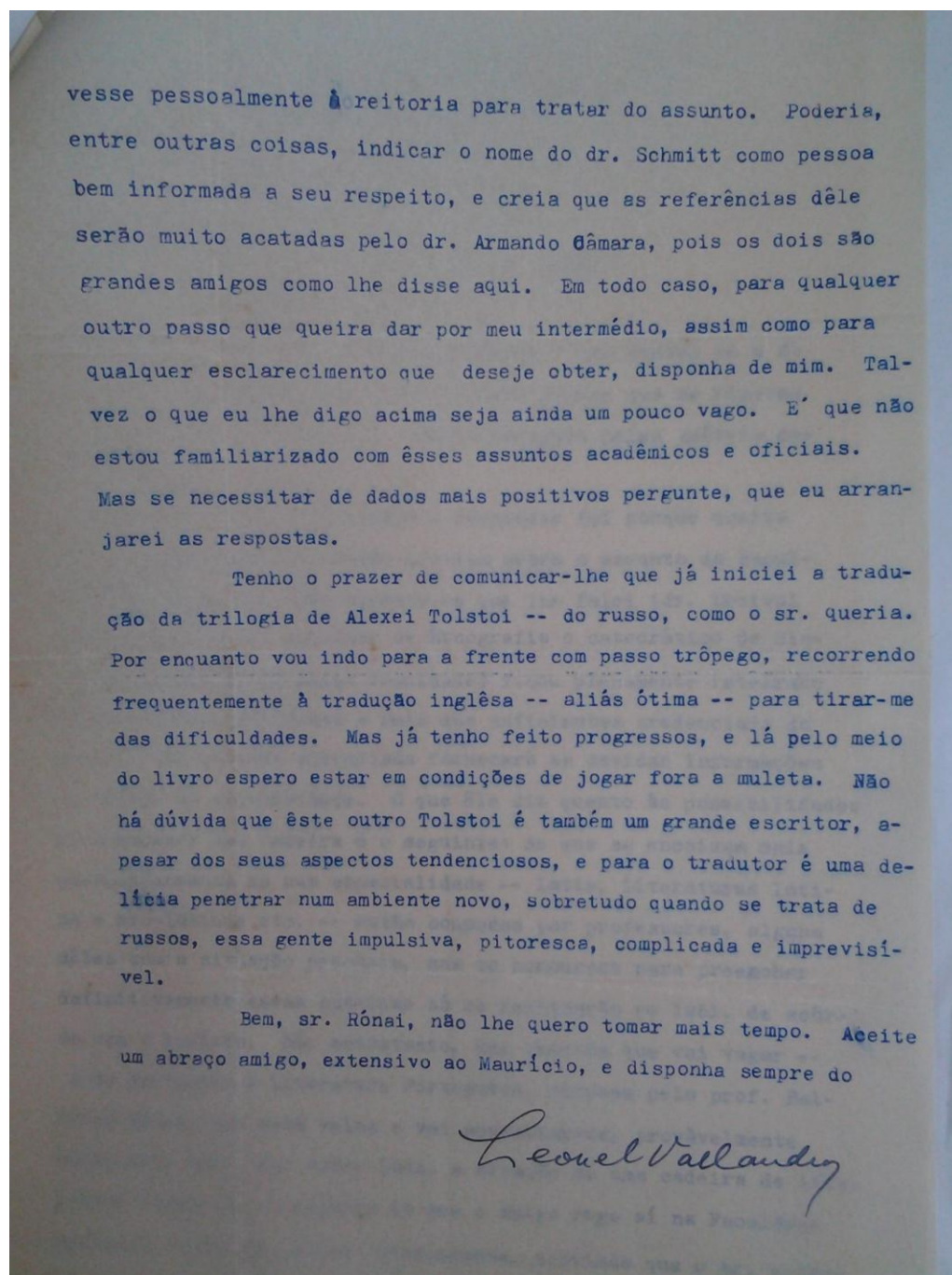
Caro amigo sr. Rónai.

Recebi com a maior satisfação o seu postal de 8 do corrente e, alguns dias depois, os dois livros que me remeteu como delicada lembrança sua. Muito obrigado pelas amáveis dedicatórias.

Se demorei um pouco a responder foi porque queria mandar-lhe alguma informação precisa sobre o assunto da Faculdade de Filosofia. Meu cunhado de que lhe falei (dr. Dorival Schmitt, professor auxiliar de Etnografia e catedrático de História da América na mesma faculdade) ficou plenamente inteirado das provectas qualidades e mais que suficientes credenciais do amigo, e na ocasião apropriada fornecerá as devidas informações ao reitor da universidade. O que êle diz quanto às possibilidades de conseguir uma cadeira é o seguinte: As que se encaixam mais particularmente na sua especialidade -- Latim, Literaturas latina e neo-latinas etc. -- estão ocupadas por professores, alguns dêles com a situação precária, mas os concursos para preencher definitivamente essas cadeiras só se realizarão em 1951, de acordo com o rodízio. Há, entretanto, uma cadeira que vai vagar -- a de Português e Literatura Portuguesa, ocupada pelo prof. Balduino Moura, que está velho e vai aposentar-se, provavelmente ainda êste ano. Por outro lado, a criação de uma cadeira de Literatura Comparada, a exemplo da que o amigo rege aí na Faculdade Nacional, podia ser muito interessante, convindo que o sr. escre-

⁶ Fonte: acervo particular de Paulo Rónai.

Continuação da carta de Leonel Vallandro para Paulo Rónai⁷, 26/08/1948, pág. 2.



⁷ Fonte: acervo particular de Paulo Rónai.

Revista húngara de literatura comparada⁸, 15 de janeiro de 1877, 1º número, 1ª página.

1877. január 15. I. sz.

ÖSSZEHASONLÍTÓ IRODALOMTÖRTÉNELMI LAPOK.

ZEITSCHRIFT FÜR VERGLEICHENDE LITTERATUR.

JOURNAL D'HISTOIRE DES LITTÉRATURES COMPARÉES.

Periodico por la historia
de la literatura comparativa.

A weekly paper for the compari-
son of history of literatures.

La papel periódico por la comparación
de las producciones de las literaturas.

Tanulmányozzuk a régi kor s más nemzetek nagy íróit, de ne utánozzuk. — A mag. mly más-
bol fává nőtt, talán kikel a mi földünkben is, de a felnőtt fa, melyet átöltünk, elcsúszol s
kivész és pedig annál hamarabb s bizonyosabban, annál szebb és nagyobb volt eredeti helyén.
Dr. EÖTVÖS (Gondolatok.)

Szerkesztők és kiadók: **Dr. Brassai Sámuel és Dr. Meltzl Hugó.**

Szerkesztői és kiadóhivatal (Bureau de redaction et administration): Kolozsvár, (Clausenbourg)
Transilvanie (Hongrie.) Főter, Tivoli.

Megjelen havonként, a szűnő Julius és Augustus kiadvánnyal 2-szer, rendszerint 1/2—1 év tartalommal;
egész éven át legkisebb 20 éves kötetben. Ára egész évre: 6 frt., fél évre 3 frt., negyed évre 1 frt. 50 kr. o. é.
Külföldön Németország kivételével, egész évre 20 francs.

Eddig megnyert munkatársak. (Collaborateurs.) Dr. Schott Wilhelm, egyet. tanár Berlinben, Dr. Mink-
witz J. egyet. tanár Lipcsében, D. Cassone Giuseppe magántudós Noto-s (sicilia). Dr. Roman O. egyet. tanár Ko-
lozsvárt, Imre Sándor, egyet. tanár ugyanott, Dr. Mayet P. a cs. jap. Biin Toko egyetem tanára Tokióban, (Yedo.)
Dr. Wessely J. K. magántudós Lipcsében, Dr. Scherr Johannes, műegyetemi tanár, Zürichben, Dr. Avenarius
R. egyet. magánt. Lipcsében, Dr. Frazeroll G. Siciliában, Dr. Thomson V. egyet. tanár Koppenhágában.

ELŐSZÓ.

Jelen folyóirat, hasonlóan a híres
Göttingische gelehrte Anzeigen címűhez
kis keretben, nagy feladatokat tűz maga
elő: melyeknek habár szerény eszközök-
kel is, emberségesen megfelelni törekszik.
Nehézségei annál jelentékenyebbek, mivel
feladatával tudomásunk szerint elhagyat-
va áll, nem lévén t. i. előde sem pedig
társa, valamennyi egyéb művelt népek iro-
dalmában, ezenfőül olyan tudománynyal
foglalkozván, mely bőlesőben fekszik még
a nagy művelt népeknél is: modern tuda-
mány, melynek mindazonáltal nálunk
már rég kezdtek belátni roppant nagy elő-
nyeit, sőt nélkülözhetetlenségét; különben
nem teremtetek volna számára tanszéket
épen a legújabb időkben, az országos két
egyetemnek egyikén. A mint az egyes indi-
viduum az ő embertársát legkevésbé sem
nélkülözheti, úgy az egyes népek sem él-
hetnek meg szakadatlan közlekedés nélkül
a szellemi vagy irodalmi téren.

Midőn a kultúrái óriási irodalmaknak
tényes nevű munkásai legnemesebb önzet-
lenséggel vállalkoztak jelen czéljaink ér-
vényesítésében való szíves közreműködés-
re, azt csak azzal a magától értetű felte-
véssel tehetjük, hogy eredeti tételeiket
teljes épségükben fogjuk bemutatni ma-
gyar lapunk magyar közönségének, mely
ugy is csak magasabb, azaz polyglott mű-
veltségű lehet. Tekintve tehát ezen önzetle-
nül adott idegen eszmék közhasznosságát,
tapintatlanság volna, hogy ha azokhoz
nyulnánk, holmi egyöntetűség, vagy egyéb
külső tekintetek kedvéért; nem is említve
azt, hogy modern tudományunk *összeho-
sonlító* elvéből csak önkényt kifolyó do-
log: a tudományos polyglottismus. Magyar
folyóiratunk tehát magyar-vezérnyelve mel-
lett, adott (és szívből óhajtott) alkalommal
polyglott tartalma is fog lenni; a mennyi-
ben kiválóan csak a fentebbi öt nagy nyelv-
ben irt czikkeket is hozand. Kisebb nem-

3

zetek nyelvei rendszerint kizárják a nagy világforgalomból, és pedig physikai okoknál fogva. A hexaglotság ellenben folyóiratunk komoly jellemét csak annál erősebben fogja feltüntetni. A polyglottismus elvéből t. i. a magyar irodalomnak nem esékély haszna lesz az által, hogy szükség esetében mi is, magunk részéről, itthon, élünk vele, p. hazánknek legjelentékenyebb irodalmi mozgalmait a nagy világnak bemutatjuk, külföldön általánosan értett nyelvekben, a lehető legegyszerűbb uton.

Ezek szerint szaklapunknak, két főfeladata lesz mely megfelel a *passiv* és *activ* két rendbeli fordítói irodalomnak a mint mi szeretnők elnevezni: vagyis egyrészt a magyar irodalom javának bemutatása külföldön és másrészt megfordítva, külföldi irodalmak javának bemutatása magyar földön, megfelelően az exportnak és importnak. Közleményeink rendszerint négy csoportból fognak állani, a. m.:

1. Eredeti essai-k, értekezések (ugy magyar, mint más nyelveken.)
2. Egyéb értekezések, kritikák. (szintugy.)
3. Irodalmi szemle, (a magyar irodalmi német, a külföldi magyar nyelven.)
4. Symmiktá (szintugy; ezek közt népdalok, mesék stb.)

Olyan törekvések mindezek, melyeket a Herderek és Goethek, babár természetesen más eszközökkel is, rég érvényesítettek a német irodalomban, és melyekre a magyarnak is valahára vállalkoznia kell, ha meg akar felelni európai állásának; oly törekvések, melyeket csak *Eötvös* jelszava alatt fejthet ki sikerrel.

Lehet ily elveket valósítani, a nélkül, hogy a tudományt hőlmi *ancilla nationis*-szá alacsonyítanók le, avagy belőle mononationalistikus gyermekkását főznénk. Lehet másrészt valósítani, anélkül

4

is, hogy kosmopolitikus ábrándok után akarnánk kapkodni, vagy humanistikus *vegyelőzozozzvia*-kba felszállani. Egyébiránt magától értetődő dolog, hogy vállalatunk tisztán tudományos vállalat, mely nem kaczérkodik semminemű heterogen czélokkal, miért is bármely nem tisztán tudományos discussio belőle kizárva marad. Szaklapunknak voltaképen csak egy missiója van: a *Szép* evangéliumának terjesztése. Ennélfogva még a közönséges tudományokkal se fog foglalkozni, mint a melyek rendszerint praktikus czéloknak szolgálnak, hanem csupán csak a par excellence irodalommal, mely a népeknek lelke, szíve: a költészettel és philosophiával, névleg metaphysikával, aesthetikával, és kritikával, legfeljebb még anthropologiával, (ethnologiával), mint a mely nélkül külföldi, névleg exoticus irodalmakat nem is érthetni át teljesen.

Tisztán tudományos és nehéz, sőt ideális czéljaink keresztülviteléhez csak igen kis és válogatott olvasókörre számíthatunk, a nagy publikum támogatásának elnyerésére semmi szándékaink nem lévén.

Kolozsvárt. 1876. deczember 18-án.

A szerkesztőség.

A ki a világ költészetébe bevezette a magyart.

Van egy olasz szójáték, mely igen elmésen fejezi ki azt a roppant nagy különbséget, mely fordítás és fordítás közt van: *traduttore* — *traditore*! Hányszor tapasztalhatta a magyar irodalom is ezt az igazságot! És mily jó ötlete a véletlennek, hogy még szóról szóra magyarrá is fordíthatni ezt az igazságot, a nélkül hogy a szójáték valamit vesztené: *fordító* — *ferdítő*! Mindamellett azonban fájdalom nincs tudomásunk arról, hogy a magyar irodalom vezénylő férfiai valami

Revista húngara de literatura comparada⁹, 15 de janeiro de 1879, número 41, pág. 1 – Mudaram o layout e adotaram o latim como língua franca. Nº de assinantes cresce e se espalha: Genebra, EUA, Zurich, Londres, Amsterdã, Itália, Frankfurt, Berlim, Constantinopla, Japão, Paris, etc.

CLAUDIOPOLI

Novae Seriei **MDCCLXXIX. die XV. Jan.** **Totius Seriei**
VOL. I. Nr. I. **III. ANNALE OPUS.** **VOL. V. Nr. XL.**

ACTA COMPARATIONIS LITTERARVM VNIVERSARVM.

ZEITSCHRIFT FÜR VERGLEICHENDE LITTERATUR.

JOURNAL DE LITTÉRATURE COMPARÉE.

FOLHAS DE LITTERATURA COMPARATIVA. **GIORNALE DI LETTERATURA COMPARATA.** **PERIÓDICO DE LITERATURA COMPARADA.**

JOURNAL OF COMPARATIVE LITERATURE.

TIDSKRIFT FÖR JEMFÖRANDE LITTERATUR. **TIJDSCHRIFT VOOR VERGELIJKENDE LETTERKUNDE.** **TIMARIT FYRIR BÓKMENTA SAMANBURDH.**

ÖSSZEHASONLÍTÓ IRODALOMTÖRTÉNELMI LAPOK.

Miserum est et vile problema, unius tantum nationis scriptorem doctum esse: philosophico quidem ingenio hic quasi terminus nullo pacto erit acceptus. Tale enim ingenium in tractando fragmento (et quid aliud quam fragmentum est natio quaeque quamvis singularissima?) acquiescere non potest.

SCHILLER. (Epistola ad Körnerum.)

EDITEURS ET ORDINATEURS: SAMUEL BRASSAI et HUGO MELTZL.

Socii operis.

Abbehoff E., Münster.	Dídal A., London.	Mainex R. L., Cádiz.	Stempel M., Berlin.
Amiel Fréd., Genève.	Epine R. A., Cádiz.	Marziale Th., London.	Storck W., Münster.
Anderson E., Madison.	Fraccaroli G., Verona.	Mayet P., Tokio (Yédo.)	Van Straalen S., London.
(U. S. A.)	Gierse A., Numburg.	Millett D., Milano.	Strong H. A., Melbourne
Avenarius B., Zürich.	Gwinner W., Frankfurt a/M.	Minckwitz J., Leipzig.	(Australia, Victoria).
Baynes J., London.	Hart H., Bremen.	Mitko E., Cairo.	Szabó K., Kolozsvár.
De Beer T. H., Amsterdam.	Hart J., Berlin.	Nerrlich P., Berlin.	Szamosi J., Kolozsvár.
De Benjumes N. D., London.	Hóman O., Kolozsvár.	Óman Y., Örebro (Sverige).	Szilasi G., Kolozsvár.
Betteloni V., Verona.	Jakudjian Werthames.	Patuzzi G. L., Verona.	Teichmann A., Basel.
Bladego G., Verona.	Kronstadt (Constantinopol).	De Peñar B. L., (La Rívera).	Teza E., Pisa.
Bozzo G., Palermo.	Imre S., Kolozsvár.	Granada.	Thersteinsson Stgr., Reyk-
Butler E. D., London.	Ingram J., London.	Podhorazky L., Paris.	javik.
Cannizzaro T., Messina.	Jochumsson M., Reikjavik.	Raptsardi M., Catania.	Vogler M., Leipzig.
Carrión A. L., Malaga.	Kanitz A., Kolozsvár.	Reillett H., Baden (b. Wien.)	Wernecke H., Weimar.
Cassone G., Noto (Sicilia).	Katscher L., London.	Scherr J., Zürich.	Weske M., Dorpat.
Chatopádhyaya Nisi Kánta Pasa.	Koltzoff-Massalsky H.,	Schmitz F. J., Aschaffenburg.	Wessely J. E., Leipzig.
Paris (Calcutta.)	(Dora d'Istria), Firenze.	Schott W., Berlin.	Wolter E., Dorpat.
Conte Cipolla F., Verona.	Körber G., Breslau.	De Spuches Principe Di Ga-	Miss Woodward A. (Foras-
Dahlmann R., Leipzig.	Kürschner J., Berlin.	lati, Palermo.	tier A.) Philadelphia.
Dederding G., Berlin.	Lindh Th., Borge.	Blaufe-Simiginowicz L. A.,	Miss Zimmermann H., London.
	De Mass P., Cádiz.	Czernowita.	

Sämmtliche Artikel unseres polyglotten Organs (zugleich eines solchen für Höhere Übersetzungskunst und sogenannte Weltliteratur) sind Original-Artikel, deren Nachdrucks, bes. Übersetzungsrecht vorbehalten bleibt.

BUREAU: KOLOZSVÁR, FÖTÉR, TIVOLI-HÁZ (HONGRIE).

Revista húngara de literatura comparada¹⁰, 15 de janeiro de 1879, número 41, pág. 2 – Exemplo de texto, em latim,

3

A. C. L. U. I. I.

Sommaire: Nr. 1. H. M. L. S. p. 2. — La Rivera. Le livre des Gatos. p. 5. — Petőfi (I-IV.) p. 10. — Revue polyglotte. p. 12. — Hymnika. (Podhorszky. Francia-bank dal a magyar királyról. — Stauff-Simulanevitz. Klein-nesioche folkslieder. I. — Wiksteckl. Volkslieder der trans. Zigeuner. (Inedita Ordinal. n. ver.) I. — W. Volkslieder der trans. Kumäsen. (Inedita) I. II. p. 14. — Correspondance 18. —

L. S.

VERTENDI ars haud dubie proxima est illi novae scientiae, quam licet Scientiam Litterarum Universalium, nempe inter se comparatarum, appellare. Artis vertendi („Műfordítás“, = „Art de traduire“ = „Übersetzungskunst“) illiusque novae scientiae summi principes, partim jam mortui, ut Luther, Dryden, Delille, Herder, Goethe, Platen, Mickiewicz, Petőfi, partim auctores etiam nunc viventes, illustrissimi scriptores Germaniae, Angliae, Galliae, Hungariae aliarumque terrarum, dudum sententiam tulerunt de hac nostra quaestione in perpetuum stabilem.

Argumentum igitur nostrum, litterarum illarum universalium conjunctio, Goethii illud praeclare dictum „Weltliteratur“, orbis terrarum sperata et conciliata scientia litterarum, quasi leve simulacrum quoddam observabatur et usque ad hunc diem observatur animis litteratorum hominum: nonnulli eorum quidem ut Koberstein¹⁾ et Gervinus²⁾, sinistre acceperunt olim hoc simulacrum! Sed ut tandem efficiamus id quod nobis propositum est, ante om-

¹⁾ Koberstein, Grundriss der Gesch. der Deutschen Nationallitt. Ed. V. Bartsch. Lips. 1873. Pars IV. p. 936. — „... worin, wie man wohl gar meinte, ein bedeutungsvolles u. vielversprechendes Vermittelungsglied zwischen den einzelnen Nationallitteraturen u. einer sogenannten Weltlitteratur sich aufzun sollte etc.“

²⁾ Gervinus, Geschichte der poetischen National-Litteratur der Deutschen. Pars V. Ed. II. Lips. 1844. p. 579: „Goethe selbst, der in seinem Alter immer wieder auf diese Weltlitteratur wohlgefällig zurück kam, hat doch selbst so weise gewarnt etc.“

921

A. C. L. U. I. I.

4

nia debemus alias quoque disciplinas et artes colere, modo finitimas ipsi litterarum universalium scientiae. Oppidum capere facile non possis, antequam opera et munimenta, quae illud cingunt, occupaveris. Pari ratione, ut ita dicam, sunt primo loco colenda disciplinarum genera, quae hodie florent: vertendi ars, comparatarum inter sese litterarum historia, linguarum variarum indoles, virtutes, copia, desideria, ut quoad fieri potest, simulacrum illud Goethii ex somnio aliquando producimus ad lucem.

Grammaticam quoque comparatam, deinde Aestheticam disciplinam, Ethnographiam, Psychologiam, Mythologiae vetustissimos fontes, Philosophiae alias plures partes nunquam debebis parvi existimare, si, quod destinatum est, ferre saltem volueris.

Nobis igitur id agendum videtur, ut pedetentim atque innumerabilium annorum intervallo veluti per speculum omnia ea contemplari liceat, quorum hic pressis tantummodo verbis facta est mentio. Neque autem excipimus litteras earum linguarum, quae vulgo mortuae dicuntur, neque illarum, quas Lepsius, illustrissimus Germanorum litteratus homo, „linguas illiteratas“ (Illiterate Languages) nominavit (Standard-Alphabet, Ed. II., London & Berlin 1862, p. XVII); receptis tamen adeo etiam illis operibus, quibus continetur poesis illiteratae linguae, quam Lepsius ille liber neglexit: Ciganorum (lingua Krom). In his quoque versatur imago hominum ingenii. Contra excludimus omnia quae nihil afferunt nisi utilitatem vitae communis, nempe jurisprudentiam in foro versantem, theologiam, medicinae artem, porro istam philologiam scholasticam et grammaticae singularia nihil comparantia studia: ut paucis di-

922

Revista húngara de literatura comparada¹¹, 15 de janeiro de 1888, número 211-212, Capa da última edição

1888. Vol. XII. Nr. 1-2.
CLAUDIOPOLI
 MDCCCLXXXVIII DIE XV. — XXXI. JAN.
 XII. ANNALE OPVS.

No-issimae Seriel
 VOL. XII. NR. 1 & 2.

Totivs Seriel
 VOL. XX. NR. CCXI—XII.

ACTA COMPARATIONIS

LITTERARVM VNIVERSARVM

ZEITSCHRIFT FÜR VERGLEICHENDE LITTERATUR.

JOURNAL DE LITTÉRATURE COMPARÉE.

FOLHAS DE LITTERATURA COMPARATIVA. GIORNALE DI LETTERATURA COMPARATA. PERIÓDICO DE LITERATURA COMPARADA.

JOURNAL OF COMPARATIVE LITERATURE.

ZAPISKI PO SRAVNITEL'NOJ LITERATURE.

TIDSKRIFT FÖR JEMFÖRANDE LITTERATUR. TIJDSCHRIFT VOOR VERGELIJKENDE LETTERKUNDE. TIMARIT FYRIR BÖKMENTA SAMANSURDH.

ÖSSZEHASONLÍTÓ IRODALMI LAPOK.

Micrum est ex vili problema, vniuersum nationis scriptorum doctum esse: philosophico quidem ingenio hic quasi terminare nullo pacto erit acceptum. Talo enim ingenium in tractando fragmenta (et quid aliud quae fragmentum est nullo quaque quavis singularissima?) acquiescere non potest. SCHILLER. (Epistola ad Körnerum.)

FUNDATORES: MELTZEL DE LOMNITZ & BRASSAI. CLAUDIOPOLI DIE XVIII. DECEMBRIS MDCCCLXXXVIII.
 SYMPTIBVS EDITORIS FONTIVM COMPARATIONIS LITTERARVM VNIVERSARVM.

Socii operis:

Abshoff E., Münster.	†Baron Gagera C., Madrid.	Mitko E., Cairo.	Storck W., München.
Mme Adam E. (J. Lamber) Paris.	Gwinner W., Frankfurt a/M.	Molbech Ch., Copenhagen.	Van Stralen S., London.
El Afoual, Tunis.	Hart H., Bremen.	De la Montagne V. A.	Strong H. A., Melbourne.
†Amiel Fréd., Genève.	Hart J., Berlin.	Antwerpen.	Szamosi J., Kolozsvár.
Anderson R., Madison. Wis.	Jakubajans Werthames.	Nerrlich P., Berlin.	Szász Károly, Budapest.
Asher D., Leipzig.	Brassé (Constantinopol.)	Olavarria y Ferrari E.	Szilágyi Sándor, Budapest.
Avenarius R., Zürich.	Ingram J., London.	Mexico.	Szilasi G., Kolozsvár.
Haynes J., London.	Jochumsson M., Rejkjavik.	Öman V., Örebro (Sverige).	Id. Sziluyei I., Budapest.
De Beer T. H., Amsterdam.	Kaulitz A., Kolozsvár.	Patuzzi G. L., Verona.	Szangott N., Szamos-Ujvár
De Benjumea N. D., London.	Laban F., Berlin.	De Peñar B. L., Granada.	Teichmann A., Basel.
Benthien P., Valparaiso.	Katscher L., London.	Perez G., Tunis.	Teza E., Pisa.
†Bergmann F. W., Strassburg.	Passe Koltzoff-Massalsky H.	Pitrè G., Palermo.	Thiaudière E., Paris.
Betteloni V., Verona.	(Dora d'Istria), Firenze.	Phillips Jr H., Philadelphia.	Thorsteffasson S., Reykjavik.
Bludogo G., Verona.	Kürber G., Breslau.	Podhorszky L., Paris.	De Török A., Kolozsvár.
Mozzo G., Palermo.	Mrs Kroeker-Freiligrath	Poestion J. C., Wien.	Voxler M., Leipzig.
Brassai S., Kolozsvár.	London.	†Pott A., Halle a/S.	Voiger O., Frankfurt a/M.
Butler E. D., London.	Kürschner J., Berlin.	Rapi-urdi M., Catania.	†Várady Antal, Róssa-Pasza
Conversano T., Messina.	Linde Th., Borgo.	Rolland E. Anny sous-Aunear	Victor W., Liverpool.
Carrion A. L., Malaga.	Miss Lloyd Capetown	Rollett H., Baden (b. Wien.)	Vivanet F., Cagliari.
Cassone G., Noto (Sicilia).	(South Africa.)	Sabatini F., Roma.	v. Walther F., St. Petersburg
Chattopadhyaya Calcutta.	De Mana P., Cádiz.	Sanders D., Alt-Strelitz.	†Wenzel G., Dresden.
Comte Cipolla F., Verona.	Maire F., London.	†Scherr J., Zürich.	Wescke H., Weimar.
Dahlmann R., Leipzig.	Marzials Th., London.	Schmitz F. J., Aschaffenburg.	Weske M., Dorpat.
Dederling G., Berlin.	Mayet P., Tokai (Yédo.)	Schott W., Berlin.	Wessely J. E., Leipzig.
Díosi A., London.	Meltzl O., Budapest.	†Principe De Spuches Di	Whitehead Ralph Kildrum-
Elhassi Ahmed, Kairuan.	Merzer P., Melbourne.	Galati, Palermo.	my (Scotland).
Espino R. A., Cádiz.	Milelli D., Milano.	Siaufe-Simiginowicz L. A.,	Wolter E., Moskau.
Falek P., Roval.	†Minckwitz J., Heidelberg.	Chernowitz.	Miss Woodward A. (Fore-
Farkas L., Kolozsvár.	Mistral F., Mailane.	Sterio P., Messina.	stler A.) Philadelphia).
Fraccaroli G., Verona.		Stempel M., Berlin.	Miss Zimmermann H., London.

REVUE POLYGLOTTE
 POUR L'ÉTUDE DES LITTÉRATURES CLASSIQUES ET POPULAIRES DE TOUTES LES NATIONS DU MONDE,
 CHANSONS, CONTES, PROVERBES, LÉGENDES, SUPERSTITIONS, DEVINETTES ET AUTRES TRADITI
 DE TOUS LES PEUPLES.
 ARTICLES DANS TOUTES LES LANGUES DU MONDE À L'AIDE DE TRADUCTIONS LITTÉRALES,
 "RÉTATIONS ETC.

Acta Comparationis für Goethe'sche Weltliteratur, höhere Übersetzungskunst, für Folklore, d. h. vergl. volkslieder-
 kunde, Parömiologie, Idiomatographie & vergl. Sprachphilosophie, sowie ähnliche vergl. anthropologisch-ethnograph.
 disziplinen, enthält lediglich original-beiträge, deren nachdruck, bez. übersetzungsrecht vorbehalten bleibt.
 Im Uitzau. verkehr der Acta Comparationis ist jede sprache der welt gleichberechtigt. Beiträge in entlegeneren
 idiomem bitten man höflichst mit interlinearversion, in einer der XII titelsprachen, event. auch transcription zu versehen.
 Die betron mitarbeiter wollen, auch zur vermittlung, in der regel bloss ihrer Muttersprache sich bedienen.

KOLOZSVÁR
 BUREAU: FÖTÉR 30. (HONGRIE). — DEMJEN'S UNIVERSITAETSBUCHHANDLUNG (MÁRTON KÁLMÁN.)
 LONDON
 TRÜBNER AND Co. AMERICAN, EUROPEAN AND ORIENTAL LITERARY AGENCY, 57, AND 59, LUDGATE HILL.

Carta de Paulo Rónai para tradutor da equipe de tradutores da *Comédia Humana*, Vidal de Oliveira, 28/03/1945, em que Rónai explica seu critério de revisão da tradução¹².

Rio de Janeiro, 28 de março de 1945.

Il.mo Sr.
Dr. Vidal de Oliveira

Saudações cordiais.

Agradecendo-lhe sua amável carta de 26 de fevereiro, peço desculpas por não ter-lhe respondido imediatamente. Os últimos trabalhos do volume I da *Comédia Humana* e outras tarefas urgentes impediram-me de fazê-lo.

A sua carta veio confirmar-me na convicção de que temos as mesmas idéias sobre o conceito da tradução e que o Senhor considera o meu trabalho o que eu gostaria que fosse realmente: uma elaboração dedicada e cordial.

As minhas observações que acompanham cada tradução devolvida, como o Senhor bem o viu, são longe de ser censuras. Como no trabalho de anotação confronto necessariamente a versão portuguesa com o original, acho bom emendar imediatamente o que me parece erro de interpretação; mas procuro justificar todas estas emendas e é esta a única finalidade das "observações".

Parece-me que o maior elogio do seu trabalho, tão competente e consciencioso, consiste justamente em ser esses meus reparos tão pouco numerosos e, quase todos, relativos a minúcias. Sou dos que sabem avaliar todas as dificuldades de sua tarefa e estou certo de que, devendo traduzir Balzac para o meu próprio idioma, não me sairia tão bem como o Senhor.

Para voltar à sua carta, acho justo o Senhor se servir do texto da Livraria Ollendorff. Não sei se ainda está traduzindo algum romance de Balzac ou se já acabou a sua parte. No primeiro caso, pedir-lhe-ia que conservasse a divisão em capítulos e os títulos dos mesmos.

Estamos perfeitamente de acordo quanto à tradução dos nomes históricos. A minha observação referia-se exclusivamente ao nome de cavaleiro "de Saint-George".

Eu também conservaria em francês "faubourg", sobretudo quando se refere ao de Saint-Germain.

Concordamos também quanto aos sentidos da palavra "quartier". Mas nos casos por mim apontados significa exatamente "aglomerado de casas de vários quarteirões" e portanto a tradução "bairro" me parece indicada. O mesmo caso se dá em vários trechos do segundo volume de nossa edição que estou anotando agora. Assim logo nas primeiras linhas trata-se de um "vieux quartier qui entoure l'Hôtel de Ville"; visto como o Hôtel de Ville em si já forma um inteiro quarteirão, a tradução certa ao meu ver é "bairro".

Espero ter um dia o prazer de conhecê-lo. Então poderemos conversar à vontade sobre a obra de Balzac, nossa paixão comum, pelo que vejo. É desnecessário dizer que, até lá, estou sempre à sua disposição e, por minha parte, agradeço-o sinceramente pela sua inestimável colaboração a nossa tarefa comum.

Subcrevo-me com todo o respeito seu sincero admirador

¹² Fonte: acervo particular de Paulo Rónai.

Artigo publicado na Hungria. Cineasta comenta como conheceu seu poeta favorito através de Paulo Rónai – Rónai Pál, na versão húngara.

GYERTYÁN ERVIN:

1980

Személyes vallomás

Utószó egy cikksorozathoz

Először 1938-ban, tizenhárom éves koromban hallottam a nevét. Ugynevezett lyukas óra volt a gimnáziumban — egy tanár megbetegedett — és helyettesíteni egy minket nem tanító fiatal tanár — **Rónai Pál** — jött be az órára. (Ma Brazíliaiban tanít egyetemen, és terjeszti a magyar kultúrát, s nem utolsósorban József Attilát.) Érdekes játékot talált ki. Verssorokat idézett s nekünk ki kellett találni, kinek melyik művéből van. Az egyik kérdés így hangzott: „Eltem, s ebbe más is belehalt már.” Senki sem tudott válaszolni rá. Rónai döbönt arcát ma is magam előtt látom: „Fiúk, ti nem ismeritek József Attilát?” Nevést se hallottuk.

Rónai Pál alighanem túlzott, amikor 1938-ban, tizenhárom éves gyerekektől József Attila ismeretét várta el, a mi fülünkbe azonban betette a bogarat: ki ez a József Attila? Tudtuk, magyar tanárunktól (halottakról vagy jót vagy semmit) nem sok felvilágosítást várhatunk. Latinra viszont **Komlós Aladár** tanított. Ő mindenkit ismer. Meg kéne umbulálni valahogy, hogy a latin grammatika rejtelsei helyett erről a József Attiláról beszéljen. De hogyan? Komlós mindig visszaverte az időhúzási, témaelterelési kísérleteket. Viszont az megszokott volt, hogy vitáinkban, fogadásainkban döntőbírául kérjük fel. Most is ezt a formát választottuk. Valaki felállt és megkérte, döntse el azt a fogadást: ismeri-e a tanár úr József Attilát? Komlós elnevette magát és váratlan engedékenység-gel „sétált be” a csapdába. Egész órán át a költőről beszélt. Hogy mit mondott, azt már nem tudnám felidézni, de azt említette, hogy barátok voltak. S ez jó, kíváncsiságunkat felkeltő referencia volt számunkra.

Nyugat költőiből József Attilába. (S talán ezért is véltem később az ízlés oldaláról is megközelíthetőnek a Nyugat hűvös tartózkodását irányába.) S már nem fordulhattam Komlós Aladárhoz, akit közben, valami titokzatos politikai vétsége miatt — ahogy akkor mondtuk — „kicsaptak” az iskolából. Amit mi valahogy ezzel a József Attilával is kapcsolatba hoztunk.

De a harcot nem adtam fel. S bár nem tudok pontos időt adni Saulusból Paulusszá térségre — hetedik (ma harmadik) koromban azért tartottam első önképzőisköri előadásomat Juhász Gyuláról, mert az időkre való tekintettel József Attilától eltanácsoltak, s ő mégis alyai barátja volt. Akkor már ő volt a költő számomra. S éppen kamaszkorom eszmélése, gátlásossága, komplexusai nyitották meg az utat feléje, másfelől az ézboltozatnak az a vészjósló elkömorulása, amely oly nyomottá tette életünket. Ekkor kezdtem kihallani költészetéből — s ilyen erővel csak az ő költészetéből — a hasonló (csak talán még súlyosabb) fájdalomak üzenetét, azt, hogy nem vagyok egyedül, hogy társaim, testvéreim vannak a megalázottságban, a lélek vergődésében, a szellem megtörtségében — s ez a vigasz, ez a festvèresülés az egyetlen elégtétel és reménysugár volt. Ekkor értettem meg, hogy József Attila a megvert ember költője, minden megvert emberé — s akik átéltek e korszakot, mindannyian megvert emberek vagyunk. Mert századunk, a XX. század — a megvert emberek százada.

Később Móricz Zsigmondnál találkoztam ezzel a gondolat-tal, illetve a magyarázatával. A Szép Szó emlékszámban. A nagy író emberi melegséggel és együttérzéssel ugyan, de a haladó polgár individualizmusával így ír a költővel kapcsolatban: „A proletárgyermek ott

Az én életemben a nagy költői szerelmek időszeke volt ez. „Ady versek, ti voltatok a szépek” — írja éppen Komlós Aladár egyik költeményében, s számomra is az Ady-szerelmem, majd a Babits-szerelmem, a Kosztolányi-, a Tóth Árpád-szerelmem kora volt ez. S hogy volt-e hiánytalanul szép e költőkön kívül kamaszkoromban — nem tudnám megmondani. De ez a beletanulás egy-egy költő csodáiba olyan gyönyörűség volt, amely a magam „túlvilágával” megőcséltette a zorduló hétköznapokat. No, s az, neki az új kalandnak. Megszerezni a költő verseit, fejest ugrani József Attilába. Úgy is lőn. Fejest ugrottam — és bevertem a fejem. A Nyugat költőit, a parasztszista tökélyt, az impresszionizmus meleg pasztellszíneit, a szimbolizmus sejtelmes varázslatossága után ridegnek, érthetetlennek tetszett számomra ez a tárgyias, kemény, evilági, mindent ki-rejtelmekkel teli líra. Hol ebben a költészet — kérdeztem magamtól és nem tudtam feleletet adni. Adyól Babitsba, Babitsból Kosztolányiba, Kosztolányiból Tóth Árpádba, Juhász Gyulába könnyebb volt „áttanulnom” magam, mint a

nyűzsűg az utca porában, mint pondró a hordóban a napon. De a proletárgyermekből nem lesz pillangó, csak proletár: elrontott emberi példány... Aki elért valahová az már nem proletár, azt meglehet nevezni műfaj szerint: éjjeli portás, vagy szén- és fakiskereskedő, vagy bádigos, vagy valami, aminek neve van, mert a neve után adót fizet: a polgár ott állapodik meg, az adófizetés az ő sűgimája. De a proletár az semmi. Az a híz és kocsonyás élő-lény... amiből soha valami nem lesz, mert elnyelte a semmi... Most ez a semmi megválthatja-e magát: hogy lesz némely semmiből Valaki? — kérdezi az író. S én gondolatban már a költővel feleltem neki. Úgy, ahogy József Attila megváltotta — a mindenséggel. Ha ez a Semmi, éppen semmiségének jogán, nem egyszerűen önmagát, hanem a semmivel degradáló világot készűl megváltani.

Mert ekkor József Attila már a megverhetetlen ember költője is volt számomra. Akit el lehet pusztítani — de legyőzni soha. Mert nemcsak vereségeiből és megaláztatásából készűl a győzelem.

Carta de Paulo Rónai para Simeão Leal

Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1959.

Meu caro Simeão Leal,

Há poucos dias em casa de um amigo reví o Prof. Jean Roche a quem conhecera há quinze anos quando era leitor de francês na Universidade de Porto Alegre. Grande estudioso de coisas nossas e amigo do Brasil, ele é atualmente diretor do Instituto de Estudos Luso-Brasileiros da Faculdade de Letras de Toulouse, onde quase duas centenas de estudantes se iniciam na nossa língua e civilização. Tendo participado dos Colóquios Luso-Brasileiros de Salvador, só pode passar no Rio um fim de semana, sendo-lhe impossível entrar em contacto com você cuja atividade acompanha e admira. Por esse motivo é por meu intermédio que lhe pede uma remessa tão completa quanto possível das publicações do Serviço de Documentação, especialmente as de carácter literário, sociológico e histórico (em primeiro lugar a bibliografia de Carpeaux, o livro de Brito Broca, os Cadernos de Cultura, etc.).

Em nome dê-lo e no meu próprio nome agradeço-lhe desde já a gentileza com que atender a esse pedido, e subscrevo-me, com um gesto abraço, seu velho amigo

Endereço: M. JEAN ROCHE
Institut d'Etudes Luso-Brésiliennes,
Faculté des Lettres de Toulouse

Carta de Paulo Rónai para Keller Imre, 06/12/1959.

Keller Imre

Rio de Janeiro, 1959 december 6.

Kedves Imre,

Csak most jutott rá idom, vagy még inkább alkalman s diszpozícióm hogy kedves levelezőlapodra válaszoljak. Tul sok minden történt ez alatt a husz év alatt, s az ember életosztóe igyekszik elsikkasztani az emlékeket. De így év vége fele eljön a mérlegcsinálás pillanata s mikor az újevi udvozleteket címetem, eszembe jutott hogy válasz-szal tartozom Neked.

Szóval élek, már csaknem 19 éve itt, megörve bár, de fogva nem. Azt talán még tudod, hogy Kupferschmidt Mártával 1936-ban kötött eljegye-zsem felbomlott. 1940 decembereben, elutazasom előtt eljegyeztem Péter Magda volt tanítványomat, de házasságot már csak meghatalmasítás után köthettünk, mert O Otthon maradt. Felszabadulás előtt pár nappal Anyjával együtt, a nyilasok megölték. Apám 1943-ban meghalt Pesten, ugyan akkor egyik öcsém a Donnal eltűnt, másik 1949-ben New Yorkban lett ongyilkos. Kató hugom itt halt meg két éve. Anyam, Klára és Evi húgaim, sógoraim itt élnek, gyökeret verték. 1952-ben újra nősültem, feleségem fiújei származásu magyar-olasz lány; építész és a megyetemen tanít ábrázoló geometriát, mint magántanár. Van két kislányunk, 6 és 4 évesek, sok orozunk van velük.

En itt az első perctől kezdve az otthoni foglalkozásomat foly-tattam. 9 évig a francia gimnáziumban tanítottam latint. 1949-ben kineveztek egy városi gimnáziumba, 1957-ben pedig az (egyetemmel egyen-jogu) állami mintagimnáziummal nyertem el egy versenyvizsga révén a francia katedrát.

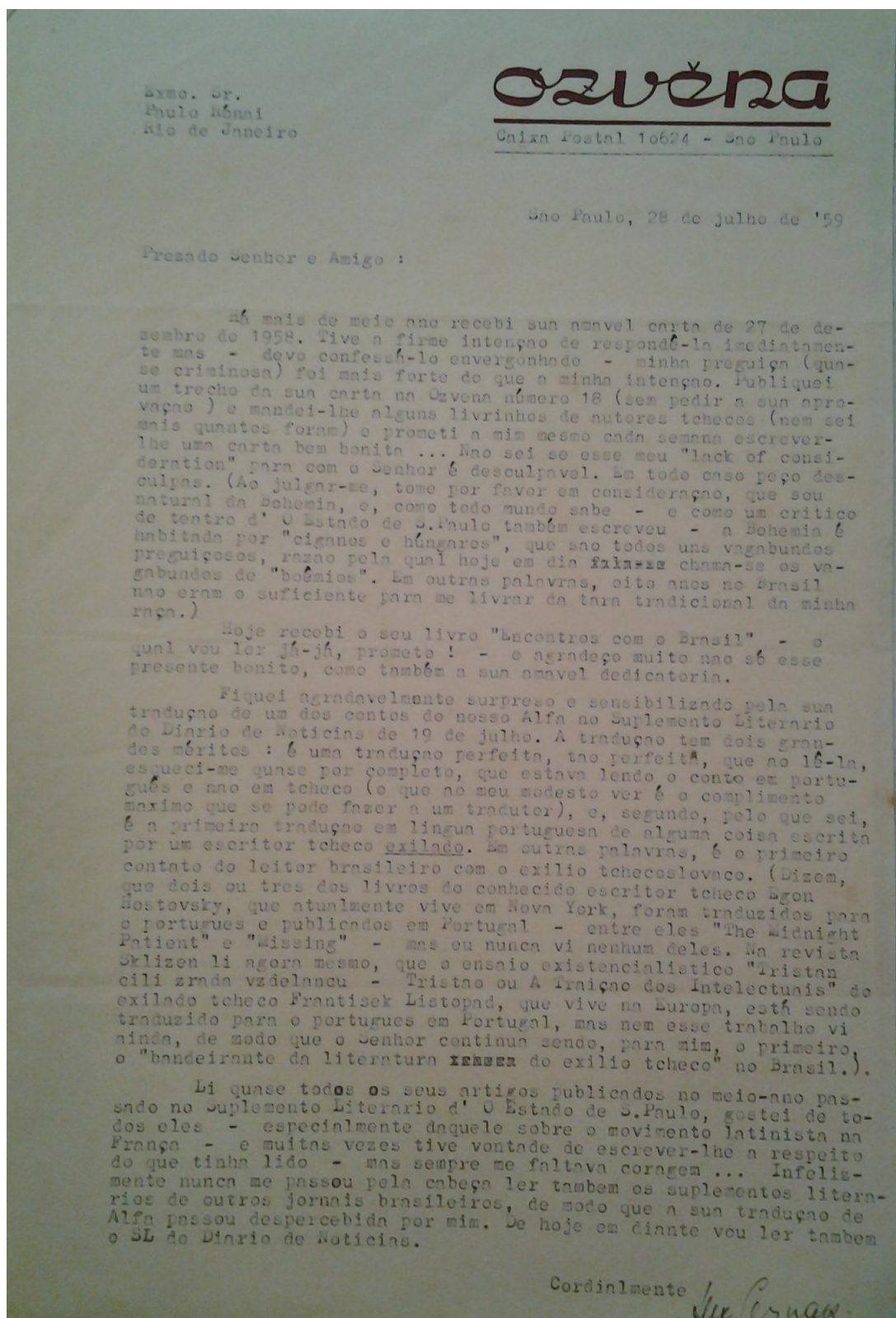
1945-óta brazil állampolgár vagyok. Többé kevésbbé brazil írónak is tekinthetem magamat, minthogy több mint 50 könyvem jelent meg eddig, köztük több kötet össze, egy sorozat francia s egy sorozat latin tan-könyv, Balzac Comédie Humaine-jének teljes jegyzetes brazil kiadása, egy magyar novella-antologia, a Pal-utcai fiúk portugál fordítása, stb. Sokat dolgozom újságokba is. Nemrégén vállaltam el egy Comentário c. brazil-országi folyóirat szerkesztését, amely az egyesült-államokbeli Commentary testverlapja (talán ismered).

Nagyjából ez az, amit kedyes érdeklődésedre válaszolhatok. Csak-nem teljesen brazilok között élek, európai multamtól majdnem teljesen elvágva s csak néha néha, mikor egy-egy régi baráttól jön egy híradás eszmelek rá, hogy az ulloi yti kaszarnyát meg a szentendrei marsot nemcsak álmodtam. Régi barataim nagyrésze egyébként elpusztult s a Pesten maradtak közül legtöbbször megszabadott az érintkezés.

Szeretném ha Te is, legalább ennyire beszámolnál életed folyásáról. Nagy nagygyúvas volt számomra megtudni hogy szaktudásodnak, lelkiismer-tesesgednek, idealizmusodnak Izrael vezzi hasznát.

A régi szeretettel ölel

Carta de Alex Ceznar para Paulo Rónai. Ozvěna significa "eco", em tcheco. 3º parágrafo citação à tradução de Rónai para um conto de Alfa, publicado na Coluna *Conto da Semana*.



dar-lhe uma facada e, por timidez, deixa que lhe extraia um dente? Esses tipos, e outros semelhantes, dão mais uma sensação de mal-estar que de hilaridade.

Na segunda fase, Tchekov mostra influência de Tolstói,³ e em alguns contos seus, alguns dos mais extensos, faz literatura interessada, com visíveis intenções sociais e morais. Há outros, porém, escritos, na maioria, nos últimos anos, em que o vemos liberto de toda influência, apresentando a humanidade sem ilusões e sem esperanças, com a resignação de um niilista lírico.

Conforme a aguda observação de um crítico,⁴ Tchekov é continuador de Turguêniev,⁵ sem o imitar, no método poético e sugestivo, oposto ao método analítico de Dostoiévski⁶ e de Tolstói. É mestre em criar atmosferas e ambientes com poucas palavras; a maior parte dos seus contos tem apenas algumas páginas. O que o liga aos membros da grande tríade é o acento de profunda simpatia humana; e essa simpatia, segundo observa o mesmo crítico, vai sempre para os errados, os desajeitados, os ineficientes.

Na volumosa e homogênea produção de Tchekov não é fácil dar preferência a este ou àquele conto. Escolhemos “Cronologia viva” por ser característico de sua primitiva maneira; “Angústia”, porque, na opinião de muitos, é um dos exemplos mais perfeitos do conto sem enredo (“Nenhum acontecimento, nem sequer o menor fato — mas um destino inteiro, terrível”);⁷ e “O marido”, por ser um espécime em que transparece, a despeito da sobriedade do traço, o fundo desespero dos últimos anos do escritor.⁸

³ Acerca de Tolstói, v. p. 70.

⁴ MIRSKY, Prince D.S. Mirsky. *Modern Russian Literature*. London: Oxford University Press, 1925. p. 88.

⁵ Acerca de Turguêniev, v. *Mar de histórias*, vol. 3.

⁶ Acerca de Dostoiévski, v. *Mar de histórias*, vol. 3.

⁷ NEMIROVSKY, op. cit., p. 171.

⁸ Texto que utilizamos: *Polnoe Sobranie Sochinenii Ant. P. Tchecova*. Sankt-Peterburg: Ed. A.F. Marx, 1903. vols. I, II, IV.

Nota introdutória ao conto “O Rochedo Negro”, de Liam O’Flaherty, publicado na Coluna *Conto da Semana*. Rio de Janeiro: *Diário de Notícias*, 12/05/1957. A tradução foi feita por Arthur McDermott – a quem dedicamos esta tese –, e revista pelos responsáveis da seção.

ESTA-SE processando na Irlanda um movimento tendente a reabilitar a antiga língua gaélica e restituir-lhe a dignidade de idioma literário. Um dos promotores dessa campanha é o famoso romancista Liam O’Flaherty (Aran, Galway, 1897), o qual depois de uma série de romances de repercussão internacional, como *O Mártir*, *Fome*, *O Delator*, *O Puritano* (os dois últimos já traduzidos em português), escritos em inglês, retoma, na sua obra mais recente, *Dúil* (*Sairséal Agus Dúil*, Baile Átha Cliath, 1953), retoma o idioma de seus antepassados.

A muitas das narrativas breves que o livro encerra falta qualquer ação ou intriga: elas nos oferecem, em compensação, imagens da sombria paisagem irlandesa e cenas da vida de um dos povos que mais teimosamente conservam suas tradições, costumes e superstições.

A tradução foi feita diretamente do original pelo sr. Arthur McDermott — intelectual irlandês que passou vários anos entre nós e aprendeu o português a ponto de nele poder interpretar razoavelmente a prosa densa e saborosa de O’Flaherty, cheia de regionalismos e termos arcaicos — e revista pelos responsáveis por esta seção.

Índice do livro *Brazília Űzen*, de 1939, com o nome dos autores brasileiros e os poemas traduzidos na antologia.

ELEFÁNTCSONTTORONY	
Aristeo Seixas: A portugál nyelv	19
Menotti del Picchia: A szonetthez	20
Olavo Bilac: A pók szerelme	21
Alberto de Oliveira: Vágyódás	22
Manuel Carlos: Kariatid	24
Pedro Saturnino: Egy tő lilom	25
Correa Junior: A szomorú költő négy barátja	26
LÉLEKTŐL LÉLEKIG	
Cruz e Souza: Lelkek börtöne	29
Cecília Meirelles: Arról, aki egyszer eljön	30
Francisco Karam: Vezeklés paráznaságért	31
Ribeiro Couto: Párbeszéd a boldogságról	32
Manuel Bandeira: Egy bús matrózhoz	33
Adalgisa Nery: Enek az újszülötthöz	35
Augusto de Almeida Filho: Vers az asszonyról	36
BRAZÍLIA FELFEDEZÉSE	
Vicente de Carvalho: Levél V. S.-hez	39
Menotti del Picchia: Szerelem	44
Cassiano Ricardo: Jel az égen	46
Ribeiro Couto: Rio de Janeiro	48
Paulo Setubal: Skandalum	49
Ribeiro Couto: Lány a vidéki állomáson	50
" " Vidék. I. Helyi történelem	51
" " II. A riói fiatalemler	51
" " III. Bezzeg a vasút...	52
Mario de Andrade: A kaucsukfacsapoló altatódája	53
Jorge de Lima: Ez a fekete Fuló!	57
Lobivar Matos: Taguimegera halála	60
Ronald de Carvalho: Brazília	61
MIRA - COELI	
Jorge de Lima: A tékozló fiú	67
Tasso da Silveira: A vizeskorsó	68
Manuel Bandeira: Egy pillanat a kávéházban	69
Carlos Drummond de Andrade: Az út közepén	70
Augusto Frederico Schmidt: Miért sírnék?	71
Jorge de Lima: Mira - Coeli	72

INDICE DAS TRADUÇÕES	
TORRE DE MARFIM: Aristeo Seixas, Língua portuguesa	
Menotti del Picchia, Soneto	
Olavo Bilac, Os amores da aranha	
Alberto de Oliveira, Aspiration	
Manuel Carlos, Cariatide	
Pedro Saturnino, O pé de açucenas	triste
Corrêa Junior, As quatro amigas do poeta/	
DE UMA ALMA Á OUTRA: Cruz e Souza, Carcere das almas	
Cecilia Meirelles, Do caminhar quebra de vir	
Francisco Karam, Libertino penitente	
Ribeiro Couto, Dialogo sobre a felicidade	
Manuel Bandeira, Merinheiro triste	
Adalgisa Nery, Poema ao recém nascido	
Augusto de Almeida Filho, Poema da minha	
companheira de trem	a V.S.
DESCOBRIMENTO DO BRASIL: Vicente Carvalho, Cartas	
Menotti del Picchia, Fascinação	
Cassiano Ricardo, Sinal do céu	
Ribeiro Couto, Rio de Janeiro	
Paulo Setubal, Escandalo	
Ribeiro Couto, A moça da estaçôzinha pobre	
" " Provincia/Historia local,	
Aspiração à estrada de ferro, Moço do	
Rio/	
Mario de Andrade, O acalanto do seringueiro	
Jorge de Lima, Essa negra Fuló	
Lobivar Matos, A morte de Taguimegera	
MIRA-COELI: Jorge de Lima, O filho prodigo	
Tasso da Silveira, O pote d'agua	
Manuel Bandeira, Momento num café	
Carlos Drummond de Andrade, No meio do ca-	
minho	
Augusto Frederico Schmidt, Porque chorar?	
Jorge de Lima, Mira-Coeli	

Correio da Manhã, 11 de janeiro de 1948. Artigo relata amizade de Rónai e Jorge de Lima.

UMA VELHA AMIZADE

LEDO IVO

E RAM dois amigos. Um morava em Macelões, o outro em Budapeste. O primeiro, ainda uma criança, fazia os seus primeiros versos e, muitas vezes, caminhando junto ao mar de sua terra, pensava nesse amigo desconhecido da Hungria, que lhe mandara um livro chamado "Buzilla Uzen" coleção de poemas brasileiros traduzidos para o seu estranho idioma.

Em uma carta escrita no dia 5 de outubro de 1939, diz o dr. Paul Rónai, ou Rónai Pál, ao seu jovem amigo: "J'ai eu des mois tres agités: une longue maladie, une opération et une période de service militaire..."

Nas pausas dessas circunstâncias que não atemorizavam o candidato à simpática classificação de jovem poeta, alguém, em um país longínquo, informava-se do movimento da inteligência brasileira, descobrindo os nossos poetas e romancistas.

Foi, portanto, uma das minhas primeiras amizades literárias esse senhor Paul Rónai e, ignorando os mistérios do intercâmbio extraterritorial, eu lhe escrevia cartas canhestras e chegava a dizer-lhe que um dia haveríamos de encontrar-nos, em uma asserção insolente que os tempos iriam concretizar, depois de tecer a sua trama de espantosos e presenças.

Lembrei-me desse amigo quando veio a guerra, cortando uma correspondência que se anunciava tão promissora; muitas vezes, lendo nos jornais os relatos de invasões e bombardeios, eu me perguntava pelo destino desse homem que era talvez o único húngaro a ler e falar a língua do meu país.

Ao chegar ao Rio, Jorge de Lima contou-me que certa vez lhe aparecera no consultório um indivíduo que, em altura, traços fisionômicos e jeito de andar incarnava sociologicamente um puro cearense. O visitante, porém, não viera do sertão do Cariri, mas de sua velha e bem-amada Budapeste. Era o senhor Paul Rónai, com quem eu iria passar uma tarde de domingo de carnaval. Recordo-me de que ele morava em um quarto, em Copacabana. Como no tempo em que vivera em Paris, o destino o devolvera a uma vida de estudante, seu quarto confirmava uma dessas surpresas que se escondem no desenho da vida como a poeira no desenho dos tapetes. Lembro-me ainda do passeio que demos pelo bairro. Meu amigo fazia-me observar a inspiração oceanica dominante nos letreiros dos bars. Eram nomes que evocavam sal, areia e mar.

Um problema realmente complexo é o do desenraizamento do artista ao seu meio nativo, e os perigos que ele corre fora de sua terra e de sua gente, insulado de suas verdades nacionais e da atmosfera que rege suas forças criadoras e os atos de sua inteligência. No caso de Paul Rónai, sua aclimação ao Brasil não nos parece ter mutilado uma personalidade que admiramos pela sua generosidade, pelo sentido fraterno que a anima, pela confiança e doçura que o envolvem, tornando-o um exemplo feliz do chamado "homem cordial" do Brasil. Já cheguei, aliás, a profetizar que esse Paul que se traduziu para Paulo Rónai correrá o perigo de incorporar-se à nossa literatura com o nome de Paulo Ramos, assim como o inglês Henry Koster chegou a ficar conhecido em Pernambuco como Henrique Costa e Georges Bernanos, para o povo de Barbacena, era simplesmente "seu" Jorge Francês.

Naturalizando-se brasileiro, Paulo Rónai começou a executar sua verdadeira finalidade entre nós — a de professor. Aprendendo a manejar o nosso idioma, terminou ensinando português a centenas de brasileiros. E' um dos poucos homens, entre quarenta milhões de habitantes, que conhecem a nova ortografia, e esse conhecimento, seguramente, o faz merecedor de uma placa de rua na ilha do Governador ou de uma estátua na zona da Central. Com a sua extraordinária vocação para as línguas, Paulo Rónai sabe latim, francês, inglês, alemão, italiano, um pouco de grego, todas as línguas da Europa Central (privilegio aliás divi-

dido sensatamente com o nosso querido Otto Maria Carpeaux). Quanto ao russo, aprendeu-o ele em um quarto de hotel em Santa Tereza.

Hoje, só uma tristeza lhe sombria o coração generoso: não ter trazido para o Brasil a sua doce Magda, que os nazistas assassinaram, como a milhões de outros seres humanos, durante a guerra. Entretanto, sabemos que logrou trazer para a nossa convivência os seus irmãos.

Falo, portanto, de um antigo cidadão de Budapeste, que mora hoje na ilha do Governador, sofrendo os tormentos das barcas como todos aqueles que, atraídos pela doçura e pela poesia do insulamento, são solicitados diariamente para os combates que se travam no continente.

Permitido-me seja saudar nestas linhas o sábio amigo que leu todos

CORREIO DA MANHÃ
11. I. 1948

Os livros, o homem sem ambições que dedica sua vida a cultivar-se intelectualmente para oferecer aos demais, em uma oferta infinita, os frutos de suas meditações e de seu pensamento. Uns nascem e são os grandes do mundo, os chefes, os ministros, os donos da existência. Outros nascem e são como o autor desse admirável "Balzac e a Comédia Humana" que tão fecundas lições abriga em suas páginas. Nascem para aprender e depois comunicar aos outros, como em uma mensagem de solidariedade humana, tudo o que aprenderam. São estes os que fazem a dignidade da vida, porque conhecem a dignidade dos livros.

Seja-me permitido saudá-lo, ao meu amigo Paulo Rónai nesta crônica que, informativa e efêmera, se destina a festejar uma velha amizade. Isso porque as crônicas, acompanhando o destino dos suplementos, passam. E as amizades, principalmente quando se referem a amigos como Paulo Rónai, acompanham o destino da vida e ficam em sua bela, silenciosa, grata e firme permanência.

Artigo de Francisco de Assis Barbosa, Revista Globo, 30/12/1944.

INFORMAÇÕES LITERÁRIAS DO RIO

Por FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA

ESSE ADMIRÁVEL E MODESTO PAULO RÓNAI

CONHECI Paulo Rónai logo depois da sua chegada ao Brasil. Amigos comuns já me haviam falado nêle: um professor húngaro que, ainda no seu país, tivera a paciência de traduzir alguns poetas brasileiros. Guardo, com carinho, um folheto Santosí Versek, com poemas de Ribeiro Couto traduzidos para a língua magiar: *Vallomások kertje, Gyengéd és szomorú dalok, Egy ember a tomegbol...* eis como ficaram os títulos dos livros de Ribeiro Couto: *Jardim das confidências, Poemetos de ternura e de melancolia, Um homem na multidão...* Estudioso das línguas neo-latina, Rónai um dia descobriu um romance de Machado de Assis, traduzido para o francês. Daí por diante esse universitário de rara cultura clássica, dotado além disso de singular inteligência, procurou ler e estudar a literatura brasileira.

Há entre o húngaro e o brasileiro um traço comum, que ressalta ainda mais quanto maiores são as nossas diferenças. Este traço está no "sense of humour" tão bem representado no livro de Manuel Antonio de Almeida, as famosas *Memórias de um sargento de milícias*. Pois foi justamente este livro que Paulo Rónai foi traduzir para o francês (Rónai conhece vários idiomas), na coleção *Les maitres des littératures américaines*, que a Atlantica Editora iniciou com a publicação do *Mémoires d'outre tombe* de Braz Cubas, de Machado de Assis, numa excelente tradução do General Chadebec de Lavallade, que foi durante anos adido militar da França junto ao governo brasileiro e que hoje se encontra mobilizado a serviço das tropas sob o comando do General De Gaulle. Manuel Antonio de Almeida escreveu o primeiro romance brasileiro; brasileiro não apenas por ter sido escrito por um autor brasileiro mas pelo caráter, pela fisionomia, pela linguagem.

Abrindo volume, num prefácio que é um modelo de concisão e de clareza, Paul Rónai passa em revista o que de melhor já se escreveu sobre a obra de Manuel Antonio, reportando-se principalmente aos ensaios de Mário de

Andrade e Astrojildo Pereira e à biografia de Marques Rebelo, livrinho que passou injustamente despercebido ao grande público. É admirável o cuidado com que foi feita a tradução, que passou para o francês conservando o mesmo frescor, o mesmo colorido, a mesma nota brasileira (seria talvez melhor dizer carioca) do original. A honestidade do tradutor está refletida nas linhas em que agradece a colaboração de um entendido em questões de filologia, Aurélio Buarque de Holanda, e de um escritor familiarizado com a língua francesa, que viveu na França grande parte de sua vida.

Paulo Rónai é um homem raro. Sua atividade intelectual tem sido das mais produtivas. No entanto, ele aparece no noticiário dos jornais. Com Aurélio Buarque de Holanda está organizando para o editor José Olímpio uma antologia do conto universal, em vários volumes, uma obra realmente notável. Para a Livraria do Globo, Rónai está dirigindo a edição monumental da "Comédia Humana", de Balzac, que abrangerá cerca de vinte volumes. Ele já remeteu para Porto Alegre os dois primeiros romances, revistos, prefaciados e anotados. Tudo faz crer que essa edição da "Comédia Humana", feita de acordo com o texto da coleção "La Pléiade", contendo abundante documentação, constituirá uma afirmação do nosso progresso editorial. E isso se deverá, em grande parte, a esse admirável e modesto Paulo Rónai.

30/12/944

REVISTA DO GLOBO

Artigo de Wilson Martins, *O Estado de São Paulo*, 29/06/1957 – colunas 1 e 2

ULTIMOS LIVROS

O homem e as línguas

WILSON MARTINS

Assim como não escolhemos nossa família, não podemos escolher os nossos compatriotas. Mas, em uma certa medida, é possível escolher uma pátria: quando o destino nos obriga a abandonar a nossa língua e as nossas tradições nacionais, é natural que, um pouco ao acaso, um pouco deliberadamente, elejamos para moradia definitiva a nação que, por um motivo ou por outro, pareça melhor responder às nossas idiossincrasias, à nossa sensibilidade. O sr. Paulo Rónai, intelectual húngaro, escolheu, simultaneamente, a liberdade e o Brasil. Eu, de minha parte, se me fosse dado escolher um compatriota, teria escolhido o sr. Paulo Rónai. E, antes de mais nada, pela estoica coragem que teve de recomeçar a vida num país estranho, sem decair da sua condição espiritual. Arthur Koesler, outro húngaro, de temperamento diferente e biografia diversa, mas que também percorreu os caminhos do mundo, refere-se, num trecho das suas memórias, aos escritores magiares, cujo drama começa no seu próprio país: "Os escritores húngaros só podiam conquistar um público mais vasto emigrando e aprendendo a escrever na língua do seu país de adoção. Mas, abandonar sua língua e suas tradições natais, é, na maior parte dos casos, a morte para um escritor, e sua transformação em jornalista cosmopolita ou em biscoiteiro literário. O principal produto de exportação da Hungria, depois da primeira Guerra Mundial, compõe-se de reporteres, cenaristas, produtores de filmes, agentes literários, desenhistas de publicidade, atrizes e fabricantes de romances de sucesso — o semimundo internacional das letras e das artes. Foram dispersados pelo mundo inteiro por essa força centrífuga que se exerce quando uma quantidade excepcional de talento se concentra num pequeno país, sem meios de expansão".

Já a segunda Grande Guerra provocaria outro tipo de emigração de intelectuais e nele se inscreve o sr. Paulo Rónai. Já então não se tratava da emigração espontânea, provocada pela grande concentração de talento num pequeno país, mas da emigração coagida, resultante da torpeza política em que a Europa mergulhou depois de 1930. Mudou, igualmente, a qualidade do imigrante: já agora foram alguns dos nomes essenciais na história da inteligência que procuraram climas mais humanos. Sem ter a larga repercussão internacional alcançada por alguns dos seus conterrâneos, o sr. Paulo Rónai era um daqueles intelectuais que mantêm, em conjunto com tantos outros, a vida espiritual de uma nação. Levado a expatriar-se, continuou no Brasil a mesma existência construtiva e fecunda de professor, condição que me parece a predominante na sua personalidade. Como professor dado ao estudo dos idiomas, foi o sr. Paulo Rónai conduzido ao conhecimento do português, num momento em que nem de longe podia sonhar com a sua transferência para o Brasil. O primeiro livro em nossa língua que lhe veio às mãos foi uma antologia das cem melhores poesias líricas da

língua portuguesa, de Carolina de Michaëlis (1), mas é curioso lembrar que, desde o princípio, o seu interesse se concentrou espontaneamente ou instintivamente no Brasil. Sem que nada o tivesse advertido, compreendeu o sr. Paulo Rónai que não era o português, mas o Brasil, que decidiria do seu destino, e, por consequência, o português do Brasil. Suas relações epistolares logo se estabeleceram com escritores ou pseudo-escritores brasileiros e, entre as suas aventuras linguísticas, creio que a mais característica e decisiva ocorreu no seu primeiro e único contacto com Portugal: "Rumei para Lisboa com todas as preocupações do exilado, mas algo consolado pela interessante experiência linguística à minha espera. Que mal me podia acontecer, se já conhecia as formas mesocliticas e o infinitivo pessoal? Sofri, porém, decepção tremenda. Passei seis semanas em Lisboa sem que conseguisse entender patavina da língua falada. Pegava do jornal e compreendia-o perfeitamente; o porteiro do hotel ou o garção do café diziam três palavras, e eu me via outra vez no matão sem cachorro. Humilhação ainda maior: os intelectuais portugueses, aos quais fui apresentado, depois de uma tentativa frustrada de falarem a sua língua comigo, recorreram ao francês. Assisti à representação de uma peça de teatro (de Carlos Selvagem, se bem me lembro), e sai tonto, sem ter compreendido o enredo; a uma aula de colégio, sem saber se os alunos tinham respondido bem ou mal; a uma defesa de tese na Faculdade de Filosofia, sem descobrir até o fim qual fora o assunto focalizado pelo candidato. Que diriam os filólogos de Budapeste, se me vissem em tais apuros? Durante a minha permanência na capital portuguesa costumava tomar diariamente determinado bonde e saltar no mesmo ponto, onde o mesmo condutor lançava o mesmo grito. Sentava-me perto do homem, apurava os ouvidos para entendê-lo, tudo em vão. Poderia perguntar, é claro, mas não seria fair play: preferia saltar envergonhado e infeliz, até que, na véspera da minha partida, veio a revelação. O condutor gritava era Restauradores; apenas, suprimia três das vogais da palavra, carregando nos rr e sibilando os ss. Fui correndo verificar na placa da esquina: tinha acertado! Mas já era tarde. No dia seguinte embarquei no Cabo de Hornos com destino ao Rio de Janeiro, atormentado por negros pressentimentos. Cheguei uns 20 dias depois. Que alívio logo de entrada! O Brasil recebia-me com uma linguagem clara, sem mistérios. Ainda não desembarcara, e já não perdia nenhuma das palavras do carregador, que, em compensação, perdeu uma das minhas malas. Entendi igualmente o funcionário da alfândega; e, de tão satisfeito, não lhe rebati a surpreendente afirmação de que o português e o húngaro eram línguas irmãs. O deslumbramento continuou na rua, no primeiro taxi, no hotel. O idioma que eu aprendera em Budapeste era mesmo o português" (pgs. 17/19).

Essa experiência é tanto mais curiosa quanto

Artigo de Wilson Martins, *O Estado de São Paulo*, 29/06/1957 – colunas 3 e 4

se sabe que, até hoje, nas universidades européias em que há cadeiras de estudos brasileiros e portugueses (quase sempre na mesma catedra), a pronúncia "oficial" é a de Portugal. Deve ser interessante, por consequência, o estudo dos escritores brasileiros, José Lins do Rego, por exemplo, ou Erico Veríssimo. Contudo, um problema mais sério é despertado por essas aventuras do sr. Paulo Rónai: aprendido somente nos textos escritos, conduziria o português normalmente à pronúncia brasileira? Eis um tema que os especialistas bem poderiam estudar mais demoradamente.

A definição intelectual do sr. Paulo Rónai é antes a de professor que a de escritor. Isso se observa, particularmente, na sua curiosidade linguística. O escritor é, por definição, o homem unilíngue. Escrever é, não apenas pensar, mas sentir na sua língua. Nada impede que essa língua não seja o idioma materno: Conrad pôde ser um escritor inglês, mas jamais seria um escritor polonês. Não há grandes escritores em mais de uma língua, embora sejam relativamente abundantes os que conseguem escrever com facilidade e até com elegância em mais de uma. Entretanto, escrever com facilidade e elegância não é ser escritor: ser escritor é criar um estilo e dificilmente se pode criar um estilo fora da língua que é a nossa (por natureza ou por eleição). Assim, pode-se dizer que o escritor vive sob o signo da língua. Já o sr. Paulo Rónai vive sob o signo das línguas, o que é diferente. Seu grande desgosto é ter deixado de aprender as duas ou três mil línguas que ignora, "confissão triste e humilhante", diz ele, "para quem desde menino sente pelos idiomas uma espécie de paixão e que, ainda hoje, cada vez que na rua ouve pessoas falarem uma língua desconhecida, tem estremecimentos de inveja". E esse é outro sinal que o afasta do escritor para aproximá-lo do professor: a língua, para o sr. Paulo Rónai, tem, antes de mais nada, uma realidade oral. O que lhe interessa é a língua falada, é o som, é a comunicação viva. Ao contrário do escritor (falo, naturalmente, do "tipo ideal"), para quem a língua é, acima de tudo, o texto, a palavra escrita. Não importa que o sr. Paulo Rónai tenha corrido à placa da esquina para confirmar a palavra Restauradores, ouvida do condutor. Ou, por outra: isso importa muito, porque a primeira idéia de um escritor teria sido justamente a que lhe ocorreu por último. O escritor teria procurado confirmar a sensação visual da leitura pela sensação auditiva da pronúncia. E' justamente essa tendência do seu espírito que o aproximou do português e do Brasil, e que o transformou, de húngaro poliglota, em brasileiro professor de... francês. Porque o sr. Paulo Rónai renegaria a si mesmo se violentasse, no Brasil, a sua vocação profunda: hoje, é ele um dos nossos maiores conhecedores do dicionário, um dos melhores maneiradores da palavra, um dos brasileiros de frase mais espontânea. Naturalmente, aqui e ali deparamos, por exemplo, com um "excesso de correção", como aquele "pegava do jornal", acima transcrito, ou com um desfalecimento muito comum entre os políglotas, a nacionalização dos vocabulários. Assim, quando emprega "repetição" por "ensaio" (pg. 248). Outras vezes, é uma insidiosa particularidade da língua que lhe escapa, como nesta frase: "Verificamos por todo o continente uma reação feroz contra as idéias semeadas pela Revolução Francesa, cuja marcha parecia paralisada para muito tempo, senão para sempre" (pg. 210).

Cito essas raríssimas incorreções apenas para mostrar que a língua escrita é mais uma questão de sentimento que uma questão de pensamento. Nos seus anos de Brasil, o sr. Paulo Rónai já sente brasileiroamente e as suas páginas podem concorrer, em elegância e correção, com as de qualquer outro escritor nosso: o que por vezes se pode verificar é faltar-lhe aquela dose de "correção espontânea" que dá, paradoxalmente, ao escritor, o sinete da autenticidade.

Como professor, o sr. Paulo Rónai trouxe para o ensino brasileiro o sopro de universalidade e de cultura desinteressada característico do pensamento europeu. Os legisladores apressados que, uma vez por ano, pretendem abolir o latim ou o francês do curso secundário, deveriam ler as sensatas considerações desse professor com experiência do magisterio e desse intelectual com a ampla visão dos problemas. Nas disputas exasperantes sobre a "necessidade" do inglês ou do francês, lembra o sr. Paulo Rónai que o problema não está na modificação do currículo, mas na modificação dos métodos de ensino, porque a verdade é que ninguém mais aprende nem francês, nem inglês, no curso secundário. Aliás, a experiência tem demonstrado que o ensino médio no Brasil responde cada vez menos à sua missão e reclama, com a maior urgência, uma reforma profunda. Não por ele mesmo, naturalmente, porque as "humanidades" não têm finalidade própria: são um meio para atingir um fim, são uma preparação para outra coisa. É a situação catastrófica do ensino secundário que provoca o alarmante problema evocado pelo sr. Paulo Rónai num dos capítulos do seu livro: o da geração sem palavras. Segundo as suas observações, que podem ser repetidas e confirmadas em todos os colégios brasileiros, os estudantes do curso secundário (e grande número dos de curso superior) "não compreendem parte considerável do vocabulário português comum". As alunas do professor Rónai não conheciam o sentido do verbo perecer e acreditavam que patrimônio significasse casamento. Da mesma forma, as palavras "prado", "recinto", "artífice", "corroborar" ou "saciar" nenhuma idéia evocam no espírito da maioria dos alunos de curso secundário.

Não se trata aí, como poderia parecer à primeira vista, de uma ignorância de português. O fenómeno é mais grave e mais profundo: é que as novas gerações brasileiras já não sabem pensar e pensam cada vez menos. O aprendizado se transformou em função mecânica e cutânea: aprendem-se "noções" (quando se aprende alguma coisa), mas não se aprende a raciocinar. Os professores do curso secundário ensinam "coisas", mas não ensinam a pensar, não despertam a curiosidade intelectual, não criam o interesse pelo estudo, pelo conhecimento. Daí, a conclusão irrefutável do sr. Paulo Rónai: essa falta de vocabulário é a causa, e, ao mesmo tempo, a consequência de uma escassez alarmante de idéias. Segundo parece, o curso secundário perdeu, no Brasil, a sua principal função, que é a função estimulante: no conjunto as causas complexas que nos levaram a essa situação não serão desprezíveis as que o sr. Paulo Rónai enumera no seu capítulo "O Latim e o Sorriso".

E' natural que as disposições do seu espírito levassem o sr. Paulo Rónai a preocupar-se com os problemas da tradução. Sua *Escola de Tradutores*, agora em 2.^a edição (2), é um livro delicioso e divertido, em que se examinam os mais diversos as-

Artigo de Wilson Martins, *O Estado de São Paulo*, 29/06/1957 – coluna 5

pectos desse exercício diabolico que se chama "tradução". Seu primeiro capítulo serviria para desanimar os mais fervorosos aprendizes de tradutores: nele se prova que a tradução é uma ilusão, a começar pelo fato de que certas coisas só podem ser ditas em determinadas linguas, da mesma forma por que, segundo a lição de Herder, aqui lembrada, "há certas idéias que só podem nascer na consciência de pessoas que falam determinada lingua, ou mesmo que nascem unicamente por certa pessoa falar determinada lingua". Além disso, os vocabulários e as sintaxes não se correspondem com a tranquila simetria imaginada pelos espiritos ingenuos. Como dizia Mario de Andrade, "calle" não é "rua" e "pantalones" não são "calças". Uma frase não diz somente o que parece dizer, nos limites lexicograficos dos seus componentes: é preciso não desprezar as suas "harmônicas", sensíveis somente na lingua em que foram originalmente escritas e que se perdem completamente na tradução. E' por isso que muitas traduções rigorosamente corretas parecem-nos "duras" ou infieis, simplesmente porque, pronunciada em outra lingua, a expressão original esvaziou-se da sua substancia. Daí a conclusão à primeira vista paradoxal do sr. Paulo Rónai: "Desde então, em materia de traduzir, contentamo-nos de aproximações. Procuramos, por um esforço de imaginação, meter-nos na pele do autor e dizer o que ele diria se falasse a nossa lingua. Para ser fiel, o tradutor, além do indispensavel conhecimento dos dois idiomas, precisa sobretudo de imaginação".

E' claro que todos esses problemas somente se apresentam na tradução literaria ou na tradução tecnica de um certo nivel. Estas ultimas são sobretudo difíceis quando exigem um vocabulario novo, inexistente na lingua passiva, ou quando dependem daquelas "idéias intraduzíveis" mencionadas pelo sr. Paulo Rónai. Fala-se, por exemplo, nos esforços virtuosisticos desenvolvidos por um Papa quando se viu obrigado a traduzir "motocicleta" para o latim... Contudo, ao contrario do que vulgarmente se pensa, tanto na tradução quanto no aprendizado das linguas o que menos importa é o vocabulario. Para bem traduzir, como para falar corretamente um idioma estrangeiro, só uma coisa tem verdadeiramente importancia: a sintaxe, o "espirito" da lingua. Assim, não falará, nem traduzirá inglês, quem se limitar a decorar as 1.500 palavras suficientes para o "average man", nem as 3.000 que se dizem necessarias para o homem de mediana cultura. Em compensação, com um vocabulario mais reduzido é possível falar e traduzir, se, justamente, soubermos "reconhecer" a idéia que nasce, não das palavras, mas da reunião das palavras numa certa ordem.

A "escola de tradutores" tem um ponto em comum com as licenças poeticas de Banville: não existe... A tradução é sempre aproximativa e paga em inexatidão o que ganha em fidelidade, por mais absurdo que isso nos pareça. Ai se encontra, precisamente, a maior atração que as linguas estrangeiras exercem sobre os políglotas: é que conhecê-las corresponde a pensar numa dimensão desconhecida.

- 1) Paulo Rónai — *Como Aprendi o Português* — e outras aventuras — Instituto Nacional do Livro — Rio de Janeiro, 1956.
- 2) Livraria São José — Rio de Janeiro, 1956.

(Endereço do crítico: Rua Ubaldino do Amaral, 710 — Curitiba).

Correio da Manhã, Franklin de Oliveira, "Os Húngaros", 24/08/1957.

LIVROS NA MESA OS HÚNGAROS

FRANKLIN DE OLIVEIRA

Paulo Rónai — ANTOLOGIA DO CONTO HUNGARO — Prefácio de João Guimarães Rosa — Seleção, tradução, introdução e notas de Paulo Rónai — Revisão de Aurélio Buarque de Hollanda — Série "Panorama do Conto Universal" — Capa de Nora Tausz Rónai — Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro — São Paulo, 1957.

O PREFÁCIO de João Guimarães Rosa a esta antologia de Paulo Rónai — a primeira realmente séria que surge em língua portuguesa sobre a literatura húngara — vem colocar em tela o delicado problema de "como escrever" crítica literária. Superado o debate sobre a natureza, as funções e métodos da crítica, o exame da questão "de como" se deve organizar o texto crítico complementa aquele amplo debate, graças ao qual se renovou a inteligência crítica do Brasil. Não é sem significado o fato do problema da elaboração estilística da crítica surgir concretamente através do texto de um ficcionista da alta qualidade de João Guimarães Rosa. Significa este fato que crítica e criação andam juntas, fundem-se na mesma peça quando se alçam ao nível da grande elaboração artística. O caráter reflexivo da crítica não a despoja dos elementos criadores que devem dinamizar o seu texto. E a melhor prova está no prefácio de Guimarães Rosa, no qual correm paralelas uma linguagem artística poderosamente estruturada e a mais fina intuição dos valores permanentes da arte literária. Quando da publicação de *Grande Sertão: Veredas*, numa lúcida nota inserida no suplemento do Estado de São Paulo, Antônio Cândido lembrava que a elaboração estilística de Guimarães Rosa fazia pensar nos compositores que infundem o espírito dos ritmos e melodias populares em obras da mais requintada fatura. Pode-

ria Antônio Cândido ter citado, para exemplificar, o caso típico de Villa-Lobos. Preferiu, porém, mencionar Bela Bartók, compositor húngaro. Diante deste prefácio do autor de *Grande Sertão*, sobre a literatura da pátria de Bela Bartók, posso agora declarar que, pela sua grandeza coral, leva-me ele a pensar nos *Psalmus Hungaricus*, de Zoltan Kodaly. Com efeito, o prefácio tem estrutura musical, repousa em arquitetura rapsódica. Certos trechos como o que começa com a frase: "Soltos nômades, cavaleiros, pastores, afirmativamente guerreiros...", abrem-se num largo tempo musical, único capaz de dar ao leitor a impressão viva do caótico nascimento de uma nação. Mas quem observa e estuda em seus mínimos detalhes a prosa de Guimarães Rosa verifica que esta página sobre os húngaros além de nos dar a imagem da terra e do povo magiar, também nos oferece os melhores elementos, não só para a interpretação estilística da escrita de seu autor, como, ainda, constitui verdadeira Teoria do Estilo. Diz Rosa: "Uma tradução é saída contra Babel; e tenho que, do gorar da Torre, adveio não apenas a separação das falas: cada qual, ao mesmo tempo, perdeu algo da geral eficácia, ficando repartido entre as outras, e que só no remir do conjunto é que um dia deverá restituir-se de ver". Que encontramos, nos textos de *Sagarana*, *Corpo de Baile* e *Grande Sertão*? Ao lado de todas as figuras estilísticas e de todos os recursos da arte de compor; ao lado da fusão do arcaico com o novo; da explosão de neologismos e da ressurreição de priscas formas encontramos uma sintaxe que se reinventa não só pela imersão no coloquial brasileiro como ainda aglutina em seu corpo elementos de outros idiomas. Temos ali a invenção de uma metalinguagem pelo aproveitamento da mecânica de todas as falas humanas, no que elas possam, reunidas, implicar em vigor, força, poder, canto, beleza. Explorando a energia da fala húngara, diz Rosa: "... constantes guerreiros, carecendo de se comunicarem e entenderem, desabridamente, por entre gritos, elas, cuíadas e tropel, correndo à discrição dos cavalos, exigiam-se vocalização nítida, acentuação energética, e finais de palavras cortantes, pontudos, ou cheios, nunca surdos". Rememore o leitor o áspero linguajar dos jagunços de *Grande Sertão* e verificará que a explicação dada aos húngaros serve como juízo à selvagem dição dos guerrilheiros de Riobaldo, de língua "sonorosa, se bem que de ritmo fundamental muito energético", e de garras postas no concreto, não diluída no vago do mole falar dos homens sem transfundo primitivo. Do húngaro, diz Rosa ser "língua im-

opere, fabulosamente em movimento, incoagulável", "em estado nascente, apta a avançar, revoltosa". Outra vez a definição auto-aplica-se à fala de *Grande Sertão*, fala sem inércia, cortante, dura, tensa, densa, à húngara, ou à germânica, na potência rítmica do entrelaço de vogais e consoantes. Consonantismo, de entrelaço de espadas, brilho e som de lâminas, que é a tônica da prosa roseana, à qual não falta, porém, o mágico magiar registro das vogais que àquela prosa empresta limpidez e doçura de fala uralo-altaica, se correspondência houver entre o coloquial dos gerais e o da *puszta*. Deve de haver, pois ambas têm por denominador os estepários espaços, o amplo aberto das grandes planícies.

Disse, repito: a página de João Guimarães Rosa é uma *Symphonia Ungarorum*, gesta húngrica, hungariana, em que, pelo seu tom *alla singarese*, sua extrema musicalidade húngaresca nele poderemos ver nova versão de *Johannes dictus kobzos*...

Da Hungria, de onde nos veio a dinastia musical dos Bach, não é possível falar senão em termos de música. Depois, por que estranhar-se no prefácio de Guimarães Rosa a natureza musical de seu estilo a extrema singularidade da frase em seu timbre poético? Dirão que o prefácio falta à "linguagem do ensaio". Mas, tem o ensaio linguagem estereotipada?

Eis-nos novamente diante do problema da potência expressiva do texto crítico. Mas, antes de feri-lo, é preciso saber o que é o ensaio, como se define o ensaio; que leis e limites tem o ensaio. Que é o ensaio? Shipley diz: "What the essay is has never been precisely determined". E no *A Handbook of Literary Terms*, lê-se: "A literary term difficult to define because of its wide application...". Passemos, porém, à lição dos fatos. Se os europeus têm modelos estáticos de ensaio em Montaigne e Bacon, a nossa tradição — tanto a continental (sul-americana), quanto a nacional (brasileira) mostra que o ensaio entre nós é mais do que "experimental" idéias. Ele aqui se confunde com a própria criação idiomática, chegando muitas vezes a apagar as fronteiras que o separam da obra de ficção. Assim é em Euclides, em Os *Sertões*, livro a que se aplica a designação que Hatzfeld deu ao *Quijote*: "obra de arte da linguagem". Assim é com João Francisco Lisboa, o qual tangencia os limites do romance de costumes no *Jornal de Timen*. Assim em Sarmiento, Juan Montalvo, Ricardo Palma, Alcides Argüedas, Rafael Pocaterra — argentinos, equatorianos peruanos, bolivianos, venezuelanos. Todos têm dado ao ensaio uma inte-

ligência que justifica ao mesmo tempo Croce quando fala da indistinção dos gêneros em literatura, ou o crítico húngaro János Hankiss, quando nos diz que ainda não terminou o processo de formação dos gêneros literários. Obras de arte da linguagem são *Facundo* e os *Capítulos que se le olvidaron a Cervantes*, tanto quanto *Raza de bronce*, *Tradiciones peruanas* ou as *Memorias de un venezolano de la decadencia*. Da pura natureza da graça idiomática participa também *Casa Grande & Senzala*. A forma artística do ensaio não pode ser senão coroamento de um alto processo de pensar. A função da crítica é pensar a obra de arte; mas ela só se completa ao recriar a obra de arte. Por via deste fato, transforma-se ela mesma em obra de arte. No autor desta Antologia do Conto Húngaro, numa página do volume *Como aprendi português e outras aventuras* — capítulo sobre Nicolau Radnóti — encontro o mais pungente e forte exemplo da atmosfera dramática do ensaio. Dessa atmosfera participa, aliás, quase toda a antologia. Se aqui temos "um retrato poético da Hungria", dado nos contos, outro retrato a esse se sobrepõe, nas notas sobre os escritores húngaros sacrificados pela insânia nazista.

Belo e doloroso livro este, livro de inteligência e delicadeza, pranto, riso e piedade. Estimo-o tanto que o desejo ver mais completo numa reedição que permita ao leitor brasileiro encontrar nas suas páginas autores que hoje delas estão ausentes — Ferenc Herczeg, Karoly Kisfaludy, Geza Laczoko, Ferenc Móra, Gyula Pekar, Victor Rakosi, Miklos Simor, Miklos Suranyi, Zoltan Szitnyai, Sandor Torok. Sinto ali falta de uma das oito novelas do *Tóparti muzsika* (*Musik am See*, na versão alemã da editora Ralph H. Höger, Vienna-Leipzig, 1936), deste Ferenc Kormendi, que não me parece ser apenas autor de *best-sellers*.

A um húngaro — Pál Kelemen — devem a América Latina e o Brasil os melhores estudos sobre nossa arte medieval e barroca. A Paulo Rónai ficamos agora devendo a restauração da verdade artística sobre a literatura húngara, até então vítima de estrupadores de textos, nas traduções de puro mercenarismo editorial.

Um dos primeiros artigos que escrevi na imprensa carioca, no início da minha vida literária, versava sobre a literatura magiar. Lembro-me de seu título: *Riso e ternura da Hungria*. Nêle dizia do meu encanto meio adolescente na descoberta dos escritores húngaros. Agradeço, agora, a Paulo Rónai a emoção com que revivi aquele instante.

Correio da Manhã, 15/02/1964 - João Alexandre Barbosa, "Tradução e Autodidatismo"

Obs.: cada coluna continua na página seguinte

RECIFE, Fevereiro

DIANTE da publicação do quarto volume de *Mar de Histórias*, correspondendo à terceira parte do século XIX e primeira parte do século XX, "Antologia do Conto Mundial" organizada por Paulo Rónal e Aurélio Buarque de Holanda, e editada pela José Olympio, não pude resistir à tentação de repassar algumas das admiráveis páginas que Rónal escreveu sobre os problemas da tradução na sua excelente *Escola de Tradutores*. E foi relendo alguns trechos que cheguei a pensar na organização de certas idéias ligadas ao problema básico da arte de traduzir e que é o fundamento desta obra a que os dois — Holanda e Rónal — vêm emprestando uma dedicação rara. E estas idéias me pareceram ainda mais procedentes quando, quase ao mesmo tempo, relei a obra-prima de tradução realizada por Carlos Drummond de Andrade sobre o texto de Laclos e li uma nova tradução em língua portuguesa (a que já conhecia é de Raul do Carmo) aparecida em Portugal, nas edições "Livros do Brasil" da peça *Calígula* de Albert Camus feita, para a "Editora Civilização Brasileira", por Maria da Saudade Cortesão, dando continuação a uma "Coleção Universitária de Teatro" onde já se publicou *Mistérios da Mima*, de Calderón de la Barca, em tradução de João Cabral. Se a este inusitado mo-

Tradução e Autodidatismo

JOÃO ALEXANDRE BARBOSA

passa no exterior obrigatoriamente tem que depender de um esforço pessoal de erudição, uma vez que não existe o estímulo editorial, econômico, para que se pense em efetivar, como profissão e atividade regular, o trabalho do tradutor. De uma só vez este fato acarreta duas consequências igualmente graves: de um lado, o evidente fenômeno de insuamento cultural em que passa a existir o país; de outro lado, e isto fere um problema de ordem estritamente literária, a inibição diante do texto escrito em língua diferente, travando o processo de

ção, metáfora, isto é, trabalho que implica uma capacidade criativa tão intensa quanto o da própria elaboração original. E foi Roberto Alvim Corrêa quem lembrou o fato da obra de La Bruyère ter sido uma tradução do grego que passou a figurar como obra original do autor francês.

Haroldo de Campos, por outro lado, na mencionada tese no III Congresso de Crítica, mostrou como, no Brasil, já possuímos um antecedente ilustre de tradutor original e criativo no maranhense Odo-rico Mendes que, contra as pen-

que nós saímos da leitura enriquecidos não somente esteticamente mas lingüisticamente. Quer dizer, então, que o trabalho de Drummond passa a existir, com todo o direito, como um trabalho de fertilização literária, estética e lingüística. O que mais se pode exigir? Está fechado o circuito de comunicação que uma obra literária conduz.

E o que dizer de obras científicas, históricas, enfim não-imaginativas, se até com relação a estas obras assume-se, habitualmente, uma atitude de reserva para aquelas que são traduções?

mais afastados de ambos); de outra, confiança jactanciosa na própria capacidade de dispensá-los, suprimindo-os pelo entendimento natural" (v. 1.º, p. 78).

A que eu acrescentaria também o orgulho pela aquisição de línguas diferentes e, daí, o repúdio sistemático a qualquer forma de tradução como trabalho dirigido aos ignorantes, aqueles que não foram capazes de, através do esforço pessoal, solitário, chegar ao conhecimento de círculos diversos da Torre de Babel. Isto porque, a exibição do poliglota parece ter fundas raízes em nossa cultura quando um dos primeiros poetas do Brasil — Botelho de Oliveira — fazia pública a sua capacidade em versejar em quatro línguas diferentes como forma de ser igual, ou mesmo superior, ao europeu. No autodidata, a atitude encontra uma razão de ser ainda mais forte desde que não se trata apenas de aparecer como fora do comum no domínio das línguas mas ainda como defesa de uma capacidade adquirida sozinho. A força do trabalho, o gosto aristocratizante das citações latinas, gregas ou francesas, o prazer das fontes originais, etc. etc...

O que é muito grave, para a continuidade de nossa cultura literária, é que esta atitude do autodidata conduz inevitavelmente ao isolacionismo cultural, uma vez que a importação do livro original, enfrentando uma série de di-

Correio da Manhã, 15/02/1964, João Alexandre Barbosa, "Tradução e Autodidatismo", continuação

bral. Se a este inusitado movimento de tradução, acrescentarmos ainda o trabalho de Alexandre Eulálio sobre o texto de Brancati e dos irmãos Campos sobre o de Joyce ou o de Haroldo de Campos sobre Malakóvski, em tradução precedida de lúcidos esclarecimentos teóricos que apareceu no número de dezembro de 1961 da "Revista do Livro", teremos que concordar em que a tradução, no país, já é uma realidade e que isto importa ou, mais cedo ou mais tarde, importará em uma mudança das nossas acanhadas perspectivas literárias. Sem chegar à pretensão de querer tocar aqui em alguns dos aspectos técnicos da questão (para os quais remeto o leitor quer para o livro essencial de Paulo Rónai, quer para a tradução-estudo de Haroldo de Campos) aquelas idéias que me surgiram dizem respeito ao problema menos ambicioso — mas tão importante quanto — das relações entre o trabalho da tradução e algumas linhas principais de nosso desenvolvimento intelectual.

Em primeiro lugar, quero lembrar que um dos aspectos mais curiosos da atividade literária nos países sem uma tradição editorial assentada é precisamente o das relações entre a cultura literária e a tradução. Países nos quais o conhecimento daquilo que se

recriação literária que está inserido na transformação de uma obra, até então inatingível em sua muralha de desconhecimento lingüístico, para um corpo de sinais gráficos acessíveis em um outro campo lingüístico. Além disso, a estas duas consequências, teremos que acrescentar, como igualmente grave, no que estaremos repetindo algumas das magníficas observações feitas por Roberto Alvim Corrêa, no III Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, quando se discutia uma tese de Haroldo de Campos exatamente sobre tais questões, teremos que acrescentar — dizia — o fato de que a cultura literária de qualquer país se faz não apenas somente mas substancialmente da atividade de tradução de obras literárias de outros grupos culturais. Traduções — como a do Hamlet feita por Péricles Eugênio da Silva Ramos ou a do Macbeth por Manuel Bandeira — que são incorporadas à nossa literatura como obras de criação válidas em si mesmas, isto é, obras que passam a significar um acréscimo em nossa evolução literária e cultural. Evidentemente, não estamos a falar de simples transposição lexicográfica de termos diversos mas de um trabalho — o da tradução — que, em seu significado mais essencial, quer dizer recriação, transforma-

dantes paráfrases de Castilho, traduziu audaciosamente as obras de Homero.

Como se explica, portanto, que somente agora começemos a assumir uma atitude mais séria diante da atividade de tradução? Por que, ainda hoje apesar de todo o progresso registrado neste terreno, se continua a alimentar uma espécie de mística do texto original, relegando-se, como inferior, aquele conhecimento de obra literária que se faz por via da tradução?

Evidentemente que responder apenas que a tradução é, de qualquer modo, uma alteração do texto original, que a leitura de um poema traduzido jamais corresponderá à verdade literária que o poema encerra, somente em parte é razoável. Isto porque, se de fato a tradução de um poema importa em sacrifício de alguns aspectos lingüísticos intraduzíveis, não quer dizer que o trabalho do tradutor não possa, por isso, atingir outros aspectos igualmente importantes no poema e que, mais ainda, sejam criações originais na língua em que é traduzido. Neste sentido, lembro a tradução de uma peça de Molière — *Fourberies de Scapin* — realizada por Drummond em que a linguagem coloquial utilizada pelo francês recebeu um tratamento de tal ordem na língua portuguesa-brasileira,

A leitura no texto original tem significado, no país, uma forma ambiciosa de cultura, de sabedoria fora do comum, de privilegiada posição de poliglota sem que, normalmente, se conceda à tradução o valor literário que ela possui. Eis a verdade: o desprezo pela tradução e o apêgo ao texto original é mais um aspecto de nossa posição de subserviência diante dos países culturalmente mais desenvolvidos a que, a meu ver, está ligado um dos traços mais interessantes do nosso desenvolvimento intelectual: o autodidatismo.

Na verdade, em um prefácio que escreveu para as "obras escolhidas" de um dos maiores autodidatas brasileiros — João Francisco Lisboa, — Otávio Tarquínio de Sousa chamava a atenção para o fato de que o autodidatismo, como fenômeno de pressão cultural, seria uma das mais férteis veias, até então e ainda pouco explorada, de nossa evolução intelectual. Tempos mais tarde, Antônio Cândido, na *Formação da Literatura Brasileira*, referindo-se ao organizador da Academia dos Sete, Feliciano Joaquim de Sousa Nunes, estabelecia as atitudes fundamentais do autodidata brasileiro do seguinte modo: "... de uma parte, respeito supersticioso pela instrução e os livros (em muitos casos, tanto maior quanto

enfrentando uma série de dificuldades comerciais, jamais poderá ser equivalente ao consumo por um público leitor cada vez maior. Por outro lado, a leitura obrigatória em línguas estrangeiras pode levar a uma espécie de cristalização da língua nacional em que as formas novas, correspondentes às novas maneiras de ser, são substituídas por aquelas das línguas estrangeiras sem que, no interior da língua nacional, ocorra o processo necessário de pesquisa e criação sem o qual as línguas não podem subsistir. Daí acontecer normalmente que o autodidata poliglota seja razoavelmente culto, ou bem informado, sem que isto signifique uma capacidade criadora em sua própria língua. Pelo contrário, a conservação dos padrões tradicionais da linguagem surge-lhe como uma forma de resistência à elaboração artística que possa existir no interior da linguagem coloquial.

Por isso, um trabalho como este realizado por Paulo Rónai e Aurélio Buarque de Holanda, traduzindo mais de trinta contistas universais, como por todos aqueles que vêm traduzindo no país — traduzindo e não parafrazeando — é uma tarefa a que não falta o seu lado patriótico, além de ser uma forma das mais eficazes de pôr o país na corrente de cultura universal.

Diário de Notícias, 27/04/1952, "A Literatura Comparada", por Bernardo Gersen – pág.1

A literatura comparada

Bernardo Gersen

«Especial para o "Diário de Notícias"»

PARIS, (Pela Scandinavian Airlines System) — A literatura comparada é uma ciência quase desconhecida no Brasil. E isso tanto no domínio universitário quanto na esfera da crítica e da história literária propriamente ditas. Salvo o Instituto Lafayette, estabelecimento privado no qual a matéria é ensinada pelo sr. Tasso da Silveira, nenhuma das Faculdades oficiais de Filosofia e Letras do Brasil, ao que nos consta, possui uma cátedra da disciplina em questão. Desinteresse semelhante pela literatura comparada predomina entre os críticos em atividade. Excetuados alguns estudos esporádicos, como por exemplo o excelente livro do sr. Eugênio Gomes em torno das «Influências Inglesas em Machado de Assis», ou a obra em preparo pelo professor Paulo Rónal sobre as «Influências e Correntes Estrangeiras na Literatura Brasileira» — a literatura comparada não encontra ambiente favorável entre nós. E isto devido a múltiplas razões. Em primeiro lugar estão as condições pouco propícias do meio em si: certa densidade cultural seria necessária a tal género de estudos, com tudo o que isso implica em conhecimento de línguas estrangeiras, em intercâmbios e em viagens de pes-

quisas. Outro fator indispensável, maior tradição de estudos universitários e o desenvolvimento, por atrador, um intuitivo que velo para o preenchimento das cadeiras do ensino superior. Depois há a natureza mesmo do intelectual brasileiro — o que decorre em parte do ambiente cultural — em geral um franco-atirador, um intuitivo que velo para a literatura através de atividades laterais, um individualista refratário às exigências de um trabalho modesto de equipe e às pesquisas pacíficas e apagadas de biblioteca. Quanto ao resto, o terreno é fértil: as regiões a serem desbravadas, autores, temas, correntes de idéias, não faltam. Obras de tal natureza constituiriam uma importante contribuição ao estudo da formação da civilização brasileira e completariam os exames de ordem política, sociológica e histórica já realizados. Além disso elas permitiriam circunscrever o que há de irredutivelmente original e característico em nossa literatura e ajudariam assim a uma melhor tomada de consciência dos valores nacionais.

Mas o que é a literatura comparada? Ainda aí não creio que um

autor brasileiro se tenha debruçado sobre o problema, ou mesmo que um tradutor se visse tentado a divulgar entre nós trabalhos alheios. E isso evidentemente devido à ausência de curiosidade geral pela matéria. Porque o aparecimento de um livro ou ainda de uma tradução sobre determinado assunto, sabe-se, responde de certo modo a um vago pedido do público. E o caso do livrinho que vêm de lançar uma editora parisiense: «La Littérature Comparée», por Marius-François Guyard (1), Sintomático de um interesse cada vez maior dos meios cultos da França pela jovem ciência. No que diz respeito ao domínio universitário basta dizer que, nestes poucos anos do após-guerra, informa-nos o prefaciador do livro, Jean-Marie Carré, titular da cátedra da Sorbone, nada menos de duzentas teses apresentadas à Faculdade de Letras de Paris versam questões de literatura comparada. Por isso tudo a síntese de François Guyard chega oportunamente. Trata-se ao mesmo tempo de uma exposição de métodos e de um balanço de mais de meio século de atividades na matéria.

Mas o que é, no fim das contas, (Conclui na 4.ª página)

Diário de Notícias, 27/04/1952, "A Literatura Comparada", por Bernardo Gersen — pág.2

Obs.: as colunas um e dois continuam na próxima página

Suplemento Literário — 4.ª Página

DIÁRIO DE

A LITERATURA COMPARADA

(Conclusão da 1.ª página)

a. **Literatura comparada?** De início, para desfazer maiores confusões, necessário se torna precisar o que ela não é. Nem toda comparação ou antítese crítica entre dois ou mais autores, dois ou mais movimentos literários, entra na categoria dessa ciência. Por exemplo: um paralelo entre o romance de Proust e o de Joyce, a comparação do regionalismo de José Lins do Rego ao digamos do de Rómulo Gallegos, ou um confronto entre as maneiras de um Schmidt e de um Drummond — nada tem a ver com a disciplina em questão. A **literatura comparada** é sobretudo o estudo das influências e dos intercâmbios e, em se tratando do passado, «a história das relações literárias internacionais». Ainda segundo as palavras de Guyard, «já onde não há mais relação, seja entre um homem e um texto, uma obra e um meio receptor, um país e um viajante, cessa o domínio da **literatura comparada** e começa o da pura história das idéias, quando não o da retórica». (2) Quer dizer: a **literatura comparada** constitui antes de tudo um ramo da história literária. Para dar exemplos de casa, estudar a influência do romantismo francês sobre o brasileiro, de Zola sobre o nosso romance naturalista, dos autores ingleses sobre Machado de Assis, ou ainda o papel da

«La Littérature Comparée» cuja primeira edição data de há vinte anos: «Após o cosmopolitismo cristão e cavaleiresco da Idade Média, após o cosmopolitismo humanista do Renascimento, após o cosmopolitismo clássico e filosófico de «l'âge des lumières», surge um cosmopolitismo romântico e histórico que toma em consideração, muito mais do que os seus predecessores, as diferenças nacionais, que se compreze em aceitá-las e se esforça por compreendê-las». Ou como diz François-Guyard: «Com o romantismo, pela primeira vez, a afirmação das originalidades nacionais coincide com a intensidade das relações entre as diversas literaturas». O domínio da **literatura comparada** começa — e com ele a própria existência virtual da disciplina, a pressão dos novos fatores literários — com esse gradativo abandono dos cânones antigos, o esse domínio se amplia — e com ele os princípios da ciência — como consequência dos intercâmbios internacionais de idéias e em resposta às exigências provocadas, por assim dizer, pelas novas relações de produção literária. Os primeiros Villmain e Sainte-Beuve empregaram o termo, em cursos universitários ou em artigos, de «littérature comparée» e de «histoire comparative des littératures». Quer dizer: a **literatura comparada** representou simplesmente a constatação desse para-

perialista e prussiano invadindo e devastando quatro vezes o território francês.

Esse rápido desenvolvimento da **literatura comparada** em França não podia deixar de influir sobre os programas universitários. Até a última guerra um licenciado que se destinava ao ensino secundário do francês era obrigado a fazer os certificados de letras gregas e latinas. Sob o regime universitário atual isso não mais acontece. Para a mesma licença de francês o candidato pode optar por uma formação essencialmente moderna. O estudo de letras modernas tende assim a ignorar cada vez mais a antiguidade clássica e a constituir um domínio confortavelmente autônomo. E nessa radical mudança de concepção do ensino da história literária, que há menos de um século parecia sacrílega e falsa porque mutilada dos seus fundamentos, a **literatura comparada** desempenha um papel de destaque. E isso porque a importância das relações literárias internacionais se desenvolveu tanto que o conhecimento dessa outra dimensão cultural já compensa numa larga medida a ignorância das línguas e das literaturas antigas. E não somente por isso: se o estudo do que chamamos de humanidades concorre para afinar o «gosto», ou o senso estético, para formar a «alma», ou o senso moral — a familiaridade com as línguas modernas e, através delas, com as relações literárias entre os grandes países europeus, abre maiores perspectivas ao estudante não somente no domínio literário como nas disciplinas afins e indispensáveis, tais como a história, os movimentos de idéias, os mitos e costumes que se encontram nas origens do mundo atual. E por isso mesmo o seu estudo nos parece mais conforme com as exigências e as preocupações do espírito moderno. Evidentemente o ideal seriam as duas formações: a clássica e a moderna — mas a especialização e a necessidade de aprofundamento tornam esse ideal bastante inacessível.

(1) Presses Universitaires de France. Collection «Que sais-je?»
(2) Página 8.
(3) Páginas 27-28. Editor Albin Michel.

Diário de Notícias, 27/04/1952, "A Literatura Comparada", por Bernardo Gersen — pág.3

entre um homem e um texto, uma obra e um meio receptor, um país e um viajante, cessa o domínio da literatura comparada e começa o da pura história das idéias, quando não o da retórica.» (2) Quer dizer: a literatura comparada constitui antes de tudo um ramo da história literária. Para dar exemplos de casa, estudar a influência do romantismo francês sobre o brasileiro, de Zola sobre o nosso romance naturalista, dos autores ingleses sobre Machado de Assis, ou ainda o papel da cultura francesa ou alemã em tal ou tal de nossos movimentos críticos — eis alguns territórios do comparatista.

Em vez de um resumo dos princípios expostos no livro de Guyard, tentemos antes dar uma idéia mais precisa do campo dessa ciência tomando como ponto de partida um exemplo concreto. Pois a disciplina nasceu do próprio desenvolvimento da literatura nos tempos modernos e dos problemas suscitados pelo estudo sistemático da história dessa literatura. Até os fins do século XVII a literatura francesa tirava a sua inspiração, no que diz respeito aos moldes e ao espírito, sobretudo da antiguidade clássica. Isso não quer dizer que outras literaturas que não a grega e a latina não alimentassem em temas e motivos os autores franceses. Mas as duas maiores e únicas influências além das antigas — a literatura italiana para o século XVI e a espanhola para o XVII — eram elas próprias prolongamento mais ou menos direto e apresentavam por isso caracteres demasiado comuns com a literatura francesa. Nos fins do século XVII fatores múltiplos que seria demasiado longo enumerar aqui, sociais, económicos, políticos e outros, determinaram um alargamento dos horizontes literários. A França voltava-se cada vez mais para o norte, em especial para a Inglaterra. Até a Revolução de 89

os intercâmbios de pensamento entre os dois países, intensíssimos em ambos os sentidos, marcariam fundamentalmente as respectivas literaturas. Por essa época a influência ou pelo menos a atração exercida pelo florescimento crescente da poesia alemã vem juntar os seus efeitos aos produzidos pela presença inglesa. E ambas desalojam aos poucos o classicismo de suas posições. Até aí, ainda que as transformações operadas sejam profundas, encontramos na fase preparatória. Sob o impacto dessas duas influências, as novas condições da sociedade ajudando, caracteres diferentes se manifestam, tomam corpo, formam o que se chamaria de movimento romântico. Com o romantismo nasce o verdadeiro campo da literatura comparada. Para empregar a fórmula de Van Tieghem, um dos mestres do assunto, extraída do seu

e esse domínio se amplia — e com ele os princípios da ciência — como consequência dos intercâmbios internacionais de idéias e em resposta às exigências provocadas, por assim dizer, pelas novas relações de produção literária. Os primeiros Villemain e Sainte-Beuve empregaram o termo, em cursos universitários ou em artigos, de «littérature comparée» e de «histoire comparative des littératures». Quer dizer: a literatura comparada representou simplesmente a constatação desse paralelismo entre os movimentos literários de cada país, o reconhecimento da interação e, daí, de uma certa inter-dependência entre as literaturas respectivas. Mas o simples estado de coisas não bastava. Foi preciso que, por outro lado, a crítica tomasse um grande impulso, se expandisse até a criação da história literária, para que do seu flanco emergisse a nova disciplina. A tomada de consciência crítica dessa situação e aos trabalhos ainda incertos dos pioneiros, seguiu-se, na segunda metade do século XIX, o período das obras propriamente ditas. Hoje em dia a literatura comparada é uma ciência solidamente estabelecida, em constante evolução, sobretudo na França e nos Estados Unidos, únicos países que possuem uma revista especializada nos seus problemas, mas também na Itália de De Sanctis e Croce, na Inglaterra e na Alemanha.

Citemos alguns títulos fundamentais, que darão uma melhor idéia das preocupações e dos métodos dos comparatistas. No seu livro «J.J. Rousseau et les origines du cosmopolitisme littéraire» Joseph Texte estuda magistralmente, em torno da figura do autor das «Confessions», as relações literárias franco-inglesas desde o encontro de Boileau e Addison, à aurora do século XVIII, passando pelas «Cartas Filosóficas» de Voltaire, o romance de Richardson, até Ossian e Mme. de Staël. O aspecto inverso, isto é, a influência de Rousseau na Inglaterra, é analisada com minúcia por Roddier no seu recente «J.J. Rousseau en Angleterre». Para o conhecimento das idéias do século XVIII há o trabalho monumental de Paul Hazard, «La Crise de la Conscience Européenne», no qual são examinadas as grandes transformações psicológicas do período de transição entre o século clássico e a idade moderna. Ao lado das obras de conjunto consagradas às grandes correntes, doutrinas e sentimentos, há os estudos de géneros (o romance pastoral, o «roman noir»), da migração dos mitos (o de D. Juan, por exemplo), a pesquisa das fontes (orientações italianas na comédia de Molière, p. ex.). Em seguida vem o domínio mais amplo, o de um país visto através da literatura de outro país. Neste caso se enquadra o livro de J.M. Carré: «Les écrivains français et le mirage allemand» — obra pungente, de uma grande honestidade de idéias, na qual o autor, juxtapondo simplesmente os textos, mostra o contraste entre as diversas imagens da Alemanha ideal acariciadas por tanta geração de ingénuo escritor francês, e a terrível realidade do Reich im-

e raísa porque nenhuma das seus fundamentos, a literatura comparada desempenha um papel de destaque. E isso porque a importância das relações literárias internacionais se desenvolveu tanto que o conhecimento dessa outra dimensão cultural já compensa numa larga me-

tornam esse ideal bastante inacessível.

- (1) Presses Universitaires de France. Collection «Que sais-je?»
- (2) Página 8.
- (3) Páginas 27-28. Editor Albin Michel.

Diário de Notícias, 14/12/1958 "Cinquentenário de Simeão Leal", de Theomar Jones, continua

Cinquentenário de Simeão

THEOMAR JONES

(Especial para o "Diário de Notícias")

UM cinquentenário é sempre expressivo. Mais ainda quando se refere à data natalícia de José Simeão Leal.

E o paraibano que há doze anos dirige o «Serviço de Documentação» do Ministério de Educação e Cultura, particularmente fugindo às manifestações de espontânea alegria de seus amigos e admiradores pelo grande acontecimento, não recusará a atitude dos que vêem, nesta oportunidade, o ensaio de lhe fazer sentir o significado altamente expressivo de seu trabalho.

Escritores, professores, estudantes e todos os que creem na inteligência e na cultura se sentem gratos a Simeão Leal pelo seu esforço constante, pelo seu trabalho permanente de realizar, e dentro das restrições que a burocracia sem dúvida lhe impõe, uma obra de valor inestimável, abrangendo todas as atividades de pensamento, em publicações como a revista «Cultura», «Cadernos de Cultura», «Vida Brasileira», «Artistas Brasileiros», «Aspectos» e as coleções «Teatro», «Imagens do Brasil» e «Letras e Artes».

«Cultura» representa uma das mais sérias publicações, no gênero, já realizada em nosso país. Seus estudos trazem a assinatura de renomes nacionais e internacionais, na com-

provada preocupação de satisfazer plenamente a mais exigente inteligência, em seu aspecto histórico, científico, literário e artístico.

O número 6, por exemplo, reproduz o globo de Marini (1512), onde se vê a primeira inscrição cartográfica do nome Brasil, e cujo original pertence à Mapoteca do Itamarati.

Na coleção «Teatro», ao lado dos autores nacionais, como Alencar, Gonçalves Dias, Guilherme Figueiredo e João Caetano, com suas «Lições Dramáticas», Simeão Leal divulga Molière, T. S. Eliot e Alexandre Torok.

Em «Cadernos de Cultura», a enumeração dos nomes que constituem a variada contribuição ao nosso enriquecimento cultural seria demasiadamente longa, uma vez que já se encontra no número 114. Citamos, apenas, assim, alguns para que melhor se avalie tais publicações. Ei-los: Alvaro Lins, Evaristo de Moraes Filho, Edson Carneiro, Carpeaux, **Paulo Rónai**, Santa Rosa, Gilberto Freyre, Eugênio Gomes, Lúcia Miguel Pereira, Cyro dos Anjos, Tristão de Athayde, Octávio Tarquínio de Souza,

Manuel Bandeira, Daniel de Carvalho.

«Imagens do Brasil» apresenta os doze profetas criados por Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, em um belíssimo álbum com fotografias de Hans Mann e textos de Graciela Rojas e Carlos Drummond de Andrade.

«Vida Brasileira» prossegue na mesmíssima expansão cultural com estudos como «Etnias e Cultura no Brasil» de Manuel Diégues Júnior, «Religião e Relações Raciais» de René Ribeiro e trabalhos outros de Luiz da Câmara Cascudo, Hermes Lima, Hélio Vianna e Mauro Mota.

«Aspectos» apresenta entre tantos nomes os de Afrânio Coutinho, Carlos Rizzini, Eneida, Ary Vasconcelos, Euryalo Cannabrava, Antônio Olinto, Nelson Carneiro, Djacir Menezes, Francisco de Assis Barbosa e Homero Senna.

A coleção «Letras e Artes», que teve início com «Panorama da Moderna Poesia Brasileira» de Sérgio Milliet, logo seguida da «Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira» de Otto Maria Carpeaux, dá-nos também o ma-

(Conclui na 6ª página)

Diário de Notícias, 14/12/1958 “Cinquentenário de Simeão Leal”, de Theomar Jones,

Cinquentenário de Simeão
(Conclusão da 3ª Página)
ravilhoso trabalho de Brito Broca «A Vida Literária no Brasil — 1900».

Na coleção «Artistas Brasileiros» há álbuns de «J. Carlos», «Alvarus e os seus bonecos» e «Visconti». Nas reproduções de Goeldi com uma apresentação de Aníbal M. Machado, em português, francês e inglês, encontramos um conjunto de seleção de um gosto apurado e encantador.

José Simeão Leal tem iniciativas e sabe realizá-las. E, verdadeiramente as realiza, fazendo surgir entre nós outros um novo mundo de beleza e de encantamento.

Sua simplicidade é inconteste. E ficamos sem jeito de antepôr a seu nome os títulos que possui. E' que Simeão Leal se impõe pela sua personalidade. Médico, jornalista, professor, toda esta trilogia se amplia e se funde na forma mais característica do ser humano sempre permanente em Simeão Leal: bondade e inteligência.

Seu programa é vasto e de suma importância para a sobrevivência da própria cultura nacional, no âmbito das possibilidades do «Serviço de Documentação».

Cinquenta anos como os de Simeão Leal constituem um galardão, «Honra ao Mérito».